

**PARTICULAS MODAIS NO ALEMÃO  
E NO PORTUGUÊS  
E AS EQUIVALENCIAS DE  
*ABER, EBEN, ETWA E VIELLEICHT***

HERBERT ANDREAS WELKER

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LINGUAS CLASSICAS E VERNACULA

PARTICULAS MODAIS NO ALEMÃO E NO PORTUGUÊS  
E AS EQUIVALENCIAS DE *ABER*, *EBEN*, *ETWA* E *VIELLEICHT*

Herbert Andreas Welker

Dissertação apresentada à Universidade  
de Brasília como requisito parcial para  
a obtenção do grau de Mestre em  
Lingüística

Orientador: Prof. Dr. Augustinus Staub

Brasília, dezembro de 1990

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente: Prof. Dr. Augustinus Staub

Membros: Prof. Dr. Hildo Honório do Couto

Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi

Suplente: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Izabel S. Magalhães

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Augustinus Staub, pelo incentivo e pela orientação.

Ao Prof. Theo Harden, que possibilitou este trabalho ao colocar à minha disposição boa parte da literatura sobre partículas modais, inclusive mandando alguns livros da Alemanha, e que fez valiosas sugestões.

Aqueles professores de Linguística que me emprestaram seus livros, se prontificaram a ajudar, ou deram algumas informações, em especial à Prof<sup>a</sup>. Maria Izabel S. Magalhães, ao Prof. Hildo Honório do Couto e à Prof<sup>a</sup>. Enilde L. de J. Faulstich.

Aqueles colegas e alunos - e outros informantes - que se dispuseram, com muita boa vontade, a dar a sua opinião, preenchendo um longo questionário.

Ao Prof. Harald Weydt, que leu a parte deste trabalho que estava pronta quando da sua estada no Brasil, e que fez algumas sugestões.

Ao Prof. Luiz Antônio Marcuschi, que se prontificou a participar da banca examinadora.

## RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi encontrar, no português, equivalências para as partículas modais alemãs *ABER*, *EBEN*, *ETWA* e *VIELLEICHT*.

Visto que estas, como quase todas as outras partículas modais, são semântica e funcionalmente complexas, foi necessário analisá-las em detalhe e diferenciar seus diversos significados. Esta análise, na qual necessariamente tiveram que ser levados em conta os contextos e as atitudes dos falantes, foi feita dentro do quadro da Linguística Pragmática.

Na busca das equivalências, usaram-se as informações, ou melhor, as opiniões de falantes nativos brasileiros com grande domínio da língua alemã.

Devido ao fato de que não existem ainda, na linguística brasileira, estudos sobre partículas modais, estabeleceu-se, como segundo objetivo deste trabalho, mostrar que há diversas palavras e locuções portuguesas que possuem as características de tais partículas. Esta parte da Dissertação pretende ser tão somente o ponto de partida para futuros estudos, mais amplos e detalhados.

## ABSTRACT

The principal aim of this thesis was to find Portuguese equivalents for the German modal particles *ABER*, *EBEN*, *ETWA* and *VIELLEICHT*.

Since these forms, like almost all other modal particles, are complex from a semantical and functional standpoint, it was necessary to analyze them in detail and distinguish between their different meanings. This analysis, in which the context and speaker attitudes had necessarily to be taken into account, was undertaken in the framework of Pragmatics.

The informants whose opinions were used in the search for the equivalents are Brazilian native speakers with in-depth command of German.

Due to the fact that in Brazilian linguistics there are, to date, no studies on modal particles, a second aim was to show that there are several Portuguese words and expressions with the characteristics of such particles. This part of the thesis is intended to be nothing more - than the starting point for future - more comprehensive and detailed - studies.

A minha esposa

com meus agradecimentos

amor e

admiração

## SUMARIO

	Observações sobre traduções, convenções e abreviaturas .....	001
	INTRODUÇÃO.....	003
1.	QUADRO TEORICO E METODOLOGIA .....	007
1.1	Quadro teórico .....	007
1.1.1	Linguística pragmática .....	007
1.1.2	Problemas de descrição semântica .....	020
1.1.3	A equivalência pragmática .....	025
1.2	Metodologia .....	031
2.	DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS PMs .....	041
2.1	Sobre o termo "partícula" .....	041
2.2	As PMs entre as palavras invariáveis .....	043
2.2.1	Interjeições .....	044
2.2.2	Preposições .....	045
2.2.3	Conjunções .....	045
2.2.4	"Advérbios conjuntivos" .....	046
2.2.5	Os outros advérbios .....	047
2.2.5.1	Partículas intensificadoras e focalizadoras.	050
2.2.5.2	Advérbios "de grau 1" .....	050
2.2.5.3	Advérbios "de grau 2" .....	051
2.2.5.4	Advérbios "de grau 3" .....	051
2.2.6	Quadro dos vocábulos invariáveis alemães ...	052
2.3	O problema dos homógrafos .....	053

2.3.1	Homógrafos com funções sintáticas diferentes .....	053
2.3.2	Há PMs acentuadas? .....	056
2.3.3	A polifuncionalidade das PMs e o problema do significado geral .....	059
2.4	A modalidade subjetiva .....	062
2.5	As PMs e a entoação .....	070
2.6	As funções das PMs .....	076
3.	AS PMs PORTUGUESAS .....	085
3.1	Será que existem PMs no português? .....	085
3.2	Partículas de realce, e outras "palavras de classificação à parte" .....	086
3.3	Marcadores conversacionais .....	091
3.4	O caso de <i>assim</i> .....	094
3.5	<i>Aí</i> .....	101
3.6	<i>Não</i> .....	103
3.7	<i>Simplesmente</i> .....	109
3.8	<i>Acaso - por acaso - porventura</i> .....	113
3.9	<i>Afinal - afinal de contas</i> .....	117
3.10	<i>Lá</i> .....	126
3.11	<i>Mas</i> .....	130
3.12	<i>Também</i> .....	132
3.13	<i>E</i> .....	135
3.14	<i>Se</i> .....	139
3.15	Outras possíveis PMs .....	141
3.16	Resumo .....	145
3.17	Ocorrências autênticas .....	147

4.	AS PMs ALEMAS <i>ABER</i> , <i>VIELLEICHT</i> , <i>ETWA</i> e <i>EBEN</i> E SUAS EQUIVALENCIAS NO PORTUGUES .....	150
4.1	<i>ABER</i> .....	150
4.1.1	Análises anteriores .....	150
4.1.2	Conjunção ou partícula modal? .....	154
4.1.3	A PM <i>ABER</i> .....	156
4.1.4	Discussão das respostas dos informantes ....	173
4.2	<i>VIELLEICHT</i> .....	182
4.2.1	Análises anteriores .....	182
4.2.2	O homógrafo .....	183
4.2.3	A PM <i>VIELLEICHT</i> .....	183
4.2.3.1	Análises anteriores .....	184
4.2.3.2	Resumo e discussão das afirmações sobre <i>VIELLEICHT</i> <sub>1</sub> .....	185
4.2.4	<i>VIELLEICHT</i> <sub>2</sub> .....	196
4.2.4.1	Análises anteriores .....	196
4.2.4.2	Discussão de <i>VIELLEICHT</i> <sub>2</sub> .....	198
4.2.5	<i>VIELLEICHT</i> <sub>3</sub> .....	203
4.2.6	<i>VIELLEICHT</i> <sub>4</sub> .....	209
4.2.7	Discussão das respostas dos informantes ....	211
4.3	<i>ETWA</i> .....	224
4.3.1	Análises anteriores .....	224
4.3.2	Resumo e discussão desta PM .....	225
4.3.3	Discussão das respostas dos informantes ....	238
4.4	<i>EBEN</i> .....	244
4.4.1	O significado básico .....	244
4.4.2	<i>EBEN</i> e <i>HALT</i> .....	245
4.4.3	Discussão da PM <i>EBEN</i> .....	247

4.4.4	Discussão das respostas dos informantes ....	261
5.	AS QUATRO PMS NUM FUTURO DICIONARIO ALEMAO-PORTUGUES: UMA PROPOSTA, .....	273
	OBSERVAÇÕES FINAIS .....	280
	NOTAS .....	284
	APENDICE 1 .....	297
	APENDICE 2 .....	299
	APENDICE 3 .....	317
	APENDICE 4 .....	328
	APENDICE 5 .....	332
	BIBLIOGRAFIA .....	336

## Notas sobre traduções, convenções e abreviaturas

### Traduções

Como a maioria das obras citadas no presente trabalho é em alemão e não se pode exigir que os leitores dominem este idioma, traduzi todas as citações para o português.

Para dar um tratamento igual a todas as línguas estrangeiras, traduzi também as citações de originais ingleses.

Quanto aos enunciados alemães - quer extraídos de uma outra obra, quer registrados ou imaginados por mim - traduzi-os de tal maneira que o leitor possa entender o essencial, mas não pretendi oferecer a melhor tradução possível. O mesmo vale para os enunciados portugueses do capítulo 3.

### Convenções

O nome dos autores citados estará em caixa alta.

As PMs alemãs estarão em itálico e em caixa alta.

Os vocábulos alemães ou portugueses citados ou examinados, assim como expressões não pertencentes ao português - por exemplo, *grosso modo* - estarão em itálico.

Quando fizerem parte de enunciados citados ou examinados, as PMs ou outros vocábulos não serão destacados de nenhuma maneira.

Traduções de vocábulos, expressões ou enunciados serão colocadas entre parênteses.

Citações, enunciados e expressões mencionadas dentro do texto normal assim como conceitos ou termos não universalmente aceitos ou conhecidos, traços semânticos e conotações serão colocadas entre aspas. Exemplo: A sentença "Ich bin hier" significa "Estou aqui".

Explicações minhas, dentro de citações, serão colocadas entre colchetes.

Vocábulos ou outras partes do texto que devem ser enfatizadas na leitura estarão em negrito.

Aqueles enunciados estudados que forem mencionados mais de uma vez serão numerados. Quando um determinado enunciado numerado for reapresentado na forma de uma tradução, interpretação ou paráfrase, o mesmo número será repetido, seguido de um ou vários apóstrofos.

Quando um dos enunciados alemães do Apêndice 2 for citado, ele será indicado pela letra "S" (de "situação") e pelo número da situação na qual ele ocorre nesse Apêndice. Exemplo: "Das ist aber seltsam. (S7)"

Quando for necessário indicar o acento tônico ou frasal, um apóstrofo precederá a sílaba acentuada.

As vezes, uma barra separará duas alternativas. Exemplo: exatamente/justamente.

A proposição de um enunciado será abreviada "p". Quando se usar uma expressão como "eben p", isto não significa que EBEN está no início do enunciado, mas apenas que ele faz parte dele.

#### **Abreviaturas**

CP1 = Castilho e Preti (1986)  
CP2 = Castilho e Preti (1987)  
FS = Fuchs e Schank (1975)  
PU = Preti e Urbano (1988)  
ST = Steger et al. (1971)  
VO = Os, van (1974)  
NDLP = Novo Dicionário da Língua Portuguesa  
(FERREIRA 1975)

#### **Observação**

Acatando diversas sugestões dos membros da Banca Examinadora, modifiquei a versão original desta Dissertação, sobretudo mudando a ordem dos capítulos e eliminando algumas partes,

## INTRODUÇÃO

No alemão, usam-se com grande freqüência, nas conversas cotidianas e nas discussões, "partículas modais" (*Modalpartikeln*)<sup>1</sup>. Trata-se de partículas como *ABER*, *DENN*, *DOCH*, etc., em enunciados como:

Du bist aber gross geworden! (Como você cresceu!)  
 Was machst du denn hier? (Que que está fazendo aqui?)  
 Sag doch was! (Diga alguma coisa!)

Uma das diversas definições desses vocábulos é a seguinte

"São palavras não flexionadas. Através delas, o falante tenta modificar seus enunciados. Ele tenta influenciar seus interlocutores, expressar disposições de espírito, fazer avaliações, relacionar os assuntos, etc." (WEYDT et al. 1983:5)

O termo *Modalpartikeln*, atualmente o mais comum, não é o único para designar estes vocábulos. Eles já foram chamadas de *Abtönungspartikeln* (partículas de modulação<sup>2</sup>), *Satzpartikeln* (partículas sentenciais), *Wörter* (palavras de tempero), *Flickwörter* (palavras de remendo) e de *Füllwörter* (palavras expletivas), entre outras denominações (cf. WEYDT 1969:23; BUBLITZ 1978:31-2).

Estas partículas podem ser encontradas também em obras literárias e em outros tipos de linguagem escrita, mas apenas nas seguintes circunstâncias:

- em diálogos;
- no discurso indireto, no qual se relata o que alguém disse, isto é, onde se trata, indiretamente, da

linguagem falada;

- nos monólogos, inclusive nos monólogos interiores, que são um tipo de conversa de alguém consigo mesmo;

- nos casos em que o autor se dirige ao leitor, ou leva em conta eventuais reações do leitor, o que acontece não somente em obras de ficção como também, por exemplo, em editoriais de jornais.

Tudo isso mostra que as FMs são características da linguagem falada.

Devido à sua grande complexidade semântico-funcional, as FMs têm sido negligenciadas no ensino de alemão, sobretudo nos níveis básico e intermediário, ou seja, nos primeiros sete ou oito semestres.

Por outro lado, os diálogos dos livros de ensino, pelo menos daqueles publicados nos últimos vinte anos, contêm muitas FMs, haja vista a intenção dos autores de apresentarem conversas relativamente naturais. Surge, então, o dilema de que o aluno é confrontado com as FMs, mas não recebe explicações suficientes nem oportunidades para exercitar seu uso. Quando o professor, ou o próprio livro, explica superficialmente o significado de uma dessas partículas, alguns alunos, pensando ter entendido, às vezes sugerem uma tradução, a qual geralmente não transmite a mesma idéia que a FM. Também as traduções oferecidas em alguns livros de ensino, glossários ou dicionários são incorretas ou insuficientes (veja Apêndice 4).

Em resumo, por enquanto não existem nem explicações satisfatórias, detalhadas, em português, ou seja, acessíveis para alunos que ainda não dominam o idioma alemão, nem tentativas sérias de propor traduções.

O presente trabalho pretende suprir essa falha:

- explicando detalhadamente os significados de algumas das FMs alemãs,
- e verificando de que modo essas FMs podem ser traduzidas para o português, nos diversos contextos em que ocorrem.

Com isso, quero dar um auxílio aos aprendizes de alemão, aos autores daqueles livros de ensino que contêm uma parte em português, e aos tradutores.

Além disso, proponho-me a mostrar:

- que existem FMs no português,
- e que estas FMs têm significados e funções semelhantes às de diversas FMs alemãs.

Deste modo, darei uma pequena contribuição para a lingüística brasileira, ampliando os conhecimentos acerca de alguns elementos da língua portuguesa no Brasil.

No primeiro capítulo, apresentarei o quadro teórico dentro do qual se realiza este trabalho, e a metodologia aplicada na tentativa de encontrar equivalências.

Em seguida, as FMs alemãs serão caracterizadas e distinguidas de elementos parecidos.

No terceiro capítulo, examinarei algumas formas lingüísticas portuguesas, tentando demonstrar que elas

possuem todas as, ou algumas das, características das FMs alemãs.

No quarto capítulo, serão analisadas, em detalhe, as FMs *ABER*, *EBEN*, *ETWA* e *VIELLEICHT*, e serão examinadas as possibilidades de tradução destas partículas para o português.

Com base nos resultados assim obtidos, darei, no capítulo 5, uma sugestão para os verbetes *aber*, *eben*, *etwa* e *vielleicht* de um futuro dicionário.

# 1. QUADRO TEÓRICO E METODOLOGIA

## 1.1 O quadro teórico

### 1.1.1 Linguística Pragmática

Embora seja possível fazer, por exemplo, estudos distribucionais para se saber em que tipos de sentenças determinadas PMs podem ocorrer, ou ainda tentar descobrir, dentro de uma Teoria Gerativa, regras que expliquem as possibilidades de co-ocorrência com outros constituintes, o essencial no tratamento das PMs é compreender, e explicar, o que, e em que contextos, o falante quer transmitir ao(s) ouvinte(s). Isto só pode ser feito no quadro da Linguística Pragmática.

MORRIS, quando diferenciou entre sintaxe, semântica e pragmática, definiu esta última como "o estudo da relação entre os signos e interpretantes" (1938:6). Uma outra das numerosas definições de pragmática é: "aquelas investigações lingüísticas que, necessariamente, fazem referência a aspectos do contexto" (LEVINSON 1938:5).

Para o estudo das PMs a inclusão do contexto e dos interlocutores é imprescindível porque: 1º) a mensagem transmitida por determinada PM pode variar conforme o contexto em que é proferida; 2º) são as atitudes do falante que são reveladas pelas PMs; 3º) o ouvinte também tem que

ser levado em conta, pois o falante reage a comportamentos deste, e particularidades do interlocutor (idade, status, etc.) podem influir na escolha de uma PM.

Portanto, o âmbito geral do presente estudo é a Linguística Pragmática. Uma vez constatado isto, é preciso apresentar alguns conceitos relevantes.

#### a) Contexto

A importância do contexto foi ressaltada por autores como FIRTH (1957), HYMES (1964), R. LAKOFF (1972), DIJK (1977) e muitos outros.

FIRTH emprega o termo "contexto de situação", cunhado pelo antropólogo Malinowski, e afirma:

"O contexto de situação para o trabalho lingüístico põe em relação às seguintes categorias:

- A. Os traços relevantes dos participantes: pessoas, personalidades.
  - (i) A ação verbal dos participantes.
  - (ii) A ação não-verbal dos participantes.
- B. Os objetos relevantes.
- C. O efeito da ação verbal." (op.cit.:182)

HYMES, ao elaborar sua "etnografia da fala", diz que "as funções da fala têm que ser definidas em contextos de uso" (op.cit.:122) e que:

"Quando uma forma (lingüística) é usada num contexto (...), o contexto elimina da consideração aqueles significados possíveis dessa forma que o contexto não admite." (ibid.:105)

R. LAKOFF, reconhecendo que

"a idéia de que fatores contextuais - sociais e outros - têm que ser levados em conta na decisão sobre aceitabilidade e interpretação de sentenças não é nova" (*op.cit.*:926)

estuda algumas formas lingüísticas para cuja compreensão tais fatores são essenciais. Entre essas formas, ela cita também partículas como a PM alemã *DOCH*.

Examinando a questão como os interlocutores se compreendem mutuamente ("compreensão pragmática"), DIJK arrola, entre os diversos fatores, o contexto. Ele distingue entre "contexto" - que é o conjunto daqueles fatores que são levados em consideração pelos interlocutores na interpretação dos enunciados - e a "situação físico-biológica-etc." [*sic*], a qual abrange muito mais elementos, muitos dos quais são irrelevantes para a compreensão.

No estudo que segue, não será feita uma análise de contextos, ou de fatores contextuais, como o fez DIJK exemplarmente (*op.cit.*:221-4). Apenas será constatado que os significados dos enunciados e das PMs podem depender do contexto, e, como em diversos trabalhos sobre PMs, serão descritas situações nas quais esses vocábulos são usados (cf. Apêndice 2). Não distinguirei entre "contexto" e "situação", empregando ambos os termos para referir-me aos fatores extralingüísticos relevantes. "Relevantes" não quer dizer "imprescindíveis"; ou seja, muitos dos enunciados examinados nos capítulos 3 e 4 podem ser compreendidos sem que se conheçam tais fatores, mas o contexto serve para dirimir dúvidas. Para a procura de equivalências das PMs, a descrição das situações foi necessária, porque a tradução de

um mesmo enunciado, proferido em contextos diferentes, pode variar.

#### **b) Alguns conceitos de uma "Teoria da Conversação"**

Na primeira parte do seu estudo das FMs alemãs, FRANCK (1979a) fez uma ampla apresentação de sua "Teoria da Conversação", teoria na qual ela engloba os conceitos desenvolvidos nas áreas da Análise do Discurso, da Etnometodologia, da Etnografia da Fala, da Sociolinguística, e outros. Esta apresentação se justifica pelo fato de as FMs serem usadas, principalmente, na fala, nos diálogos.

No presente trabalho, serão mencionados alguns conceitos estabelecidos por GOFFMAN ("turno", "move", "resposta preferida", "face"), mas como não vou analisar, detalhadamente, diálogos, e sim enunciados isolados - embora contextualizados - não considero necessário mencionar todos os conceitos introduzidos nas áreas citadas.

O "turno" é uma fala de um falante num diálogo. Ela pode compreender entre um e muitos enunciados. O turno termina quando uma outra pessoa começa a falar.

O "move" é a contrapartida conversacional de um ato de fala. Um turno pode consistir em vários moves.

A "resposta preferida" e a "resposta despreferida" são respostas que o falante gostaria ou não gostaria de receber. Esta preferência pode ser indicada, por exemplo, por uma PM.

A "face" é a imagem positiva que se tem de si próprio, compartilhada pelos outros e delineada em termos de atributos sociais aprovados (resumo da definição de GOFFMAN 1972:5). As pessoas estão interessadas em "manter a face", mas há muitas ocasiões em que sua face, essa imagem positiva, é ameaçada. O próprio falante, ou o interlocutor, podem tomar providências, fazendo um "trabalho de face", para "salvar a face" (GOFFMAN 1972:5-45).

Tomando como base este conceito de "face", BROWN e LEVINSON (1978) fizeram um amplo estudo dos fenômenos de polidez em três línguas e introduziram o conceito de "ato ameaçador da face", distinguindo ainda entre "face positiva" e "face negativa". MAGALHAES (1988:30) faz o seguinte resumo das idéias centrais dos autores citados:

"(a) Atos comunicativos que ameaçam a "face negativa" - Nestes atos, o falante indica que não pretende evitar impedimentos à liberdade de ação do interlocutor. Incluem-se aqui: ordens, pedidos, sugestões, conselhos, ameaças, avisos, expressões carregadas de forte emoção negativa.

(b) Atos comunicativos que ameaçam a "face positiva" - Indicam que o falante é indiferente aos sentimentos do interlocutor e, de certa forma, não gostaria que fossem realizados os seus desejos. Por exemplo: recusa, desaprovação, crítica, desprezo, reclamação, reprimenda, acusação, insulto.

(...)

Em virtude da "vulnerabilidade mútua da face", procuramos, como agentes racionais, evitar ou mitigar esses atos ameaçadores (...).

(...)

[As estratégias de mitigação] podem se diretas ("on record") ou indiretas ("off record"). As primeiras ocorrem com reparação (o que GOFFMAN, 1972a, chama de "remedy", e.g. pedido de desculpa) ou sem reparação. As estratégias para a realização dos atos ameaçadores da face acompanhadas de reparação abrangem polidez positiva (orientada para a "face positiva" do interlocutor) e polidez negativa (orientada para a satisfação parcial da "face" negativa do interlocutor

e baseada em estratégias de evitação).

Esta teoria é importante na medida em que muitos dos enunciados a serem examinados no presente trabalho podem ser considerados como atos ameaçadores da face, e que se pode verificar o uso de estratégias, ou mecanismos, de abrandamento. Algumas PMs são tais mecanismos (por exemplo, *MAL*, *VIELLEICHT*), outras, ao contrário, são "ameaçadoras", porque revelam uma certa agressividade do falante (por exemplo, *ETWA*).

### c) Atos de fala diretos, e indiretos

AUSTIN (1962), constatando que falar é fazer, é agir, elaborou a Teoria dos Atos de Fala.

Ao dizer "Eu te prometo de trazer o livro amanhã", não se pronuncia apenas um enunciado, como também se faz algo: uma promessa. Outros atos de fala são, por exemplo, constatações, advertências, comentários, descrições, ordens, críticas (*op.cit.*:149).

E preciso distinguir entre atos de fala explícitos, e implícitos. Nos explícitos, há um verbo, chamado de verbo performativo, que indica o tipo de ato de fala. No enunciado citado, o verbo "prometo" mostra que se trata de uma promessa. No caso dos atos de fala implícitos, não há verbo performativo na superfície. Exemplo: "Volte para casa." Este enunciado é uma ordem, ou um pedido, que, se fosse, um ato de fala explícito, teria a estrutura "Eu te

ordeno (ou: peço para) voltar para casa."

AUSTIN diferencia ainda entre "ato locucionário", "ato ilocucionário" e "ato perlocucionário". O primeiro é o simples ato de proferir enunciados (SEARLE 1969:24 o chama de "ato de enunciação"). O segundo é aquele ato que o falante quer realizar ao pronunciar um enunciado: prometer, criticar, elogiar, cumprimentar, etc. Por "ato perlocucionário", o autor entende um enunciado que mostra o efeito de uma fala anterior no ouvinte. São atos perlocucionários, por exemplo: convencer, persuadir, impressionar.

Na verdade, a teoria se baseia quase exclusivamente nos atos ilocucionários, de tal forma que os termos "ato de fala" e "ato ilocucionário" são considerados idênticos.

Introduzida por AUSTIN, a Teoria dos Atos de Fala foi desenvolvida, principalmente, por SEARLE (1965, 1969, 1975, 1979). Dois conceitos estabelecidos por este autor são essenciais para o estudo das PMs:

1) Um "ato de fala indireto" (SEARLE 1975) é um enunciado cuja estrutura gramatical indica uma força ilocucionária diferente daquela pretendida pelo falante. A estrutura gramatical do surrado exemplo "Você pode passar o sal?" aponta para uma pergunta, enquanto o falante está, na verdade, fazendo um pedido. Segundo SEARLE, a força ilocucionária de tais enunciados é seu verdadeiro significado - no caso, o ato de fala "pedido" - e a força ilocucionária secundária é aquela indicada pela estrutura

gramatical.

FRANCK (1979a:147ss.) criticou o uso do termo "ato de fala indireto" em casos como o do exemplo, considerando que não faz sentido estipular uma segunda força ilocucionária, já que, quase nunca, tais enunciados são perguntas. Para a autora, a relação entre estrutura sintática e significado intencionado é "semi-convencional". O ouvinte sabe "automaticamente" que no caso do exemplo se trata de um pedido.

Por um lado, o próprio SEARLE já havia visto que muitos enunciados são "convencionalmente" usados para realizar pedidos ou ordens ("diretivos") indiretos. Por outro lado, ele argumenta que esses enunciados mantêm seu sentido literal, pois a resposta do ouvinte pode, embora excepcionalmente, referir-se a este sentido.

Como se verá, no presente trabalho é muito útil, ou mesmo imprescindível, distinguir as duas forças ilocucionárias. Por isso, vou chamar a força ilocucionária indicada pela estrutura sintática de "força ilocucionária básica" - às vezes, falarei também do "tipo básico de sentença" (tbs) - e a outra será denominada "força ilocucionária verdadeira", ou "pretendida", ou "intencionada".<sup>1</sup>

Exemplo: Você não sabe fechar a porta?

- Força ilocucionária básica (tipo básico de sentença): pergunta (sentença interrogativa)
- Força ilocucionária verdadeira: repreensão.

Como assinala LEVINSON (1983:240-1), há várias taxionomias de atos de fala. Não sigo nenhuma especificamente. Embora SEARLE (1979:12ss.), por exemplo, estabeleça cinco categorias básicas (atos de fala assertivos, diretivos, comitivos, expressivos e declarativos), ele também observa que há subclasses (p. ex., perguntas são uma subclasse dos diretivos), e é tal divisão em subclasses que é mais importante para o presente trabalho. Serão considerados como atos de fala, portanto, "pergunta", "pedido", "repreensão", "expressão de surpresa", "expressão de resignação", "expressão de concordância", e outros.

2) O "mecanismo indicador de função" (*function indicating device*, SEARLE 1965), ou "mecanismo indicador da força ilocucionária" (*illocutionary force indicating device*, SEARLE 1969), chamado por autores alemães simplesmente de "indicador ilocucionário" (*illokutiver Indikator*), mostra ao ouvinte qual tipo de ato de fala está sendo realizado. No ato de fala explícito, o indicador principal é o verbo performativo. Nos atos de fala diretos implícitos, e nos indiretos, a força ilocucionária do enunciado - isto é, o tipo de ato de fala realizado no enunciado - pode ser indicada por "mecanismos" como o tom de voz, a entoação, o acento, a ordem de palavras, o modo verbal, as PMs. Por exemplo, num enunciado como "Você quer parar?(!)", é a entoação (junto com o tom de voz e fatores como a expressão facial) que vai indicar se se trata de uma pergunta ou de um pedido insistente.

Visto que, em certos casos, as PMs apenas esclarecem melhor a força ilocucionária já indicada pela entoação, vou considerá-las, nesses casos, como "indicadores ilocucionários auxiliares". Veja mais detalhes no item 2.6.

d) Como compreender o que o falante quer dizer?

Deixando de lado os casos em que a comunicação entre dois, ou mais, falantes falha, vamos verificar, muito resumidamente, como se dá a comunicação bem-sucedida.

Há enunciados nos quais o significado literal, ou convencional, é o mesmo que o falante quis comunicar<sup>2</sup>. Neste caso, o ouvinte só precisa aplicar as regras fonológicas, morfo-sintáticas e semânticas que interiorizou na aquisição da língua. Por exemplo, ele compreende o enunciado "Venha!", se ele conhece o significado do verbo "vir" e se reconhece que se trata da forma imperativa.

Mas há muitos enunciados nos quais a intenção do falante é comunicar outra coisa do que o significado literal. É o caso, por exemplo, dos atos de fala indiretos, e de respostas indiretas (como em "Você vai à reunião?" - "Estou sem carro.").

Perguntando-se como o ouvinte pode captar, então, o significado pretendido pelo falante, GRICE (1975) introduziu o conceito de "implicatura conversacional" e o "princípio de cooperação". Segundo o autor, os interlocutores, seres racionais e interessados em se entenderem mutuamente, tentam ser cooperativos, observando

algumas "máximas de conversação", as quais são do conhecimento (inconsciente) de todo mundo. Estas máximas estipulam que os falantes deveriam dar nem mais nem menos do que as respostas ou informações pedidas (máxima da quantidade), só dizer o que sabem ser verdadeiro (máxima da qualidade), só dizer algo que esteja relacionado com o assunto em pauta (máxima da relação) e tentar falar de maneira clara (máxima da maneira).

Na realidade, estas máximas são obedecidas raramente, o que poderia fazer com que o ouvinte não compreendesse a mensagem. Contudo, acreditando que o falante - apesar de violar uma das máximas - continua cooperativo, ele vai usar uma implicatura conversacional, isto é, ele vai pensar que, todas as circunstâncias consideradas, o falante não poderia querer dizer o que disse literalmente, mas alguma outra coisa. Portanto, o ouvinte percebeu que o falante, ao dizer x, quis dizer, ou "implicar conversacionalmente", y (cf. *op.cit.*:50).

Visto que as PMs ocorrem freqüentemente em atos de fala indiretos - nos quais há essa diferença entre significado literal e significado pretendido pelo falante - alguns autores alemães (BUBLITZ 1978, FRANCK 1979a, BURKHARDT 1982) usaram o conceito de implicatura conversacional nas suas análises. E por isso que considerei útil mencionar a teoria de GRICE.

Entretanto, não é necessário recorrer a esse conceito para explicar as PMs, pelas seguintes razões:

Em geral, o ouvinte usa a implicatura conversacional quando o significado literal do enunciado não faz sentido no contexto dado. No diálogo já citado ("Você vai à reunião? - Estou sem carro."), a resposta em si, que é uma afirmação a respeito do carro, é sem sentido, já que o interlocutor espera apenas um "sim" ou um "não". Porém, ele vai compreender, usando a implicatura conversacional, que a resposta é uma outra maneira de dizer "não", além de ser uma explicação. Do mesmo modo, o ouvinte vai interpretar o enunciado "Você pode passar o sal?" não como uma pergunta a respeito da sua capacidade de passar o sal - pergunta normalmente absurda - mas como um pedido.

Todavia, freqüentemente, o ouvinte não precisa recorrer, nem inconscientemente, à implicatura conversacional, pois, como já disse FRANCK, muitos desses enunciados são "semi-convencionais", isto é, ao adquirirem sua língua materna, os falantes aprendem também que sentenças interrogativas como "Você pode passar o sal?", em geral, contam como pedidos.

Quanto às FMs, não são elas que têm que ser explicadas pela implicatura conversacional, mas sim os enunciados - e só alguns deles - onde elas ocorrem.

Vamos mostrar alguns exemplos.

Certas FMs, além de expressarem uma determinada atitude, são indicadores ilocucionários auxiliares, na medida em que a força ilocucionária intencionada é indicada, principalmente, pela entoação, ou pelo contexto.

Exemplo: A: Mir ist ganz schlecht.  
B: Warum trinkst du auch soviel?

(A: Estou passando mal.

B: Também - por que você bebe tanto?)

Mesmo sem *AUCH*, A - e outros ouvintes - entenderiam, usando a implicatura conversacional, que B não está fazendo uma pergunta, mas sim uma crítica. Portanto, a implicatura conversacional ajuda a interpretar o enunciado de B, não a PM.

Outras PMs são verdadeiros indicadores ilocucionários e podem, sozinhas, mudar a força ilocucionária.

Exemplo: Ist das nicht schrecklich?

(Não é horrível?)

Sem *NICHT*, o enunciado seria uma pergunta; com *NICHT*, ele é praticamente uma constatação, junto com um pedido de confirmação. Mas este efeito do uso de *NICHT* não significa que o ouvinte tenha que recorrer à implicatura conversacional para interpretar a PM ou o enunciado, pois não há nenhuma discrepância entre o significado literal e o verdadeiro significado, entre aquilo que o falante disse e aquilo que ele queria dizer.<sup>3</sup>

O terceiro grupo de PMs não muda - nem de maneira auxiliar - a força ilocucionária. Também nesse caso, não faz sentido usar a teoria de Grice. As PMs simplesmente expressam certas atitudes ou reflexões do falante, e este conteúdo é assimilado na aquisição da língua materna.

Exemplo: A: Das Kleid ist zu teuer.

B: Dann kauf es eben nicht.

(A: O vestido é caro demais.

B: Então não compre.)

Com ou sem *EBEN*, o enunciado de B é uma constatação conclusiva. A PM apenas acrescenta uma nuance. Esta nuance faz parte do significado de *EBEN* e deveria ser

dicionarizado.

Em resumo: para entender as PMs, o ouvinte não precisa da ajuda de uma implicatura conversacional. Ele só vai recuperar do seu banco de dados - da sua memória - o que uma determinada PM significa.<sup>4</sup>

É verdade que cada PM existe em diversas variantes, que dependem do contexto, o que parece complicar o processo de recuperação do significado. Mas a mente humana, via de regra, encontra a solução instantaneamente.

As variantes das PMs não são, em princípio, diferentes dos homônimos de outros vocábulos. Quando alguém diz, por exemplo, "Minha carteira é velha", não se pode afirmar que o falante disse literalmente "Minha carteira (para sentar) é velha", querendo dizer, ou implicar, "Minha carteira (de dinheiro) é velha". Ou seja, não há uma diferença entre significado literal e significado pretendido. O que há é um vocábulo que possui vários significados. O ouvinte, aplicando seus conhecimentos gerais (cf. DIJK 1977; GIBBS 1987) vai escolher aquele que combina com o contexto.

O mesmo acontece com as variantes das PMs.<sup>5</sup>

### **1.1.2 Problemas de descrição semântica**

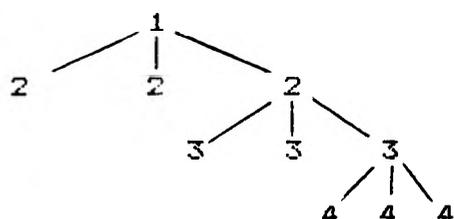
Foi dito que as PMs só podem ser analisadas dentro do quadro da Linguística Pragmática, e foi explicado por quê. Entretanto, essas partículas têm significados, de modo que também é necessária uma análise semântica.

No capítulo 2, ver-se-á que os especialistas não distinguem nitidamente entre funções e significados (cf. 2.6), e será discutido o conceito de "significado geral" (cf. 2.3.3).

Em relação a questões teóricas, FOOLEN (1989:307), referindo-se a um simpósio sobre partículas e ao problema da descrição semântica, assinala:

"Aparentemente, em 1986, ainda estavam faltando respostas, amplamente aceitas, a tais questões teóricas básicas."

Visto que uma das maiores complicações no estudo das PMs é a existência de homógrafos, FOOLEN propõe um modelo de análise no qual há quatro níveis, ordenados conforme o grau de abstração:



Nível 1: significado geral de uma forma lingüística (por exemplo, de *eben*);

Nível 2: significado geral de cada uma das diversas categorias em que a forma pode ser dividida (por exemplo, *eben* como advérbio de tempo, como partícula focalizadora, como PM);

Nível 3: variantes [no original: *Gebrauchsweisen*] dentro de cada categoria; a existência de variantes pode ser devida às diferenças entre tipos de sentenças ou tipos de atos de fala;

Nível 4: variantes pragmáticas, pois cada variante do nível 3 pode, em contextos diversos, ter sentidos diferentes.

Embora o próprio autor admita que, em relação às categorias, muitas coisas ainda precisam ser esclarecidas, e embora ele misture tipos de sentenças e tipos de atos de fala (*op.cit.*:313), este modelo parece-me o mais apropriado dos poucos propostos até agora. Isto não significa que ele será adotado, formalmente, nas análises das quatro PMs alemãs escolhidas. Sobretudo, a falta de uma diferenciação entre tipos de sentenças e atos de fala é criticável, pois, às vezes, o significado da PM pode ser o mesmo em diversos tipos de sentenças, e, às vezes, ele pode variar. O mesmo ocorre com os tipos de atos de fala, embora neles seja mais provável que o significado mude conforme a força ilocucionária. Portanto, o modelo de FOOLEN será usado não apenas informalmente como também com modificações. O que vou fazer é discutir o problema do significado geral (= nível 1), distinguir os homógrafos (= nível 2) e descobrir variantes e subvariantes de cada PM (= nível 3 e 4). Será verificado em que medida o significado muda com o tipo de sentença, ou com o tipo de ato de fala, respectivamente, e em que medida há diferenças conforme o contexto.

No que diz respeito ao nível 1, serão discutidas as explicações dadas por outros autores sobre o significado geral dos vocábulos analisados. Não será dada a mesma importância a este nível que lhe é atribuído, sobretudo, por WEYDT (em várias publicações). Não posso concordar com este

autor quando diz que, sem saber o que todas as variantes (no original: *Verwendungsweisen*) de uma partícula têm em comum, nunca se conseguirá compreender as suas ocorrências num texto qualquer (1983:156). Eu diria quase o oposto: visto que tal significado geral do vocábulo é bem abstrato, muitas vezes "longe" do significado de uma determinada variante, a apresentação deste significado geral pode confundir tanto o falante nativo quanto o aluno estrangeiro (cf. 2.3.3, nota 8). Mais detalhes serão dados no capítulo 4.

A maioria dos especialistas em PMs, além de não oferecerem nenhum modelo de análise, não explicitam de que maneira os significados são encontrados. Isto se deve à falta de uma teoria semântica aplicável no caso das PMs. Como diz WOLSKI:

"Lamentavelmente, as teorias de semântica lexical (as diversas análises em traços [*Merkmale*], mas também os conceitos de estereótipos e protótipos, discutidos recentemente) foram desenvolvidas com base em exemplos para os quais podem ser formuladas regras relacionais, isto é, regras de referência e de predicação." (1989:348)

Dado que tais regras não se aplicam às PMs, o que os autores costumam fazer, apoiando-se na sua competência de falante - não necessariamente nativo - e de lingüista, é explicar o que as PMs significam nos diversos contextos. Muitas vezes, são sugeridas paráfrases<sup>6</sup>. Essas explicações e paráfrases são, necessariamente, subjetivas, exteriorizações de intuições ou idéias de cada autor. Isto não significa que elas não tenham valor científico. Embora elas não sejam

falsificáveis através de experimentos ou de demonstrações lógicas, elas poderão ser validadas, ou invalidadas, pelas opiniões da maioria dos falantes nativos (cf. a interessante pesquisa de BURKHARDT 1989). Em muitos casos, as intuições dos pesquisadores coincidem, em outros, não.

Alguns autores, ao descobrirem que certas variantes têm em comum alguma parcela de um significado mais amplo, usam termos como "traços semânticos", "traços opositivos", "traços distintivos", "componentes semânticos" (cf. WEYDT e HENTSCHEL 1983:9; HENTSCHEL 1986:173; FRANCK 1979a), sem, todavia, apresentarem uma teoria semântica. Entre os autores consultados, apenas WEYDT (1979b) e HARDEN (1983a:58) referem-se, explicitamente, à teoria dos campos semânticos. Nem por isso, as análises são menos subjetivas, o que se explica pelo fato de as PMs não designarem objetos ou seres concretos mas sim expressarem atitudes.

O presente trabalho não pretende inovar nessa área da análise semântica: as explicações e paráfrases serão subjetivas, e, às vezes, serão usados termos como "traços semânticos", "componentes semânticos" ou "traços distintivos", o que não implica que se procure agrupar todos os traços de determinada variante e estabelecer campos semânticos, como o fez HARDEN (*op.cit.*).

É claro que, tanto nas obra mencionadas quanto nesta Dissertação, os termos "traços" ou "componentes" são usados de maneira análoga aos "semas" de Pottier (cf. LOPES 1975) ou de Coseriu (cf. HARDEN *op. cit.*). Diz HARDEN (*op. cit.*:58):

"'Sema' é um traço distintivo minimal no que diz respeito ao conteúdo. Como partículas não têm conteúdo lexical, o termo parece não se aplicar. Por isso, falarei, nesta análise, somente de traços distintivos."<sup>7</sup>

### 1.1.3 A equivalência pragmática

Vimos que só faz sentido analisar as PMs no quadro da Linguística Pragmática. Mas como o presente trabalho é também, e principalmente, um estudo contrastivo, é preciso abordar alguns problemas tradutológicos.

Como consta no título desta Dissertação, procuram-se equivalências. "Equivalência" é um dos conceitos fundamentais da tradutologia. KOLLER (1983:186ss.), tendo mostrado que ele é usado em muitas definições da tradução, distingue cinco tipos: a denotativa, a conotativa, a estilística, a pragmática ou comunicativa, e a formal ou expressiva.

Quando o essencial é produzir um determinado efeito no receptor, ou quando a tradução se destina a um círculo diferente de receptores do que no texto original, trata-se da busca de uma equivalência pragmática ou comunicativa. Por exemplo, um texto jurídico especializado cuja tradução deve ser lida por leigos tem que ser adaptado para este fim. Um texto de propaganda pode ser mudado completamente, desde que o texto traduzido faça no receptor o efeito desejado, induzindo-o a comprar o produto anunciado.

Embora os exemplos (texto jurídico, texto de propaganda) tenham pouco a ver com as PMs, é, sem dúvida, a equivalência pragmática ou comunicativa que se busca no caso dessas partículas, pois o importante, no ato da tradução, é encontrar soluções que tenham o mesmo efeito que as partículas alemãs provocam no texto original. "Efeito" deve ser entendido como "mudança do ambiente cognitivo" (cf. SPERBER e WILSON 1986:58-61), quer dizer que o interlocutor ou leitor deve perceber, no texto traduzido, as mesmas atitudes do falante que as PMs expressam no original.

Existem diversos meios para expressar tais atitudes nas outras línguas: partículas parecidas com as PMs, outros vocábulos, locuções, uma estruturação peculiar do enunciado, perguntas pospostas, a entoação, elementos paralingüísticos (os quais, normalmente, não podem ser indicados em textos escritos).

Entretanto, para poder encontrar essas equivalências pragmáticas, o tradutor tem que saber qual é o efeito provocado pela PM no original, o que, haja vista a complexidade destas partículas, não é uma tarefa fácil.

Nem sempre, a intenção do falante/autor coincide com o efeito causado no ouvinte/leitor, ou seja, muitas vezes as duas partes não se entendem verdadeiramente. TANNEN (1986), num livro intitulado *That's not what I meant* (Não é isso que quis dizer), trata exaustivamente deste assunto, frisando que uma das principais causas dos malentendidos é o fato de que cada pessoa tem seu "estilo conversacional" próprio. E SEARLE, discutindo seu "princípio de

de expressibilidade", reconhece que este princípio "não implica que tudo que pode ser dito possa ser compreendido por outros" (1960:20).

Se a comunicação já é difícil entre falantes da mesma língua, pertencendo, grosso modo, à mesma cultura, a situação piora na comunicação intercultural.

Com isso, chegamos ao segundo grande problema para o tradutor. Uma vez que ele entendeu corretamente a intenção do falante - que faz, no caso ideal, o efeito desejado no ouvinte -, como é que ele sabe o que corresponde a esta intenção e a este efeito numa outra língua? Será que as diferenças culturais não impedem que haja um efeito equivalente?

Sabe-se, por exemplo, que os esquimós têm vários vocábulos para aquilo que em português se designa pela palavra "neve". A razão é que, vivendo no meio da neve, eles distinguem diferentes qualidades dela, e estas diferenças são importantes para eles. É impossível transmitir essas nuances - e as conotações a elas ligadas - aos falantes de outras línguas, a não ser através de longas explicações.

Do mesmo modo, as atitudes que as PMs expressam podem ser importantes para os alemães, mas talvez não o sejam para membros de outras comunidades lingüísticas.

WEYDT (1969) já mostrou que diferentes línguas podem dispor dos mesmos vocábulos - isto é, de traduções dos vocábulos de uma outra língua - mas a frequência de uso destes elementos correspondentes pode ser diferente. Isto se percebe, por exemplo, na comparação do uso de conjunções no

francês e no alemão (*op.cit.*: 17). Para criar um texto francês equivalente, ou seja, para produzir uma tradução adequada, o bom tradutor teria, portanto, de omitir algumas das conjunções alemãs.

Estas constatações me levam a fazer algumas considerações sobre o estilo e a citar dois estudos contrastivos sobre PMs.

Num artigo com o título significativo "Como é que PMs aparecem em traduções alemãs de textos nos quais não há equivalências diretas?" [tradução simplificada do título original - HAW], O'SULLIVAN e RÜSLER (1989) observam que em diferentes traduções alemãs de um mesmo texto é empregado um número maior ou menor de PMs. As diferenças podem ser muito grandes e dependem tanto do tradutor individual quanto do espírito da época. Segundo os autores,

"um texto-fonte que contém nenhuma ou poucas PMs tem que ser enriquecido pelo tradutor com tantas PMs quantas necessárias para o texto traduzido poder ser considerado 'normal', levando-se em conta o tipo de texto, a situação de fala, etc." (*op.cit.*: 206)

Por outro lado, tanto quanto a falta de PMs, é o exagero no seu uso que pode prejudicar a normalidade, a naturalidade, do texto traduzido (*op.cit.*:207).

REITER (1983) fez uma comparação detalhada entre uma peça de teatro russa e duas traduções para o alemão. Tendo contado quantas partículas os personagens usam no original e quantas eles usam em cada uma das traduções, ele constata que um dos tradutores empregou muito mais PMs que o

outro e que o escritor. Com isso, seu texto ficou mais natural, os personagens falam mais como personagens alemães falariam. Mas REITER se pergunta se deste modo a intenção do escritor não é traída - a qual talvez seja a de criar personagens que falam de maneira seca, direta, sem muitos rodeios, e que ao mesmo tempo - ou por isso mesmo - não se comunicam verdadeiramente. REITER conclui que o tradutor tem que levar em conta não só a norma pragmática da língua-fonte e da língua-meta como também a concepção artística do autor do original.

No caso do presente trabalho, que não compreende uma comparação de traduções literárias, a concepção artística não será levada em conta, mas o conceito de "norma pragmática" é essencial para esta pesquisa.

Por "norma pragmática", REITER entende "a maneira pela qual uma sociedade julga certas situações e a elas reage lingüisticamente" (*op.cit.*: 102). Dito de outra maneira, a norma pragmática estipula o que se pode dizer, e como, em determinada situação. Esta é uma das idéias centrais dos etnógrafos da fala, que BASSO (1971:69) resume da seguinte maneira:

"... para que um estrangeiro possa comunicar-se de maneira adequada com os membros de uma outra sociedade, não basta que ele aprenda a formular mensagens inteligivelmente. É preciso uma outra coisa: saber que tipos de códigos, canais e expressões ele pode usar, em que tipos de situações, para que tipos de pessoas - uma 'etnografia da comunicação', segundo Hymes (1964)".

Evidentemente, também o tradutor precisa desse conhecimento para poder traduzir de forma adequada.

Normas não são apenas prescritivas, mas também descritivas, ou seja, elas revelam o que se faz "normalmente". Tendo em vista que as PMs alemãs são muito comuns, "normais", na fala cotidiana, só poderão ser considerados como equivalências pragmáticas meios lingüísticos ou paralingüísticos que não somente transmitam as mesmas atitudes, mas que sejam também tão comuns, tão normais, quanto as partículas alemãs. A boa tradução tem que levar em consideração o fator "frequência".

Um exemplo bem simples:

Em alemão, quando se quer responder afirmativamente a uma pergunta, usa-se, normalmente, o vocábulo *ja* (sim). Também em português pode-se empregar *sim* neste caso. Porém, no português coloquial, é mais usual repetir-se o verbo usado na pergunta. Deste modo, a tradução (b) pode ser considerada como mais adequada, como refletindo melhor a norma pragmática:

- Gehst du nach Haus? - Ja.  
 (a) Você vai para casa? - Sim.  
 (b) Você vai para casa? - Vou.

E claro que no caso das PMs as coisas são mais complicadas, e dificilmente serão encontrados equivalentes pragmáticos perfeitos. Quando os termos "equivalência" ou "equivalente" (sempre subentendendo-se o adjetivo: "pragmático") forem empregados, estará implícita a idéia de que a forma lingüística encontrada no português expressa

aproximadamente a mesma atitude que a PM alemã, e é mais ou menos tão comum.

Dado que a comunicação não é perfeita, nem numa mesma língua, isto é, que o interlocutor não capta todas as nuances do pensamento ou da atitude do falante, não se pode exigir que formas lingüísticas de duas línguas sejam completamente equivalentes. Abordando problemas semânticos e tradutológicos, LYONS (1979:482) afirma:

"... o sentido do original nunca se mantém intacto no processo da tradução. Assim, não há sinonímia entre as palavras de línguas diferentes, mas um maior ou menor grau de equivalência na 'aplicação' de palavras. Presentemente, a teoria semântica pouco mais pode fazer do que apelar para os juizes intuitivos do falante bilingüe sobre a equivalência na área da superposição (ou imbricação) cultural".

## 1.2 METODOLOGIA

O presente trabalho tem dois objetivos principais: mostrar que em português existem partículas e locuções parecidas com as PMs (capítulo 3) e procurar equivalências para quatro PMs alemãs (capítulo 4).

E preciso deixar bem claro que não pretendo analisar a fundo aqueles vocábulos tratados no capítulo 3, mas apenas discutir por que eles podem ser considerados como PMs.

Nesta discussão, evidentemente, levarei em conta as constatações que se encontram a respeito desses vocábulos em gramáticas e outras obras. Essas constatações são quase

sempre insuficientes, além de se basearem, freqüentemente, em textos literários. No meu estudo, ao contrário, verificarei significados e funções desses vocábulos na linguagem falada coloquial.

Consensualmente, exige-se, nesse caso, que se trabalhe com material autêntico, ou seja, com gravações de conversas reais. Esta "exigência" não foi cumprida por mim por duas razões: por um lado, alguns dos vocábulos e locuções a serem estudadas não são muito freqüentes, de modo que seria possível que se gravassem muitas conversas sem que se encontrassem exemplos em número suficiente; por outro lado, como a análise dos vocábulos e locuções portuguesas é apenas um, e o menor, dos dois objetivos deste trabalho, não pude dedicar-lhe mais tempo e espaço. Deixo para pesquisas futuras uma verificação mais detalhada, inclusive com base em conversas reais.

No intuito de utilizar, na medida do possível, ocorrências autênticas, procurei-as naquelas publicações que contêm falas reais - gravadas e transcritas -, mas só existem, até agora, os três volumes do Projeto NURC/SP (CASTILHO e PRETI; PRETI e URBANO), nos quais encontram-se poucos desses vocábulos, na sua função de FM. Por isso, tive que recorrer a enunciados imaginados, em geral por mim, às vezes por informantes, ou ainda encontrados em obras de ficção, mas sempre pertencentes à linguagem falada coloquial.

O segundo e principal momento deste trabalho é a tentativa de encontrar equivalências portuguesas para

algumas PMs alemãs. Para esta primeira pesquisa mais ampla nesta área (SCHEMANN 1982 e SCHMIDT-RADEFLDT 1989 são apenas pequenos artigos) foram escolhidas as PMs *ABER*, *EBEN*, *ETWA* e *VIELLEICHT*, embora elas não sejam as mais frequentes. O motivo foi que vislumbrei algumas traduções possíveis para estas PMs; além disso, quis verificar se certas traduções, propostas, às vezes, por alunos de alemão, são aceitáveis.

Essa busca de equivalências não pode ser feita por uma única pessoa. Mesmo se ela fosse perfeitamente bilingüe, não haveria garantia de que suas propostas fossem adequadas, devido à complexidade do fenômeno.

Portanto, era desejável a colaboração do maior número possível de bilingües. Não é preciso discorrer aqui sobre a questão controvertida de saber o que seja um bilingüe. Digamos que é alguém que domina duas línguas de maneira quase igual. Acredito que não seja o caso de nenhum dos meus informantes, mas no que concerne à linguagem falada coloquial, alguns são quase tão competentes em alemão quanto em português. Todos eles são brasileiros e, por conseguinte, falantes nativos de português; alguns são descendentes de alemães, tendo falado alemão em casa desde sua infância, outros são professores de alemão com excelentes conhecimentos neste idioma. Infelizmente, não encontrei muitos falantes nativos com um nível de competência em alemão suficiente para executar a tarefa solicitada, e alguns que poderiam ter colaborado não o fizeram, por motivos que ignoro. Assim, disponho das respostas de apenas dezesseis desses informantes. Embora seja um número

relativamente pequeno, ele me parece suficiente para chegar a uma conclusão a respeito das equivalências para as PMs. Em todo caso, trata-se de uma solução melhor do que as sugestões dadas por apenas uma pessoa - como acontece nos outros estudos contrastivos existentes.

A estes dezesseis informantes, que chamarei de TR (de "tradução"), porque eles tiveram que escolher ou propor traduções, submeti um questionário contendo os seguintes elementos:

- a descrição de 56 situações;
- 56 enunciados alemães que poderiam ser proferidos nessas situações e nos quais é usada uma das quatro PMs;
- para cada situação, vários enunciados portugueses.

Pedi-se aos informantes que escolhessem a tradução que lhes parecesse a mais adequada, levando em consideração a especificidade da situação e a atitude do falante.

Visto que, muitas vezes, as diferenças entre as traduções sugeridas eram pequenas, de modo que poderia ser difícil escolher apenas uma tradução, deixei-os à vontade para fazerem uma segunda e uma terceira opção, se eles considerassem outras traduções também como adequadas ou aceitáveis. E para poder afirmar quais são as traduções inaceitáveis, solicitei aos TR anotarem aquelas propostas que eles achassem erradas. Finalmente, se lhes viessem à mente traduções melhores do que as sugeridas no

questionário, eles podiam escrevê-las no verso da folha de respostas.

Pretendeu-se, desta maneira, chegar às equivalências mais corretas para as PMs nas diversas situações. Isto é, seriam aceitas como as melhores, aquelas escolhidas pelo maior número de informantes.

Em princípio, este procedimento seria suficiente para determinar as traduções mais adequadas. Entretanto, na tradução sempre há o perigo da interferência da língua-fonte, ou seja, o tradutor, querendo transmitir da maneira mais precisa o conteúdo do texto original, pode produzir um texto que não é inteiramente natural na língua-meta. E no caso das PMs - sobretudo na linguagem falada, a cujo âmbito se restringe esta pesquisa - a naturalidade é um fator essencial.

Para saber se os brasileiros, nas circunstâncias descritas, de fato profeririam aqueles enunciados encontrados como traduções dos enunciados alemães (cf. o conceito de "norma pragmática"), submeteu-se o mesmo questionário - sem a parte alemã - a falantes nativos do português sem, ou quase sem, conhecimentos do alemão.

Estes informantes, num total de 55 - que chamarei de FN (falantes nativos) - foram recrutados, principalmente, entre professores e estudantes da Universidade de Brasília. Em ambos os grupos pode-se supor um nível elevado de competência na língua portuguesa, mas, de qualquer maneira, a competência exigida para responder ao questionário limitava-se à linguagem falada coloquial. Por outro lado,

havia a necessidade de trabalhar com informantes que dominassem o português padrão, ou a chamada língua falada culta.

Havia mais uma vantagem em ter escolhido professores e estudantes universitários: é que, em Brasília, grande parte dessas pessoas é originária de diversas regiões do Brasil, de forma que não havia o perigo de obter, majoritariamente, expressões regionais como respostas.

Estes 55 FN deviam escolher, entre os enunciados portugueses, aquele que, na sua opinião, seria dito com mais probabilidade no contexto indicado. Eles podiam também, como os TR, fazer uma segunda e uma terceira escolha, e marcar, na coluna "não" da folha de respostas, aquele enunciado que eles considerassem inusual ou errado na situação descrita. Além disso, eles podiam sugerir outros enunciados.<sup>8</sup>

No capítulo 4, após a análise de cada uma das quatro FMs, as escolhas dos TR serão confrontadas com as dos FN, de modo que será possível dizer em que medida as traduções correspondem à realidade do português falado no Brasil, isto é, em que medida elas obedecem à norma pragmática.

Pode-se objetar que os enunciados escolhidos pelos FN não refletem a realidade, porque, embora possam ser ditos nas situações descritas, eles não são autênticos. Mas não há outro meio. É impossível recolher material autêntico onde ocorram todas essas - ou mesmo semelhantes - situações. Por outro lado, o fato de se trabalhar com a opinião majoritária de um número bastante elevado de informantes parece-me

suficiente para substituir a fala autêntica, garantindo um alto grau de "realidade".<sup>9</sup>

Mas há mais um problema com esta comparação entre as traduções (respostas dos TR) e os enunciados escolhidos pelos FN. E que, num questionário que não pode ser longo demais - para não abusar da boa vontade dos informantes - dificilmente consegue-se descrever uma situação e as atitudes e emoções do falante com tal precisão que os leitores - no caso, os informantes - possam imaginá-las da mesma maneira que elas foram imaginadas pelo pesquisador. De modo que podem ocorrer divergências entre os resultados obtidos dos TR e dos FN, devido a essa falta de comunicação total. Conquanto este fato diminua o valor da comparação, ele não o aniquila completamente.

Pode-se perguntar por que os FN não foram deixados livres a proporem espontaneamente um ou dois enunciados para cada situação, em vez de serem solicitados a escolherem entre várias sugestões. A explicação é a seguinte: numa determinada situação - sobretudo quando é impossível descrever todas as nuances da atitude do falante - às vezes há várias reações possíveis. Por exemplo, na situação 7 (veja o Apêndice 2) seria muito bem imaginável uma fala como: "Não é possível! Eu vi a pasta agora mesmo!" Tais enunciados, contudo, seriam muito diferentes da tradução do enunciado alemão, e não haveria possibilidade de comparação. Ou seja, era preciso indicar, no mínimo, o conteúdo proposicional do enunciado alemão, o qual, na situação citada, é "Isto é muito estranho".

Preferi colocar várias soluções à disposição dos informantes por mais duas razões: primeiro, porque quis lembrar-lhes as reações possíveis; segundo, porque pretendi mostrar uma ou duas "soluções" que fossem mais parecidas com o alemão - sobretudo contendo uma tradução literal da PM - mas que, presumivelmente, não seriam escolhidas. Com isso, objetivei comprovar que a tradução literal das PMs, ou uma tradução estruturalmente muito semelhante ao texto original, em geral, não é aceitável.

Quanto aos TR, teria sido possível deixá-los à vontade para proporem traduções espontaneamente. Mas, de novo, preferi fazer as sugestões, tanto para lembrar-lhes as soluções possíveis - e, sobretudo, para deixar claro que se procuravam equivalências, não traduções ao pé da letra - quanto para poder verificar os casos de coincidência entre as respostas dadas pelos TR e pelos FN.

Como as situações e os enunciados alemães foram escolhidos?

Uma vez que havia decidido estudar *ABER*, *EBEN*, *ETWA* e *VIELLEICHT*, procurei exemplos de ocorrência em gramáticas, livros de ensino e obras de ficção. Aproveitei algumas das situações assim encontradas, adaptando-as às circunstâncias dos questionários. As outras situações foram imaginadas por mim a partir de enunciados isolados, alguns dos quais foram tirados de trabalhos lingüísticos. Outros tiveram que ser formulados especificamente para esta pesquisa, não somente porque, naqueles que haviam sido encontrados, as PMs não foram usadas em todas as suas

funções, mas também porque era necessário apresentar vários exemplos para cada nuance de cada FM, para que pudesse ser verificado se a tradução escolhida para determinada nuance seria a mesma em diversas situações.

Visto que os enunciados alemães não são autênticos, sua aceitabilidade nos contextos indicados poderia ser posta em dúvida, mas ela foi confirmada por vários falantes nativos.

Sempre preocupado com a autenticidade, mas sem poder gravar situações reais - pelas razões citadas acima - procurei ocorrências autênticas das quatro FMs nos três volumes de *Texte gesprochener deutscher Standardsprache* (editados por STEGER et al.; FUCHS e SCHANK; OS), onde são publicadas transcrições de conversas reais.<sup>10</sup>

No capítulo 4, as quatro FMs escolhidas serão estudadas da seguinte maneira.<sup>11</sup>

Primeiro, serão mencionados os resultados de análises já existentes. Depois, serão apresentadas as diferenças entre a FM e seus homógrafos. Em seguida, cada FM será discutida em detalhe. No caso de *VIELLEICHT*, será feita uma distinção clara entre quatro variantes. Depois da análise de ocorrências autênticas, haverá a comparação entre as respostas obtidas dos informantes, e far-se-á um resumo das equivalências encontradas.

Um dos resultados da verificação das respostas já pode ser antecipado aqui: nunca há unanimidade - na escolha dos enunciados portugueses mais adequados - nem entre os TR nem entre os FN. O maior consenso é de 75% entre os TR, e de

58% entre os FN. Na maioria das vezes, a porcentagem está em torno de 30%. Isto se deve ao fato de que, em geral, os enunciados propostos para cada situação são bastante semelhantes, de modo que a escolha é difícil, ou melhor, de modo que vários são adequados ou possíveis em cada situação. Isto mostra, por outro lado, que não há, para as quatro PMs alemãs, equivalentes nítidos que tivessem que ser usados necessariamente.

## 2. DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS "PARTICULAS MODAIS"

### 2.1 Sobre o termo "partícula"

Na lingüística, há opiniões divergentes acerca do que seja uma partícula.

ALTMANN (1978:2) afirma que tanto na lingüística anglosaxônica e francesa quanto na alemã, o termo "partícula" é usado geralmente de maneira pré-teórica, não designando, portanto, uma classe de palavras. Na lingüística russa, ao contrário, o termo "partícula" teve um papel importante e foi discutido amplamente. Através de ADMONI, ARNDT e KRIVONOSSOV, o termo se firmou também na lingüística alemã moderna.

KRIVONOSSOV, na sua exaustiva discussão da literatura russa a respeito das partículas, chega à conclusão de que

"Fazem parte das partículas todas aquelas palavras que não apresentam as características nítidas de todas as outras classes de palavras não flexionadas." (1977:31)

Isto é, para ele as partículas constituem apenas um entre os diversos grupos de palavras não-flexionadas.<sup>1</sup>

WEYDT (1969) não define o termo "partícula" mas sua concepção se depreende da seguinte afirmação:

"Elas [as PMs - HAW] são invariáveis como todas as partículas e não assumem as funções de preposições, de conjunções ou de advérbios..." (1969:19)

Portanto, este autor considera que preposições, conjunções e advérbios também são partículas.

Para ALTMANN (1976:3), todos os vocábulos não-flexionados são partículas, e ele distingue entre partículas de negação, modais, conjuntivas, interjetivas, comparativas, aumentativas e gradativas. Contudo, ele não menciona as preposições nem os advérbios de tempo, lugar ou modo.

Na sua exaustiva discussão das numerosas definições das partículas, LÜTTEN (1977:166) chega à conclusão de que partículas, num sentido amplo, são vocábulos inflexionáveis, mas ela prefere usar o termo num sentido restrito, no qual as partículas são invariáveis, se caracterizam por brevidade morfológica, não fazem parte de sintagmas fixas, não são preposições, interjeições ou conjunções, e mostram uma "redução semântica".

HELBIG e BUSCHA (1987:475) distinguem as partículas explicitamente dos advérbios, das "palavras modais" (*Modalwörter*), das interjeições e de outras palavras equivalentes a sentenças (*Satzäquivalente*), como também das preposições e das conjunções.

Na literatura lingüística brasileira não se encontra nenhum trabalho específico sobre partículas ou o conceito de "partícula". Alguns autores o usam para designar certos vocábulos que não cabem nas categorias tradicionais, outros o empregam às vezes ao se referirem às conjunções ou preposições. Para OLIVEIRA (1962), se, além de conjunção condicional, é partícula interrogativa. GARCIA (1977) emprega os termos "partículas explicativas", "partículas

explicativo-causais", "partículas denotadoras de tempo" (conjunções e locuções conjuntivas) e "partículas de transição" (os conectivos em geral). ROSA (s.d.) introduz o termo "partículas de avivamento". Os termos "partículas de realce" e "partículas expletivas" se encontram em vários autores<sup>2</sup>. Nota-se que não existe um consenso a respeito do que seja uma partícula; alguns empregam o termo até para designar uma locução.

No presente trabalho, serão consideradas como partículas aqueles vocábulos invariáveis que não são interjeições, preposições, conjunções ou advérbios (sendo que estes últimos ainda terão que ser definidos).

Cabe aqui uma observação acerca das coletâneas de artigos sobre partículas, editadas por WEYDT (1977, 1979, 1981, 1983, 1989). Enquanto na primeira há apenas artigos sobre PMs, as três seguintes contêm também trabalhos sobre outras partículas, embora aqueles sobre PMs prevaleçam. Na última coletânea, além de cerca de 25 artigos sobre PMs, há muitos ensaios sobre outras partículas em diversas línguas.

## 2.2 As PMs entre as palavras invariáveis

Uma vez percebido pelos gramáticos e lingüistas que as PMs não pertencem a nenhuma das classes tradicionais de palavras, era preciso estabelecer uma nova classe e explicitar as diferenças. Os resultados das pesquisas a este respeito podem ser resumidos da seguinte maneira:

As PMs alemãs

- não podem constituir sozinhas um enunciado (o que implica que não podem ser a resposta a uma pergunta)<sup>3</sup>;
- em princípio, não ocorrem no início do enunciado;
- estão integradas no enunciado sem pausas ("nahtlos", "sem costura", na expressão de WEYDT 1969:66);
- em princípio, não são acentuadas;
- não podem ser negadas, isto é, uma negação contida no enunciado nunca pode referir-se a uma PM;
- não se referem necessariamente<sup>4</sup> a um determinado elemento da oração (como é o caso das preposições, dos artigos e de certos advérbios).

Estas características sintáticas e fonológicas, junto com sua especificidade semântico-funcional, mencionada na Introdução e à qual pode ser acrescida a constatação de que as PMs não têm a função das conjunções, permitem estabelecer o seguinte conjunto: *ABER, AUCH, BLOSS, DENN, DOCH, EBEN, EIGENTLICH, EINFACH, ETWA, HALT, JA, MAL, NICHT, NOCH, NUR, RUHIG, SCHON, ÜBERHAUPT, VIELLEICHT, WOHL*.

A seguir, observarei o que distingue estas PMs dos outros vocábulos invariáveis, começando pelas classes em relação às quais a diferença é a mais nítida.

### 2.2.1 Interjeições

Interjeições expressam sentimentos, emoções, atitudes, assemelhando-se, desta maneira, a algumas PMs.

Contudo, ao contrário destas, elas não estão integradas nos enunciados, podendo até ser proferidas isoladamente.

### 2.2.2 Preposições

Ao contrário das PMs, elas estão necessariamente ligadas a algum substantivo, pronome ou verbo, podem estar no início da sentença, podem ser negadas e não expressam atitudes.

### 2.2.3 Conjunções

As conjunções ocupam tipicamente o primeiro lugar nas sentenças<sup>5</sup>, tendo a função de ligá-las. As PMs diferem delas em ambas as características.

Na verdade, diversas conjunções também podem ligar, na estrutura superficial, dois ou mais **sintagmas**. Estas, todavia, representam sentenças na estrutura profunda.

Exemplo:

Ana e Maria foram ao cinema.

Ana foi ao cinema, e Maria foi ao cinema.

Deve ser lembrado que há algumas conjunções que podem aparecer em posição não-inicial (no português, *porém*, por exemplo). No alemão, certos autores as consideram, então, como advérbios (cf. HELBIG e BUSCHA 1988). Mas esta posição não-inicial é apenas uma variante da posição inicial, típica das conjunções, e não muda substancialmente sua função conjuntiva.

#### 2.2.4 *Konjunktionaladverbien* ("advérbios conjuntivos")

Trata-se de vocábulos que têm a função de ligar orações, podendo, ao contrário das conjunções, ocupar posições não-iniciais. São, entre outras: *deshalb* (por isso), *trotzdem* (apesar disso), *nämlich* (é que, pois), *allerdings* (contudo), *schliesslich* (afinal de contas) (cf. HELBIG e BUSCHA 1988:341).

Também BELLERT (1977) considera esse tipo de vocábulos como "advérbios conjuntivos", enquanto VOGT (1977), DUCROT (1980), KOCH (1983) e VIEIRA (1985) as chamam de "operadores argumentativos" (cf. VIEIRA 1985:92-3).

Há autores alemães que consideram *nämlich* como PM (p.ex., HARTMANN 1977), e outros afirmam que *allerdings* e *schliesslich* são "partículas com funções moduladoras" (*Partikeln mit abtonungsähnlichen Funktionen*), isto é, com funções parecidas com as das PMs (WEYDT 1969; WEYDT e HENTSCHEL 1983).

Porém, estes vocábulos, citados no parágrafo anterior, distinguem-se das PMs pelo fato de necessariamente referirem-se a um enunciado anterior, normalmente proferido pelo mesmo falante; ou seja, eles têm a função característica das conjunções.

### 2.2.5 Os outros advérbios

Os "advérbios conjuntivos" foram tratados num item separado (2.2.4), porque, ao meu ver, eles se assemelham mais às conjunções do que aos advérbios.

De qualquer modo, é sem dúvida em relação aos vocábulos considerados, na gramática tradicional, como advérbios, que há menos consenso, mais tentativas de reclassificação e, conseqüentemente, a maior profusão terminológica (cf. EISENBERG 1986:195).

Nas gramáticas escolares, os advérbios são geralmente subdivididos em advérbios de tempo, de lugar, de modo, de intensidade, de dúvida, de afirmação e de negação.

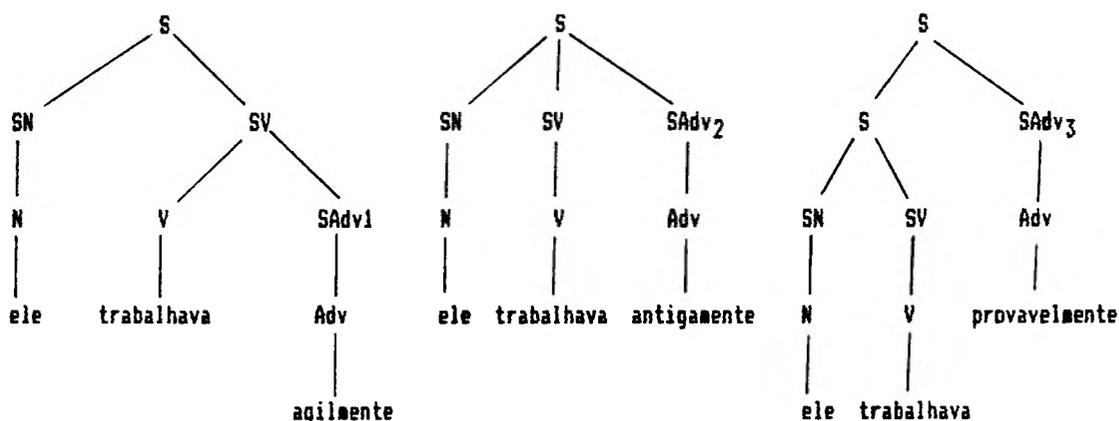
Na lingüística moderna alemã, os advérbios de afirmação e de negação, quando não integrados na sentença - isto é, *sim* e *não*, separados por vírgulas - são considerados como "partículas de resposta" (*Antwortpartikeln*). O não integrado na sentença - em alemão: *nicht* - é chamado de "partícula/palavra de negação" (*Negationspartikel/Negationswort*). Obviamente, todos estes vocábulos, que servem apenas para afirmar ou negar, são bem diferentes das FMs.

Outros "advérbios de afirmação" - por exemplo, *certamente*, *realmente* - e os "advérbios de dúvida" fazem parte da categoria dos "advérbios sentenciais" (veja 2.2.5.4).

Quanto aos "advérbios de intensidade", eles são classificados, modernamente, como intensificadores. Mas em

KOCH (1980) este grupo é mais abrangente, compreendendo vocábulos como *muito*, *pouco*, *quase*, *tão*, *apenas*. Em KOCH (1984) eles fazem parte da categoria dos "operadores argumentativos", que VIEIRA (1985) chama de "operadores de argumentação". Os vocábulos correspondentes alemães são considerados por HELBIG e BUSCHA simplesmente como *Partikeln*, enquanto ALTMANN (1976:2) os divide em *Gradpartikeln* (partículas de grau) e *Steigerungspartikeln* (partículas aumentativas). Concordo com HENTSCHEL e WEYDT (1989:11), que criticam estes termos e propõem, seguindo QUIRK e GREENBAUM (1984), os termos *Intensivpartikeln* (partículas intensificadoras) para vocábulos como *muito*, *enormemente*, *pouco*, e *Fokuspartikeln* (partículas focalizadoras) para elementos como *apenas*, *até* (em *até eu*), *também*.

Os outros advérbios foram diferenciados por LOBATO em advérbios de grau 1, grau 2 e grau 3 (1986:505). Veja:



Os advérbios de grau 1 correspondem aos advérbios de modo da gramática tradicional, os de grau 2 são os de

tempo e de lugar. Evidentemente, esta é uma representação simplificada.

Os advérbios de grau 3 têm sido chamados, mais comumente, de advérbios sentenciais (*sentence adverbs*). Os lingüistas alemães empregam, hoje em dia, o termo *Modalwort* (palavra modal; cf. LEHMANN e SPRANGER 1962; SAIDOW 1966; KRIVONOSSOV 1977a; HELBIG e BUSCHA 1988).

BELLERT (1977) subdivide os advérbios sentenciais em advérbios avaliativos (*felizmente*), modais ou epistêmicos (*provavelmente*), de domínio (*matematicamente*), conjuntivos (*entretanto* - cf. 2.2.4) e pragmáticos (*francamente*, *precisamente*).

HELBIG e BUSCHA (1988) usam os critérios "+- fatural" (isto é, a ação indicada pelo verbo foi realizada ou não), "+- referente ao falante", "+- referente ao sujeito da sentença" e "+- emocional" para subdividir as *Modalwörter*, sendo que o grupo daquelas que possuem o traço "+ emocional" corresponde aos advérbios avaliativos de Bellert.

Para os advérbios de grau 3 em geral, usarei o termo "advérbios sentenciais". Aqueles que indicam o grau de realidade de *p* (*talvez*, *provavelmente*, *realmente*) serão denominados "advérbios epistêmicos", reservando-se o termo "advérbios emocionais" para aqueles que expressam alguma emoção do falante (*felizmente*).

Depois desta sumária tentativa de esclarecimento a respeito dos advérbios, as diversas subclasses serão distinguidas das PMs.

### 2.2.5.1 Partículas intensificadoras e partículas focalizadoras

A única coisa que os dois grupos têm em comum com as FMs é que, de certa maneira, tanto as partículas intensificadoras (*Intensivpartikeln*) quanto as partículas focalizadoras (*Fokuspartikeln*) expressam uma avaliação, um julgamento, por parte do falante, podendo às vezes revelar uma atitude (p.ex., em "Ele só estuda"). Ao contrário das FMs, elas podem estar no início do enunciado e se referem sempre a um determinado elemento, antecedendo-o normalmente. Exemplos: muito grande, tão pequeno, quase nada, só hoje, sobretudo você, apenas fingimos.

### 2.2.5.2 Advérbios de grau 1 (de modo)

Embora estes advérbios geralmente não tenham sido considerados como avaliativos, eles expressam uma avaliação subjetiva por parte do falante. Como diz PARISI:

"... todos os advérbios... incluem uma parcela do julgamento do falante... A objetividade dos fatos está longe de ter aquela univocidade clara de uma expressão aritmética. Quando digo: 'Maria dirigiu-se lentamente para sua casa.' o conceito de lentidão é meu..." (1977:3-4)

Evidentemente, PARISI refere-se aos advérbios de modo - os quais foram chamados de "advérbios avaliativos referentes ao tipo de evento" por HUANG (1975, citado em VIEIRA 1985:102).

Fora essa parcela de subjetividade e o fato de não serem variáveis<sup>6</sup>, esses advérbios nada têm em comum com as

PMs, distinguindo-se delas por poderem estar em posição inicial e por poderem sozinhos constituir respostas.

Exemplo:

De que maneira ele disse isso? - Delicadamente.

### 2.2.5.3 Advérbios de grau 2 (de tempo, de lugar)

Os advérbios de lugar e parte dos advérbios de tempo (*aqui, ontem*) expressam fatos objetivos, sem nenhuma atitude do falante. Uma outra parte dos advérbios de tempo, porém, revela um julgamento (p.ex., *já, raramente*). Mas estes vocábulos, ao contrário das PMs, podem ter posição inicial, e muitos podem ser respostas. Exemplos:

Wann ist sie gekommen? - Spät.  
(Quando ela chegou? - Tarde.)

Schon heute früh hatte ich Kopfschmerzen.  
(Já hoje de manhã tive dor de cabeça.)

### 2.2.5.4 Advérbios sentenciais

Grande parte destes vocábulos expressa avaliações (*certamente*) ou sentimentos (*infelizmente*), mas eles se diferenciam das PMs pelas mesmas razões dadas nos dois itens anteriores. Veja:

Kommt er? - Wahrscheinlich./Leider.  
(Ele vem? - Provavelmente./Infelizmente.)

## 2.2.6 Quadro dos vocábulos invariáveis alemães

Tendo explicitado as diferenças entre as PMs e as outras palavras invariáveis, apresento um quadro sinótico com as características de cada uma das diversas categorias.

	* 1	* 2	* 3	* 4	* 5	* 6	* 7	* 8	* 9	* 10	* 11
a) expressa atitude, avaliação			X			X	X	(X)	(X)	X	X
b) pode estar em posição inicial		X		X	X	X	X	X	X	X	
c) pode ser resposta	X							X	X	X	
d) forma um sintagma junto com outros vocábulos				X			X	X			
e) está separado do enunciado por uma pausa ou constitui sozinho um enunciado	X		X							X	

Legenda: \* 1 - Part. de resposta (*ja, nein, doch*)  
 \* 2 - Part. de negação (*nicht*)  
 \* 3 - Interjeições  
 \* 4 - Preposições  
 \* 5 - Conjunções  
 \* 6 - Advérbios conjuntivos (*allerdings*)  
 \* 7 - Part. intensific. e focalizadoras  
 \* 8 - Adv. de grau 1  
 \* 9 - Adv. de grau 2  
 \* 10 - Adv. sentenciais  
 \* 11 - PMs

O quadro mostra que, entre aqueles vocábulos invariáveis que expressam alguma atitude ou algum julgamento subjetivo (condição (a)), as PMs são os únicos que não preenchem nenhuma das outras condições, constituindo, portanto, um grupo à parte.

## 2.3 O problema dos homógrafos

### 2.3.1 Homógrafos com funções sintáticas diferentes

Embora as explicações anteriores e o quadro sinótico mostrem que as PMs se distinguem das outras palavras invariáveis, há mais uma dificuldade. É que todas as PMs têm homógrafos, que podem, ao mesmo tempo, ser homófonos. Isto é, existem vocábulos que não são PMs, mas que têm a mesma grafia. Quando pronunciados isoladamente, eles são completamente homófonos; em enunciados, contudo, há às vezes diferenças, pois as PMs não são acentuadas, enquanto alguns de seus homógrafos em alguns casos o são.

Segue uma lista com as PMs e as funções que seus homógrafos preenchem.

PM	Funções dos homógrafos
aber	conjunção
auch	partícula focalizadora
bloss	adjetivo; partícula focalizadora; conjunção
denn	conjunção; partícula de comparação
doch	conjunção; partícula de resposta
eben	advérbio de tempo, adjetivo
eigentlich	adjetivo
einfach	adjetivo; advérbio de modo
etwa	partícula focalizadora
halt	verbo (imperativo)
ja	partícula de resposta
mal	advérbio de frequência
nicht	partícula de negação
nur	partícula focalizadora; conjunção
ruhig	adjetivo; advérbio de modo
schon	advérbio de tempo
überhaupt	partícula focalizadora
vielleicht	advérbio sentencial
wohl	advérbio de modo; partícula separável de verbo; parte de conjunção copulativa (arcáico)

Foi constatado que as PMs formam uma classe ou subclasse de vocábulos invariáveis. Todavia, nem sempre é fácil perceber se uma das palavras listadas acima é usada na função de PM ou numa outra função. Isto se deve a dois fatos: 1º) segundo a condição (b) do quadro sinótico, os vocábulos pertencentes às classes que preenchem esta condição podem estar em posição inicial, o que implica que eles não precisam estar nessa posição. Quando ocorrerem num outro lugar dentro do enunciado eles podem não ser distinguíveis das PMs (cf. os exemplos abaixo); 2º) preenchendo a condição (d), as partículas intensificadoras e as focalizadoras, assim como os advérbios de grau 1 (de modo), formam um sintagma junto com outros vocábulos, mas antes de se fazer uma análise do enunciado nem sempre está claro se esta condição é preenchida. Por isso, podem ser observados casos como os seguintes:

- (1) Wir gehen nur einkaufen.
- (2) Geht 'nur einkaufen!
- (3) Geht nur 'einkaufen!
- (4) Sie sitzen ruhig am Tisch.
- (5) Setzt euch 'ruhig hin!
- (6) Setzt euch ruhig 'hin!

Estes enunciados podem ser traduzidos da seguinte maneira,

ou seja, o falante nativo os compreende mais ou menos assim:

- (1') Nós só vamos fazer compras.
- (2') Só vão fazer compras!
- (3') Podem fazer compras.
- (4') Eles estão sentados tranquilamente à mesa.
- (5') Sentem-se tranquilamente!
- (6') Podem sentar-se.

Em (1) e (2), *nur* é uma partícula focalizadora. Em (2), ela é acentuada; em (1), ela não é, mas pode ser acentuada. Em (3), *NUR* é PM, não acentuada.

Em (4) e (5), *ruhig* é um advérbio de modo, não acentuado em (4), acentuado em (5). Em (6), *RUHIG* é uma PM, não acentuada.

Estes exemplos, nos quais as sentenças (2) e (3) assim como (5) e (6) são gramatical e lexicalmente idênticas, mas semanticamente diferentes, mostram que para se decidir se, por exemplo, *NUR* e *RUHIG* são PMs, é preciso levar em conta a acentuação, e muitas vezes - sobretudo em textos escritos, sem indicações de acento - também o contexto e o tipo de sentença (declarativa, interrogativa, imperativa)<sup>7</sup>. Por exemplo, *nur* não pode ser FM em sentenças declarativas; por isso, em (1) o acento não influi. Mas visto que, em sentenças imperativas, *nur* pode ser FM ou partícula focalizadora, às vezes só o acento pode desambigüizar o enunciado; em outros casos, o contexto é suficiente.

A existência de homógrafos faz com que possam surgir enunciados onde o mesmo vocábulo é usado duas vezes, lado a lado, como em:

(7) Norddeutschland ist eben eben. Da können Sie nicht bergsteigen. (O norte da Alemanha é plano. Lá você não pode escalar montanhas.)

(8) Ihr könntet ruhig ruhig sein, wenn Papi schläft. (Vocês bem que poderiam ficar quietos, quando papai estiver dormindo.)

que são enunciados um pouco rebuscados, mas possíveis (exemplos tirados de KEMME 1979:12). Nos dois casos, o primeiro dos dois homógrafos é a PM, que não é acentuada.

Devido ao fato de que todas as PMs têm homógrafos, WEYDT (1969:51) considera que elas não formam uma classe de palavras (*Wortklasse*), mas uma "classe funcional"

(*Funktionsklasse*), pois o que as distingue dos seus homógrafos é sua função.

### 2.3.2 Há PMs acentuadas?

Nas páginas anteriores, foi dito várias vezes que as PMs não são acentuadas. De fato, esta é uma característica mencionada por todos os autores. Ocorre, contudo, que alguns dos vocábulos arrolados na lista do item 2.3.1 em alguns casos têm um acento forte (*Starkton*), sem que preencham uma das outras funções mencionadas, isto é, quando têm uma função tipicamente moduladora.

Existem, então, duas soluções possíveis: ou estabelecer mais uma classe de palavras - que poderia ser denominada, por exemplo, "partículas modais acentuadas" -, ou aceitar exceções à regra de que as PMs não são acentuadas,

KRIVONOSSOV (1977) não abre mão da falta de acento nas PMs, de modo que aqueles vocábulos que são acentuados, não são considerados como PMs. Por exemplo, o *doch* acentuado é classificado como *Modalwort*. As ocorrências acentuadas de *bloss* e *eben* simplesmente são ignoradas por ele, da mesma forma que o *ja* acentuado em enunciados com estrutura de imperativo e o *denn* acentuado em perguntas.

WEYDT (1965:25) diz que só trata das partículas não acentuadas, mas mais adiante menciona várias PMs acentuadas e afirma que, na maioria dos casos, a presença ou ausência do acento determina seu significado (p. 47), sem,

porém, explicar se as partículas acentuadas são PMs (pp. 45-6). A bem da verdade, no seu resumo das características das PMs, WEYDT não inclui o acento (p. 68). Todavia, em WEYDT (1977:218), o autor, referindo-se a seu trabalho de 1969, declara que as PMs "são inacentuadas (esta característica não foi mencionada na definição final, mas sempre esteve pressuposta implicitamente)" (sic!).

KRIVONOSSOV (1977b:196) reafirma que as PMs não são acentuadas.

ASBACH-SCHNITKER, ao contrário, acha que as outras características das PMs são prioritárias, de modo que, por exemplo, o *wohl* acentuado deve ser incluído nessa classe (1977:57).

LÜTTEN (1977), que analisa as diversas funções de 31 partículas, não distingue nitidamente entre essas funções, ou seja, não esclarece se em tal ou tal ocorrência o vocábulo é uma PM ou se pertence a outra classe de palavras. Quanto ao acento, a autora apenas constata que, no caso de *doch*, ele pode tirar a ambigüidade (*op. cit.*: 243). Citando também um enunciado no qual *ja* é acentuado, ela se esquece de mencionar este fato (*ibid.*: 265).

Segundo BUBLITZ (1978:37), as PMs não podem ser acentuadas. O *denn* acentuado é considerado como advérbio (p. 62, nota 14), *bloss* acentuado não é mencionado, *eben* acentuado é considerado *Modalwort*, e sobre *ja* BUBLITZ diz significativamente: "Quero deixar em aberto a questão de saber a que classe de palavras o *ja* acentuado pertence." (p. 102) Mas o *eigentlich* acentuado é admitido como caso

específico entre as PMs (p. 112-5); *eigentlich*, além de poder levar um acento, pode estar em posição inicial.

KEMME (1979:15-7) afirma que a PM "normalmente não é acentuada" e que as partículas *ja*, *nur* e *bloss*, quando acentuadas, não são PMs no sentido restrito. As outras partículas acentuadas não são mencionadas por este autor.

FRANCK (1979a), que não fornece uma definição das PMs, admite o *ja* acentuado no rol destas partículas, mas não considera *schon* acentuado como PM. Outros vocábulos acentuados não são mencionados pela autora.

Contrariando a definição dada em WEYDT (1977:218, veja *supra*), WEYDT e HENTSCHEL (1983) classificam como PMs os seguintes vocábulos acentuados: *aber* (na expressão *Aber aber!*), *bloss*, *denn*, *doch*, *eben*, (quando equivale a um enunciado), *eigentlich* (inclusive em posição inicial), *ja*, *schon* e *wohl*. Isto é, esses autores têm uma concepção mais abrangente das PMs.

DOHERTY (1985) nem define as PMs nem dá uma lista dessas partículas - que ela chama de *Einstellungspartikeln* (partículas atitudinais) -, mas na sua análise ela inclui partículas acentuadas como *doch*, *denn* e *wohl*, dedicando até um capítulo inteiro a elas (*op. cit.*: 69, 86ss.).

Ao meu ver, a solução da questão de saber se há PMs acentuadas ou não é a seguinte:

Os vocábulos que, devido ao conjunto de características mencionadas em 2.2.6, formam o grupo das PMs, em princípio não são acentuados. Aplicando-se as características, chega-se à lista das PMs indicada em 2.2.

Uma vez formado este conjunto, constata-se que alguns de seus componentes podem ser acentuados. Então, é preciso verificar caso por caso se estes vocábulos acentuados se assemelham às PMs. Na minha opinião, os homógrafos acentuados *bloss/nur*, *ja* e *denn* - estando integrados na oração sem pausas - devem ser considerados como variantes de PMs, enquanto os outros casos mencionados por WEYDT E HENTSCHEL (1983) são discutíveis.

### 2.3.3 A polifuncionalidade das PMs e o problema do significado geral

Como foi visto no item 2.3.1, há homógrafos que se distinguem das PMs por terem funções nitidamente diferentes, embora às vezes seja preciso levar em conta a acentuação ou o contexto para descobrir sua função. Em 2.3.2, foi dito que há homógrafos que podem ser considerados como PMs sem terem todas as características destas; são as PMs acentuadas. Finalmente, há ainda o fato de que quase todos aqueles vocábulos homógrafos - e até homófonos - que são indubitavelmente PMs preenchem diversas funções, ou possuem diversos significados. De que maneira deverá ser tratada esta questão? Se, por exemplo, *DOCH* - como PM - tem várias funções, este vocábulo deverá ser tratado como se fosse várias PMs homógrafas, ou como uma PM com diferentes funções?

FRANCK (1979a:172), RALL (1981), HELBIG e BUSCHA (1987) e ENGEL (1988), por exemplo, chamam estes homógrafos

de "variantes"; outros (p. ex. BUBLITZ 1978) simplesmente falam das diversas funções de uma mesma PM.

Uma atitude diferente tem KÖNIG (1977:117) que recomenda tentar manter o número de divisões o menor possível e partir da suposição de uma função  *grosso modo* uniforme. Também DOHERTY (1985:7, 66) postula um único significado básico para cada PM, o qual sofre modificações devido ao contexto.

Entretanto, como não há dúvida de que as PMs - quase todas - preenchem mais do que uma única função - o que ficará patente no decorrer do presente trabalho -, concordo com aqueles que dividem cada PM em variantes. Certamente é interessante, e até importante, de um ponto de vista teórico, descobrir um denominador comum, um significado básico para todas as variantes de cada PM, mas quando se quer explicar e ensinar o uso das PMs - e seus possíveis equivalentes numa outra língua - é imprescindível recorrer a uma noção como "variante" e explicitar todas as nuances possíveis (cf. itens 3 e 4)<sup>8</sup>.

O problema de um significado geral (*übergreifende Bedeutung*) não somente das variantes de uma mesma PM, mas de todos os homógrafos de um determinado vocábulo, já foi colocado por WEYDT (1969:52-60). O autor se perguntou se não existe um significado geral subjacente a todas as funções - quer de adjetivo, quer de conjunção ou de PM - da mesma palavra. Em 1969, WEYDT não ousou ainda dar uma resposta definitiva, mas WEYDT e HENTSCHEL (1983) estão convictos de que esse significado geral existe e o indicam no seu

"Kleines Abtönungswörterbuch", embora não lhes fosse possível descobri-lo em todos os casos.

Entre estas duas publicações, o mesmo caminho foi tomado por outros autores. LÜTTEN (1977) mostrou que o caráter adversativo da conjunção *aber* é mantido na PM *ABER*. IWASAKI (1977:68) viu que a PM *NOCH* contém um elemento temporal como ocorre com o advérbio *noch*. BUBLITZ (1978:49, 55, 66) afirmou que há uma relação estreita entre *aber* como conjunção e como PM, entre o advérbio sentencial *vielleicht* e a PM *VIELLEICHT* e entre *etwa* como advérbio e como PM.

Finalmente surgiu, em 1986, um estudo diacrônico (HENTSCHEL 1986) que teve como objetivo principal comprovar não só a existência de PMs no antigo e no médio alto alemão, mas sobretudo a base semântica comum de algumas PMs e seus homógrafos. Segundo a autora, esta base comum - o significado geral - pôde ser demonstrada no caso das quatro PMs examinadas: *JA*, *DOCH*, *EBEN*, *HALT*. Evidentemente, não é possível aqui quer refutar quer confirmar este resultado da pesquisa. Mas a própria autora às vezes deixa entrever, através de suas formulações, que ela admite a falta de uma certeza total (cf. "Desta maneira, pode-se supor...", *op. cit.*: 49; "parece mais provável", *ibid.*: 171). Estas incertezas não diminuem de modo algum o grande valor desse trabalho minucioso de HENTSCHEL, e, de qualquer maneira, sem tal pesquisa, a procura do significado geral fica ainda mais especulativa.

Por outro lado, quero reafirmar minha opinião de que, para estrangeiros, e até para falantes nativos, a

explicação das variantes é muito mais importante do que a descoberta de um significado geral (cf. nota 8). Pode ser interessante saber que, por exemplo, o vocábulo *eben* tem o significado básico de "igual" (*gleich*), mas esse conhecimento certamente não ajuda na compreensão do seu significado como PM, que é aproximadamente: "as coisas são assim mesmo e não se pode fazer nada" (cf. WEYDT 1969:40; WEYDT e HENTSCHEL (1983:9). De menos auxílio ainda é a constatação de que o significado básico de *doch* é o elemento "adversatividade", visto que 1º) esta adversatividade manifesta-se de várias maneiras, sendo reduzida no uso inacentuado do vocábulo, isto é, na sua função como PM (cf. HENTSCHEL 1986:147); e que 2º) *doch* pode ser usado em enunciados e contextos tão diversos quanto:

Mach das doch nicht! (Não faça isso!)  
 Das weißt du doch. (Você sabe isso, não sabe?)  
 Ich kenne ihn doch gar nicht. (Mas eu não o conheço.)  
 Sprich doch mit deinem Vater! (Fala com seu pai./ Por que você não fala com seu pai?)

#### 2.4 A Modalidade Subjetiva

Uma das principais características das PMs, mencionada por vários autores, é que elas expressam alguma atitude, disposição de espírito ou emoção do falante. Por isso, é preciso discutir a noção de "modalidade subjetiva".

KRIVONOSSOV (1977a), tendo apresentado as diversas concepções de modalidade na lingüística russa, diz que

concorda com a de VINOGRADO. Nessa concepção, há em todo enunciado inevitavelmente uma modalidade objetiva, que é expressada através da estrutura gramatical e da entoação; ela se divide em modalidade assertiva, interrogativa e imperativa. Além dela, existe a modalidade subjetiva, que é caracterizada pelo posicionamento do falante em relação ao seu enunciado ou pela expressão das emoções do falante acerca do conteúdo do enunciado. Enquanto a modalidade objetiva, para KRIVONOSSOV, é uma categoria obrigatória, a subjetiva é considerada facultativa, porque ela só aparece quando o falante deseja expressar sua atitude (*op. cit.*; 59). Ainda segundo este autor, as FMs não são os únicos sinais do "significado subjetivo-modal". Também "o contexto (a situação), o caráter de ligação entre as réplicas dos interlocutores, a escolha das palavras e outros meios" (*ibid.*: 85, nota 2) sinalizam este significado.

WEYDT (1969:60-6) também distingue duas modalidades, porém, com menos clareza. Ele diferencia entre dois níveis da língua: o nível da descrição (*Darstellungsebene* - com o que o autor certamente quer dizer "nível proposicional") e o nível da intenção (*Intentionsebene*). No primeiro, fatos de todos os tipos são expressados, e vocábulos como os advérbios e as conjunções servem para determinar mais exatamente as circunstâncias destes fatos. No segundo nível, é expressada a atitude do falante em relação ao que está dizendo. Como meios de expressão desta atitude são usados, por exemplo, gestos, o riso, a altura da voz, a entoação, a ordem das palavras - e

as PMs (ou a "modulação", a *Abtönung*), as quais são usadas paralelamente aos outros meios. Em seguida, WEYDT pretende mostrar que os advérbios sentenciais epistêmicos - que ele chama de *Modaladverbien* e entre os quais ele incluiu a partícula de negação *nicht* - pertencem ao primeiro nível, enquanto a modulação ocorre no segundo, o que o leva a introduzir a distinção entre "modalidade adverbial" e "modalidade da modulação". Esta última corresponde, portanto, à "modalidade subjetiva" de KRIVONOSSOV, ao passo que a primeira faria parte da "modalidade objetiva" do autor russo. Quando não são usados advérbios, na concepção de WEYDT aparentemente não há modalidade na *Darstellungsebene*.

Muito mais rica e correta é a análise da modalidade feita por BUBLITZ (1978:1-9). Lembrando as diversas distinções estabelecidas entre as funções da linguagem por autores como Bühler, Jakobson, Halliday e Hymes, BUBLITZ diferencia entre três tipos de modalidade. Na "modalidade cognitiva", o falante se posiciona em relação ao grau de concordância do conteúdo da proposição com sua própria percepção da realidade; isto é, ele vai dizer se a proposição é verdadeira, falsa, provável, etc. Como meios lingüísticos, concorrem para esse posicionamento as partículas de afirmação e de negação, o modo verbal, os advérbios sentenciais epistêmicos, os verbos modais e os tipos de sentenças.

Quando o falante expressa sua vontade de modificar o comportamento do ouvinte ou uma situação, trata-se da "modalidade volitiva".

Para o terceiro tipo, BUBLITZ escolhe o termo "modalidade emotiva". Ela não se refere, entretanto, apenas às emoções. Ela existe quando o falante exprime suas suposições e atitudes relacionadas com os conhecimentos mutuamente atribuídos aos interlocutores, com suas expectativas, emoções e relações sociais. Os meios lingüísticos empregados são, em alemão, preferencialmente as PMs, mas também perguntas pospostas<sup>9</sup> (*Vergewisserungsfragen*), o acento enfático, a entoação e outros.

BUBLITZ já chamou a atenção para a profusão de termos e divisões existentes no campo da modalidade (1978:7, nota 7), e isto fica patente em HARDEN (1983a:14-18). Este autor cita WRIGHT (1951), que distingue quatro tipos de modalidades: as aléticas (modalidades da verdade), as epistêmicas (modalidades do saber), as deônticas (modalidades da obrigação) e as existenciais (modalidades da existência). Enquanto as aléticas e as existenciais são modalidades objetivas, as duas outras contêm um componente subjetivo e um componente objetivo. Citando CALBERT (1975:iss.), HARDEN diz que na modalidade objetiva se trata de uma avaliação dos fatos, ao passo que na modalidade subjetiva ocorre uma avaliação da avaliação e que nela o falante pode transmitir informações muito mais pessoais - especialmente emoções - do que na modalidade objetiva<sup>10</sup>. Como já o fez BUBLITZ, HARDEN frisa que a modalidade subjetiva, mais do que a objetiva, é uma função interpessoal da linguagem, na qual está em jogo a relação do falante com o interlocutor (*op. cit.*:16, 50ss).

Embora os autores citados difiram na terminologia e na divisão das modalidades, todos concordam que as PMs, ao lado de elementos supra-segmentais, como a entoação, e paralingüísticos, como os gestos, são meios de expressão da modalidade subjetiva.<sup>11</sup>

**Representação esquemática das diversas concepções da modalidade, como expostas em obras sobre PMs**

KRIVO NOSSOV (1977a)	! modalidade objetiva ! (obrigatória) ! (assertiva/interrog./imperativa)	! mod. subjetiva ! (facultativa)	
meios:	! estrutura sintática, entoação	! PMs, entoação, contexto, escolha de palavras, etc.	
WEYDT (1969)	! nível de descrição ! modalidade adverbial	! nível de intenção ! modalidade da modulação	
meios:	! advérbios modais, ! partícula de ! negação	! PMs, entoação, elementos paralingüísticos	
BUBLITZ (1978)	! mod. cognitiva	! mod. volitiva	! mod. emotiva
meios:	! partículas de afirmação/negação, advérbios sentenci-ais, verbos modais, etc.		! PMs, perguntas postas, acento enfático, entoação, etc.
HARDEN (19831)	! mod. alética ! (objetivas)	! m. existencial	! m. deontica ! m. epistémica
meios:		! objetivas	! subjetivas ! (m. subjet.)
			! PMs, entoação ! elementos paralingüísticos

Há ainda uma pergunta, feita por BUBLITZ e por HARDEN, a respeito da modalidade: Será que existe um enunciado sem modalidade subjetiva, isto é, neutro? Responde BUBLITZ:

"Numa situação de fala, o falante não pode emitir um enunciado sem revelar ao mesmo tempo como ele se posiciona em relação ao conteúdo do enunciado e ao seu [do falante - HAW] lugar na situação de fala." (1978:9-10, nota 10)

E HARDEN conclui que um enunciado neutro

"Só pode ser um construto obtido através de um processo de abstração, e (...) não corresponde a enunciados reais. (...) Não é preciso postular um enunciado neutro, e as PMs podem ser classificadas como elementos entre outros (entoação, gesticulação, mímica, etc.) no campo das possibilidades de expressão da modalidade subjetiva." (1983a:18-9)<sup>12</sup>

Ambos os autores criticam, portanto, KRIVONOSSOV e WEYDT, que haviam postulado um nível neutro dos enunciados, ao qual seriam acrescentadas as PMs - e outros meios - para expressar emoções e atitudes. Segundo BUBLITZ e HARDEN, a omissão de uma PM onde sua ocorrência seria possível também é reveladora da atitude do falante.

De fato, na interação não há enunciados neutros - quando se entende por "neutro" algo que não revela nenhuma atitude pessoal -, pois a maneira de falar, a entoação, o tom, a maneira de estruturar os enunciados, a escolha das palavras, tudo isso deixa entrever a atitude do falante: por exemplo, sua formalidade, seu desinteresse, seu nervosismo, sua raiva, seu carinho, seu respeito, sua vontade de dominar, sua timidez.

Por isso, seria possível abandonar a distinção entre as modalidades objetiva e subjetiva, a não ser que se queira entender por modalidade objetiva algo como o conteúdo proposicional do enunciado (junto com a indicação do tipo básico de sentença: declarativa, interrogativa ou imperativa), e por modalidade subjetiva as expressões de atitudes pessoais. Por exemplo:

a) modalidade objetiva

$p$  = Maria vir amanhã.

Dec<sup>13</sup>  $p$  = Maria vem amanhã.

Int  $p$  = Maria vem amanhã?

Imp  $p$  = Maria, venha amanhã.

b) modalidade subjetiva (exemplos)

Ms<sub>x</sub> Dec  $p$  = Evidentemente, Maria vem amanhã.

Ms<sub>x</sub> Int  $p$  = Será que Maria vem amanhã?

Ms<sub>x</sub> Imp  $p$  = Por favor, Maria, venha amanhã.

DOHERTY (1985), que não menciona o conceito de "modalidade", propõe uma solução diferente e muito interessante. A autora introduz o conceito de "significado posicional" (*positionale Bedeutung*), afirmando que em qualquer enunciado o falante toma posição ou mostra uma atitude. Todos os meios lingüísticos que expressam atitudes (*Einstellungen*, E) são chamados de "meios de expressão posicionais". Entre estes meios, a autora conta até a asserção e a não-asserção (isto é, a interrogação e o imperativo), a afirmação e a negação, além de advérbios sentenciais, o acento contrastivo e a entoação (*op. cit.*: 15, 35, 62). A relação assertiva/não-assertiva de um "portador de atitude" para com uma atitude é chamada de "modo atitudinal" (*Einstellungsmodus*, EM) (*ibid.*: 30), e

este "EM" está presente em qualquer sentença<sup>14</sup>. O "EM" indica se, na opinião do falante,  $p$  e a atitude perante  $p$  são verdadeiras. A notação da autora é a seguinte:

EM ( $E(p)$ )

"EM" pode ser Ass (assertivo) ou não-Ass (não-assertivo), mas sempre expressa a opinião do falante. "E" é a atitude quer do falante ( $s$ ), quer de outra pessoa ( $x$ ). Assim, é possível ter, p. ex.,

Ass ( $E_s(p)$ )  
 não-Ass ( $E_x(p)$ )

Enunciados como "*Er ist verreist*" (Ele viajou), "*Ist er verreist?*" (Ele viajou?) e "*Er ist vermutlich verreist*" (Suponho que ele tenha viajado) serão representados, respectivamente, por:

Ass ( $pos_s(p)$ )  
 não-Ass ( $pos_s(p)$ )  
 Ass ( $neg_s(p)$ )  
 Ass (SUPOSIÇÃO<sub>s</sub>( $p$ ))<sup>15</sup>

Segundo DOHERTY, as PMs, denominadas *Einstellungspartikeln* (partículas atitudinais), expressam uma segunda atitude, acrescida à estrutura básica do significado posicional ( $EM(E_x(p))$ ), ou seja, na ocorrência de uma PM há os elementos EM - E1 - E2 -  $p$  (op. cit.,: 62). Um enunciado alemão como "*Ist Konrad etwa verreist?*" (Não me diga que Konrad viajou) terá a seguinte notação:

não-Ass ( $pos_x(p)$ ) e IM ( $neg_s(p)$ )

Isto é, o enunciado é não-assertivo e positivo (ou afirmativo, sendo que a afirmação não é a do falante), mas ele implica (=IM) uma atitude negativa do falante, ou melhor, o falante expressa seu desejo de que Konrad não tenha viajado.

Embora esta análise e as notações sejam muito interessantes e, em princípio - mas não nos detalhes - corretas, não as adotarei no presente trabalho. Mais detalhes a respeito da modalidade subjetiva serão dadas no item 2.6.

## 2.5 As PMs e a Entoação

No item anterior, foi mencionado várias vezes o papel da entoação. Cabe aqui uma discussão mais detalhada e mais ampla da relação entre as PMs e a entoação.

Nessa discussão, devem ser examinadas três questões:

- 1º) A entoação pode ser considerada como um meio lingüístico com funções semelhantes - ou iguais - às das PMs?
- 2º) A entoação muda quando são empregadas as PMs?
- 3º) A entoação modifica o significado destas partículas?

KRIVONOSSOV responde à primeira pergunta afirmativamente. Para ele, "o significado subjetivo-modal é expressado (...) primordialmente pela entoação" (1965b:576)<sup>16</sup>. Existe, segundo o autor russo, uma entoação neutra, sem expressão emotiva. Mas qualquer enunciado pode ser proferido com uma entoação diferente, possuindo então um significado subjetivo-modal. As PMs são apenas um outro meio para transmitir este significado<sup>17</sup>. Quando elas são usadas, a entoação continua diferente da entoação neutra, mas "com o aparecimento da PM (...), a entoação do enunciado não

precisa, para poder expressar o mesmo significado subjetivo-modal, ter uma coloração tão emocional" (*ibid.*: 585). Com estas afirmações, as perguntas (2) e (3) também estão respondidas: Quando se emprega uma PM, a entoação necessariamente muda. Visto que a PM apenas acompanha a entoação, seu significado muda com a alteração desta.

Embora KRIVONOSSOV tenha feito pesquisas detalhadas sobre este assunto, a postulação de uma entoação neutra é insustentável - pelo menos no que diz respeito a diálogos, à interação - como observa muito bem HARDEN (1983b:34). Da mesma maneira, a afirmação de que a entoação pode ter o mesmo efeito que o emprego de uma PM é no mínimo exagerada, senão errada. O próprio KRIVONOSSOV, ao tratar de *DOCH*, reconhece que "neste caso a entoação sozinha não seria capaz de transmitir o significado subjetivo-modal necessário" (*op. cit.*:584)

SCHUBIGER, no seu artigo de 1965, trata da entoação, mas apenas da inglesa, afirmando que existe uma "correspondência semântica entre partículas [isto é, PMs - HAW] e certos padrões tonais do inglês" (1972:1974). Uma única vez, ela assinala que a entoação em alemão pode variar, causando, no caso citado, "maior vivacidade" (*ibid.*:180, nota 9).

No seu amplo estudo das PMs, WEYDT (1969) não leva em conta a entoação, distinguindo apenas entre partículas acentuadas e não-acentuadas. Porém, quando observa que uma mesma PM - não-acentuada - pode ter significados diferentes, dependendo do tipo do enunciado (assertivo/interrogativo),

implicitamente ele admite que com a entoação o significado das PMs muda, já que asserções e perguntas normalmente têm padrões de entoação diferentes (*op. cit.*: 37). Fora isso, o autor somente declara que provavelmente em todas as línguas a atitude do falante em relação ao que está dizendo é expressada, entre outros meios, pela entoação (*ibid.*: 61). Portanto, esta tem funções semelhantes às das PMs. Acerca da segunda pergunta feita acima, o autor nada diz.

OPALKA (1977a), tendo explicado o que entende por "entoação", critica as análises de PMs feitas por IWASAKI (1977) e por KÖNIG (1977), pelo fato de não levarem em consideração a entoação. Exemplificando com a descrição minuciosa da entoação de dois enunciados, o autor enfatiza que existe "uma relação estreita entre a situação de comunicação, o padrão de entoação nela empregado e uma determinada PM" (*op. cit.*:255) e que, por exemplo, "noch mais a entoação oracional permite diversos atos de fala" (*ibid.*:262). Assim, na opinião de Opalka, a entoação modifica o significado das PMs. Quanto às primeira e segunda perguntas, elas não são respondidas. Todavia, em OPALKA (1977b:150), o autor afirma que a modulação (*Abtönung*) pode ser expressa por diversos meios lingüísticos, entre eles a entoação.

No seu exaustivo estudo contrastivo, RUBLITZ (1978) não entra em detalhes acerca da entoação, nem no alemão, nem no inglês, de modo que as duas últimas perguntas não são respondidas. Mas a primeira recebe uma resposta afirmativa.

"Mostrou-se que todos os fenômenos listados acima (entoação, acento, perguntas postostas, tipo de sentença, negação, verbos empregados parenteticamente e interjeições) também podem ser usados no alemão em funções iguais e para a expressão das mesmas atitudes do falante." (*op. cit.*:227)

Por outro lado, ao contrário de KRIVONOSSOV, BUBLITZ não acredita que a entoação sozinha possa fazer o mesmo efeito que as PMs. Para ele, as PMs "contribuem de maneira autônoma para a interpretação não só pragmática como também semântica de um enunciado... As PMs e a entoação complementam-se, isto é, não se substituem mutuamente." (*ibid.*:39)

Na opinião de FRANCK (1979a), entretanto, em muitos casos o uso da PM é redundante, isto é, a mesma informação já pode ser depreendida do contexto ou da entoação (*op. cit.*:32). Quer dizer que a entoação - ou o contexto - pode fazer o mesmo efeito que determinada PM (*ibid.*:256). Embora a autora, no seu trabalho, não tenha levado em conta a entoação, ela expressa ainda as opiniões de que: 1º) a ocorrência de certas PMs pode coincidir com determinadas variantes entoacionais, ou seja, às vezes a PM só é usada junto com uma certa entoação; 2º) em alguns casos, só a entoação permite distinguir as diversas variantes semânticas de uma mesma PM (*ibid.*:257).

HARDEN (1983a), no capítulo inicial de sua análise das PMs *EIGENTLICH* e *ÜBERHAUPT* - na qual também não leva em conta a entoação - manifesta as seguintes convicções a respeito dela: PMs não podem substituir a entoação, mas elas modificam o padrão entoacional. PMs e a entoação estão estreitamente ligadas à atitude emocional do falante. Certos

padrões entoacionais podem substituir PMs (*op. cit.*:32,35).

Concluindo este item, quero dar as seguintes respostas às três perguntas iniciais:

1º) Todos os autores concordam que a entoação tem funções semelhantes àquelas preenchidas pelas PMs, quais sejam: expressar atitudes e emoções. Porém, ao meu ver há um exagero quando alguns (KRIVONOSSOV, FRANCK, HARDEN) afirmam que a entoação sozinha pode comunicar a mesma coisa que as PMs, de modo que estas seriam às vezes redundantes (cf. FRANCK, *op. cit.*: 32). Evidentemente, para comprovar que minha posição é correta, seria necessária uma pesquisa na qual falantes nativos deveriam confirmar que o uso das PMs muda o efeito comunicativo dos enunciados. Tal pesquisa, contudo, ultrapassaria os limites do presente trabalho<sup>18</sup>. Mas, na minha opinião de falante nativo, as PMs sempre acrescentam mais uma nuance, mesmo quando a atitude geral já é indicada pela entoação. Não há nenhuma variante entoacional que possa substituir totalmente as PMs. Por exemplo, um diretivo - em forma de imperativo - como "*Komm her!*" (Venha cá!) pode ser abrandado pela entoação, mas nunca fará a mesma impressão no ouvinte que um enunciado como "*Komm mal her!*" ou "*Komm doch her!*".

2º) Ainda não existem pesquisas capazes de responderem à segunda pergunta, a de saber se a entoação muda quando são empregadas PMs. Até agora, todas as afirmações dos autores são baseadas apenas na sua competência de falantes nativos - ou, no caso de KRIVONOSSOV, de estudiosos da língua alemã. Aliás, este

último imaginou, e apresentou na sua Dissertação, esquemas entoacionais, mas não analisou gravações de conversas autênticas. Na falta de pesquisas sérias e abrangentes, devemos nos contentar, por enquanto, com impressões. Na minha opinião, enunciados sem FM geralmente têm uma entoação diferente do que os mesmos enunciados com FM, e nesses casos o efeito comunicativo, evidentemente, é diferente. Mas nos casos em que a entoação sozinha pode transmitir uma mensagem semelhante à da FM, o enunciado com ou sem FM pode ter a mesma entoação. Por exemplo, quando um pai quer expressar sua insatisfação diante o fato de que o filho ainda não fez o dever de casa, os dois enunciados alternativos provavelmente terão a mesma entoação:

Hast du deine Hausaufgaben noch nicht gemacht?

Hast du deine Hausaufgaben etwa noch nicht gemacht?

(Você ainda não fez o seu dever de casa?)

30) Faltam pesquisas também para se saber se a entoação modifica o significado das PMs em geral. Sem dúvida, este significado pode mudar quando a entoação muda, mas isto nem sempre acontece<sup>19</sup> e, sobretudo, quando ocorre, não está claro se a variação no significado é causada apenas pela entoação ou pelo contexto. Só quando se analisa o mesmo enunciado, proferido no mesmo contexto, mas com variações entoacionais, é que se pode verificar se estas variações provocam mudanças no significado da FM (cf. FRANCK 1979a:257).

## 2.6 As funções das PMs

Na Introdução foi dada uma das possíveis definições das PMs, e no item 2.4, foi dito que as PMs servem para expressar a modalidade subjetiva. Mas é preciso explicitar um pouco mais este ponto.

Antes de iniciar a discussão, uma observação a respeito do termo "funções". Geralmente, os autores que tratam das PMs usam-no tanto quanto o termo "significado". Por exemplo, WEYDT (1969) considera que as PMs constituem uma "classe funcional", ou seja, existem vocábulos que possuem várias funções, e em uma delas esses vocábulos são PMs. Por outro lado, o mesmo autor diz que todas as PMs têm pelo menos mais um significado, além da modulação (*op. cit.*:59). O que implica que elas têm não só uma função, mas também um significado. Em LÜTTEN (1977:200,215), os dois conceitos também não são diferenciados. A autora fala, por exemplo, do "aspecto semântico-funcional" e da "polissemia ou polifuncionalidade".

Obviamente, o uso dos dois conceitos justifica-se quando se concebe que as PMs são um tipo de vocábulo que tem um significado básico e várias funções, uma das quais é a da modulação.

Mas mesmo o emprego indiscriminado dos dois termos nos mesmos contextos - como acontece nos autores citados - é compreensível, pois eles representam duas maneiras de dizer

a mesma coisa:

1º) Cada PM tem um ou vários significados, já que seu emprego significa algo; por exemplo, que o falante está irritado ou educado ou esperando uma resposta positiva.

2º) Cada PM preenche uma ou várias funções, quais sejam, expressar as diversas atitudes ou estados de espírito do falante.

Por isso, no presente trabalho também uso às vezes um, às vezes o outro termo.

E impossível resumir as funções das PMs numa única constatação. Tentando ser sucinto, WEYDT (1969:68) na sua "definição final" das PMs, afirma que elas caracterizam a atitude do falante perante o seu enunciado (*Stellung des Sprechers zum Gesagten*). Seria necessário explicar essa definição. Provavelmente WEYDT quis dizer que as PMs mostram ao ouvinte como ele deve interpretar o enunciado, isto é, que elas são indicadores da atitude do falante na situação em que se encontra e que motivou seu enunciado. Mas as PMs têm ainda outras funções.

HENTSCHEL (1986) considera que as PMs têm uma função indicadora. Para esta autora, elas são "dêiticos metacomunicativos", isto é, elas fazem referência à situação de comunicação. E HENTSCHEL explicita: as PMs revelam "o estado emocional do falante e a maneira pela qual este relaciona seu enunciado com o contexto, com a fala dos interlocutores e com suas [do falante - HAW] suposições a respeito do estado emocional, dos conhecimentos, opiniões, etc., do outro" (*op. cit.*:278).

De maneira semelhante expressam-se HELBIG e BUSCHA (1987:476): as PMs "são indicadores de determinados atos de fala, ou servem para fixar o enunciado no contexto conversacional, para modificar o ato de fala conforme a intenção do falante, ou para guiar o processo interpretativo do ouvinte e a interação, ou - de maneira geral - relacionar o enunciado e o ato de fala com os fatos da interação".

Entretanto, tudo isto é muito abstrato. Por isso, darei a seguir alguns exemplos das funções das PMs<sup>20</sup>:

**A - A PM revela um estado emocional:**

a) *ABER*<sub>1</sub> indica surpresa:

Du bist aber gewachsen!  
(Como você cresceu!)

b) *BLOSS*<sub>1</sub> expressa certa inquietação, quando o falante faz uma pergunta mais a si mesmo do que a um eventual interlocutor; o ato de fala "pergunta (pedido de informação)" torna-se um ato de fala "pergunta retórica" ou "expressão de inquietação".

Wie soll ich das bloss bezahlen?  
(Como é que vou pagar isso?)

c) *EIGENTLICH*<sub>1</sub> indica agressividade; é usado quando o interlocutor, ou melhor, o agente da ação (AA)<sup>21</sup> já incomodou várias vezes:

Was wollen Sie eigentlich?  
(O que o sr. quer afinal?)  
Können Sie eigentlich nicht lesen?  
(Não sabe ler?)

d) *ETWA*<sub>1</sub> expressa o temor de que algo de indesejado aconteça ou tenha acontecido; diante desta expectativa - e haja vista a preferência do falante por uma resposta

negativa - está implícita um crítica ao AA; caso o interlocutor seja o AA, esta PM só pode ser usada se o falante for de nível social igual ou superior ao do ouvinte

Hast du etwa den Brief verloren?  
(Não vai me dizer que perdeu a carta!)

e) *SCHON*<sub>1</sub> revela impaciência:

Nun gehen Sie schon!  
(Saia, vá!)

f) *VIELLEICHT*<sub>1</sub> expressa surpresa:

Der fährt vielleicht rasant!  
(Como ele corre, puxa vida!)

#### B - A PM muda o tipo de ato de fala

Sem a PM, o enunciado teria uma determinada força ilocucionária; com ela, ocorre um ato de fala diferente. Nestes casos, a PM é um indicador ilocucionário (II). Mas é preciso fazer uma distinção. Há casos em que somente a PM muda - e, deste modo, indica - o ato de fala (por exemplo, *NICHT*<sub>1</sub> - veja *infra*). Há outros em que a entoação pode determinar, e indicar, a força ilocucionária, de forma que, na linguagem falada, a PM é apenas um indicador ilocucionário auxiliar, o qual se torna novamente o II principal em textos escritos, já que nestes falta a entoação (exemplos: *AUCH*<sub>1</sub>, *BLOSS*<sub>1</sub>).

a) *AUCH*<sub>1</sub>: faz de uma pergunta verdadeira uma pergunta retórica na qual estão implícitas uma explicação e uma crítica

A: Mir ist ganz schlecht.  
B: Warum trinkst du auch soviel?  
(A: Estou passando mal.  
B: Também - por que você bebe tanto)

b) *BLOSS*<sub>1</sub>: cf. A.b

c) *NICHT*<sub>1</sub> faz de uma pergunta uma constatação; ao mesmo tempo, o falante pede a confirmação, o acordo, do interlocutor:

Ist das nicht schrecklich?  
(Não é horrível)

d) *RUHIG*<sub>1</sub> faz de uma ordem uma autorização ou um conselho, deixando claro que não há problema:

Gehen Sie ruhig nach Haus.  
(Pode ir para casa.)

e) *WOHL*<sub>1</sub> faz de uma afirmação uma suposição; ao mesmo tempo, espera-se uma reação do ouvinte:

Du hast wohl zuviel getrunken.  
(Parece que você bebeu demais.)

C - A PM estabelece uma relação com um ato de fala, ou ato qualquer, anterior, de outra pessoa

a) *AUCH*<sub>2</sub>: em respostas a uma constatação do interlocutor, esta PM mostra que o falante concorda com a constatação e quer dar uma explicação e deixar claro que ele não está surpreso.

A: In den Bergen schneit es schon.  
B: Da ist es auch kälter als hier.  
(A: Nas montanhas já está nevando.)  
B: Claro, lá está mais frio do que aqui.)

b) *DENN*<sub>1</sub> é usado em perguntas motivadas por um ato ou enunciado anterior; o falante prefereria uma resposta negativa:

A: Kannst du mir ein bisschen was leihen?  
B: Bist du denn schon wieder pleite?  
(A: Você pode me emprestar um pouco de dinheiro?)  
B: Você está duro de novo?)  
(exemplo de FRANCK 1979a:221)

c) *DOCH*<sub>1</sub> expressa uma atitude adversativa; isto é, esta PM é usada quando o falante quer refutar uma atitude/idéia/opinião do interlocutor; está implícita uma leve crítica ao ouvinte ou uma auto-defesa do falante:

A: Warum hast du mir das nicht früher gesagt?

B: Ich weiss es doch auch erst seit vorhin.

(A: Por que você não me disse isto antes?

B: Eu também só fiquei sabendo agora pouco.)

(exemplo de FRANCK 1979a:180)

d) *EBEN*<sub>1</sub> é usado em respostas a um enunciado do interlocutor quando se quer expressar a idéia de que o que está sendo dito é inevitável, que não há outra possibilidade; o falante ou está resignado ou quer induzir o ouvinte a se resignar:

A: Das Buch ist unheimlich teuer.

B: Dann kauf ich's eben nicht.

(A: O livro é caríssimo!

B: (Bom,) então não compro.)

A: Ich hab nicht genug Geld, um das Buch zu kaufen.

B: Dann kauf's eben nicht.

(A: Não tenho dinheiro suficiente para comprar o livro.

B: Então não compre.)

e) *JA*<sub>1</sub> é usado em respostas nas quais o falante avalia, empregando adjetivos, o que o interlocutor disse; por um lado, a resposta é uma expressão ou exclamação de surpresa, por outro lado, o falante pressupõe ou deseja que o interlocutor concorde com sua avaliação:

A: Bei der Explosion sind zehn Menschen ums Leben gekommen.

B: Das ist ja furchtbar.

(A: Na explosão, morreram dez pessoas.

B: Que horror!)

f) *ÜBERHAUPT*<sub>1</sub> significa que o falante duvida que existam os requisitos necessários para que se torne realidade o que o interlocutor disse:

A: Gerd repariert den Fernseher.

B: Versteht er überhaupt etwas davon?

(A: Gerd está consertando a televisão.  
B: E ele entende disso?)

D - A PM estabelece uma relação com a resposta do ouvinte, isto é, o falante tem uma determinada expectativa ou preferência

a) *AUCH*<sub>3</sub>, em perguntas, revela a preferência do falante por uma resposta positiva; está implícita uma repreensão caso a resposta seja negativa; só pode ocorrer numa pergunta que seja uma reação a alguma ação do interlocutor:

(quando a mãe volta das compras, a filha pergunta:)

Hast du mir auch etwas mitgebracht?

(Você trouxe alguma coisa para mim?)

(exemplo de BUBLITZ 1978:122)

b) *DENN*<sub>1</sub>: cf. C.b

c) *ETWA*<sub>1</sub>: cf. A.d

d) *NICHT*<sub>1</sub>: cf. B.c

e) *WOHL*<sub>2</sub>: expressa a preferência do falante por uma confirmação daquilo que ele deseja. Em:

Hat er wohl die Telefonrechnung bezahlt?

(Será que ele pagou a conta telefônica?)

ele deseja uma resposta afirmativa. Em:

Wird er wohl Unsinn machen?

(Será que ele vai fazer bobagens?)

ele deseja uma resposta negativa.

(exemplos de HARDEN 1983b:46)

Visto que só algumas das PMs estabelecem uma relação com uma fala, anterior ou posterior, do interlocutor, mas que todas são usadas para expressar alguma

atitude - de modo que esta é a sua função principal - vou chamá-las de "indicadores atitudinais".

Por "indicadores atitudinais" entendo todos aqueles meios que servem para expressar a modalidade subjetiva, ou seja, este meu conceito é uma abreviatura de "meios de expressão da modalidade subjetiva".

Ao contrário de DOHERTY (cf. 2.4), não considero como atitude do falante a sua escolha entre asserção, não-asserção, suposição, etc. Como já propus em 2.4, a atitude é algo que é acrescentado ao conjunto formado por  $p$  e pelo tipo básico de sentença (declarativa, interrogativa, imperativa). Este conjunto será chamado de  $p+tb_s$  (proposição mais tipo básico de sentença). Para mim,  $p$  abrange não somente fatos concretos, mas também expressões explícitas de sentimentos e pensamentos, de modo que  $p$  pode ser, por exemplo, "eu não ter medo", "você querer vir", "eu querer que Paulo venha", "vocês sair"<sup>22</sup>. Junto com a indicação do tipo básico de sentença ( $tb_s$ ), essas proposições podem resultar em:

Eu não tenho medo.  
 Você quer vir?  
 Eu quero que Paulo venha.  
 Saíam.

O indicador atitudinal - seja ele uma PM, a entoação ou outro - é acrescentado a  $p+tb_s$  e pode mudar o tipo de ato de fala, ou apenas acrescentar alguma nuance.

O termo "atitude" abrange estados emocionais (surpresa, inquietação, agressividade, etc.) e atitudes em relação ao interlocutor (por exemplo, o desejo de ser polido, o desejo de obter uma confirmação, a intenção de criticar ou de tranquilizar).

Dado que as PMs são apenas um entre vários tipos de indicadores atitudinais, a distinção entre elas e outros meios de expressão de atitudes - como os advérbios sentenciais "emocionais" e "pragmáticos", os marcadores conversacionais (cf. 3.3) ou os *hedges* (cf. G. LAKOFF 1972; BROWN e LEVINSON 1978:150-2) - deve ser feita em termos sintáticos. Para as PMs alemãs, esta delimitação é relativamente fácil (cf. 2.2). Mesmo assim, seria interessante fazer um estudo amplo para diferenciar entre os quatro tipos de indicadores atitudinais mencionados aqui, e para verificar suas semelhanças. Tal estudo, porém, não pode ser realizado no quadro do presente trabalho.

### 3. AS PMS DO PORTUGUES

#### 3.1 Será que existem PMs no português?

Desejar responder a esta pergunta não implica incorrer no erro cometido pela gramática tradicional ao adotar os mesmos critérios de classificação para todas as línguas. Não pretendo impor ao português uma categoria de palavras que existe como tal no alemão<sup>1</sup>, mas talvez não na língua falada no Brasil. Porém, gostaria de examinar se há algumas formas lingüísticas que preenchem todos os - ou pelo menos a maioria dos - critérios de definição das PMs.

Ao fazer isso, é preciso levar em conta dois fatos: 1º) a estrutura das sentenças nas duas línguas é diferente, de modo que o critério de posição não-inicial das PMs pode ter um peso menor; 2º) no português não há vocábulos que mudem de significado ou função apenas em consequência de serem ou não serem acentuados.

Examinando dicionários, gramáticas, livros didáticos e obras literárias (cf. Apêndices 4 e 5), constatei que foram usadas, para traduzir as PMs alemãs, principalmente os seguintes vocábulos portugueses: *acaso, afinal, cá, e, então, lá, mas, mesmo, ora, não, simplesmente*, assim como as locuções *é que, pois então, pois que e será que*.

Antes de examinar algumas destas formas lingüísticas em detalhe e de discutir a questão de saber se

elas podem ser consideradas como PMs, quero verificar como elas, ou outros elementos suspeitos de serem PMs, têm sido tratadas pelos gramáticos e lingüistas.

Nas gramáticas tradicionais, alguns desses vocábulos são listados entre as "palavras de classificação à parte" (KURY 1972:187), tendo recebido, entre outras, a denominação "partículas de realce".

### 3.2 Partículas de realce e outras "palavras de classificação à parte"

Ainda em 1985, CUNHA e CINTRA adotam o termo "palavras denotativas", introduzido, segundo eles, por OITICICA (1947), para um certo número de palavras que são "por vezes de classificação difícil" (1985:541), embora eles reconheçam que o termo é impróprio porque "'denotar' é próprio das unidades lexicais em geral" (*ibid.*:540). Essa "classe" é dividida em "palavras que denotam, por exemplo": inclusão, exclusão, designação, realce, retificação, situação.

Entre estas subclasses, devemos olhar mais de perto apenas as de realce e de situação, pois as palavras agrupadas nas outras obviamente não podem ser PMs, por razões sintáticas ou semânticas. As de realce são *cá, lá, é que, só*, as de situação são *afinal, agora, então, mas*. Infelizmente, os autores dão somente um exemplo para cada palavra e não oferecem nenhuma explicação.

O mesmo ocorre em KURY (1972:187s.), que não estabelece a subclasse de situação nem a de designação, mas cita na de realce: *lá, ora, é que, ainda, só, mas e logo.*

CLARISSE (1969) faz uma classificação - completamente insatisfatória - de algumas palavras polifuncionais, sem explicar o critério de seleção dessas palavras. São: *aí, apenas, assim, bem, e, então, meio, nada, pois, que.* Apenas *aí* e *que* são considerados, em uma de suas funções, como partículas expletivas, por exemplo, em "*Aí pela noitinha*" e em "*Que Deus o ajude!*". A *assim*, CLARISSE atribui somente as funções de advérbio de modo, de advérbio de intensidade e de adjetivo; a *mesmo*, as de advérbio de modo e de preposição acidental.

ROSA (s.d.), que não se preocupa em apresentar uma classificação das palavras, já dá uma pequena explicação para o emprego de alguns desses vocábulos (*então, e, mas, hein, será, que*), denominados por ele de "partículas de avivamento". Sobre *mas*, por exemplo, o autor diz: "pode introduzir o assunto ou indicar admiração" (*op.cit.:166*).

Quem, entre os gramáticos tradicionais, melhor trata dessas palavras é ALI (1971; a primeira edição data de 1930!). Este autor chama certas partículas e expressões de "expressões de situação", cuja definição se assemelha bastante com uma parte da definição das PMs:

"Elas atendem ora ao ambiente creado [sic] pela presença do ouvinte, ora à situação determinada pelos acontecimentos, ora à disposição do espírito em virtude de considerações anteriores quer da pessoa que fala, quer do ouvinte." (1971:30)

São arroladas entre as "expressões de situação":  
*mas, então, agora, sempre, felizmente, afinal/enfim/finalmente, pois é, pois sim, pois não, olhe, que quer, você sabe, sabe, é verdade, mas se, se. Mas,* por exemplo, pode indicar impaciência, reprovação, estranheza, surpresa. O interessante é que ALI percebe, como BUBLITZ (1978) para o alemão, a estreita ligação entre a conjunção adversativa e a partícula:

"Posto que a palavra *mas* pressuponha, como as conjunções em geral, a menção anterior de algum conceito ou pensamento que ela vem contradizer, usa-se entretanto, em diálogos, muitas vezes a adversativa sem que se prenda a palavras proferidas quer pelo orador, quer pelo parceiro (...); a referência se faz à situação determinada pelo colóquio ou pelos acontecimentos." (*ibid.*:31)

E ele interpreta a réplica "Mas quem é tal pessoa?" da seguinte maneira, colocando entre parênteses os pensamentos do falante: "(O que você responde não é novidade), mas (o que me deve dizer é) quem é tal pessoa." (*ibid.*:32)

Embora as observações de ALI sejam muito interessantes, é evidente que as "expressões de situação" não constituem uma categoria. Há nelas advérbios sentenciais como *felizmente*, advérbios conjuntivos como *afinal/enfim/finalmente* e marcadores conversacionais como *agora* e *olhe*.

De qualquer modo, quase todos os vocábulos mencionados neste item têm normalmente posição inicial, e por isso não poderiam ser considerados como FMs, pelo menos não como FMs típicas (cf. 2.4).

Apenas aí - embora não no exemplo citado por CLARISSE - cá, lá, logo, sempre e só, assim como a expressão é que, podem ter posição não-inicial.

Aí será tratado mais adiante.

Quanto a cá, o exemplo em CUNHA e CINTRA (*op. cit.*:541) é: "Eu cá tenho mais medo do sol do que dos leões". O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (NDLP), considera cá como "expletivo da primeira pessoa" e dá o seguinte exemplo: "Repete-me cá o que disseste." Fica claro que cá - embora possa ter uma função moduladora, expressando a modalidade subjetiva, não pode ser uma PM, pois só é usada a respeito da primeira pessoa - e uma tal limitação não existe no caso das PMs. Além disso, esse cá não faz parte da linguagem coloquial.

O exemplo dado para lá em CUNHA e CINTRA (*ibid.*:540) é: "Pior eu sei lá, Manuel, pior que uma desgraça!" O NDLP diz o seguinte acerca da função não-adverbial de lá.

"Partícula de realce, reforço, que anteposta ou posposta a um verbo, lhe imprime a idéia de começo imediato de ação: *Lá vou eu!*, ou que se usa, não raro com valor afetivo, após o pronome oblíquo referente à pessoa com quem se fala: *Cante-me lá como foi a festa; Diga-nos lá o que sabe do caso;* ou que, conforme a entoação que se lhe dê, assume, pelo menos aproximadamente, o valor de um advérbio de negação: *Sei lá; Lá inventar potocas, isso ele não faz; Mas isso é lá possível!...*"

Devido a essa polifuncionalidade, o lá não-adverbial é um candidato sério a PM e será examinado mais

adiante.

Quanto a *logo*, numa frase como "Não está vendo logo que ela não lhe dá atenção?" (KURY 1972:187), parece que se trata simplesmente de um advérbio de tempo, não de uma partícula de realce, quanto menos de uma PM. Em outras ocorrências, quando não é advérbio de tempo nem conjunção, *logo* é sinónimo de *justamente* ou *ainda por cima* (cf. NDLP) e é bastante expressivo - revelando no falante o sentimento de reprovação, de não-conformação - mas não pode ser uma PM porque só se refere a um determinado sintagma, não à sentença inteira (p.ex.: "Por que logo eu?", "logo agora"). Este *logo* pode ser traduzido por *gerade*, que é uma partícula focalizadora.

*Sempre* é considerado por ALI como uma das expressões de situação, e o autor dá as seguintes explicações:

"Na notícia alvissareira teu amigo Pedro chega sempre amanhã a partícula põe termo à dúvida em que eu estava até agora. Se recebemos esta informação o doente sempre escapou, é que a moléstia tinha sido tão grave, que já o dávamos por irremediavelmente perdido." (op.cit.:36)

Não é preciso entrar em detalhes para verificar se este *sempre* poderia ser uma PM, pois, segundo a intuição de falantes nativos, neste uso a partícula não pertence ao português falado no Brasil, e por isso fica fora do âmbito deste trabalho.

Para só, KURY dá o exemplo: "Veja só que tolo!". Esta partícula, embora expressando emoção, não poderia ser

uma PM no sentido restrito, porque normalmente é acentuada. Além disso, seu emprego é bastante limitado (cf. 3.16a).

Finalmente, a expressão *é que* - como em "Quando é que você volta?" - é arrolada entre as partículas ou expressões de realce por vários autores. Todavia, não sendo um vocábulo, ela não pode ser uma PM. Isto não quer dizer que ela não tenha características das PMs. De fato, será mostrado mais adiante que ela pode ser usada na tradução de *DENN*, principalmente.

As observações feitas neste item mostraram que não há um consenso entre os gramáticos da língua portuguesa do que sejam partículas de realce ou expressões de situação, e que os elementos listados como tais pertencem a várias classes funcionais.

### 3.3 Marcadores conversacionais

Algumas das formas lingüísticas citadas no item anterior têm sido consideradas pelos estudiosos da Análise do Discurso como marcadores conversacionais. Surge, então, a pergunta se os marcadores conversacionais (MCs), porventura, são PMs, ou se as PMs são MCs, ou se as duas categorias não se confundem.

A resposta a uma tal indagação depende, evidentemente, da definição do termo "marcador conversacional". Infelizmente, os autores não são inteiramente unânimes, e às vezes até se contradizem.

Segundo SCHIFFRIN (1982:1), por exemplo, marcadores são elementos que iniciam enunciados e que são sequencialmente dependentes ("*discourse markers, that is, utterance-initial elements which are sequentially dependent*"; cf. também a definição *ibid.*:36). Mas a mesma autora cita também o estudo de QUASTHOFF, no qual são mencionadas algumas PMs, e diz que *Quasthoff (1979) analyzes markers in German: na ja, eben, halt, ja, doch.*" (*ibid.*:72). Porém, apenas *na ja* é um típico MC, os outros vocábulos são PMs, que não são usadas no início dos enunciados. Portanto, ou SCHIFFRIN se refere a QUASTHOFF por engano, ou sua definição de MCs não é bastante abrangente.

Para MARCUSCHI (1986), existem MCs verbais, não-verbais e supra-segmentais. Os verbais, que nos interessam aqui, são sinais do falante ou do ouvinte, mas, de qualquer maneira, são ou "pré-posicionados" ou "pós-posicionados", isto é, colocados no início ou no final de "turno ou de unidade comunicativa" (1986:68). As PMs, portanto, não poderiam ser incluídas entre os MCs, visto que elas ocorrem tipicamente no meio dos enunciados.

SILVA e MACEDO (1988), analisando alguns MCs, que elas chamam também de "rodeios", afirmam que são "conectivos ao nível do discurso" e analisam formas como *ah, bom, aí, né*. Mais uma vez percebe-se que as PMs - que não são tipicamente conectivos - não cabem no rol dos marcadores.

Mas as mesmas autoras, invalidando sua definição, consideram também assim como MC ou "rodeio", sem explicitar, contudo, que esta palavra não é um conectivo. Considerando

que assim não é apenas uma "marca de hesitação" mas, ainda segundo SILVA e MACEDO, poderia ter uma "função básica de atenuador da assertividade do locutor", ele talvez seja uma PM - o que verificarei em 3.4.

MAGALHÃES (1988:7), por sua vez, afirma que os MCs "podem iniciar ou finalizar o turno. Mais comumente, porém, eles marcam os limites da unidade informativa". Visto que as unidades informativas "se realizam como 'grupos de força', correspondendo aproximadamente à extensão da oração" (*ibid.*), MAGALHÃES delimita a possibilidade de ocorrência de MCs aproximadamente da mesma maneira que os autores mencionados acima, de modo que não deveriam ser considerados como MCs elementos que ocorrem no meio da oração ou da unidade de força. Todavia, a autora considera também como MC a palavra *ai* naquelas ocorrências que se observam no meio de orações, como em "cont'*ai* pra menina" e em "cham'*ai* o R.N.F." (*ibid.*:34). Voltarei a este assunto em 3.5.

Tratando de MCs, SCHIFFRIN (1982:45) diz que HYMES (1974:150) discute "*modal particles*", o que poderia levar a pensar que PMs são MCs, ou vice-versa. Na verdade, HYMES não usa o termo "*modal particle*", mas apenas afirma que partículas iniciais podem definir a modalidade (*mood*) daquilo que segue (*ibid.*). Ocorrendo necessariamente no início, tais partículas, de qualquer maneira, não podem ser PMs.

Concluo que as PMs alemãs não são MCs, uma constatação que é corroborada pelo fato de que em alemão existem, além das PMs, os elementos correspondentes aos MCs

estudados pelos autores citados. MARCUSCHI até baseou sua apresentação dos marcadores num estudo de REHBEIN (1979) sobre os MCs alemães (cf. MARCUSCHI, *op.cit.*:66).

Falta frisar o seguinte: quando estes autores falam em posição inicial ou final, eles não explicam que a maioria dos MCs não faz parte dos enunciados ou das unidades informativas. Só em MARCUSCHI, que usa os termos "pre-posicionado" e "pós-posicionado", este fato fica claro, e ele é percebido, naturalmente, através da observação de exemplos como *bem, bom, aí* ou *né, tá, entende, que*, via de regra, são separados dos enunciados ou unidades informativas por pausas na fala e por vírgulas na escrita, seja no início, seja no final. Alguns MCs, como por exemplo *né*, freqüentemente aparecem no meio de unidades informativas, mas eles constituem nitidamente interrupções, o que fica patente na entoação ascendente, como em "pode passá→né→o Gardenol" (MAGALHÃES, 1988:21). Esta separação dos MCs - que, a bem da verdade, não ocorre em todos os casos, por exemplo não com *e* e *mas* - é mais uma característica que os distingue das PMs, mesmo daquelas que podem ser colocadas no início do enunciado.

### 3.4 O caso de *assim*

O que interessa aqui não é *assim* enquanto advérbio, significando "desta maneira", nem na sua função de adjetivo, por exemplo, em "um homem *assim*", mas numa

terceira função, como nos seguintes exemplos, tirados de uma entrevista. Em (9) é o entrevistador que fala, em (10) é o informante.

(9) você conhece assim algum museu no exterior que tenha lhe chamado a atenção? (PU 76/125-6)

(10) inclusive naquele centro de Belo Horizonte onde a gente costuma estar MAIS quando vai a Belo Horizonte dá uma sensação assim de largueza muito grande... (PU 74/54-6)

Se a transcrição é correta, parece que *assim* está integrado nos enunciados sem pausas antes ou depois de sua ocorrência. *Assim* também satisfaz a outros critérios da definição das PMs. Mas a pergunta importante é: Qual é a sua função?

SILVA e MACEDO (1988), que consideram *assim* como MC, afirmam que uma de suas funções é a de "atenuador de assertividade". Seria necessário definir o que é "atenuar a assertividade". É um ato mais ou menos consciente, através do qual o falante quer mostrar-se menos assertivo, menos seguro, mais humilde? Ou é um efeito inerente a uma determinada escolha entre as possibilidades lexicais e gramaticais existentes na língua, efeito não procurado pelo falante?

Por "efeito inerente" entendo o seguinte: embora, em geral, possam ser descobertos os motivos para o falante usar tal ou tal vocábulo ou construção sintática, sendo que ele é motivado pelo desejo de comunicar algo, do qual ele, às vezes, nem é consciente, há casos em que um efeito é

obtido sem a vontade, nem inconsciente, do falante. Por exemplo, apenas motivado pela vontade de não repetir várias vezes a mesma palavra, o falante usa um sinônimo, aceitando, mau grado seu - ou mesmo sem perceber - o fato de que esse sinônimo tem conotações diferentes.

Se por "atenuar a assertividade" se entende este efeito inerente, então *assim* certamente é um atenuador - quando se admite que a expressão "uma sensação *assim* de largueza" é menos assertiva do que "uma sensação de largueza".

Porém, normalmente entende-se por "atenuar a assertividade" um ato ou efeito desejado pelo falante, mesmo que inconscientemente. Os próprios SILVA e MACEDO reconhecem que se trata de um propósito do falante, ao dizerem que *assim*, na função discutida, serve para "preservar a sua imagem e a imagem do interlocutor".

As autoras referem-se a BROWN e LEVINSON (1978). Estes, todavia, não citam a assertividade - em todo caso, não em asserções ou em narrações - entre os "atos ameaçadores da face". Por outro lado, tratando da "polidéz negativa", eles afirmam que é preciso:

"evitar suposições a respeito de H [isto é, do ouvinte - HAW], de seus desejos, do que seja relevante ou interessante ou digno de sua atenção, isto é, manter uma distância ritual de H (BROWN e LEVINSON 1979:149).

E ainda:

"... princípios conversacionais são a fonte de fortes suposições acerca da cooperação, da informatividade, da veracidade, da relevância e da clareza, as quais muitas vezes têm que ser abrandadas por razões de face" (*ibid.*: 151).

Estas afirmações, bastante vagas devido a seu caráter geral, ficam mais claras quando os autores discutem os *hedges* como estratégias de abrandamento, dando exemplos na língua Tzeltal, com traduções para o inglês. Embora nenhum exemplo se assemelhe a (9) ou (10), poder-se-ia dizer, seguindo a linha de pensamento de BROWN e LEVINSON, que uma pergunta ou asserção formulada de maneira apodíctica, objetiva, seca, é uma ameaça à face do interlocutor, já que o falante se revela muito seguro de si, superior ao outro.

O atrandamento através da quebra da assertividade poderia, então, acontecer tanto em encontros assimétricos onde uma pessoa de algum modo superior quer aproximar-se da outra através da dissimulação da sua superioridade (cf. MAGALHÃES 1988:35) quanto nos casos em que o falante quer mostrar respeito pelo interlocutor, seja ele do mesmo nível ou de um nível mais elevado.

Em (9), o fator "respeito" pode ter um papel, pois o entrevistador se dirige a um informante que é de um nível social bastante alto (advogado, com muitas viagens ao exterior). Deste modo, ele pode ter usado *assim* para ser menos assertivo, mais humilde. Mas há dois argumentos contra esta explicação. Primeiro, num outro trecho da entrevista, a mesma pessoa se dirige ao interlocutor de uma maneira não muito educada: "escuta... se o senhor quisesse no caso mostrar a cidade de São Paulo..." (PU 75/103). Acredito que haja um consenso de que chamar a atenção do interlocutor através do uso de "escuta" não é um sinal de polidez, de respeito. Segundo, na maioria das vezes, essa mesma pessoa

demonstra bastante dificuldade para formular suas perguntas, hesitando e se corrigindo (por exemplo: "e na:: assim a:: a cidade não não sei como é que seria na Europa... existe a parte central e as outras partes assim de uma cidade o que que o senhor encontraria não sei se o senhor che/ chegou a ir::" - PU 84/489-492). E por essas duas razões que interpreto *assim* como elemento de hesitação.

Três outros fatos corroboram esta opinião.

1) *Assim* é usado algumas vezes pelo informante no meio de longos turnos narrativos, de sorte que não se explica por que ele deveria ser especialmente polido ou menos assertivo naquelas ocasiões do que no resto de sua fala.

2) Na grande maioria das vezes, *assim* ocorre junto com outros sinais de hesitação - como pausas e auto-correções -, sobretudo na fala de uma outra informante, de nível social mais baixo (professora primária; PU 59-72).

3) Embora eu não possua dados gravados, posso afirmar que *assim* é usado freqüentemente em conversas íntimas, entre cônjuges ou amigos íntimos, quando o respeito e a polidez têm um papel muito menor e a simples assertividade não pode ser considerada como um ato ameaçador da face.

SILVA e MACEDO, por sua vez, usam três argumentos para defender sua hipótese de que *assim* é um atenuador de assertividade. Tentarei rebater esses argumentos.

Primeiro, elas interpretam da seguinte maneira a constatação de que a partícula ocorre pouco em citações: "...

. não seria plausível que citações ditas, por exemplo, anos depois de um fato ter ocorrido, tivessem sido gravadas na memória e necessitassem de menor tempo para processamento... O baixo uso de *assim* em citações se explicaria, portanto, porque as citações são palavras colocadas na boca de outra pessoa, podendo o falante se eximir da responsabilidade do que diz e hesitar menos." (*op.cit.*:244-5)

Farece-me que há uma outra interpretação do fato discutido: uma vez que "*assim* ocorre quase que fixamente em posição sintática entre X e seu complemento: por exemplo, entre verbo e objetos ou adjuntos adverbiais, entre núcleo de sintagma nominal e seu qualificador, etc." (*ibid.*:245), pode-se argumentar que, quando o falante, ao fazer uma citação, se lembra de X, também se lembra do complemento de X - o que explicaria a falta de hesitação.

O segundo argumento é que a ocorrência de *assim* "entre Verbo e objeto ou entre X e seu modificador corresponde justamente à posição que antecede informações novas no discurso, que seriam então as informações a serem atenuadas para evitar que o falante parecesse autoritário ou muito assertivo" (*ibid.*).

A minha explicação é a seguinte: ao contrário do que acontece em citações, o falante, querendo exteriorizar seu próprio pensamento, precisa de tempo para dar forma lingüística às informações novas. Deste modo, a partícula é um "preenchedor de pausa" - da pausa necessária para planejar a fala subsequente - e por isso um "dispositivo auxiliar do planejamento" (MARTINS 1983:80ss.).

Finalmente, o fato de que "as mulheres adultas e os mais jovens empregaram mais freqüentemente essa forma" é interpretado pelas autoras da seguinte maneira: "Pela educação que recebem em nossa sociedade, as mulheres e os mais jovens devem ser menos assertivos que os homens e os mais velhos." (*ibid.*:245-6)

Eu proporia uma outra explicação: devido a diversos fatores, as mulheres e os jovens são, via de regra, menos seguros que os homens e por isso hesitam mais, usando mais freqüentemente *assim*.

Pelo exposto, considero a partícula em questão, em princípio, não como um atenuador de assertividade nem como um MC - já que ela ocorre no meio dos enunciados - mas como um "preenchedor de pausa", ou, para usar o termo de QUASTHOFF (1979: 39ss.), um "fenômeno de retardação" (*Verzögerungsphänomen*).

Isto não significa que *assim* não possa também servir, sobretudo em encontros assimétricos, para atenuar a assertividade. Afinal, "os elementos lingüísticos que são usados como meios de estruturação do discurso certamente fazem parte das expressões lingüísticas que têm o maior número de funções" (QUASTHOFF, *op. cit.*:44). Mas a função atenuadora é compartilhada por todas as pausas e todos os preenchedores de pausas, não podendo ser considerada a função principal dessa partícula. Por isso, mesmo considerando que certas PMs alemãs servem de atenuadores, sobretudo em sentenças imperativas, *assim* não é uma PM, como não são PMs os outros preenchedores de pausas.

Por coincidência, a tradução literal do advérbio *assim*, isto é, *so*, pode ter, no alemão, a mesma função de preenchimento de pausa, de retardação. *So* demonstra hesitação, a qual pode ser causada quer pela insegurança do falante, quer por sua vontade de ser menos assertivo.

Exemplos:

- a) ich hatte wirklich nich viel Zeit und war auch n bisschen wütend auf diese alte Tante hat so verglaste blaue Augen gehabt so n bisschen im Jenseits schon (ST: 78)
- b) dass wir eine Landschaft sind (...) die noch bis auch vor ganz kurzen Jahren (...) Ringerfeste gehabt hat aber keine grossen und larmenden sondern so versteckte (ST: 81)

### 3.5 Ai

Além de ser advérbio - com vários significados - e interjeição (cf. o NDLP), *ai* pode ser um marcador conversacional (MC), classificado de "seqüenciador" por SILVA e MACEDO (1986). MAGALHÃES (1989:30ss.) também chama *ai* de MC e descobre várias funções.

Porém, em uma de suas funções, *ai* deve ser classificado de outra maneira.

Veja os seguintes exemplos, tirados de MAGALHÃES (*op.cit.*:34):

- a) cont'ái pra menina ↘
- b) cham'ái o R.N.P.
- c) tá (+) trat'ái pra mim ↘
- d) sent'ái amô ↘

Diz a autora:

"O marcador *ai* pode também contribuir para mitigar a força pragmática convencionalmente associada ao imperativo. (*ibid.*: 33)

Concordo plenamente com esta afirmação sobre a função deste *af*. Em princípio, um MC pode ter várias funções. Contudo, conforme as definições, MCs estão no início ou final de uma unidade informativa (cf. 3.3), enquanto o *af* dos exemplos está no meio das unidades informativas<sup>4</sup>. Por isso, essa partícula não é um MC, mas sim uma PM.

PMs atenuando diretivos explícitos, isto é, enunciados na forma imperativa, existem também em alemão. São elas *DOCH*, *MAL*, *DOCH MAL*, principalmente (cf. WEYDT et al. 1983:96-110). Mas há diferenças entre estas e *af*. Embora sejam necessárias análises de um corpus mais amplo e mais variado antes de que possam ser feitas afirmações definitivas, parece que *af* é usado apenas na fala informal (cf. MAGALHÃES *op.cit.*:35), enquanto as PMs alemãs ocorrem também em registros relativamente formais - por exemplo, quando o pronome de tratamento formal *Sie* ("o senhor", "a senhora") é empregado.

Exemplos:

- e) (bitteschön) nehmen sie doch Platz<sup>5</sup>
- f) nehmen sie jetzt mal den Spiegel hier
- g) gucken sie mal
- h) jetzt stellen sie sich nur mal vor
- i) passen sie mal auf
- j) Nehmen Sie doch mal das grosse Wörterbuch!

Visto que *DOCH*, *MAL* e *DOCH MAL* expressam atitudes diferentes, não se pode dizer - mesmo desconsiderando as observações feitas acima - que *af* seja equivalente a estas PMs. Para constatar as semelhanças e as diferenças, padeceria um estudo contrastivo profundo, que não pretendo fazer aqui. Apenas quis mostrar que *af* pode ser considerado

como PM, com uma função semelhante a de algumas FMs alemãs.

### 3.6 Não

Quando *não* é analisado, ele só é estudado como advérbio de negação (cf. KNEIPP 1978), mesmo quando é chamado de "operador lógico" (cf. VIEIRA 1985: 80). Também o interessante estudo contrastivo de KOLLER (1989) só trata da negação.

Todavia, *não* possui diversas funções, além de servir para negar. Uma delas é mencionada em vários dicionários (NDLF, *Caldas Aulete*) e gramáticas (ALMEIDA 1989). No *Caldas Aulete (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa)*, por exemplo, lê-se:

"Segundo Castilho e alguns bons gramáticos, o *não* representa uma partícula interjeicional ou interrogativa, equivalente a *porventura*, como se vê em certas frases muito correntes como estas: De quantos erros *não* estão inçadas crônicas! Que má vontade *não* mostra êle pelo filho!"<sup>6</sup>

Este *não* é empregado em sentenças interrogativas QU<sup>7</sup> que têm a força ilocucionária de uma asserção afirmativa.

O mesmo tipo de enunciado existe no alemão, onde também se usa a partícula de negação, *nicht*. Na função examinada aqui, *nicht* não tem sido incluída entre as PMs, salvo por STANESCU (e talvez em trabalhos aos quais não tive acesso). Esta autora, procurando equivalências romenas para as PMs que ocorrem em perguntas, cita os enunciados "*Wen*

*haben wir dort nicht alles getroffen?*" e "*Was hat man da nicht alles gemacht?*". Segundo STANESCU, estas perguntas são exclamativas, generalizantes e revelando surpresa (1989:273).

Na verdade, todas as exclamações são, de certa forma, expressões de surpresa, na medida em que só se exclama - quer de felicidade, quer de raiva, etc. - quando ocorre algo não totalmente normal ou previsto. Ao meu ver, o falante expressa menos sua surpresa do que o sentimento de que *p* quase não é acreditável.

Se a autora considera o tipo de enunciado analisado aqui como "generalizante", é porque, nos exemplos dados, o falante pretende dizer que foram encontradas muitas pessoas e vistas muitas coisas. Nem sempre, porém, trata-se de uma generalização - se é que isso pode ser chamado de generalização. O que se quer afirmar nesses enunciados é que algo ocorre ou existe em grande quantidade ou em grande intensidade.

Quanto ao fato de STANESCU classificar estes enunciados como "exclamativos", não quero discutir aqui o que pode ser considerado uma exclamação. O importante é perceber que nesses enunciados o falante quer comunicar algo como: *p* em tanta quantidade ou intensidade que quase é incrível.

Embora às vezes seja possível emprestar essa força ilocucionária às perguntas através da simples entoação, sem o uso de *nicht*, como em:

(11) Was hab' ich (schon) (alles) erlebt!

(Quantas coisas (já) vivenciei!)

(12) Wie oft hab' ich dir das (schon) gesagt!

(Quantas vezes (já) te disse isso!)

na maioria das vezes emprega-se *nicht*, de modo que esta partícula se torna um indicador ilocucionário<sup>8</sup>.

Não pode ser usado ainda numa outra função, a qual não é mencionada em nenhum estudo, nem nos dicionários (mas cf. a nota 6). Estou falando do seu emprego em perguntas - sem pronome interrogativo, mas com entoação interrogativa - do tipo

(13) Você não é o filho de Roberto Andrade?

(14) Ela não é linda?

Este uso da partícula de negação é bastante comum, não só no português como também em outras línguas. Embora seu equivalente alemão *nicht* seja listado entre as FMs apenas por uma minoria de lingüistas (KRIVONOSSOV 1977a, KEMME 1979, FRANCK 1980, ENGEL 1988), não há dúvida de que se trata de uma FM<sup>9</sup>.

Nem *nicht* nem *não*, em enunciados do tipo (13) e (14), servem para negar. Através do emprego destas partículas, o enunciado, que tem a forma interrogativa, ganha um outro sentido, uma outra força ilocucionária. Mas é preciso diferenças entre (13) e (14). Sem *não*, ambos os enunciados são, de fato, perguntas. Com *não*, (13) expressa uma suposição do falante, ao mesmo tempo que um pedido de confirmação. (14) é a expressão não de uma suposição, mas de uma opinião, tendo em comum com (13) a expectativa de uma

confirmação, ou melhor, neste caso, de um sinal de concordância por parte do interlocutor. Estes enunciados podem ser interpretados assim:

(13) Eu suponho que  $p$ , e quero saber se tenho razão, esperando que você me dê uma resposta afirmativa.

(14) Eu penso que  $p$ , e espero que você concorde comigo.

Percebe-se que este *não* - como aquele examinado anteriormente - também é um indicador ilocucionário, pois indica que o enunciado em forma interrogativa deve ser entendido como, principalmente, uma asserção e, em segundo lugar, como um pedido de confirmação ou de concordância.

Como todas as PMs - e outras formas lingüísticas -, *não* permite uma economia na linguagem, pois resume num único vocábulo tudo aquilo que foi expresso em (13') e (14') - exceto, naturalmente,  $p$  (cf. KRIVONOSSOV 1983).

Além disto, *não* é importante para a interação. Ele faz com que seja possível usar uma pergunta em vez de asserções. E perguntas - mesmo sugerindo a resposta preferida - são mais cooperativas do que asserções. Elas facilitam o diálogo, revelando a intenção do falante de ceder o turno, e dão ao interlocutor a ilusão de poder responder livremente (cf. FRANCK 1979).

Esta última afirmação vale sobretudo para perguntas como:

(15) Você poderia falar mais baixo?

onde se trata, na realidade, de pedidos. No enunciado (15) pode ser incluído um *não*, sem que o sentido mude significativamente:

15.a) Você não poderia falar mais baixo?

Examinando os "graus de polidez na expressão de atos de fala indiretos", BROWN e LEVINSON afirmam que

"quanto mais esforço o falante faz no trabalho de preservação da face, tanto mais ele será visto como alguém que tenta satisfazer os desejos de face do ouvinte." (1978:148)

Uma outra maneira de explicar o uso da partícula de negação em enunciados do tipo (15.a) também é oferecida por BROWN e LEVINSON. Segundo estes autores, existe uma estratégia - "seja pessimista" - que objetiva mitigar uma ameaça à face negativa do ouvinte, ao expressar dúvida de que as condições para o ato de fala ser adequado (*appropriateness of the speech act*) estejam preenchidas. Uma das possibilidades de aplicar esta estratégia é fazer pedidos indiretos que contêm um "operador de probabilidade negada" como em "*You couldn't possibly...*" (*ibid.*:178).

Na verdade, esta explicação não é inteiramente convincente, pois (15.a) só é polido quando pronunciado num determinado tom - quase de súplica -, enquanto, com um outro tom, o enunciado seria sarcástico e, portanto, agressivo. O que, além de fatores supra-segmentais e paralingüísticos, influi na interpretação da atitude do falante é o conteúdo proposicional. Se *p* fosse, por exemplo, "você me emprestar seu carro", uma pergunta com *não* seria certamente vista como menos ameaçadora e mais polida - na concepção de BROWN e LEVINSON - do que sem *não* ("Você não poderia me emprestar seu carro?"). Talvez FRASER exagere quando diz:

"O que consideramos como comportamento polido - ou não polido - na interação normal está sujeito a

fatores imediatos e singulares, negociados dentro do contexto, e, desta maneira, não pode ser codificado de nenhuma maneira interessante." (1990:234)

Mas o fato é que as explicações de autores como os citados, ou como LEECH (1983), não são válidas em todos os casos.

Visto que (15.a) é ambíguo, não está claro de que maneira a partícula *não* deve ser interpretada ou classificada. Já que ela não contribui, univocamente, para a polidez, ela não pode ser um *politeness marker* (marcador de polidez), e como ela não é o fator preponderante na interpretação das duas atitudes opostas que podem estar expressas em (15.a), ela não pode ser um indicador atitudinal, não podendo ser considerada, portanto, como PM.

Um caso diferente é:

(16) Você não quer mais um pouco?

A respeito deste enunciado, encontrado em FAIRMAN (1980:65) como tradução de "*Wollen Sie nicht noch eine Tasse trinken?*", a autora afirma que "sem a negativa o enunciado teria uma forma indelicada, como em português". É preciso acrescentar que a sentença interrogativa (16) tem a força ilocucionária de uma oferta, enquanto

(16.a) Você quer mais um pouco?

podem ser uma oferta ou uma pergunta. Através do uso de *não*, o enunciado é desambigüizado, tornando-se uma forma polida de oferecer algo (cf. LEECH 1983:108-10). Ao contrário do que acontece em enunciados do tipo (15), *não* é essencial para deixar clara a intenção do falante. Assim, a partícula é, neste caso, um indicador atitudinal.

Em conclusão: além da função negadora, não pode ter várias funções, algumas das quais são típicas das FMs, ou seja, este vocábulo português pode ser um indicador atitudinal e um indicador ilocucionário de atos de fala indiretos. Em todas essas funções, não é o equivalente de *nicht*.

### 3.7 Simplesmente

O significado básico deste advérbio é "de maneira simples", sendo que "simples" pode ser o oposto tanto de "complicado" quanto de "sofisticado//luxuoso/ostentativo".

Assim, são imagináveis enunciados como:

- (17) O palestrante explicou o problema da inflação bem simplesmente.
- (18) Apesar de rica, ela se veste simplesmente.

Na verdade, o advérbio em (18) não se refere ao verbo (vestir-se) mas sim à roupa da pessoa, que não é luxuosa. Quanto a (17), parece que o advérbio *simplesmente* é usado mais raramente do que as locuções *de maneira simples* e *com simplicidade*.

De qualquer modo, na maioria das ocorrências, *simplesmente* é empregado com outros significados.

Exemplos:

- (19) Isto é simplesmente ridículo.
- (20) Simplesmente não assine.
- (21) Por que você não fica simplesmente em casa?
- (22) Ela simplesmente não disse nada.
- (23) Simplesmente não posso fazer isto.
- (24) Eles simplesmente não podem ser demitidos.
- (25) Eles não podem ser simplesmente demitidos.

Por coincidência, a tradução alemã do advérbio *simplesmente* - que é *EINFACH* - também serve para traduzir o mesmo vocábulo na sua ocorrência em (19) a (25). Nestes casos, muitos estudiosos consideram *EINFACH* como PM<sup>10</sup>.

Quem mais detalhadamente analisa *EINFACH* é FRANCK (1979a: 238-45), que, ao mesmo tempo que reconhece que seu status como PM não é óbvio, vê a necessidade de diferenciar entre as ocorrências em diversos tipos de sentenças e de atos de fala. Não pretendo discutir ou relatar aqui todas as observações desta autora, mas apenas verificar por que *EINFACH* e seu equivalente *simplesmente* podem, de fato, ser classificados como PMs.

Numa análise sintática, percebe-se que, na função em que são usados em (19) a (25), *EINFACH/simplesmente* não se referem ao verbo do enunciado. Isto é, eles não designam, como o fazem os advérbios de grau 1 e de grau 2, o modo ou as circunstâncias da ação indicada pelo verbo. Mas, dado que, sintaticamente, eles se assemelham aos advérbios de grau 3, ou advérbios sentenciais, é necessário verificar se eles são diferentes destes.

No alemão, a resposta é relativamente clara. Ao contrário dos advérbios sentenciais, *EINFACH*, no uso que estamos examinando aqui, não pode constituir sozinho uma resposta, nem estar no início do enunciado. Assim, ele possui as características sintáticas das PMs<sup>11</sup>.

Exemplos:

(26.a) Seid ihr zu Haus geblieben? - \*Einfach.

(26.b) Wie seid ihr zu Haus geblieben? - \*Einfach.

(27) \*Einfach verstehe ich das nicht.

No português, no mínimo o segundo requisito não é preenchido, ou seja, *simplesmente* pode ocorrer no início, como se vê em (20) e (23). Por isto, este vocábulo só poderia ser considerado como PM numa definição menos restritiva.

Numa análise semântica, constata-se que o significado básico, ou original, de *simplesmente/EINFACH* é bastante nítido nas ocorrências discutidas aqui. Veja, por exemplo, as seguintes interpretações:

- (20') A solução é muito simples: não assine.
- (23') Faço uma constatação muito simples: não posso fazer isto.
- (24') É uma questão simples: eles não podem ser demitidos.

Mas o fato de o significado básico aparecer nestas paráfrases não quer dizer que *simplesmente/EINFACH* não possam ser PMs. Há outras PMs nas quais o mesmo ocorre, por exemplo, em *ABER*.

Verificando se *simplesmente/EINFACH* são, como todas as PMs, indicadores atitudinais, percebe-se que eles, de fato, indicam atitudes do falante. Digo "atitudes", porque, mesmo havendo sempre o significado "simples", é preciso fazer distinções.

Através do emprego dos vocábulos em discussão, sentenças imperativas adquirem a força ilocucionária de conselhos, de modo que *simplesmente/EINFACH* são indicadores ilocucionários. Além disso, insinuando que a ação aconselhada é uma coisa simples e fácil, o falante mostra-se despreocupado, podendo querer tranquilizar o interlocutor. Assim, o enunciado (20) deve ser interpretado de maneira

mais completa do que acontece em (20'):

(20'') Você não precisa se preocupar. Há uma solução simples e fácil: não assine. E isto que eu te aconselho.

Em sentenças interrogativas, *simplesmente/EINFACH* são indicadores ilocucionários auxiliares. Em determinados contextos, um enunciado como (21), mesmo sem *simplesmente*, pode ter a força ilocucionária não de um pedido de informação, mas de uma sugestão. O vocábulo *simplesmente*, como também *EINFACH* em alemão, tira qualquer dúvida, ou seja, com eles, o enunciado necessariamente é uma sugestão.

Além disso, em (21) está expressa, pelo emprego de *simplesmente*, uma atitude semelhante àquela observada em (20''). Uma paráfrase possível é:

(21') Você não precisa se preocupar nem pensar demais. Não há problema nenhum. Eu sugiro que você fique em casa.

Em asserções, as atitudes são bastante variadas. Em (22), por exemplo, o falante quer dizer, aproximadamente, o seguinte:

(22') Eu não entendo por quê, mas o fato é que ela não disse nada.

Deixando de lado a ambigüidade do enunciado (23), pode-se propor, como paráfrase de um dos seus significados, (23''), que é mais completo e correto do que (23'):

(23'') Não posso fazer isto. E assim. Não há mais nada a explicar, e não se pode fazer nada para mudar esta situação.

Neste caso, há um tom de resignação em *simplesmente/EINFACH* que os aproxima da PM EBEN (cf. 4.4).

Uma semelhança com *EBEN* existe também quando o falante dá uma explicação, insinuando que, embora o interlocutor talvez não a ache suficiente, não há outra. Exemplos:

- (28) Eu simplesmente não estou com fome.  
 (29) Simplesmente estamos atarefados demais.

Os enunciados (24) e (25) são interessantes porque são idênticos, exceto em relação à posição de *simplesmente*. Devido a esta diferença, as atitudes expressas são diferentes:

- (24'') Eles não podem ser demitidos. Isto é evidente. Não há como discutir este fato.  
 (25') Não se pode pensar em demiti-los sem mais nem menos. Fazê-lo seria um absurdo, uma injustiça, e eu me oponho a isto. (Ou: temos que encontrar uma outra solução.)

Nenhum dos pesquisadores - nem FRANCK - fez um inventário das atitudes que *simplesmente/EINFACH* podem expressar, e não intenciono realizar esta tarefa aqui. Apenas quis mostrar que estes vocábulos podem ser PMs. Fica para trabalhos futuros a tentativa de agrupar as atitudes aparentemente múltiplas que essas PMs indicam.

### 3.8 Acaso - Por Acaso - Porventura

Os dois vocábulos *acaso* e *porventura* e a locução *por acaso* são, *grosso modo*, sinônimos. Encontrei os dois primeiros como traduções da PM *ETWA* em duas obras literárias. Veja:

- Genieren wir uns etwa? (SIMMEL 1983a:44)  
 Acaso nós nos envergonhamos? (SIMMEL 1983b:49)

Wollen Sie etwa, dass wir hier gemeinsam unsere Zeit totschiagen? (STRAUSS 1977:53)  
 Porventura o senhor veio aqui para matar o tempo junto comigo? (STRAUSS 1987:43)

Contudo, devido ao fato de que *acaso* e *porventura* praticamente não são usados na linguagem falada informal, não me ocuparei destes vocábulos aqui<sup>12</sup>. Examinarei apenas *por acaso*.

O significado básico da locução adverbial *por acaso* é "casualmente", "acidentalmente" (em alemão: *zufällig(erweise)*). O fato expressado no enunciado ocorreu, está ocorrendo ou vai ocorrer devido a um acaso, uma coincidência, ou seja: "Devido a um acaso, *p*". Exemplos:

- (30) Por acaso, encontrei o Paulo.
- (31) Eu soube isto por acaso.

Em perguntas com um *por acaso* não-inicial acentuado, o significado se mantém inalterado: "Devido a um acaso, *p*?" Ou: "*p* foi (é) devido a um acaso?" Isto é, constata-se que *p* e pergunta-se se *p* por acaso. Exemplo:

- (32) Você viu o Paulo por acaso (ou você estava procurando por ele)?

Se, no mesmo enunciado, a locução adverbial for separada por uma pausa - vírgula na escrita - ou posta no início, ou ainda posta no meio, como em:

- (33.a) Você viu o Paulo, por acaso?
- (33.b) Por acaso, você viu o Paulo?
- (33.c) Você, por acaso, viu o Paulo?

ela deverá ser parafraseada de outra maneira, mais ou menos assim: "Eu pergunto se *p*, e declaro que, se *p*, isto só pode ser um acaso, ou seja, não há nada que me leve a crer que *p*."

Nota-se que, nos exemplos citados, *por acaso* guarda ainda seu significado original, e o vocábulo alemão correspondente continua sendo *zufällig(erweise)*.

Entretanto, em grande parte das perguntas com *por acaso* no início, esta locução tem, pelo menos, três outras funções.

Primeiro, ela pode ser usada para mitigar um ato ameaçador da face, para deixar o interlocutor mais à vontade. Sobretudo em perguntas que se referem aos conhecimentos do interlocutor ou à sua disposição de ajudar, o falante, ao empregar *por acaso*, assinala que está consciente de que o ouvinte não está obrigado a saber a resposta ou a ajudar. Ele - o falante - quer diminuir a importância do assunto e com isso amenizar a ameaça à face.

(34.a) Por acaso você sabe se D. Ana já chegou?

(34.b) Por acaso a sra. conhece o Dr. Ernani?

(34.c) Por acaso você tem dez cruzeiros para me emprestar?

Estes enunciados podem ser interpretados da seguinte maneira: "Eu pergunto se *p*, e quero deixar claro que não faz mal, isto é, que você não precisa sentir-se mal, se não-*p*." Diga-se de passagem que esta interpretação também é possível nos exemplos (33.a) a (33.c).

Tendo perdido seu significado original e sendo usado como um indicador atitudinal, *por acaso* pode ser considerado, nesta função, como uma locução do tipo das PMs.

A função moduladora é mais nítida em perguntas como:

(35.a) Por acaso você não é o irmão de Lúcio Santos?

(35.b) Por acaso vocês não são da Paraíba?

nas quais o significado "devido a um acaso" não se aplica; pelo menos, ele não se refere ao verbo da estrutura superficial. Nestes enunciados, nos quais se nota a presença de *não*, o falante expressa uma suposição e quer uma confirmação. Para tal, bastaria o uso de *não*: "Você não é o irmão de Lúcio Santos?" Através do emprego de *por acaso*, o falante quer se desculpar de antemão de um possível erro de avaliação. Enunciados do tipo (35) podem ser interpretados assim: "Eu acho que *p*, mas não tenho certeza absoluta. Por isso, pergunto se *p*. Quero deixar claro que posso estar enganado."

Deste modo, fica patente uma segunda função moduladora de *por acaso*.

Na verdade, as diferenças entre (33), (34) e (35) são muito tênues. Um indicio disto é que, nos três casos, pode-se usar, em alemão, o vocábulo *zufällig* (ou *zufälligerweise*). Por outro lado, o fato de que *por acaso* pode também ser traduzido por *VIELLEICHT* (talvez) em (34) e por *EIGENTLICH* em (35) mostra que as diferenças existem.

A terceira função moduladora é a mais clara de todas, e nela a locução é sem sombra de dúvida uma espécie de PM. Ela ocorre em perguntas como:

- (36.a) Por acaso você nunca mentiu?
- (36.b) Por acaso isto é uma resposta?

Não entro em mais detalhes, mas remeto o leitor ao capítulo 4, onde será mostrado que, às vezes, *por acaso* pode ser a tradução das PMs *ETWA* ou *VIELLEICHT*.

### 3.9 Afinal - afinal de contas.

No item 3.1, a "partícula de situação" *afinal* foi afastada da lista de potenciais PMs, porque o exemplo dado por CUNHA e CINTRA era: "Afinal, ela não tem culpa de ser filha de ministro" (1985:541). Nesse enunciado, a partícula corresponde ao vocábulo alemão *schliesslich*, que é considerado como advérbio conjuntivo (cf. 2.2.4), ou ainda como "partícula com funções semelhantes às das PMs", distinguindo-se das PMs não só pela função conjuntiva como também por poder estar em posição inicial. Dito de outra maneira, nem esse *schliesslich* nem o *afinal* do exemplo são PMs<sup>13</sup>.

Todavia, nas traduções de enunciados alemães que contêm PMs aparece, de vez em quando, *afinal* numa outra função.

Exemplos:

- (37) O que fazem eles *afinal* o dia inteiro?  
(SIMMEL 1983b:78)
- (38) De onde você vem *afinal*? - perguntei.  
(*Deutsch 2000. Glossar Deutsch-Portugiesisch.*  
p.17)

Qual é, então, o significado de *afinal* em perguntas?

Caso admitamos que o vocábulo é usado no seu sentido temporal, é preciso verificar a que elemento ele se refere. Em (38), por exemplo, ele pode referir-se ao verbo. Em tal interpretação, o enunciado significa mais ou menos:

- (38') De onde você vem agora, no final de suas atividades?

Quanto à (37), poder-se-ia pensar que o *afinal* temporal não pode referir-se ao verbo, pois, ou uma atividade é exercida durante o dia inteiro ou só no final.

Mas seria possível interpretar (37) da seguinte maneira:

(37') Nos dias anteriores, eles fizeram algo. Agora, no final, o que eles fazem o dia inteiro?

Contudo, estas interpretações de (37) e (38) - nas quais *afinal* tem um sentido estritamente temporal - só seriam aceitáveis se o falante soubesse - ou pudesse supor - que haviam ocorrido outras atividades anteriormente.

De qualquer modo, (37) e (38) normalmente não serão interpretados pelos falantes nativos de português como em (37') e (38').

Visto que *afinal* foi empregado como tradução da PM *EIGENTLICH*, vamos examinar se os dois vocábulos podem ter a mesma função e ser usados nos mesmos contextos<sup>14</sup>.

Entre os autores que escreveram sobre *EIGENTLICH* há um consenso de que, em perguntas, essa PM geralmente mostra que o assunto não é muito importante para o falante. Este faz a pergunta casualmente (*beiläufig*). Ela indica uma mudança de assunto na conversa (cf. WEYDT et al. 1983:26; HARDEN 1983b:40), podendo ser usada num novo turno de um dos falantes ou como último de vários *moves* de um turno do mesmo falante. Segundo HARDEN (1983a:114), o falante assinala, através de *EIGENTLICH*, que poderia ter feito a pergunta antes, mas não o fez, porque o assunto não é importante. Só agora, finalmente, ele pergunta ao interlocutor.

Percebe-se que esta interpretação aproxima *EIGENTLICH* de *afinal*. Será que o enunciado (38), por exemplo, pode ser interpretado da seguinte maneira?

(38'') Eu poderia ter perguntado antes. Não o fiz, porque o assunto não é muito importante. Agora, finalmente, pergunto: De onde você vem?

Para tirar qualquer dúvida, submeti diversas perguntas contendo *afinal* - ou *afinal de contas* - ao julgamento de falantes nativos. O resultado foi que, em alguns casos, estes vocábulos, de fato, podem dar a impressão de que a pergunta foi formulada casualmente, isto é, sem atribuir-lhe muita importância.

(39) Que dia é hoje *afinal*?

(40) Qual é seu nome *afinal*?

(41) *Afinal*, você leu o livro que te dei?

(42) *Afinal de contas*, quem ganhou a corrida?

Assim, a PM *EIGENTLICH* - quando tem a característica descrita até aqui - pode ser traduzida por *afinal/afinal de contas*, e estes vocábulos, não sendo usados com seu significado original - de advérbio de tempo - mas revelando uma atitude do falante, podem ser considerados como PMs.

Porém, *afinal* e *afinal de contas* são ambíguos, mudando de função conforme a entoação - como veremos mais adiante. Por isso, quando não se indica a entoação, a saber, na linguagem escrita, seria bom se houvesse uma possibilidade de evitar essa ambigüidade, traduzindo *EIGENTLICH* de outra maneira.

Esta possibilidade existe quando *EIGENTLICH* é usado numa pergunta que introduz um novo assunto. Como diz BUBLITZ

(1978:116), nesse caso a PM pode ser substituída por *Übrigens* (a propósito, aliás). Embora este marcador conversacional não seja inteiramente sinônimo de *EIGENTLICH*, ele também é empregado quando se introduz um novo assunto. Portanto, a tradução literal de *Übrigens* (a propósito, aliás) poderia ser usada na tradução de *EIGENTLICH*.

Exemplos:

- (37'') A propósito, que eles fazem o dia inteiro?  
 (38'') Aliás, de onde você vem? - perguntei.

Entretanto, nem sempre *EIGENTLICH* é usado para assinalar uma mudança durante uma conversa. Ele pode ser empregado também quando alguém aborda uma outra pessoa e fez uma pergunta sobre um assunto não importante ou não urgente (cf. HARWEG 1974).

Exemplos:

- (43) (F está esperando numa parada de ônibus, mas nenhum ônibus da linha que F precisa passa. Então, F diz à pessoa ao lado:  
 Entschuldigen Sie, fährt die Linie 10 eigentlich nicht hier vorbei?

Neste caso, *EIGENTLICH* não pode ser traduzido nem por *afinal/afinal de contas* nem por *a propósito*, mas talvez por "me diga (diz, fala) uma coisa":

- (43') Com licença, me diga (diz, fala) uma coisa: a linha 10 não passa aqui?

As coisas se complicam quando também em alemão se usa - além de *EIGENTLICH* - uma expressão como "me diga uma coisa".

Exemplo:

- (44) Sag mal, was schenkst du eigentlich Gerhard zum Geburtstag? (exemplo tirado de WEYDT et al. 1983:82)  
 (44') Me diz uma coisa, o que você vai dar de presente de aniversário para Gerhard?

Neste caso, não vejo nenhuma possibilidade de encontrar uma equivalência para a PM alemã.

Há ainda uma outra função de *EIGENTLICH*: quando um AA (agente da ação) faz alguma coisa ou se comporta de uma maneira que o falante considera criticáveis, este pode usar a PM em perguntas que têm a força ilocucionária de repreensões. Exemplos (tirados de ALBRECHT 1977:34):

- (45) Spinnst du eigentlich?
- (45') Você é louco?
- (46) Bist du eigentlich schwerhörig?
- (46') (Afinal) você é surdo?

O falante nativo de português vai perceber que, em (45'), *afinal* não seria uma tradução adequada.

Em (45) e (46), *EIGENTLICH* é apenas um indicador ilocucionário auxiliar, que mostra que o enunciado não é uma pergunta mas uma repreensão, o que, devido à entoação e ao contexto, fica claro mesmo sem o uso da PM (cf. 2.6-B). Por isso, no português a entoação e o contexto são suficientes para o interlocutor entender a mensagem. Mas, dependendo do conteúdo do enunciado, às vezes também seria possível empregar a expressão *será que*, de modo que para (46) eu proporia - além de (46') - a tradução:

- (46'') Será que você é surdo?

Entretanto, existe mais um uso de *EIGENTLICH* - que ALBRECHT (*op.cit*: 34), erroneamente, não distinguiu daquele em (45) e (46). Ele é observável em perguntas QU como

- (47) Was wollen Sie eigentlich? (exemplo de ALBRECHT *op.cit.*: 34)
- (48) Wer sind Sie eigentlich? (exemplo de HARDEN 1983a:104)

Embora nestes enunciados também esteja implícita uma repreensão, estas perguntas continuam sendo perguntas (isto é, pedidos de informação). Mas pelo uso de *EIGENTLICH*, o falante mostra sua irritação. Novamente, impõe-se o emprego de *afinal/afinal de contas*

(47') O que o sr. quer afinal?

(48') Quem é o sr. afinal?

Isto é, também em perguntas nas quais o falante expressa sua irritação, sua impaciência - porque o AA o incomodou várias vezes ou ainda não deu as explicações que ele já poderia ter dado - *afinal* corresponde a *EIGENTLICH*. É interessante observar que o significado básico do advérbio português se mantém nos exemplos citados, visto que neles o *afinal* pode ser parafraseado assim:

(49) O sr. já ... várias vezes. Eu poderia ter perguntado antes. Agora, como o sr. está me irritando, finalmente pergunto: ...?

Como este *afinal* - apesar de conservar seu significado temporal - não se refere ao verbo do enunciado, tendo ainda por cima um forte componente emocional, ele também deve ser considerado como uma autêntica FM.

Constatamos, portanto, que *afinal* é ambíguo, ou bifuncional, podendo ser usado tanto em perguntas casuais quanto em perguntas impacientes, irritadas, de sorte que, ao se ler um enunciado como:

(50) Qual é seu nome afinal?

não se sabe qual é a atitude do falante. Mas em geral o contexto vai revelá-la. Na linguagem oral, a entoação não vai deixar dúvidas.

A mesma ambigüidade pode existir no caso de *EIGENTLICH*. Enunciados do tipo:

- (51) Was will der eigentlich?  
(Que que ele quer afinal?)

podem ser proferidos quer casualmente quer com irritação. É preciso saber a entoação ou o contexto para desambiguizá-los. Assim, em certos enunciados há uma equivalência entre *EIGENTLICH* e *afinal* até no caráter ambíguo dos dois vocábulos.

Todavia, nem todas as ocorrências de *afinal/afinal de contas* em perguntas impacientes podem ser traduzidas simplesmente por *EIGENTLICH*.

Exemplos<sup>15</sup>:

- (52) Afinal, quando terei a sua resposta?  
(53) Aonde você mora, afinal?  
(54) O que vamos beber, afinal?  
(55) Afinal, o que ficou decidido?  
(56) Quando vai ser a prova, afinal?  
(57) Afinal de contas, o fato ocorreu realmente?  
(58) Quem é o proprietário, afinal de contas?  
(59) Afinal de contas, eu mereço ou não sua confiança?

Tais perguntas podem ser feitas após o interlocutor ter dito várias coisas, ou ter hesitado muito, sem dizer o que o falante gostaria de saber, de modo que este, não escondendo sua impaciência ou irritação, quer finalmente uma decisão. Nesses casos existe a possibilidade de começar a tradução por *Nun sag (sagen Sie) endlich* (Diga afinal). Exemplo:

- (52') Nun sag endlich, wann bekomm ich deine Antwort?

A oração imperativa *Diga afinal* - onde o advérbio se refere ao verbo de superfície - mostra claramente a

origem temporal de *afinal*. Talvez por não ter este significado básico temporal, *EIGENTLICH* não pode servir - pelo menos não sozinho - de tradução de *afinal*. O equivalente alemão deste vocábulo português, nos casos citados, é *DENN NUN (EIGENTLICH)*:

- (52') Wann bekomm ich denn nun (eigentlich) deine Antwort?  
 (53') Wo wohnst du denn nun (eigentlich)?  
 (54') Was trinken wir denn nun?  
 (55') Was ist denn nun beschlossen worden?  
 (56') Wann ist der Test denn nun?  
 (57') Ist das denn nun wirklich passiert?  
 (58') Wer ist denn nun der Besitzer?  
 (59') Verdienest du dein Vertrauen denn nun oder nicht?<sup>16</sup>

O fato de *afinal* poder ser traduzido pelas PMs *DENN NUN (EIGENTLICH)* mostra que também nessas ocorrências ele é uma PM, e o sinônimo *afinal de contas* pode ser considerado como uma locução do tipo das PMs. Como estas, e ao contrário dos advérbios de grau 1 e de grau 2 (cf. 2.2.5.2 e 2.2.5.3), ambos nem pertencem ao sintagma verbal nem indicam circunstâncias. Por outro lado, eles têm algo em comum com os advérbios de grau 3: eles estão comumente no início do enunciado e podem ser acentuados - o que não ocorre com as PMs alemãs. Desta forma, eles só poderiam ser classificados como PMs numa definição menos restritiva.

Para concluir esta discussão de *afinal*, quero examinar sucintamente alguns casos em que este vocábulo serviu de tradução para *EIGENTLICH*. Os exemplos são tirados de MANN (1974) e MANN (1981).

a) Situação: O padrinho de Krull acusa o pai de Krull de fabricar uma champanha muito ruim. Aborrecido, ele

diz:

Was für Krätzer verstecken Sie eigentlich zu diesem Gebräu? Ist es Petroleum oder Fusel, was Sie bei der Dosierung zusetzen?

(Afinal, que morrinhas você esconde nesse líquido? Será petróleo, ou aguardente ordinária o que você mete na dosagem?)

Percebe-se que *afinal* e *EIGENTLICH* são equivalentes, sendo ambos usados numa expressão de irritação. O falante insinua que o interlocutor já deveria ter falado antes como ele fabrica a champanha (cf. os exemplos (47) e (48)).

b) Situação: Um médico militar, examinando Krull, está muito irritado com o comportamento deste e diz:

Was ist eigentlich mit Ihnen? Welche Schulen haben Sie besucht? (p. 360)

(Afinal, o que há com o senhor? Que escolas frequentou?) (p. 92)

Novamente, *afinal* e *EIGENTLICH* são empregados quando o falante manifesta sua irritação, sua impaciência, querendo saber as razões do mau comportamento do interlocutor.

c) Situação: O jovem Krull quer vender jóias roubadas a um relojoeiro. Depois de uma longa conversa, durante a qual eles negociam o preço das jóias e o velho relojoeiro começa a gostar de Krull, o velho diz:

Du hast so was Sonniges. Wie heisst du eigentlich? (p. 429)

(Há qualquer coisa luminosa em você! Como é seu nome, afinal?) (p. 150)

Nesta situação, o *EIGENTLICH* é usado naquela função que é considerada como a mais típica desta FM: ocorre uma mudança de assunto, em tom casual, com o falante assinalando que poderia ter feito a pergunta antes. A

tradução por *afinal* é correta, já que os diversos brasileiros a quem submeti enunciados parecidos afirmaram que este vocábulo pode ser usado nas mesmas circunstâncias.

### 3.10 Lá

Tanto em dicionários quanto em gramáticas e obras mais específicas, consta que este vocábulo não é só advérbio, mas também "partícula de realce" (por exemplo, NDLP; CUNHA e CINTRA) ou possui um "valor expressivo" (LAPA 1973). Por um lado, o termo "partícula de realce" é inadequado, porque este *lá* não realça nada, por outro lado, é preciso verificar qual é este valor expressivo.

Na verdade, percebe-se já nas obras citadas que este *lá* tem várias funções, ou vários significados.

O NDLP distingue três funções:

1) "anteposto ou posposto ao verbo, lhe imprime a idéia de começo imediato da ação: *Lá vou eu!*"

2) "... se usa, não raro com valor afetivo, após o pronome oblíquo referente à pessoa com quem se fala: *Conte-me lá como foi a festa; Diga-nos lá o que sabe do caso!*"

3) "... conforme a entonação que se lhe dá, assume, pelo menos aproximadamente, o valor de um advérbio de negação: *Sei lá; Lá inventar potocas, isso ele não faz; Mas isso é lá possível!*"

Vamos olhar de perto estas três funções.

Na primeira, trata-se não de uma função geral - indicando o começo de qualquer ação - mas sim de um uso muito restrito de *lá*. Por exemplo, usando-se *lá* na função indicada pelo NDLP, não são aceitáveis enunciados como:

- \* *Lá pulo eu!*
- \* *Lá chuta ele!*
- \* *Lá dou eu as cartas!*

\* Lá bebemos nós!

Na segunda função detectada pelo NDLP, lá parece ser uma variante mais formal de aí, ou seja, ele é usado - bem menos freqüentemente, e num registro mais formal - em sentenças imperativas, e serve para indicar que o falante não está dando uma ordem, mas sim fazendo um pedido. Na verdade, a afirmação do dicionário citado de que este lá só se usa após pronomes oblíquos é errada, já que existem enunciados como "espere lá" (onde lá não indica lugar), mas, de qualquer maneira, este lá é relativamente pouco usado no Brasil, ao contrário de aí. Mesmo assim, esta variante de lá, indicando a intenção do falante de atenuar um ato ameaçador da face, pode ser considerada como PM.

Quanto à terceira função mencionada no NDLP, mais uma vez são necessárias algumas correções.

No segundo exemplo ("Lá inventar potocas, isso ele não faz"), lá não tem o valor de um advérbio de negação, pois se ele fosse substituído por não ("Não inventar potocas, isso ele não faz"), o sentido seria o oposto, ou seja, o conteúdo proposicional seria "Ele inventa potocas", enquanto o falante quer dizer: "Ele não inventa potocas".

A explicação deste uso de lá deve ser outra: colocado no início de uma oração infinitiva, ele prenuncia que haverá uma negação na oração principal que segue, sendo que esta negação se refere ao conteúdo da oração infinitiva.

Outros exemplos:

Lá dizer a verdade, ele não diz.

Lá me amar realmente, ela não ama.

Lá estudar com afinco, você não estuda.

No exemplo "Sei lá", onde lá de fato significa "não", trata-se de um tipo de locução, não de um uso geral de lá, visto que sei não pode ser substituído por nenhum outro verbo.

Em enunciados como o do terceiro exemplo ("Mas isso é lá possível!"), lá também tem o valor de uma negação, mas seu uso, novamente, é restrito, isto é, a partícula não é um simples substituto de não e não pode ser empregada sempre no lugar de não.

Deixando de lado as restrições de uso - que deverão ser investigadas futuramente -, constata-se que este lá, além de servir para negar, é um indicador atitudinal. Enquanto o mesmo enunciado com não é neutro, adquirindo um valor expressivo apenas através da entoação, lá necessariamente - inclusive em textos escritos - revela a atitude do falante, qual seja, estar indignado de que *p*, ou de que alguém possa achar *p*, ao passo que ele próprio quer não-*p*.

O exemplo "Mas isso é lá possível!" poderia ser interpretado assim:

Estou vendo (ouvi dizer, vi, etc.) que isso é possível. Estou indignado com este fato. Para mim, isso não deveria ser possível.

Este lá é, sem dúvida, uma PM, correspondente a *DOCH nicht* em alemão, com a diferença de que seu uso é muito mais restrito do que o de *DOCH nicht*.

O NDLP não dá exemplos de uma variante levemente diferente deste lá, que ocorre, por exemplo, em:

Eu vou lá saber a idade dele!  
Eu tenho lá culpa de ser bonita!

Embora nesses enunciados também possa ser detectada a atitude de uma leve indignação, o essencial é que o falante quer afirmar "evidentemente não-*p*". Mais uma vez, *lá* corresponde a *DOCH nicht*, ou então a *ETWA*. É claro que, dependendo do enunciado, pode haver outras traduções. Veja:

Eu vou lá saber a idade dele!  
 Woher soll ich denn sein Alter wissen!  
 Was geht mich sein Alter an!

Eu tenho lá culpa de ser bonita!  
 Ich bin doch nicht schuld, dass ich schön bin!  
 Bin ich etwa schuld, dass ich schön bin?

Finalmente, há mais uma função de *lá* que não é mencionada no NDLP (embora haja um exemplo no verbete "ser"):

Ele não tem lá um grande caráter.  
 Eles não têm lá muita coisa boa para vender.  
 Eu não me interessou lá muito por matemática.

Este *lá* ocorre em sentenças negativas, geralmente junto com intensificadores ("muito", "grande"). Ele é um indicador atitudinal, pois sem ele, o enunciado seria uma simples asserção de que não-*p*. Através do uso de *lá*, o falante mostra que ele critica ou deprecia o fato de não-*p*. No caso do terceiro exemplo, a depreciação pode referir-se não à asserção inteira, mas apenas à "matemática"; o falante insinua que não vale a pena interessar-se por esta matéria.

De qualquer modo, também este *lá* é uma típica FM, mesmo que não exista nenhuma FM alemã equivalente. Uma tradução possível seria *gerade*:

Ele não tem lá um grande caráter.  
 Er hat nicht gerade einen grossartigen Charakter.

Concluindo, constatou-se que *lá*, além de advérbio, é uma partícula que tem várias funções, sendo usada em diversos contextos, alguns dos quais são muito restritos. Em outros, ela pode ser considerada como PM com várias variantes.

### 3.11 *Mas*

Sobre *mas*, já se citaram, em 3.1, algumas observações de Said ALI. Acrescentemos que também o NDLP afirma que *mas* não é apenas uma conjunção, pois pode "denotar censura a palavras ou ações alheias", como no exemplo: "Mas como é que você fala mal do seu amigo!"

E verdade que, nas funções em que *mas* não é conjunção, ele não pode ser uma PM como as alemãs, já que ele sempre está no início da sentença. Mesmo assim, ele é, como as PMs, um indicador atitudinal. No capítulo 4, será mostrado que, em alguns casos, *mas* pode ser a tradução da PM *ABER*. Ver-se-á que, ao contrário do que consta no dicionário citado, este *mas* não denota apenas censura. Percebeu-o muito bem Said ALI, e também LAPA (1973:213) constata que *mas* pode ter a "significação de surpresa agradável, como nesta frase exclamativa: 'Mas que belo quadro!'"

Como se verá no item 4.1 na tradução de enunciados com *ABER*, omite-se, às vezes, o *mas*, usando-se somente expressões exclamativas começando pelos pronomes interrogativos *como*, *que*, *quanto*. Isto é, os falantes

nativos brasileiros consideram que, por exemplo, "Como você cresceu!" é suficiente para traduzir "Du bist aber gewachsen!".

Qual seria então a contribuição de *mas*, se é possível dizer "Que belo quadro!" em vez de "Mas que belo quadro!"? Aparentemente, *mas*, mantendo seu significado adversativo original, indica que o falante está mais surpreso do que nos enunciados sem *mas*, sendo que ele sente um maior contraste entre aquilo que esperava e aquilo que está percebendo. Portanto, em exclamações, *mas* acrescenta apenas uma nuance. Não se trata da expressão de uma censura ou de uma surpresa agradável, mas sim de qualquer surpresa em casos de nítido contraste entre o esperado e o real.

Todavia, há outros tipos de ocorrências de *mas*.<sup>17</sup>

Em sentenças declarativas sem outros sinais verbais de exclamação, por exemplo, em

Mas você é muito bonita!  
Mas isto não é acreditável!

ele também expressa surpresa e contraste, sendo, porém, o único indicador atitudinal verbal.

A função moduladora de *mas* é mais nítida ainda em sentenças interrogativas. No exemplo:

Mas quem é esse rapaz?

o falante não apenas quer saber *p* ("Quem é esse rapaz?") como também expressa, no mínimo, sua surpresa - ou seu aborrecimento - com o aparecimento dessa pessoa. Em perguntas, *mas* não pode ser traduzido por *ABER*; a *FM* alemã que lhe corresponde aproximadamente é *DENN* (em uma das suas

variantes).

Por exemplo, usou-se *mas* como equivalente de *DENN* numa situação na qual o falante mostra, numa pergunta retórica, que está aborrecido e está criticando o interlocutor:

" Bist du denn so blöd, sagte ich, dass ich dir erklären muss, (...) ?" (Simmel 1983a:114)

- Mas você é tão burro que preciso lhe explicar (...) ? (Simmel 1983b:124)

### 3.12 Também

Em 4.1, será constatado que *mas também* pode ser a tradução de *ABER AUCH*. Em vez de tratar desta locução portuguesa, na qual *mas* expressa contraste e surpresa, como nos enunciados vistos no item anterior, quero falar aqui apenas de *também*.

O NDLP, classificando uma variante deste vocábulo como interjeição, afirma que ela exprime estranheza, descontentamento, desgosto, e dá o exemplo: "Você diz que não tem amigos. Também! com esse temperamento difícil!".

Quem escreve mais, e mais satisfatoriamente, sobre esta variante é LAPA (1973:184-5). Ele assinala que a palavra, "proferida em tom vagamente exclamativo, marca uma atitude de oposição, de discordância amigável" (no caso do seu exemplo), e ele lembra que *Caldas Aulete* já mostrou o significado de desgosto, descontentamento e estranheza.

Não posso concordar por completo com estas afirmações. É verdade que, na maioria das vezes, *também* é usado em enunciados nos quais o falante expressa seu descontentamento, como neste exemplo dado por LAPA:

Também, vocês nunca sabem nada!

Mas a expressão do sentimento de desgosto não é inerente a *também*, visto que se podem ver enunciados como:

Também, ele é muito rico!

A explicação certa foi dada em uma das outras observações de LAPA:

"... não é para estranhar que o advérbio *também* exprime a causalidade, como nesta frase: 'Grandes éguas! Também, o que eu as olho, o que as trato!' como quem dissesse: 'Não é isso muito de espantar, porque as olho e trato bem.'"

Não há dúvida de que a função principal da "interjeição" *também* é a de exprimir a causalidade, ou seja, de introduzir uma explicação. As outras atitudes mencionadas são secundárias, podendo mudar com o contexto — embora, repito, na maioria das vezes, este *também* seja empregado quando o falante está descontente, aborrecido, ou crítico.

O vocábulo em pauta foi classificado como interjeição, porque ele é proferido em tom exclamativo, e separado da fala seguinte por uma pausa. Por isso, ele não pode ser uma FM, considerando-se a definição destas partículas no alemão. Isto não significa que ele não possa ser classificado como FM em português. O fato é que, com seu conteúdo semântico complexo, ele é diferente da maioria das interjeições, as quais expressam somente um sentimento ou

atitude. *Também*, ao contrário, só pode ser parafraseado por várias proposições. Num diálogo qualquer, como:

A: X  
B: Também, Y

a interpretação de *também* seria

E claro (ou: Não é de espantar)  
que X, já que ... (Y). Lamento/Critico/  
Aplaudo Y (Ou: Nenhum comentário a mais.)

Não sendo uma típica interjeição, esta variante de *também* pode muito bem ser classificada como PM.

Para ela, não há uma equivalência única em alemão.

Veja as seguintes possibilidades de tradução:

Você diz que não tem amigos. Também, com esse temperamento difícil!  
Du sagst, du hast keine. Freunde. Klar, (Na ja) (Das ist ja auch nicht verwunderlich), bei dem schwierigen Temperament.

Também, vocês nunca sabem nada!  
(Mein Gott), ihr wisst aber auch nie etwas!

Também, ele é muito rico!  
Na ja, er ist ja auch sehr reich!

Embora não seja possível traduzir a PM portuguesa simplesmente por *AUCH*, esta PM alemã, frequentemente, vai ser usada no enunciado explicativo que segue. Uma das ocorrências deste *também* em *Tieta do Agreste* foi traduzida da seguinte maneira:

Também, aqui pra nós, ela fez por merecer.  
(Amado 1977:72)  
Ganz unter uns - sie hat es aber auch verdient. (Amado 1979:72)

Além de explicações, a PM *também* pode preceder - mas bem mais raramente - enunciados que expressam conseqüências. LAPA (*op.cit.*:184) cita o seguinte exemplo dado pelo filósofo Júlio Moreira:

Aquele homem é muito brutalizado com os cavalos; também, tem apanhado cada trambolhão!

Neste caso, o pensamento expresso por *também* é diferente. O conteúdo da citação pode ser resumido assim:

X; devido a X, evidentemente (não é de espantar que) Y.

A diferença da locução adverbial conjuntiva *por isso* ("X, por isso Y"), que estabelece apenas uma relação lógica de causa e efeito, *também* acrescenta a expressão da atitude contida em "não é de espantar". Na tradução para o alemão, pode-se usar, novamente, *ABER AUCH*:

Der Mann geht sehr brutal mit den Pferden um; er ist aber auch schon ganz schön oft abgeworfen worden.

### 3.13 E

Lógicos, filósofos da linguagem e lingüistas têm estudado este vocábulo, mas em geral para analisar as relações lógicas que ele, como conjunção, estabelece. O que interessa aqui são as funções que *e* desempenha além do relacionamento lógico.

Enquanto o NDLP o considera somente como conjunção, aditiva ou adversativa, LAPA (1973:207-12) descobre em *e* "um valor mais ou menos conclusivo" ("O luar, entre os farrapos de nuvens, encheu o cofre de faíscas de ouro. E o avarento, em êxtasis, fechou os olhos como encandeado por tanta luz!"), "um sentido condicional" ("Semelhante gralha em livro meu, e suicidava-me.") e a

função de expressar "surpresa desagradável e o contraste" ("O patrão a esta hora! ... E a senhora que saiu!").

No caso do primeiro exemplo, juntou-se em e "o causal, o conclusivo e o temporal", ou seja, são resumidos numa única conjunção os significados de *af* e *por isso*. Embora LAPA ache que o autor do trecho citado condensa "num forte impulso afetivo" essas relações, trata-se, ao meu ver, de um efeito estilístico, e não se pode considerar este e como partícula modal.

O mesmo vale para o segundo exemplo. Sem dúvida, o e é menos lógico, menos "frio" (palavra de LAPA) do que seria uma oração condicional normal, introduzida pela conjunção *se* ("Se encontrasse semelhante gralha em meu livro, suicidava-me"). Entretanto, "o ânimo do autor" não é traduzido apenas por e, mas pela sentença (elíptica) inteira. Mais uma vez, ocorre um efeito estilístico.

Já no terceiro exemplo, não estamos mais na presença de relações lógicas somente, mas da expressão de uma emoção, de uma surpresa desagradável. E não pode ser substituído por outras conjunções, devendo ser interpretado mais ou menos assim:

(O patrão a esta hora!) Meu Deus! Isto é muito desagradável, visto que (a senhora saiu.)

Este e, que vou considerar como FM, porque exprime uma atitude complexa, não necessariamente indica surpresa, mas sempre descontentamento, aborrecimento, ou crítica (até auto-crítica).

Exemplos:

Meu marido tomando cerveja com os amigos, e eu aqui na cozinha.

Meu marido dando duro na loja, e eu aqui na praia.

Obviamente, nestas ocorrências, *e* não é somente a conjunção aditiva *e*, nem pode ser simplesmente substituído pela conjunção adversativa *mas*; ele significa algo como "lamentavelmente..., mas ...". A lamentação pode referir-se à primeira ou à segunda oração:

Meu marido está tomando cerveja com os amigos; lamentavelmente, eu não estou com ele (ou fazendo outras coisas agradáveis), mas estou aqui na cozinha.

Lamentavelmente, meu marido não está comigo aqui na praia, mas dando duro na loja.

Há uma outra função de *e* que, estranhamente, não é mencionada em nenhuma das obras consultadas, apesar de ser bastante freqüente. É a ocorrência desta partícula em perguntas. No item 4.3, ver-se-á que ela pode ser uma equivalência de *ETWA*. Por outro lado, *ETWA* nem sempre pode ser usado na tradução de *e*. Tomemos um exemplo não citado naquele item:

A: Temos que levantar cedo amanhã.  
 B: E a gente não levanta cedo todos os dias?  
 (A: Morgen müssen wir früh aufstehen.  
 B: Stehen wir etwa nicht jeden Tag früh auf?)

Na fala de B, poderia ser empregado, em alemão, a

PM *DOCH*:

B: Wir stehen doch jeden Tag früh auf.

Em outros enunciados, *DOCH* seria preferido a *ETWA*:

A: Você tem que buscar os meninos.  
 B: E eu não sei?  
 (A: Du musst die Kinder holen.  
 B: Das weiss ich doch!)

Embora não seja imprescindível, e, em todas essas ocorrências, deixa mais claro que o falante: 1º) está fazendo uma pergunta retórica, isto é, na verdade, está fazendo uma asserção negativa; 2º) está criticando o interlocutor por ter feito sua observação.

A mesma atitude é indicada em perguntas com pronome interrogativo - nas quais nem *ETWA* nem *DOCH* podem servir de tradução. Exemplo:

- Mesmo se fosse para herdar o dinheiro todinho (...), nem assim eu desejo a morte dela.
- E quem deseja? (Amado 1977: 22)

Aqui, o falante, ao fazer a pergunta retórica, insinua que ninguém deseja isso. O tradutor alemão usou a PM *DENN*:

"Und wer wünscht ihn denn?"

Dependendo do contexto e da entoação, enunciados como "E quem deseja?" podem ter a força ilocucionária de verdadeiras perguntas. Mesmo nesses casos, caberia *DENN* em alemão (sem *und*); seria, porém, uma outra variante desta PM polifuncional. Exemplo:

- A: Vou viajar amanhã.
- B: E aonde você vai?
- (A: Ich verreise morgen.
- B: Wohin fährst du denn? / Und wohin fährst du?)

Este e resume o seguinte pensamento:

Você já me deu uma informação. Falta uma outra. Ou seja, eu gostaria que você acrescentasse (= e aditivo) mais uma informação.

Não está claro se, nessa última função, e pode ser classificado como PM, mas foi constatado, neste item 3.13, que e também é uma PM, com várias funções.

### 3.14 Se

Deste vocábulo, o NDLP cita apenas as funções de pronome pessoal, de conjunção condicional e de conjunção integrante. Como conjunção condicional, *se* pode também, sempre segundo o NDLP, ter um sentido causal, sendo sinónimo de *visto que*, *dado que*, *desde que*. Exemplo:

Se és tão rico, como todos sabem, por que não amparas os necessitados?

Mas há outras funções de *se*.

Uma delas é analisada por Said ALI (1977:47), que dá, entre outros, o seguinte exemplo:

Como, senhor, dizeis isso? *se* as estribeiras que o outro dia levastes eram minhas, (...)?

Explica o autor:

Estas respostas com a partícula *se* inutilizam mentiras e observações ou pretensões absurdas, ajudadas do tom interrogativo, ou pelo menos enfático, com que são proferidas. Junta-se-lhes por vezes uma interrogação, a qual, conforme o momento e as circunstâncias, pode denotar a simples surpresa até o mais franco desafio a uma explicação justificável. A: Não almoço agora. - B: Por que não? *Se* já está pronto?

Visto que, nos exemplos citados, *se* não é uma simples conjunção, indicando uma condição, mas expressa emoções, como surpresa, desafio, indignação, este vocábulo pode ser considerado como PM, numa acepção larga, na qual a posição inicial não é levada em conta. Em alemão, seria usada, em enunciados deste tipo, a PM *DOCH*, com três possíveis variações. O enunciado "Se já está pronto" poderia ser em alemão:

- 1) Wenn's doch schon fertig ist!
- 2) Wo's doch schon fertig ist!

3) Es ist doch schon fertig!

Uma outra função de *se* é mencionada por OLIVEIRA (1962: 25, 27), que, dando o exemplo:

São jeitosas?  
Se são!

considera o vocábulo como partícula intensificadora. Na medida em que *se* é limitado a respostas brevíssimas, nas quais o único elemento é o verbo que foi empregado na pergunta ("Se vou!"; "Se ama!"), prefiro não discutir aqui se ele pode ser classificado como PM. O fato é que, embora quase sinônimo de *naturalmente* ou *claro que*, ele é mais expressivo, podendo ser interpretado assim: "Você quer saber se x. Que pergunta boba! Claro que x!".

Na tradução para o alemão, omitir-se-ia o verbo, usando-se simplesmente *natürlich* ou *na klar*. Uma outra tradução possível seria *Und ob!*, na qual aparece *ob*, que é, por coincidência, a tradução literal da conjunção integrante *se*.

Finalmente, há uma função na qual *se* significa o contrário daquilo que foi assinalado nos parágrafos anteriores. Por exemplo, se A propõe que B faça determinada coisa e se B diz:

Se vou fazer uma coisa dessas!

B quer dizer que, evidentemente, não vai fazê-lo, e insinua ainda que a proposta é uma bobagem. Este uso de *se* é relativamente raro, tornando-se mais comum quando precedido de *imagina*. Exemplo:

Imagina se vou permitir isso!

Nos dois casos, se pode ser visto como PM; no último exemplo, poder-se-ia considerar *imagina-se* como uma locução modal; nota-se que nenhum dos dois vocábulos tem seu significado original. Na tradução para o alemão, é preciso modificar a estrutura sintática, podendo-se empregar a PM *DOCH*, ou encontrar outras alternativas:

Se vou fazer uma coisa dessas!

- Ich mach sowas doch nicht!

- Als ob ich sowas machen würde!

- Du kommst vielleicht auf Ideen! Als ob ich sowas machen würde!

Imagina se vou permitir isso!

- Das werd' ich doch nicht erlauben!

- Was der sich vorstellt! Als ob ich das erlauben würde!

### 3.15 Outras possíveis PMs

Visto que, neste capítulo, pretendi tão somente mostrar que existem PMs no português, e para não aumentar por demais o volume desta Dissertação, quero agora apenas chamar a atenção, sem maiores comentários, a mais alguns vocábulos e locuções que também são indicadores atitudinais, fato que, geralmente, não é assinalado nos dicionários e gramáticas.

#### a) Só

Exemplos: Veja só!

Olhe só!

Imaginem só!

Uso quase restrito aos três exemplos. Atitude: surpresa, às vezes junto com indignação.

## b) Já

Exemplos: Isso já é demais!  
 Isso já não dá!  
 Este comportamento já não me agrada!

Uso relativamente restrito. Só ocorre em sentenças declarativas. Atitude expressa: reprovação, contrariedade. Possíveis equivalências em alemão: *DENN DOCH, JA NUN DOCH, JA NUN wirklich.*

O traço semântico "contraste", detectável nesta PM, está presente também numa outra variante, a qual não indica contrariedade ou reprovação, mas lamento ou resignação. Exemplos:

Ai já não sei.  
 Neste caso, ele já não vai participar.

Finalmente, há uma variante de já que significa, aproximadamente, "ao contrário", de modo que o traço "contraste" é mais nítido ainda. Exemplo:

eu nunca pego o trânsito (...). - eu já pego.  
 (CP2:29)

Este já pode ser classificado como advérbio conjuntivo, ou como "partícula com funções parecidas com as das PMs" (cf. 2.2.4).

Estranhamente, nenhuma dessas três variantes de já é mencionada nos dicionários.

c) Mesmo<sup>18</sup>

Além de poder ser, em alguns poucos casos, o equivalente da PM alemã *EBEN* (cf. 4.4.4), este vocábulo ocorre em perguntas do tipo:

Como é mesmo o nome?

Atitude: o falante mostra que está consciente de que já fez a mesma pergunta ou já deveria saber a resposta; portanto, está implícito um pedido de desculpas. No alemão: *NOCH, DOCH NOCH*. Exemplo de uma tradução errada, com a *PM NUR*:

Como é mesmo o nome do marido? Matarazzo? (Amado 1977:72)

Wie war nur der Name von ihrem Mann? Matarazzo? (Amado 1979:72)

#### d) Bem

Exemplos: Você bem podia me ajudar.

Nós bem poderíamos viajar em julho.

Empregado em asserções, junto com o verbo *poder* no futuro do pretérito ou no pretérito imperfeito. Atitude expressa: o falante deseja e sugere *p*, lamentando que talvez não-*p*. Em alemão: *wirklich, EIGENTLICH, JA EIGENTLICH wirklich*. Exemplo de tradução:

O marido dela bem podia dar notícia... (Amado 1977:33)

Ihr Mann konnte wirklich Nachricht geben... (Amado 1979:31)

#### e) Bem que

Exemplos: Bem que eu te avisei!

Bem que nós poderíamos ficar mais um pouco!

Locução empregada em orações subordinadas não acompanhadas da oração principal; tom exclamativo. Atitude: 1º) crítica; em alemão: *DOCH*, ou sentença interrogativa com *NICHT* (*Ich hab dich doch gewarnt!; Hab ich dich nicht gewarnt?*); 2º) semelhante à atitude expressa por *bem*; em alemão: *EIGENTLICH, EIGENTLICH gut*.

## f) E que

Em uma das suas funções, esta locução faz com que perguntas se tornem menos objetivas, menos secas, revelando o desejo do falante de se aproximar do interlocutor (por exemplo: "Quando é que você volta?"); pode também ser o sinal de que o falante duvida do interlocutor, como no seguinte exemplo, cuja tradução para o alemão contém a PM *DENN*, que freqüentemente é usada como equivalente de *é que*:

Como é que tu sabe? (Amado 1977:20)  
Woher weisst du das denn? (Amado 1979:17)

## g) Será que

Locução polifuncional; ocorre no início de perguntas. Função principal: indicar que o conteúdo da pergunta não é algo de novo, mas sim algo de atual, ligado ao contexto, algo que "está no ar"; o falante pede menos uma informação do que a opinião do interlocutor; dependendo do contexto, ele pode tanto desejar quanto temer *p*, ou ainda ser indiferente, apenas curioso. Só a entoação vai revelar se ele tende a pensar *p*, ou não-*p*.

Exemplos: Será que você vai conseguir?  
Será que vou ser demitido?  
Será que eles vão se casar?

Equivalente alemão: *WOHL*, de preferência com o verbo no futuro, ou *ob ... WOHL*; também é possível o emprego do verbo *glauben*. Tradução dos exemplos:

Wirst du's wohl schaffen?  
Glaubst du, dass ich entlassen werde?  
Ob sie wohl heiraten werden?

Numa outra variante, a locução é usada em perguntas retóricas que implicam uma repreensão: Em alemão: *EIGENTLICH, DENN.*

Exemplo: Será que você não entende?  
Verstehst du das eigentlich nicht?

Numa terceira função, *será que* indica que o falante prefere não-*p*, repreendendo o interlocutor, ou o AA (autor da ação), em caso de *p*. Em alemão: *VIELLEICHT, ETWA.*

Exemplo: Será que tu mandou dizer a Tieta que Peto está no Grupo Escolar...? (AMADO 1977:23)  
Hast du vielleicht Tieta wissen lassen, dass Peto in die öffentliche Schule geht? (AMADO 1979:20)

Finalmente, a locução pode indicar que o falante quer abrandar um ato ameaçador da face, a saber, um pedido. Em alemão: *VIELLEICHT* (cf. 4.2.5 e 4.2.7.3; cf também KOIKE 1989).

Exemplo: Será que você poderia me ajudar?  
Könntest du mir vielleicht helfen?

### 3.16 Resumo

Constatou-se, neste capítulo, que existem, no português, vocábulos e locuções que se assemelham às PMs alemãs devido às seguintes características:

1<sup>o</sup>) São indicadores atitudinais, isto é, indicam atitudes além daquelas explicitadas por outras formas linguísticas que têm um significado básico claro, como, por exemplo, o verbo *querer*, o advérbio *infelizmente*, o adjetivo *triste*.

2º) Todos esses vocábulos e locuções têm, além de serem FMs, pelo menos um outro significado, ou função: são, principalmente, advérbios ou conjunções, ou são locuções compostas de preposição e substantivo (*por acaso*), do verbo *ser* e *que* (*é que, será que*), ou do advérbio *bem* e *que*.

3º) Quase todos esses indicadores atitudinais têm subvariantes, revelando atitudes diferentes em contextos diferentes, de modo que podem ser parafraseadas de várias maneiras.

Entretanto, a maioria deles não preenche todos os requisitos da definição das FMs alemãs: alguns são locuções, não vocábulos; muitos têm posição inicial; vários são acentuados (por exemplo, *só*); um é separado por uma pausa do enunciado que segue (*também*).

São FMs conforme a definição alemã: *ai, bem, já, lá, mesmo, não*. Poder-se-ia acrescentar as ocorrências não-iniciais de *afinal* e *simplesmente*. Mas, visto que estes dois vocábulos podem ocorrer no início do enunciado, eles tampouco são FMs típicas.

O número muito reduzido de vocábulos funcional e sintaticamente iguais a estas partículas alemãs praticamente impede que se estabeleça uma nova categoria de palavras na gramática do português. Porém, o número aumenta bastante quando se incluem as outras formas lingüísticas examinadas neste capítulo.

Assim, do mesmo modo que, numa certa linha da pesquisa lingüística, se introduziu o termo "operador argumentativo", que abrange elementos sintaticamente

diversos (cf. KOCH 1987:104-10), seria possível usar um novo termo para abranger estes tipos de "indicadores atitudinais". Quero deixar para outros pesquisadores a escolha de tal termo.

### 3.17 Ocorrências autênticas

Na maioria dos exemplos dados neste capítulo, o uso dos vocábulos e locuções estudadas deve parecer completamente normal, comum, usual, aos falantes nativos brasileiros. Mesmo assim, gostaria de comprovar que estas formas lingüísticas - nas funções indicadas - são, de fato, usadas na fala real. Para tanto, citarei algumas de suas ocorrências registradas naquelas publicações que contem transcrições de gravações de conversas e discussões (CASTILHO e PRETI; PRETI e URBANO).

Entretanto, constatou-se que, enquanto algumas dessas PMs são bastante freqüentes, outras não foram registradas, nem em 470 páginas de transcrições. Esta falta de registro não significa, porém, que tais vocábulos e locuções - na função de PMs - não ocorram na fala real. Ela é devida quer ao uso menos freqüente, quer ao seu uso - talvez freqüente - em determinadas ocasiões, das quais não existem gravações.

As PMs - e locuções do tipo das PMs - com o maior número de ocorrências registradas são, nessa ordem, *é que* (em perguntas) e *não. Será que, mas, já e simplesmente* foram

encontradas entre duas e cinco vezes, aí uma vez. Lá ocorreu apenas na locução *sei lá*, a qual é muito freqüente, não como resposta, mas como sinal de dúvida no meio dos turnos.

Exemplos:

1) *E que*

- a) L1: ator famoso aí... -- como é que chama o desgraçado aí fez o *Midnight cowboy* --  
 L2: ahn... o... ah já sei dos -- aí como é que se chamava -- eh:::... com Dustin Hoffmann né?... (CP2:34)
- b) L2: ah mas você vê que é que ... que é que está levantando ... quem é que você vê levantando (CP2:77)

2) *Será que*

- a) L1: () ... gozado a confiança que o homem tem em máquina né? mas... eu estava pensando... será que isso é... sem:: pre... desde que começou a haver máquina... sempre há desconfiança? (CP2:37)
- b) L1: e cada vez você vê que... a máquina... substitui mais o homem... numa porção de coisas... e minha dúvida era a seguinte pô como vai chegar uma hora que você... só tem máquina... como é que faz?... ou será que vai ter essa hora? (CP2:37)

3) *(Sei) lá*

- a) L2: (...) que era paranormal e... eh:::... -- não estou lembrando o nome do camarada --... mas além de ter um poder de curar incrível... assim... desses tipo... sei lá... eh:: Arigô né? (CP2:41)
- b) L1: (...) então é o esquema... de... sobrevivência da espécie no fundo né? automático... sei lá como é que se dá talvez por seleção natural né? (CP2:52)

4) *Não*

- a) L1: será que esse daí não é o perigo lá que o... Nostradamus falou para o ano dois mil? (CP2: 40)

b) L1: cada vez não se aumenta mais essa pro/ essa potencialidade de fazer:: a hecatombe? (CP2:59)

5) *Simplesmente*

a) L2: (o pajé) ele é simplesmente o cara que caça mais (...) (CP2:35)

b) L2: (...) se a gente for parar para fazer as coisas calmamente não dá... pura e simplesmente não dá... (CP2:139)

6) *Mas*

a) L1: (...) falei "mas que diabo ..." o meu dinheiro foi todo para a Bolsa como é que faço agora né? (CP2:77)

7) *Ja*

L1: e os filhinho dele... são considerados superiores ou não?

L: não aí eu já não sei já não entrei::... porque lá es/ eh:: tem os kren-akarore não sei mais o que (...) (CP2:35)

8) *Aí*

(Na sala de aula)

(...) o lado monetário não era afetado pelas taxas de juros... -- isso a gente vai... vocês aguardem aí nos vamos discutir na próxima aula (...) (CP1:44)

## 4. AS PMS *ABER*, *VIELLEICHT*, *ETWA* E *EBEN* E SUAS EQUIVALENCIAS NO PORTUGUES

Neste capítulo, serão examinadas as quatro PMS alemãs escolhidas para esta pesquisa, e serão discutidas as propostas de tradução para o português.

### 4.1 *ABER*

#### 4.1.1 Análises anteriores

Desde os primeiros artigos sobre PMS, constatou-se que o vocábulo *aber*, mais conhecido na sua função de conjunção (= mas), pode ser usado para expressar a surpresa do falante.

THIEL (1962:71), que disse que seu significado pleno é "contraste", "adversatividade" (*Gegensatz*), já afirmava que o uso de *ABER* em expressões de surpresa pode ser explicado assim: "ao contrário do que eu imaginava".

Esta explicação foi retomada por outros autores, os quais acrescentaram alguns detalhes importantes.

WEYDT (1969: 31,35), percebendo que há outras PMS que revelam surpresa, faz as seguintes distinções em relação aos motivos da surpresa: empregando *JA*, o falante mostra que está surpreso com o fato que ele está mencionando, e ele

acha que sua surpresa é compartilhada pelo ouvinte; *VIELLEICHT* é usado quando o ouvinte não conhece o fato surpreendente; no caso de *ABER*, a ênfase está no falante.

*BUBLITZ* (1977)<sup>1</sup> considera a PM *ABER* como um caso especial da conjunção *aber*, a qual - usando-se um "quase-silogismo"<sup>2</sup> - pode ser explicada da seguinte maneira:

Exemplo:

Bonn ist Hauptstadt, aber klein.

(Bonn é uma capital, mas pequena.)

(Premissa menor) A: Bonn é uma capital.

(Premissa maior) B: Capitais normalmente são grandes.

(Conclusão) Logo C: Bonn normalmente (provavelmente) é grande.

(Contradição) Mas D: Bonn é pequena.

Quando alguém ouve o enunciado "A, mas D" ("Bonn é uma capital, mas pequena"), ele entende que "B" e "C" foram omitidos. Segundo *BUBLITZ*, esta compreensão é possível devido a uma implicatura convencional (no sentido de *GRICE* 1975).

No caso da PM, *ABER* - indicando adversatividade - foi transferido do enunciado "D" - que é inexistente - para o enunciado "A".

Exemplo:

Du hast aber einen Bart! (= A + aber)

(Puxa, que barba que você tem!)

A: Você tem uma barba.

B: Barbas normalmente não são muito compridas.

Logo C: Sua barba normalmente (provavelmente) não é muito comprida.

Mas D: Sua barba é muito comprida.

Neste exemplo, foi usado, como conteúdo da premissa maior ("B"), o comprimento da barba. Porém, na verdade, no enunciado que contém a PM (isto é, "A + aber") esta premissa não é mencionada, nem "C", nem "D", de modo que, quando o

falante diz "A + aber", o ouvinte não pode saber em relação a qual norma existe uma contradição, uma anomalia. O *ABER* lhe assinala que deve haver implícito um pensamento como expresso em "B", "C" e "D", mas ele não conhece o conteúdo. Este só pode ser imaginado com base no contexto ou nas experiências e suposições que o ouvinte acredita compartilhar com o falante. Deste modo, podem ocorrer conclusões erradas. O falante pode querer dizer que a barba é surpreendentemente comprida, enquanto o ouvinte acha que o falante quis dizer que a barba tem um formato muito estranho.

Somente quando a premissa "A" contém um adjetivo, as proposições "B", "C" e "D" podem ser deduzidas pelo ouvinte.

RUBLITZ apresentaria o seguinte raciocínio<sup>3</sup>:

Das Haus ist aber schön! (= A + aber)

(Como esta casa é bonita)

A: A casa é bonita.

B: Casas normalmente não são muito (tão) bonitas.

Logo C: Esta casa normalmente (provavelmente) não é muito (tão) bonita.

Mas D: Esta casa é muito (tão) bonita

.

Percebe-se que em tais casos a PM *ABER* tem um efeito intensificador.

Relatando os resultados de uma pesquisa, WEYDT e HENTSCHEL (1981:331; cf. também HENTSCHEL 1981, HARDEN 1983b:22, WEYDT et al. 1983:19) constataam que existem as seguintes diferenças entre as PMs que expressam surpresa:

*JA*: o falante tinha esperado outra coisa, mais exatamente o contrário daquilo que ele está dizendo; por exemplo, no caso de "*Der hat ja einen Bart*" (as como! Ele tem barba!) ele esperava que o outro não tivesse barba;

*ABER*: normalmente só é usado quando o interlocutor também conhece ou percebe p; o falante se surpreende com a

quantidade, por exemplo, com o comprimento da barba, não com o formato;

*VIELLEICHT*: pode ser usado quer que o interlocutor conheça quer que le não conheça *p*; no primeiro caso, a *PM* é empregada quando o falante não se surpreende com a quantidade, mas com a qualidade, com a maneira ou forma; "*Der hat vielleicht einen Bart*" significa, portanto, aproximadamente "Que barba estranha ele tem".

WEYDT (1983) considera as análises de BUBLITZ interessantes, mas afirma que o "quase-silogismo" não pode ser aplicado em todos os casos, por exemplo, não a um enunciado como: "Choveu o tempo todo, as crianças foram insuportáveis, mas o café da manhã foi excelente". Também não se pode dizer que haja uma norma em relação às expectativas (*Erwartensnorm*) que explique o uso de *ABER* como *PM* em enunciados como "*Der Kaffee ist aber heiss*" (Como o café está quente).

WEYDT propõe uma outra solução. Na sua opinião, o falante usa *aber* para evitar uma conclusão errada por parte do ouvinte. Por exemplo, com a segunda parte de "*Karl ist gross, aber schwach*" (Karl é alto, mas fraco), o falante quer se prevenir contra a possível conclusão do ouvinte de que Karl, sendo alto, também é forte. Esta explicação com "tese" (Karl é alto) e "antítese" (mas fraco) é válida também em casos como: "Desculpe o incômodo, mas estou preparando a comida e acabei de perceber que não tem sal em casa. Será que a sra. pode me emprestar um pouco?"

Todavia, WEYDT não explicita em que medida sua explicação de *aber* se aplica à *PM*, de forma que surge a pergunta por que em expressões de surpresa como "*Der Kaffee ist aber heiss*" (Como o café está quente) o falante usaria *ABER* para "evitar uma conclusão errada por parte do

ouvinte".

No final do seu artigo, o autor afirma que é necessário descobrir o que todas as ocorrências de uma determinada partícula têm em comum, mas também o que as diferencia e qual é o "mecanismo pragmático" que faz com que um enunciado que contém, por exemplo, *ABER* se torne um determinado ato de fala: um elogio, uma crítica, uma expressão irônica.

#### 4.1.2 Conjunção ou partícula modal?

Constatou-se que os especialistas estão de acordo que a PM *ABER* revela surpresa, conserva o significado original da conjunção *aber* e se distingue de outras PMs que também são usadas em expressões de surpresa.

Mas há autores que consideram certas ocorrências de *aber* erradamente como PM - o que mostra que as coisas não são tão simples. Como é que se sabe que em tal ou tal enunciado *aber* é PM, expressando surpresa? O fato de que a conjunção tem posição inicial, a qual nunca é ocupada pela PM, não basta, pois às vezes até a conjunção é usada em posição não-inicial (cf. 2.2.3). RUBLITZ (1978:53) dá o seguinte exemplo:

Du 'hast aber einen Bärt!<sup>4</sup>

Este enunciado, com a mesma entoação, pode ter dois significados, dependendo do contexto. As traduções seriam:

- (a) Puxa, que barba que você tem!
- (b) Mas você 'tem uma barba.

No primeiro caso - com a PM *ABER* - trata-se de uma expressão de surpresa, no segundo, de uma constatação adversativa, na qual *aber* é conjunção. BUBLITZ imagina como contexto da segunda interpretação a seguinte fala do interlocutor: "Eu sempre tenho que fazer o Papai Noel. Gostaria de não ter barba." Resposta do falante: "Mas você tem barba."

Por um lado, é impossível que o enunciado, nas duas interpretações, tenha realmente a mesma entoação - como alega BUBLITZ; por outro lado, o contexto, de qualquer maneira, indicaria o sentido pretendido pelo falante.

HELBIG e BUSCHA (1987:489) classificam *aber* erroneamente como PM nos seguintes enunciados:

Hole die Milch! Sei aber vorsichtig bei dem Glatteis.  
 (Vá buscar o leite! Mas cuidado com o gelo no chão.)  
 Beeile dich! Falle aber nicht hin!  
 (Apreste-se! Mas não caia!)

Os autores não consideram esses enunciados como expressões de surpresa, mas acham que o *aber* neles usado seja uma segunda variante da PM *ABER*.

Entretanto, trata-se simplesmente da conjunção adversativa *aber*, cujo emprego pode ser explicado assim:

A: Eu quero que você se apresse. (= Apreste-se.)  
 B: Quando uma pessoa se apressa, há o perigo de cair.  
 Logo C: Há o perigo de que você caia.  
 Mas D: Eu quero que você não caia. (= Não caia.)

Portanto, a estrutura do argumento é "A, *aber* D", e não "A + *aber*", como nos casos da PM *ABER*.

A diferença entre conjunção e PM é menos nítida em ocorrências como:

- F<sub>1</sub> (falante<sub>1</sub>): Schau mal, der Thomas!  
 F<sub>2</sub> (falante<sub>2</sub>): Was? Das ist doch nicht der Thomas!  
 F<sub>1</sub>: Doch, ich bin ganz sicher.  
 F<sub>2</sub>: Dann hat er sich aber ganz schön verändert.  
 (F<sub>1</sub>: Olhe, o Thomas!  
 F<sub>2</sub>: O que? Não é o Thomas de jeito nenhum!  
 F<sub>1</sub>: Sim, tenho certeza.  
 F<sub>2</sub>: Então, ele mudou muito! (Mas então ele não mudou muito.)

Mesmo sem indicações de entoação, o *ABER* no último enunciado pode ser interpretado como PM, expressando surpresa, devido à co-ocorrência de *ganz schön* (muito). Sem esta expressão avaliativa, e sem uma entoação de surpresa, o enunciado, introduzido por *dann* ("Dann hat er sich aber verändert"), pode ser visto como uma conclusão lógica, de modo que a conversa pode ser interpretada da seguinte maneira:

- F<sub>1</sub>: Ali está Thomas.  
 F<sub>2</sub>: Aquele não pode ser o Thomas, porque eu conheço o Thomas.  
 F<sub>1</sub>: Apesar de suas afirmações, aquele é o Thomas.  
 F<sub>2</sub>: É possível, **mas** somente se ele tiver mudado muito. Acreditando em você, concluo que o Thomas mudou muito.

Esta conclusão ("É possível, mas somente se ...") mostra que *aber* é uma conjunção (= mas), podendo ser interpretada como tal em enunciados começando por *dann* (então).<sup>5</sup>

#### 4.1.3 A partícula modal *ABER*

##### a) Tipos de sentenças

A PM *ABER* só ocorre em asserções ou exclamações, as quais podem ter a forma típica das sentenças declarativas, ou das sentenças interrogativas (geralmente

sem pronome interrogativo), porém, com entoação assertiva ou exclamativa; pode também ocorrer em asserções no discurso indireto (cf. HENTSCHEL 1986:224).

Exemplos:

Du bist aber gewachsen!  
Bist du aber gewachsen!  
(Como você cresceu!)

Sie sagte, das Haus sei aber gross.  
(Ela disse admirada que a casa era muito grande.)

#### b) Posição

A PM *ABER* nunca ocorre em posição inicial. KRIVONOSSOV (1977a:314) percebeu e HENTSCHEL (1986:207ss.) confirmou que as PMs - portanto, também *ABER* - são colocadas antes do rema, isto é, antes daquele elemento que é considerado pelo falante como mais importante, como informação nova. Por isso, elas não podem ocorrer após substantivos acompanhados do artigo indefinido.

Exemplos:

Das ist aber nett von dir! (Rema: nett)  
(Que gentileza sua!)

Du waschst dein Auto aber schnell! (Rema: schnell)  
(Como você lava seu carro rapidamente!)

Du hast aber ein tolles Auto! (Rema: ein tolles  
Auto)  
(Que carro fantástico você tem!)

#### c) Significado primário<sup>6</sup>

Devido à homografia com a conjunção *aber*, descobriu-se que o significado primário desta PM é a adversatividade, e que ela é usada quando há um contraste entre o que era esperado e o que está sendo percebido pelo falante (cf. os autores mencionados acima). Mais adiante,

farei algumas observações a respeito disso.

#### d) *Função*

Todos os autores afirmam que *ABER* é usado quando o falante quer expressar sua surpresa. Em termos de ilocução, pelo emprego de *ABER*, uma simples asserção torna-se uma expressão de surpresa. Embora este efeito já possa ser conseguido através da entoação, usa-se normalmente *ABER*, ou uma outra PM. Veja mais detalhes nos itens (e), (g), (h) e (i).

#### e) *Diferenças em relação a outras PMs que expressam surpresa*

e') *ABER* normalmente só é usado quando o interlocutor conhece, presenciou ou está percebendo o fato ao qual o falante está se referindo, ou quando este imagina que o outro conhece, presenciou ou está percebendo o fato.

Exemplo:

S7 Das ist aber seltsam!  
(Que estranho!)

Caso contrário, usa-se *VIELLEICHT*. Exemplo:

S46 Der hat vielleicht ein Haus.  
(Que casa ele tem!)

e'') Enquanto *ABER* e *VIELLEICHT* são empregados quando o falante se surpreende com a quantidade, qualidade, intensidade, etc., do fato em questão, *JA* é usado quando a surpresa é causada pela simples existência ou ocorrência do fato (cf. WEYDT e HENTSCHEL 1981:331).

Exemplos:

Du bist aber braun!

(Como você está bronzeado!)

Maria ist vielleicht braun!  
(Como a Maria está bronzeada!)

Nos dois casos, o falante está surpreso com a intensidade do bronzeado, sendo que no segundo enunciado o ouvinte não sabe ainda que Maria está bronzeada (cf. e'). Mas dizendo:

Du bist ja braun!  
(Como você está bronzeado! Não sabia!)

o falante deixa claro que ele não esperava que o interlocutor estivesse bronzeado.

Também há diferenças na acentuação, pelo menos em enunciados curtos como os dos exemplos. Em enunciados com *JA*, o acento primário recai necessariamente sobre o rema:

Du bist ja 'braun!

Em enunciados com *ABER* ou *VIELLEICHT*, normalmente é o sujeito que leva o acento primário:

'Du bist aber braun!  
'Maria ist vielleicht braun!

(Cf. também os enunciados das situações 1, 3, 8, 11, 13, 45, 46, 49, 51, 52)

e''') WEYDT e HENTSCHEL (1981) acreditam ter descoberto que a PM *ABER* é usada quando a surpresa do falante foi causada pelo fator quantidade (por exemplo, o tamanho de uma barba), enquanto *VIELLEICHT* seria preferido quando está em jogo a qualidade, forma ou maneira (por exemplo, a forma de uma barba). Contudo, por um lado, nem todos os falantes nativos tiveram a mesma reação diante de

*ABER* e *VIELLEICHT*; por outro lado, a pesquisa só foi feita com base numa única situação, a cena da barba. Como mostram as situações 49 e 50, a conclusão dos autores citados não é generalizável, pois nessas situações o elemento de surpresa está ligado ao fator quantidade. Afirmam WEYDT et al. (1983:17) com alguma razão: "Na maioria das vezes, porém, esta diferença entre quantidade e qualidade não entra em jogo; nesses casos, é completamente irrelevante qual das duas FMs você usa."

Parece-me, todavia, que, nos casos em que qualquer uma das duas FMs poderia ser usada, *ABER* é preferido quando o falante expressa simplesmente sua surpresa (situações 3, 7, 13) ou a combina com um elogio ou qualquer constatação positiva (situações 1, 8), enquanto *VIELLEICHT* é preferido quando o falante expressa uma crítica, indignação ou ironia (situação 49 e 51). Por exemplo, nas situações 49 e 50:

Das ist vielleicht teuer!  
(Como é caro!)

Dein Auto ist vielleicht schmutzig!  
(Como seu carro está sujo!)

seria muito bem possível usar *ABER* no lugar de *VIELLEICHT*. Mas, repito, ao meu ver, *ABER* expressa a simples surpresa, ao passo que *VIELLEICHT* revela, nesses dois enunciados, indignação e crítica. As vezes, enunciados com *ABER* também podem conter uma crítica ou indignação; entretanto, isto é devido não a *ABER*, mas ao conteúdo proposicional, por exemplo, ao significado de um adjetivo. Em:

Sie sind aber lustig!  
(O sr. é muito engraçado!)

a crítica implícita é causada pelo uso irônico de *lustig*.

Falando-se da escolha entre *ABER* e *VIELLEICHT*, é preciso mencionar o fato de que há contextos em que *VIELLEICHT*, via de regra, não é usado. E o caso em enunciados começando por *da* (ai, então). Exemplos:

S4 Da haben Sie sich aber ganz schön verfahren!  
(Ai, o sr. errou bastante o caminho!)

S2 Da haben Sie aber Glück gehabt!  
(Que sorte o sr. teve!)

No segundo exemplo, o emprego de *VIELLEICHT* - com acento primário no verbo - é aceitável, mas muito menos comum.

A preferência por *ABER* pode ser explicada pelo fato de que nesse tipo de enunciados - que são reações do falante a asserções de uma outra pessoa - o significado primário deste vocábulo é bastante perceptível. Podemos imaginar o seguinte raciocínio do falante:

A pessoa P disse x. Quando x, o normal na situação descrita seria y. Mas ocorreu z. Por isso, concluo p.

Exemplificando com (S4):

O sr. disse que pretende ir a determinado endereço. Quando se quer ir a determinado endereço, o normal é chegar lá. Mas o sr. não chegou nem perto. Por isso concluo que o sr. errou bastante o caminho.

Portanto, o emprego de *ABER* explica-se pela surpresa do falante em constatar uma diferença entre o que seria de esperar e o que aconteceu.

## f) Observações sobre o significado primário

Os enunciados analisados por último mostram que a origem da PM *ABER* é a conjunção adversativa *aber*. Este parentesco de ambas não pode ser posto em dúvida, nem nos casos em que o caráter adversativo da PM é menos evidente, como em

S13 Du bist aber gewachsen!  
(Como você cresceu!)

onde à primeira vista não faz sentido supor um contraste, já que o normal é crescer. Mesmo assim pode-se construir o seguinte raciocínio:

Eu não te vejo há algum tempo. Então é normal que você tenha crescido. Mas você cresceu mais do que eu podia esperar.

Apesar desta possibilidade de explicar a PM *ABER* usando tais raciocínios, nos quais aparece uma conjunção adversativa, acredito que o caráter adversativo da PM somente, ou principalmente, foi descoberto devido à homografia - e a etimologia comum - com a conjunção *aber*. Isto é, enquanto o componente semântico "surpresa" está bastante nítido nas ocorrências da PM citadas até aqui, um traço "adversatividade" não é tão óbvio. Pois, pode-se perguntar, por que nenhum autor afirma que há este traço nas duas outras PMs que expressam surpresa, a saber *VIELLEICHT* e *JA*? Certamente porque elas não têm homógrafos que indicam adversatividade. Mas vimos que *VIELLEICHT* às vezes pode ser usado, nos mesmos contextos, no lugar de *ABER*. Quanto a *JA*, o caráter adversativo é mais evidente nesta PM do que nas duas outras, já que ela é usada quando alguém se surpreende

com algo de inesperado, e não somente com a quantidade, tamanho ou forma. Exemplo:

Max hat ja ein Auto!  
(Puxa! Max tem um carro. Não sabia.)

Este enunciado pode ser interpretado assim:

Eu pensei que Max não tivesse um carro. Mas estou vendo que ele tem um carro. Portanto, estou surpreso.

Com estas observações pretendi dizer o seguinte: é legítimo e necessário tentar descobrir qual é a relação entre cada PM e seus homógrafos. É possível dizer, por exemplo, que a PM *ABER*, mesmo em expressões de surpresa, mantém o elemento "adversatividade" que possui seu homógrafo. Mas não se deve dar a impressão de que a adversatividade é o significado principal em todas as ocorrências da PM *ABER* - e ao mesmo tempo não mencionar de modo algum que este componente semântico também é inerente às PMs *JA* e *VIELLEICHT*.

E verdade que os autores que procuram descobrir o *Übergreifende Bedeutung* (significado comum a todos os homógrafos das PM - cf. 2.3.3) não afirmam que este significado comum seja também o significado principal, mas o leitor pode ter esta impressão. E de qualquer maneira, os autores citados (por exemplo, BUBLITZ 1978, WEYDT e HENTSCHEL 1983), mais preocupados em verificar o *Übergreifende Bedeutung*, esquecem de indicar os diversos componentes semânticos de cada PM<sup>7</sup>.

## g) O traço semântico "surpresa" rediscutido

Uma vez descoberto por THIEL (1962), esse traço foi aceito por todos os autores como sendo o único - fora o significado subjacente "adversatividade". De fato, em muitos enunciados o elemento "surpresa" é bastante nítido, por exemplo, nos seguintes:

- (60) Du siehst aber nicht gut aus!  
(Você parece não estar bem!)
- (61) Du hast es aber weit zur Arbeit!  
(Puxa! Você tem um bom caminho até o trabalho!)
- (62) Das Foto hier ist aber alt!  
(Como esta foto é velha!)
- (63) Sie haben es aber eilig!  
(Puxa, que pressa o sr. tem!)

Entretanto, há outros casos em que o fator "surpresa" não está claro de modo algum. Exemplos:

- (64) Dem hab ich die Leviten aber gelesen!  
(Dei um bom puxão de orelhas nele!)
- (65) Dem werde ich es aber zurückzahlen!  
(Eu vou me vingar. Ele vai pagar caro por isso!)
- (66) Wird sich die Steuer aber freuen!  
(O fisco vai adorar isso!)

E verdade que mesmo nesses exemplos os enunciados foram proferidos em consequência de uma divergência entre algo que era de se esperar - porque normal, isto é, conforme as normas do bom comportamento - e o que realmente aconteceu. Em (64) e (65), "ele" aparentemente se comportou mal, e em (66) alguém que não é mencionado não se comportou diante o fisco como devia. Mas, ao meu ver, não se pode dizer que *ABER* em tais casos sirva para expressar surpresa, visto que não é pela realização dos enunciados que o falante revela sua surpresa, como ocorre em (60) a (63). A surpresa - se

houve - aconteceu anteriormente.<sup>8</sup>

O traço semântico "surpresa" é ainda menos óbvio naqueles enunciados nos quais o falante se refere a alguma fala anterior do interlocutor e dá sua opinião ou tira uma conclusão.

Exemplos:

- (67) Da tust du mir aber leid!  
(Sinto muito por você!)
- (68) Das finde ich aber wirklich schade!  
(É realmente uma pena!)
- (69) Das finde ich aber nicht nett von dir!  
(Mas isto não foi gentil da sua parte!)

Acredito que o leitor concorda comigo que nestes enunciados o falante não exterioriza primordialmente sua surpresa, de modo que eles não podem ser considerados, em termos de atos de fala, como "expressões de surpresa". Em tais enunciados, o falante exprime sua opinião ou seu sentimento a respeito do conteúdo da fala anterior, ao qual ele se refere usando elementos anafóricos como *da* (aí) ou *das* (isto). Mais uma vez, o emprego de *ABER* pode ser explicado pelo fato de que há, na situação descrita pelo interlocutor, uma diferença entre um estado de coisas normal, esperado, e o ocorrido. Conquanto tal explicação aponte para o significado primário da PM, ela não diz nada sobre a atitude do falante.

Não é fácil dizer qual é sua atitude nesses casos, ou nos casos mencionados anteriormente, isto é, em (64) a (66). Ela varia conforme o conteúdo do enunciado e o contexto, mas parece que *ABER* pode intensificar o sentimento que já se manifesta no enunciado sem a PM. Em (64), o

sentimento é a satisfação pelo puxão de orelhas; em (65), é a certeza e a ameaça de que o outro vai pagar caro; em (66), é o sarcasmo diante a reação do fisco à falta do contribuinte.

O caso dos enunciados (67) a (69) é diferente: a PM *ABER* faz com que eles fiquem mais emotivos, menos secos, como seriam, por exemplo:

(67') Da tust du mir leid.

(69') Das finde ich nicht nett von dir.

Mesmo quando critica a atitude do outro, o falante, através do uso de *ABER* - e a entoação que acompanha a PM - emocionalmente se aproxima mais do ouvinte, mostrando que, apesar da crítica, quer manter o contato, o bom entendimento. Pode-se dizer que, especialmente nesses casos, *ABER* é um instrumento da comunhão fática da qual fala Malinowski.

#### h) O caso de *ABER AUCH*

No presente trabalho, não examino as ocorrências simultâneas de várias PMs (cf. WEYDT 1969:74-82); RUDOLPH 1983). O caso de *ABER AUCH* é uma exceção, que se explica pelo fato de estas duas PMs serem usadas juntas bastante frequentemente e em determinadas circunstâncias. Alguns diriam que, nos enunciados em que elas ocorrem, *ABER* não é uma PM, de modo que *ABER AUCH* é citado - no quadro do exame da PM *ABER* - por um único autor (BUBLITZ 1978:49). E preciso discutir a questão.

BUBLITZ (*op.cit.*), afirmando que a FM *ABER* só ocorre em exclamações, cita os seguintes exemplos (infelizmente, sem explicitar o contexto):

- (70) (Alguém está falando sobre a criação de maçãs)  
 Das waren aber auch auch welche!  
 (Mas também, eram excelentes!)
- (71) "'Was sind das aber auch für welche!' Der letzte Dreck."  
 (Mas também, como eles são ruins!)
- (72) Jeden zweiten Donnerstag müssen wir ihre Seminare halten, zu meiner eigenen Arbeit komme ich schon lange nicht mehr.  
 - Was muss sie aber auch ständig in der Weltgeschichte herumreisen!  
 (De duas em duas semanas temos que fazer os seminários para ela; faz tempo que não consigo me dedicar ao meu próprio trabalho.  
 - Mas também, que que ela tem que viajar o tempo todo pelo mundo?)

Três observações a respeito destes exemplos: 1º) O último enunciado com *ABER AUCH*, imaginado pelo autor, é muito estranho, isto é, uma reação improvável do falante. 2º) Não está claro se os enunciados com *ABER AUCH* são exclamações - mesmo levando-se em conta que é difícil definir o que seja uma exclamação. 3º) Bublitz não examina estas ocorrências de *ABER AUCH*.

Em vez de proceder a tal exame - que seria dificultado pela falta do conhecimento do contexto - prefiro analisar aqueles dos enunciados que inclui no questionário submetido aos informantes.

- (73) Das war aber auch dumm von dir! (=S9)  
 (Mas também, você bobeou!)
- (74) Das war aber auch ein schwieriger Fall!  
 (=S10)  
 (Mas também, foi um caso difícil!)

Sem dúvida, essas ocorrências de *ABER* fazem parte daquelas em que o caráter adversativo da PM é mais nítido. O pensamento do falante pode ser formulado assim:

Você disse x. Eu compreendo sua posição/atitude/opinião implícita em x. Mas também é preciso dizer y. Dizendo y, quero deixar claro minha atitude de desacordo com você.

Este *ABER* talvez expresse surpresa em (73), mas não em (74). Isto não implica não se tratar de uma PM, pois já constatamos que o traço semântico "surpresa" não é essencial à PM *ABER*. Por outro lado, o *ABER* dos exemplos não é uma simples conjunção adversativa, ligando duas asserções numa relação de oposição, mas serve para revelar uma atitude do falante: a de desacordo. Minha convicção de que se trata de uma PM é corroborada pelo fato de que este *ABER* pode ser substituído, pelo menos em alguns casos, pela PM *VIELLEICHT* (com acentuação diferente, a saber, com o acento primário no verbo):

(73') Das 'war vielleicht auch dumm von dir!

O componente semântico "desacordo" de *ABER AUCH* pode ser relativamente tênue, como no seguinte exemplo, onde *VIELLEICHT* também é possível:

(O falante está contando que agora está com sua situação financeira estabilizada e diz no final:)

(75) Ich hab aber auch geschuftet!

(75'') Ich hab vielleicht auch geschuftet!

(Mas também, trabalhei muito!)

Aqui, o falante expressa seu desacordo com uma possível reação do interlocutor no sentido de achar normal aquilo que o falante fez.

E preciso acrescentar ainda que tanto este quanto os outros enunciados em que aparece *ABER AUCH* são explicativos, isto é, em todos eles o falante dá alguma razão pela qual o fato em questão ocorreu: na situação 9, o interlocutor foi bobo; na situação 10, o caso foi difícil; e na situação mencionada por último, o próprio falante havia trabalhado muito.

Apesar de todas estas afirmações, reconheço que o *ABER* discutido aqui é um caso limite entre PM e conjunção, o que é demonstrado pelo fato de que em todas as ocorrências de *ABER AUCH* - em sentenças de forma declarativa - *ABER* poderia ser usado em posição inicial.

Exemplo:

(75'') Aber ich hab auch geschuftet!

i) **Resumo das constatações sobre o significado de *ABER***

Em todas as suas ocorrências, pode-se detectar uma divergência, seja entre o que era esperado e o que aconteceu, seja entre as opiniões do falante e as de terceiros. Como todas as PMs, *ABER* serve para expressar atitudes, disposições de espírito. São elas:

- surpresa (enunciados (60) a (63));
- intensificação da atitude já manifestada na proposição (enunciados (64) a (66));
- emoção, "comunhão fática", aproximação emocional ao interlocutor (enunciados (67) a (69));

- desacordo, divergência de opinião, sem rudeza, ou seja, mantendo a "comunhão fática" (enunciados (73) a (75)).

**j) Análise de ocorrências autênticas da PM**

Como fizeram todos os autores, discuti a PM *ABER* usando enunciados imaginados, bem que bastante comuns. Agora, examinarei algumas ocorrências observadas em conversas autênticas. Devo restringir-me àquelas registradas em FUCHS e SCHANK (eds.) (1975) (=FS).

A) FS:62. Situação: AB telefona para o amigo AA.

Após os cumprimentos, há o seguinte diálogo:

AB: ich wollt dich einmal aufwecken.

AA: das ist aber gut. ich bin schon längst aufgewacht.

(AB: eu queria te acordar.

AA: que bom. Já acordei há muito tempo.)

Na falta da indicação exata da entoação, o *ABER* do exemplo citado pode ser interpretado de várias maneiras.

1º) Ele pode, a rigor, expressar a surpresa de AA com a intenção - inesperada - do amigo de acordá-lo.

2º) Ele pode ser uma manifestação da vontade de AA de aproximar-se emocionalmente ao seu amigo.

3º) Visto que AA havia acordado bem antes, o enunciado pode ter sido dito em tom irônico. Neste caso, *ABER*, além de marcar o contraste entre a intenção de AB (de querer acordar AA) e a realidade (AA já estava acordado), expressa a vontade de AA de, apesar da crítica implícita na ironia, manter o bom relacionamento com o amigo ("comunhão

fática"). Levando-se em conta o acréscimo assindético do segundo enunciado de AA, esta terceira interpretação deve ser considerada como a mais provável.

B) FS:73. Situação: AA (mãe) e AB (filha), em casa, olham algumas coisas; entre outras, uma saia. AA acha que ela pertencia à mãe dela, mas AB diz que não. Em seguida, AA diz:

(...) das war aber einmal ein grosser Rock.

Dependendo da entoação, este *aber* pode ser conjunção ou PM.

1º) Conjunção: como a filha discordou da mãe, esta pode ter querido dizer "mas (de qualquer maneira) era uma saia grande".

2º) PM (expressão de surpresa):

Como era grande, esta saia!

C) FS:76. Situação: AA (mãe) e AB (filha) conversam sobre roupa nova. AA diz que viu um casaco numa loja e diz o preço:

AB: viel Geld.

AA: das ist aber viel Geld, nich?

(AB: muito dinheiro.

AA: mas é muito dinheiro, né?)

O enunciado de AA não é uma verdadeira expressão de surpresa, pois AA dá sua opinião bem depois de ter visto o preço. Por isso, a tradução não pode ser, como em expressões de surpresa normais, "Puxa, quanto dinheiro!" ou "Como é caro!" Porém, pode-se considerar o enunciado como a

expressão a *posteriori* da surpresa de AA. O contraste inerente às surpresas manifesta-se claramente, inclusive na tradução portuguesa ("mas"). O *ABER* não indica somente o contraste entre o esperado e o percebido, mas pode até ser interpretado assim: "Eu queria comprar o casaco, mas não posso comprá-lo, porque é muito caro."

D) FS:144. Situação: o enunciado no qual ocorre *ABER* é uma citação imaginada, isto é, o falante está imaginando o que a interlocutora vai dizer quando visitar o apartamento do seu namorado.

(...) sie werden dahin gehen und werden gucken und werden aus dem Fenster sehen und werden sagen:  
 ach, das ist aber hübsch  
 (você vai ir lá e vai olhar e vai olhar pela janela e vai dizer: oh, como é bonito)

Esta ocorrência, na qual *ABER* expressa surpresa, mostra que os falantes não usam a PM inconsciente ou automaticamente, mas sabem que, nas circunstâncias descritas, ela costuma ser empregada.

E) FS:68. Situação: AA telefona para AB - com quem tinha combinado encontrar-se mais tarde - para propor sua ida à casa de AB. AB não gosta da idéia. Enquanto AA insinua várias vezes sua vontade de visitar AB, AB mostra diversas vezes que prefere sair de casa. A conversa continua assim:

AA: (...) ich wollte dir nur sagen - sonst wäre ich zu dir gekommen, ne?

AB: och, das is aber auch sehr nett, ne?

(AA: eu só queria te dizer - senão eu teria ido à sua casa, né?)

AB: ah, sim, é muito gentil.)

Este *ABER AUCH* não pode ser interpretado como em 4.1.3.2.h, visto que o falante - AB - não dá uma explicação com a qual ele se oporia a uma atitude ou afirmação do interlocutor. Mesmo assim, descobre-se o elemento "explicação" nesta ocorrência de *ABER AUCH* - a qual, na verdade, é um pouco estranha. Proponho a seguinte análise: por um lado, AA manifesta sua surpresa com o "tamanho" da gentileza de AB; por outro lado, AA explica o motivo pelo qual AB quer visitá-lo (é a gentileza). Portanto, nesta ocorrência misturam-se duas funções de *ABER*.

#### 4.1.4 Discussão das respostas dos informantes

Nesta, como na discussão das outras PMs, serão colocados primeiro o enunciado alemão e, abaixo deste, os enunciados portugueses em ordem de preferência. Atrás destes, serão indicadas as porcentagens arredondadas dos votos daqueles informantes (=TR) que falam bem alemão e, portanto, sugeriram traduções, e dos informantes sem conhecimentos do alemão (=FN, abreviatura de "falante(s) nativo(s)"). Trata-se apenas das porcentagens da primeira escolha (primeira coluna da folha de respostas). Mas nas análises, mencionarei às vezes os votos da segunda escolha (segunda coluna) e os votos de rejeição (quarta coluna).

S1 Sie haben es aber gemütlich!

- (d) Mas como sua casa é aconchegante! (TR: 50% - FN: 7%)
- (e) A sra. tem uma casa muito aconchegante! (19 - 36)
- (a) Como sua casa é aconchegante! (19 - 18)

Sem dúvida, a escolha de (d) por parte dos TR se deve à influência do vocábulo *aber*. O fato de apenas 7% dos FN terem adotado essa solução indica que um enunciado como (d) não é muito comum em português, de modo que essa tradução é, no mínimo, suspeita, bem que os TR, como falantes nativos, mereçam um voto de confiança.

A maioria dos FN preferiu o enunciado (e), no qual não é manifesto nenhum sinal de surpresa. Certamente, eles acham que, no contexto dado, esta atitude já está implícita em *p*, ou pode ser expressa pela entoação.

O enunciado (a) ficou apenas em terceiro lugar. Porém, somando-se as primeira e segunda escolhas dos FN, a diferença entre ele (23 votos) e o primeiro colocado (30 votos) não é muito grande, de modo que (a) pode ser considerado como tradução aceitável de *S1*.

*S2* Da haben Sie aber Glück gehabt.

(f) Mas então o sr. teve muita sorte.	(44 - 13)
(d) Mas que sorte!	(19 - 9)
(e) Poxa, que sorte!	(19 - 9)
(b) Que sorte o sr. teve!	(13 - 22)
(a) Que sorte!	(0 - 22)

Foi necessário listar estes cinco enunciados para mostrar a diferença de opinião entre os TR, de um lado, e os FN, do outro. Novamente, os TR preferiram o emprego de *mas* (os dois primeiros enunciados juntos obtiveram 63% dos votos), ao passo que os FN escolheram expressões com *que*. 11% destes informantes até rejeitaram (f) por completo; 15% também rejeitaram (e).

Conclusão: há FN que consideram o uso de *mas* na situação 2 como errado, outros aceitam-no. Visto que a grande maioria dos TR - que também são falantes nativos do português - escolheu *mas*, este vocábulo pode ser considerado como uma solução para traduzir a PM *ABER*. O fato de os FN terem preferido, na situação descrita, (b) e (a) mostra, por outro lado, que tal tipo de enunciado, começando por *que*, também poderia servir na tradução de expressões de surpresa contendo *ABER*.

S3 Sie haben es aber eilig!

(a) Mas o sr. está com pressa, hein? (50 - 40)

(f) O sr. está com pressa, hein, moço? (16 - 29)

Esta vez, as preferências dos TR e dos FN coincidiram, mesmo que as porcentagens sejam diferentes. Temos aqui a prova de que, pelo menos em certos contextos, o uso de *mas* como equivalente da PM *ABER* é correto. Infelizmente, não propus, no questionário, um enunciado como (a) sem *hein*. Seria interessante saber se os FN o teriam escolhido, ou se sua preferência por (a) foi motivada pela presença de *hein*. O fato é que *hein* está presente nos dois enunciados mais escolhidos. Obviamente este marcador conversacional só pode ser usado em certos contextos, como, por exemplo, em S3, onde alguém não somente mostra sua surpresa, como também faz uma leve crítica em tom amigável.

S4 Da haben Sie sich aber ganz schön verfahren!

(c) Mas então o sr. está num lugar totalmente errado! (44 - 16)

(d) Então o sr. se perdeu mesmo!

(e) Ai, o sr. se perdeu mesmo!

Novamente, a maioria dos FN não viu a necessidade de usar *mas*, enquanto os TR aparentemente o preferiram. Porém, considerando que *então* e *ai* são quase equivalentes, de modo que (d) e (e) são praticamente iguais, os dois enunciados juntos obtiveram o mesmo número de votos dos TR que (c), ou seja, 44%. Assim, na tradução de S4, tanto *mas* quanto a ausência de qualquer elemento modulador seriam admissíveis. O vocábulo *mesmo*, embora pronunciado com ênfase, isto é, de maneira expressiva, não é uma PM, equivalente de *ABER*, mas sim a tradução de *ganz schön* (bastante, muito).

S6 Du siehst aber nicht gut aus!

(f) Meu Deus! Que há com você?	(31 - 22)
(c) Foxa, você não parece estar bem!	(25 - 15)
(b) Mas você não parece estar bem!	(19 - 5)
(e) Que há com você? Você está doente?	(13 - 36)

Neste caso, em que os seis enunciados portugueses propostos por mim são bastante variados, nota-se uma grande dispersão de votos dos informantes. O enunciado que contém *mas* só ficou em terceiro lugar entre os TR, e só 5% dos FN o escolheram. O preferido entre os TR foi (f) (31%), entre os FN foi (e) (36%). Ambas as soluções contêm perguntas, ao contrário de S6; isto é, são enunciados bem diferentes, inclusive em termos de atos de fala. Enquanto S6 é uma asserção, (e) e (f) são genuínas perguntas. Por isso, estes não podem ser considerados como traduções excelentes, mesmo se tais enunciados possam ser proferidos na situação descrita. (f) tem a vantagem de conter uma expressão de estranhamento e espanto (*Meu Deus*), aproximando-se assim da

atitude implícita em S6. A expressão de surpresa *poxa* também é aceitável, mas ela não assinala espanto, de modo que *meu Deus* é preferível. Resumindo: não foi encontrada nenhuma ótima tradução para S6.

S7 Das ist aber seltsam.

- (c) Mas que coisa estranha! (31 - 36)  
 (a) Que estranho! (19 - 22)

Aqui há unanimidade dos dois grupos de informantes em relação às duas melhores soluções, com uma preferência clara por (c). É interessante que os FN também escolheram espontaneamente esse enunciado, que começa por *mas*. Por outro lado, o enunciado (f), que seria uma tradução literal de S7, foi rejeitado por 20% dos FN. Esta é a melhor prova de que *mas* pode, em certos casos, ser usado para traduzir *ABER*. Porém, freqüentemente o vocábulo português não basta; também é preciso modificar a estrutura gramatical do enunciado.

S8 Du bist aber elegant!

- (c) Poxa, que elegância! (38 - 42)  
 (a) Que elegância! (31 - 36)

Este caso mostra mais uma vez que *mas* nem sempre é uma boa solução para expressar surpresa: só 12% dos FN escolheram os dois enunciados que contêm este vocábulo ((d), (e)). A maioria dos dois grupos preferiu o enunciado exclamativo "que elegância", com ou sem a expressão de surpresa *poxa*.

S9 Das war aber auch dumm von dir!

- (c) Mas isso foi uma bobagem! (38 - 5)  
 (g) Mas também, você bobou! (31 - 45)

Entre os TR, ficou em primeiro lugar o enunciado (c), que só obteve 5% dos votos dos FN. Estes optaram claramente por (g). Na verdade, quando se juntam os três enunciados que contêm *mas também*, isto é, (e), (f) e (g), também os TR deram preferência a essa expressão (44%). Portanto, ela pode ser considerada como a melhor tradução.

A questão de saber se *ABER* no conjunto *ABER AUCH* é uma PM já foi discutida no item (h). Quanto a *mas também*, tradução literal de *ABER AUCH*, já foi constatado, no capítulo 3, que se trata de uma expressão do tipo das FMs.

S10 Das war aber auch ein schwieriger Fall!

- (d) Mas também, foi um caso difícil. (56 - 33)  
 (b) Mas foi um caso difícil. (13 - 36)

Esta vez, a preferência dos TR por *mas também* foi clara. Entre os FN, o enunciado (d) ficou em segundo lugar, não muito atrás do enunciado (b), que começa por *mas*. Não há dúvida de que o expressivo *mas também* é uma tradução adequada de *ABER AUCH*.

S11 Der hat aber einen Bart!

- (a) Foxa! Que barba! (31 - 22)  
 (c) Poxa! Que barba que ele tem! (25 - 0)  
 (b) Olhe só! Que barba! (13 - 51)

A maioria dos TR optou por (a), a maioria absoluta dos FN preferiu (b). As duas soluções têm em comum o enunciado "que barba". Em contrapartida, a sentença "que

barba que ele tem", segunda mais preferida entre os TR, não foi escolhida por nenhum FN. E a solução que contém *mas*, ou seja, (d), foi rejeitada por 20% dos FN.

Portanto, quando alguém expressa sua surpresa acerca de uma coisa estranha - no caso, trata-se de uma coisa muito grande - pode-se usar em português uma interjeição ou expressão exclamativa como *poxa* ou *oihe só*, seguida de uma sentença elíptica, consistindo em *que* e um substantivo.

S12 Dann hat sie sich aber ganz schön verändert.

- |                                     |           |
|-------------------------------------|-----------|
| (b) Mas então ela mudou bastante.   | (63 - 20) |
| (c) Poxa! Então ela mudou bastante. | (25 - 36) |
| (a) Então ela mudou bastante.       | (13 - 40) |

A maioria dos FN, escolhendo (a), não viu a necessidade de acrescentar a *p* algum elemento indicador de surpresa. Mas um número bastante grande preferiu a solução (c), que contém a interjeição de surpresa *poxa*. Os TR, influenciados por *ABER*, e enfatizando mais a relação de oposição entre o esperado e o real do que a simples surpresa, preferiu claramente *mas*. Visto que b) também é o enunciado mais votado na segunda escolha dos FN, pode-se considerá-lo como melhor tradução, seguido por (c).

S13 Du bist aber gewachsen!

- |                                  |           |
|----------------------------------|-----------|
| (d) Meu Deus, como você cresceu! | (38 - 38) |
| (a) Como você cresceu!           | (31 - 42) |
| (b) Mas você cresceu, hein?      | (19 - 7)  |
| (c) Poxa, como você cresceu!     | (13 - 9)  |

Das quatro soluções sugeridas por mim, três contém o enunciado "como você cresceu", a quarta contém *mas*.

Juntando-se (d), (a) e (c), constata-se que a grande maioria dos TR e dos FN preferiu "como você cresceu". Mas contando-se também a segunda escolha, o enunciado (b) recebeu um número não desprezível de votos: 22% entre os TR, e 13% entre os FN. Por conseguinte, a solução com *mas* (e *hein*) não pode ser de todo recusada.

Contudo, os TR preferiram claramente (d), onde a expressão *meu Deus* revela o espanto do falante, que este grupo de informantes parece ter sentido, com justeza, em S13. Os FN, lendo a descrição da situação, não sentiram a necessidade de acrescentar tal expressão.

#### Resumo da análise das respostas dos informantes

Foram as seguintes as soluções encontradas para "traduzir" *ABER*:

##### 1º) *mas*

S4 Da haben Sie sich aber ganz schön verfahren.  
Mas então o sr. está num lugar totalmente errado.

S5 Da haben Sie aber Glück gehabt.  
Mas então o sr. teve muita sorte.

S12 Dann hat sie sich aber ganz schön verändert.  
Mas então ela mudou bastante.

##### 2º) *mas ... hein?*

S3 Sie haben es aber eilig.  
Mas o sr. está com pressa, hein?

##### 3º) *mas como / mas que*

S7 Das ist aber seltsam.  
Mas que coisa estranha.

S1 Sie haben es aber gemütlich.  
Mas como sua casa é aconchegante.

4º) *mas também*

S9 Das war aber auch dumm von dir.  
Mas também, você bobou.

S10 Das war aber auch ein schwieriger Fall.  
Mas também, foi um casa difícil.

5º) *como / que*, precedidos ou não de uma expressão de espanto, como *poxa, meu Deus, olhe só*:

S8 Du bist aber elegant!  
Poxa, que elegância!

S13 Du bist aber gewachsen!  
Meu Deus, como você cresceu!

S11 Der hat aber einen Bart!  
Poxa! Que barba!  
Olhe só! Que barba!

6º) mudança sintática e lexical, precedida de uma expressão de espanto:

S6 Du siehst aber nicht gut aus!  
Meu Deus! Que há com você?  
Que que há? Você está doente?

7º) nenhum equivalente para *ABER*

S5 Das war aber nicht nett von dir!  
Isso não foi gentil de sua parte!

Nos enunciados considerados como equivalentes daqueles que contêm a PM *ABER*, nota-se o seguinte:

- Nas traduções que mantêm a estrutura sintática do alemão, *mas* é usado quase somente quando seguido de *então* (S2, S4, S12).

- *Mas* é bastante freqüente quando, em português - ao contrário do alemão - seguem *como* ou *que*, isto é, em exclamações com forma interrogativa.

- Tais exclamações podem ser usadas sem *mas*.

- Em vez de *mas*, podem ser empregadas diversas expressões de surpresa, como *poxa* ou *meu Deus*.

- As vezes, é preciso usar, além de *mas*, um marcador conversacional, como *hein*, com o qual o falante

convida o interlocutor a concordar com sua observação.

- Existem soluções nas quais não há nada além de *p*, ou seja, nas quais os brasileiros consideram desnecessário expressar a atitude transmitida por *ABER*, certamente porque o contexto - e mais ainda a entoação - já a indicam.

- *ABER AUCH* pode ser traduzido por *mas também*, sendo que esta expressão, ao contrário daquela, não está integrada no enunciado, mas separada por uma pausa.

## 4.2 VIELLEICHT

### 4.2.1 Análises anteriores

A grande maioria dos autores considera *VIELLEICHT* como PM, apenas THIEL (1962), KRIVONOSSOV (1977a) e KEMME (1979) não. Mas mesmo entre aqueles que incluem *VIELLEICHT* entre as PMs, há diferenças em relação ao número de funções que esta PM pode desempenhar. FRANCK (1979a:170)<sup>9</sup>, WEYDT e HENTSCHEL (1983), WEYDT et al. (1983), HARDEN (1983b) e HENTSCHEL (1986) citam apenas uma função, a saber, o *VIELLEICHT* em sentenças assertivas ou exclamativas. WEYDT (1969), HELBIG (1977), BUBLITZ (1978) e HELBIG e BUSCHA (1987) acrescentam seu uso em perguntas, nas quais *VIELLEICHT* é parecido com *ETWA*<sup>10</sup>. Apenas ENGEL (1988) cita uma terceira variante da PM *VIELLEICHT*.

Discutirei as diversas análises nos itens 4.2.3 a 4.2.5.

#### 4.2.2 O homógrafo

Na sua função original, "normal", *vielleicht* é um advérbio sentencial epistémico, correspondendo ao português talvez. Nesta função, ele pode ser empregado em asserções e em perguntas S/N<sup>11</sup>. Em sentenças declarativas, ele pode estar em posição inicial ou não. Também pode constituir sozinho uma resposta. O significado é "possivelmente", "é possível que".

Exemplos:

- (76) Ich bleibe heute vielleicht zu Haus.  
 (76') Vielleicht bleibe ich heute zu Haus.  
 (Talvez eu fique hoje em casa.)
- (77) Geht ihr heute vielleicht ins Kino?  
 (É possível que vocês vão ao cinema hoje?)
- (78) Kommst du? - Vielleicht.  
 (Você vem? - Talvez.)

#### 4.2.3 A PM *VIELLEICHT*<sub>1</sub>

Ao contrário de *ABER*, a PM *VIELLEICHT* pode ser dividida nitidamente em quatro variantes. Por isso, usarei os números 1 a 4.

*VIELLEICHT*<sub>1</sub> é a variante que já foi mencionada várias vezes em 4.1 por ser parecida com *ABER*, e é aquela sobre a qual a maioria dos autores está de acordo. Trata-se do uso de *VIELLEICHT* em asserções ou exclamações, as quais

podem ter a estrutura das sentenças declarativas ou das interrogativas S/N.

#### 4.2.3.1 Análises anteriores

Os autores mencionados em 4.2.1 são unânimes em afirmar que *VIELLEICHT*<sub>1</sub> é empregado em exclamações nas quais o falante mostra sua surpresa. WEYDT (1969:31) acrescenta que em *VIELLEICHT*<sub>1</sub> se manifesta a vontade do falante de convencer o ouvinte. O mesmo autor também já percebeu que esta PM pode ser usada quando o falante expressa sua surpresa com algo que o ouvinte não presenciou. Esta última constatação é retomada por WEYDT e HENTSCHEL (1981), WEYDT e HENTSCHEL (1983) e WEYDT et al. (1983), e nesses mesmos trabalhos são acrescentadas as afirmações sobre a diferença entre *ABER* e *VIELLEICHT*<sub>1</sub> que já foram discutidas em 4.1.

BUBLITZ (1978), comparando as duas PMs, alega que *VIELLEICHT*<sub>1</sub>, ao contrário de *ABER*, "não implica convencionalmente" uma oposição; por outro lado, na sua opinião, há implícita em todas as exclamações uma oposição entre o esperado e o ocorrido. Quanto à relação com o advérbio epistêmico *vielleicht* (talvez), BUBLITZ acha que a PM pode ser considerada como um "epistemic qualifier", referindo-se não à verdade da proposição - como no caso do advérbio epistêmico - mas à relação entre o que era esperado e o que aconteceu. Uma paráfrase seria: "Você talvez (não) possa imaginar." (*op. cit.*: 56)

WEYDT e HENTSCHEL (1983:16-7) dizem que o significado primário - isto é, comum à PM e ao advérbio epistêmico - é "possível", e que o significado "surpresa" surge pelo fato de que este componente é expresso em relação a um fato não apenas possível mas realmente existente. Um enunciado como:

(79) Das war vielleicht langweilig!  
(Como foi monótono!/Foi terrivelmente monótono!)

eles parafraseiam assim:

(79') Foi tão monótono que me admiro como é de todo possível.

#### 4.2.3.2 Resumo e discussão das afirmações sobre *VIELLEICHT*<sub>1</sub>

##### a) Tipos de sentença em que a PM ocorre

*VIELLEICHT*<sub>1</sub> só ocorre em sentenças declarativas ou em sentenças interrogativas S/N com entoação exclamativa.

##### b) Posição

Nunca ocorre em posição inicial. Como *ABER* e as outras PMs, *VIELLEICHT*<sub>1</sub> é colocado antes do rema (cf. HENTSCHEL 1986:207ss.). Visto que o advérbio epistêmico *vielleicht* pode estar no mesmo lugar, há casos em que não está claro, à primeira vista, em que função o vocábulo está sendo usado. Por exemplo, o enunciado:

(80) Der hat vielleicht ein Haus./!

pode ter dois sentidos, dependendo da entoação e do contexto:

(80') 'Der hat vielleicht ein Haus!  
ou Der 'hat vielleicht ein Haus!  
(Que casa que ele tem!)

(80'') Der hat viel'leicht ein Haus.  
(Talvez ele tenha uma casa.)

Na verdade, na linguagem oral, a diferença é nítida: quando *vielleicht* é advérbio epistêmico, ele leva o acento primário. Na linguagem escrita, a diferença pode ser indicada pela pontuação: no caso da PM, deverá haver um ponto de exclamação. Deste modo, não há perigo de se confundirem as duas funções de *vielleicht*.

### c) Significado primário

BUBLITZ (*op.cit.*: 55-6) reconhece que a relação entre a PM *VIELLEICHT*<sub>1</sub> e o *vielleicht* na sua função original não é tão estreita quanto no caso de *aber*. De fato, dificilmente um falante nativo leigo descobrirá por que o vocábulo *vielleicht*, significando "talvez", pode ser usado em expressões de surpresa, nas quais aparentemente perde por completo este significado. Mas alguns lingüistas tentaram encontrar uma explicação. Tanto a do próprio BUBLITZ quanto a de WEYDT e HENTSCHEL, retomada em WEYDT et al. (1983:171), já foram mencionadas em 4.2.3.1. As duas são um pouco diferentes, mas ambas tentam incorporar o significado original - "talvez", "possível" - às paráfrases dos enunciados analisados. Um enunciado como (80') seria

parafraseado das seguintes maneiras:

(80''') Ele tem uma casa tão ... (grande/bonita).  
Você talvez não possa imaginar. (BUBLITZ)

(80''''') Ele tem uma casa tão ... (grande/bonita)  
que me admiro como é possível. (WEYDT e  
HENTSCHEL)

Não há nenhuma prova de que uma das duas explicações seja a certa. Talvez um estudo diacrônico - como aquele feito por HENTSCHEL (1986) sobre outras PMs, mas impossível de ser feito no quadro do presente trabalho - possa dirimir as dúvidas. De qualquer maneira, deve haver uma razão pela qual o advérbio epistêmico pôde tornar-se a PM *VIELLEICHT*<sub>1</sub>. As duas paráfrases mostram duas possibilidades.

Mas há um fato que faz com que a solução de BUBLITZ seja preferível: embora às vezes as PMs *ABER* e *VIELLEICHT*<sub>1</sub> possam ser substituídas uma pela outra, só *VIELLEICHT*<sub>1</sub> é aceitável quando o ouvinte não presenciou ou não conhece o fato com o qual o falante se surpreendeu. Havendo, portanto, esta diferença entre as duas PMs, é provável que o emprego original de *VIELLEICHT*<sub>1</sub> tenha estado restrito às circunstâncias em que ainda hoje só esta PM é usada, e que ela passou posteriormente a ser empregada nos mesmos contextos que *ABER*. Desta forma, a versão de BUBLITZ ("Você talvez não possa imaginar") faz mais sentido.

De qualquer modo, como já foi dito na análise de *ABER*, a procura do significado primário, original, comum a todos os homógrafos, não deve levar a crer que este seja o significado principal. Visto que *VIELLEICHT*<sub>1</sub>, em muitos

casos, pode substituir *ABER*, não seria sensato dizer que cada um tem um significado principal, ou básico, diferente. Portanto, se foi descoberto que o traço semântico principal de *ABER* é "oposição", "diferença" - traço que, na verdade é inerente à surpresa - ele não pode ser negado a *VIELLEICHT*<sub>1</sub>.

O exemplo desta PM mostra que a descoberta do significado primário é mais de interesse etimológico, enquanto num exame sincrônico uma análise em termos de traços semânticos atuais é mais importante. No caso de *VIELLEICHT*<sub>1</sub>, não poderá ser incluído um traço "possibilidade" ou "impossibilidade", já que não se trata de *p* ser possível ou não. E apenas se se fizesse uma distinção na PM *VIELLEICHT*<sub>1</sub>, classificando o uso supostamente mais antigo como, por exemplo, *VIELLEICHT*<sub>1a</sub>, poder-se-ia dizer que o significado deste *VIELLEICHT*<sub>1a</sub> seja "talvez você não possa imaginar".

#### d) Função

A função principal de *VIELLEICHT*<sub>1</sub> é expressar, juntamente com a entoação, o sentimento de surpresa. Normalmente, a surpresa pode ser exprimida pela simples entoação, como em:

- (81) Der hat ein Haus!  
 (Ele tem uma casa! Puxa vida!)  
 (82) Das ist teuer!  
 (E caro!)

de modo que não se pode dizer que *VIELLEICHT*<sub>1</sub> mude a força ilocucionária. Esta PM também não pode ser considerada, ao

contrário do que HELBIG (1977) parece pensar, como um indicador ilocucionário, já que não é ela, mas sim a entoação que mostra qual ato de fala está sendo realizado. Vimos que o mesmo enunciado com o vocábulo *vielleicht* pode ter dois sentidos - e realizar dois atos de fala diferentes - dependendo da entoação (cf. (b)).

Se eu disse que "normalmente, a surpresa pode ser expressa pela simples entoação", isto não quer dizer que ela é expressa pela simples entoação; ao contrário, o normal é que se usem as PMs.

De qualquer maneira, *VIELLEICHT*<sub>1</sub> mostra mais claramente que se trata de uma expressão de surpresa, de modo que ele pode ser chamado de indicador ilocucionário auxiliar.

#### e) Diferenças entre as PMs *ABER* e *VIELLEICHT*<sub>1</sub>

Estas diferenças já foram mencionadas em 4.1.3.2.e. Aqui, quero resumir o que caracteriza *VIELLEICHT*<sub>1</sub>.

1<sup>o</sup>) Quando o ouvinte não presenciou, não conhece e não está percebendo o fato ao qual o falante está se referindo, via de regra<sup>12</sup>, só *VIELLEICHT*<sub>1</sub> é usado.

Exemplos:

- (83) Das war vielleicht ein Fest!  
 (Que festa!)  
 (O ouvinte não esteve na festa.)
- (84) Der hat vielleicht ein Auto!  
 (Que carro que ele tem!)  
 (O ouvinte não conhece o carro.)

Por razões práticas, vamos chamar este *VIELLEICHT*<sub>1</sub> de *VIELLEICHT*<sub>1a</sub>.

2º) Nos outros casos, *VIELLEICHT*<sub>1</sub> - que, então, vou denominar *VIELLEICHT*<sub>1b</sub> - é usado, segundo WEYDT e HENTSCHEL (1981), quando o falante se admira não com o tamanho ou a quantidade, mas com a forma do fato em questão. Porém, já foi mostrado que tal afirmação não é sustentável (cf. 4.1.3.2.e'''). Talvez ela valha para casos como o da barba - tamanho versus formato - e para enunciados em que aparece o quantificador *viel(e)* (muito(s)), nos quais o uso de *ABER* pode ser mais comum. Mas também enunciados como:

(85) Das ist vielleicht ein Monstrum!  
(Que monstro!)

são possíveis, comprovando que também quando se trata de tamanho - no caso, de um objeto gigantesco - *VIELLEICHT*<sub>1b</sub> pode ser usado.

WEYDT e HENTSCHEL não dizem nada sobre o fator "intensidade". Por isso, surge a pergunta: quando o falante usa um adjetivo "x" e se surpreende com o fato de alguém ou algo ser "particularmente x" ou "muito x", ele empregará *ABER* ou *VIELLEICHT*<sub>1b</sub>?

Normalmente, ele vai preferir *ABER* quando o adjetivo tem um significado considerado positivo, e *VIELLEICHT*<sub>1b</sub> quando o adjetivo designa uma qualidade negativa.

Exemplos:

- (86) Guck mal, die Affen! Die sind aber niedlich!  
(exemplo tirado de WEYDT et al. 1983:19)  
(87) Der ist vielleicht blöd!

(Como ele é chato!)

O caso dos adjetivos parece confirmar minha opinião de que *ABER* é mais empregado em enunciados com conteúdo positivo, ou quando se expressa a simples surpresa, enquanto *VIELLEICHT<sub>1b</sub>* é preferido quando o conteúdo é negativo e o falante mostra sua indignação ou reprovação. Portanto, em enunciados como:

(88) Robert ist aber dumm!  
 (88') Robert ist vielleicht dumm!

*ABER* indica que o falante simplesmente está surpreso com o "tamanho" da falta de inteligência de Robert. Talvez ele pense: "Eu não sabia que Robert é tão bobo." *VIELLEICHT<sub>1b</sub>* acrescenta a esta surpresa algo como indignação ou incompreensão. Uma outra maneira de expressar o mesmo sentimento seria: "Como Robert é bobo! Incrível! E demais!"

#### f) Outras funções de *VIELLEICHT<sub>1</sub>*

Tanto em relação a *ABER* quanto em relação a *VIELLEICHT<sub>1</sub>*, os estudiosos foram unânimes em afirmar que as duas PMs expressam surpresa, mas já foi mostrado, em 4.1.3.2.g, que *ABER* tem ainda outras funções. O mesmo se aplica a *VIELLEICHT<sub>1</sub>*, pelo menos a *VIELLEICHT<sub>1b</sub>*, isto é, àquela PM que pode ser substituída por *ABER*, embora com efeitos levemente diferentes.

Do mesmo modo que *ABER* em (86) não expressa surpresa, pois o comportamento engraçado de macacos no zoológico é o normal, *VIELLEICHT<sub>1b</sub>* em (87) expressa,

principalmente, crítica, indignação, descontentamento. Outros exemplos deste uso de *VIELLEICHT*<sub>1b</sub> são as situações 49 a 51 (Apêndice 2) e ainda os seguintes:

(89) Kommst du vielleicht spät!  
 (Como você está chegando tarde!)  
 (exemplo tirado de WEYDT 1969:26)

(90) Du bist vielleicht ein Held!  
 (Você faz cada uma!)  
 (exemplo, adaptado, de HARTMANN  
 1979:123)

(91) Du bist vielleicht intelligent!  
 (Como você é inteligente!)

E verdade que em (89) e (90) *ABER* também é possível, embora menos freqüente. Mas o caso de (91) é revelador. Se *VIELLEICHT* fosse substituído por *ABER*, o enunciado poderia ter duas forças ilocucionárias: ser uma expressão de surpresa a respeito da inteligência, ou - mas menos provavelmente - uma crítica, caso o adjetivo fosse empregado irônicamente. Usando-se *VIELLEICHT*<sub>1b</sub>, ao contrário, o enunciado é unívoco, podendo ser somente uma crítica irônica. Isto mostra que *VIELLEICHT*<sub>1b</sub>, muito mais do que *ABER*, serve para expressar críticas, as quais podem ser feitas em forma de ironia.

Talvez seja possível explicar agora melhor a constatação de WEYDT e HENTSCHEL (1981) a respeito das diferenças entre *ABER* e *VIELLEICHT*<sub>1b</sub>. Eles relataram que os informantes, ao verem várias imagens de homens barbudos, escolheram *ABER* quando fizeram um comentário sobre uma barba de formato estranho. Na minha interpretação, *VIELLEICHT*<sub>1b</sub> não foi preferido devido ao simples formato, mas para

expressar uma crítica em relação a este formato. Isto é, enquanto uma barba muito grande causa, no máximo, surpresa, uma barba de formato estranho causa repúdio.

Também em relação a *VIELLEICHT*<sub>1a</sub> - aquele que, normalmente, não pode ser substituído por *ABER* - descobrem-se outras funções além da expressão de surpresa. Um dos casos em que *ABER*, geralmente, não pode ser usado é constituído por enunciados nos quais o falante diz algo a respeito dele próprio, ou relacionado com ele, ou seja, algo que o interlocutor não está vendo ou não sabe. Trata-se dos chamados "*ich-Fakten*" ("fatos relacionados comigo", isto é, que o interlocutor não conhece; cf. WEYDT e HENTSCHEL 1981:330).

(92) Ich bin vielleicht dumm!  
(Como sou bobo!)

(93) Ich hab vielleicht Freunde!  
(Eu tenho cada amigo!)

(94) Ich hab vielleicht einen Hunger!  
(Estou com uma fome!)

Embora valha aqui a paráfrase proposta por BUBLITZ ("você talvez não possa imaginar"), não se pode dizer que nestes enunciados seja expressa apenas, ou principalmente, uma sensação de surpresa.

No último exemplo, o falante não quer dizer que ele se surpreendeu com a intensidade de sua fome, mas sim transmitir ao interlocutor a mensagem de que ele está com muita fome e que esta é uma sensação desagradável, que ele gostaria de eliminar através da alimentação. Portanto, em termos de ilocução, tal enunciado não é nem uma simples

asserção, nem uma expressão de surpresa, mas a exteriorização de um desejo. Embora esta modificação da ilocução não seja causada por *VIELLEICHT*<sub>1a</sub> - e sim pela entoação - a PM facilita a transmissão da mensagem e intensifica a expressão do sentimento.

Nota-se, mais uma vez, que *VIELLEICHT*<sub>1</sub> é preferencialmente usado em enunciados com conteúdo negativo, que implicam, portanto, crítica, indignação, aborrecimento, desagrado.

O enunciado (92) - onde *p* sozinho não tem nenhum conteúdo negativo - mostra, mais nitidamente que os outros, o traço semântico "insatisfação" de *VIELLEICHT*<sub>1a</sub>. E somente pelo uso da PM que a asserção "Eu tenho amigos" torna-se uma expressão de indignação que tem como conteúdo algo como "Meus amigos não prestam para nada". Este efeito provavelmente nem pode ser conseguido pela entoação. Ouvindo ou vendo *VIELLEICHT*<sub>1a</sub>, ao contrário, o ouvinte/leitor imediatamente entende a mensagem.

Ao contrário do que afirmam WEYDT e HENTSCHEL (*op. cit.*), a PM *ABER* poderia ser usada no caso dos "*ich-Fakten*", mas somente se o falante se surpreendesse com uma qualidade positiva insuspeitada. Ele falaria, então, como se ele próprio fosse o interlocutor a quem ele quer participar sua surpresa. Por exemplo, tendo terminado uma tarefa muito mais cedo do que se esperava, ele poderia dizer:

(95) Ich bin aber schnell!  
(Puxa, como sou rápido!)

Tal situação ocorre, na verdade, mais em monólogos interiores do que em conversas reais.

**g) Ocorrências autênticas**

Conquanto esta variante de *VIELLEICHT* seja incluída entre as PMs pela maioria dos especialistas e tenha sido examinada por vários, não encontrei nenhuma ocorrência em *Texte*, e nenhum autor cita um exemplo que não seja imaginado por ele próprio ou por outros lingüistas. Isto não significa que esta PM seja empregada raramente. A falta de um registro em *Texte* - cujos três volumes serviram como fonte principal de várias análises - deve-se em parte ao tipo de conversas gravadas e em parte ao acaso.

Foi numa tradução de *Tieta do Agreste* de Jorge Amado que encontrei a única ocorrência que possa ser chamada de autêntica, na medida em que ela saiu da pluma não de um lingüista mas de um tradutor:

(96) Nein, Trennung, in Brasilien gibt es keine Scheidung, das ist vielleicht ein rückständiges Land. (AMADO 1979:53)

(96') Divórcio ou desquite, no Brasil não há divórcio, eta país mais atrasado. (AMADO 1977:52)

Obviamente, trata-se de *VIELLEICHT*<sub>1b</sub>, visto que foi usado numa situação na qual, teoricamente, também *ABER* pode ser empregado. Está patente a conotação negativa desta PM. No texto escrito, sem indicação da entoação, *VIELLEICHT*<sub>1b</sub> fez de uma simples asserção uma expressão de indignação.

#### 4.2.4 VIELLEICHT<sub>2</sub>

Esta variante, que ocorre em sentenças interrogativas S/N, não é incluída no rol das PMs por todos os especialistas (cf. 4.2.1), mas em dois trabalhos importantes ela é classificada como PM.

##### 4.2.4.1 Análises anteriores

WEYDT (1969) dá os seguintes exemplos:

- (97) Ist das Essen vielleicht kalt?  
(Será que a comida está fria?)
- (98) Kommst du vielleicht nicht?  
(Será que você não vem?)

Visto que o autor não explicita nem o contexto nem o sentido desses enunciados, não está claro o que o falante quis dizer, de modo que a tradução só pode ser aproximada. Segundo WEYDT, *VIELLEICHT<sub>2</sub>* significa que, dependendo do contexto, ou o falante apresenta o conteúdo da pergunta como solução, ou ele pressupõe uma resposta negativa (*op.cit.*: 33). O significado do advérbio homógrafo - "talvez", "eventualmente" - manifesta-se na PM na medida em que o falante não antecipa a resposta. No caso de ele esperar uma resposta negativa, o falante, de maneira irônica, finge deixar o interlocutor livre para dar a resposta que quiser (*ibid.*:37).

O essencial desta interpretação é adotada por HELBIG e BUSCHA (1984).

ENGEL (1988) limita-se a dizer que *VIELLEICHT*<sub>2</sub>, sendo quase equivalente a *ETWA*, é usado em perguntas - muitas vezes retóricas - nas quais se percebe que o falante prefere uma resposta negativa.

BUBLITZ (1978), considerando que *VIELLEICHT*<sub>2</sub> ocorre em perguntas retóricas, explica que em tais enunciados não se pergunta pela veracidade da proposição mas pela imaginação do ouvinte.

Para:

(99) Woher soll ich das wissen? Kann ich vielleicht hellsehen?  
(Como vou saber isso? Por acaso, sou vidente?)

ele propõe a paráfrase: "É possível (= *vielleicht*) que você possa imaginar isso?". Afirmando ainda que a resposta sugerida é "não" e que *VIELLEICHT*<sub>2</sub> é equivalente a *ETWA*, BUBLITZ apresenta para:

(100) Du kannst dich ja gar nicht losreissen von dem Getöse; ist das vielleicht schön?  
(Puxa, você não consegue afastar-se deste barulho (= você parece gostar deste barulho); ele é bonito?)

a seguinte análise:

X = Parece que as pessoas gostam deste barulho  
X<sub>1</sub> = Você parece gostar deste barulho  
Y = Barulho é bonito  
Y<sub>1</sub> = Este barulho é bonito

Eu suponho que não-Y<sub>1</sub>; visto que X<sub>1</sub>, e se X, então vale geralmente que Y, portanto, provavelmente, vale para X<sub>1</sub>, que Y<sub>1</sub>; por isso, te pergunto: é possível que você possa imaginar que Y<sub>1</sub>?

#### 4.2.4.2 Discussão de *VIELLEICHT*<sub>2</sub>

##### a) Tipo de sentença em que esta PM ocorre

Ela só é usada em sentenças interrogativas S/N.

##### b) Posição

Ela ocorre na mesma posição na qual seria colocado o advérbio epistêmico *vielleicht*, de modo que é fácil confundir os dois, mesmo quando se conhece o acento primário. A pergunta:

(101) Kommt ihr vielleicht nicht?

pode ser interpretada como:

(101') Existe a possibilidade de que vocês não venham?

(101'') Não me diga que vocês não venham.

Somente o contexto, o tom da voz, a entoação exata ou fatores paralingüísticos como a expressão facial podem desambigüizar enunciados deste tipo.

##### c) Significado primário

O significado original do vocábulo *vielleicht*, que é um advérbio epistêmico, usado mais comumente em asserções, é "talvez", "é possível que". Em perguntas, no português, o emprego de "talvez" é possível mas não muito comum; este advérbio pode ser substituído pela expressão "existe a

possibilidade de...?".

Exemplos:

(102) Ela foi, talvez, à casa da vizinha?

(102') Existe a possibilidade de ela ter ido à casa da vizinha?

WEYDT (1969) e BUBLITZ (1978) tentaram explicar de que maneira este significado original se manifesta na PM.

A interpretação de WEYDT (cf. 4.2.4.1) não é convincente. Aliás, como ele não diz qual é o sentido dos exemplos dados, é possível que ele confunda *VIELLEICHT*<sub>2</sub> e *VIELLEICHT*<sub>3</sub>. Em todo caso, ninguém, fora este autor, afirma que, ao usar *VIELLEICHT*<sub>2</sub>, "o falante apresenta o conteúdo da pergunta como solução". Dizendo que o significado "talvez/eventualmente" está implícito na FM na medida em que o falante "não antecipa a resposta", WEYDT esquece que qualquer pergunta, normalmente, não antecipa a resposta.

A solução dada por BUBLITZ (cf. 4.2.4.1) é mais convincente, se bem que não se possa garantir que o falante raciocine - mesmo inconscientemente - da maneira imaginada pelo autor. Além disso, o esquema funciona apenas com poucos enunciados. Por exemplo, ele não se aplica a:

(103) Hast du vielleicht noch nie gelogen?  
(Não me diga que você nunca mentiu.)

Não faz sentido elaborar um esquema complicado como o de BUBLITZ - com X, X<sub>1</sub>, Y, Y<sub>1</sub> - se ele só serve para explicar poucos casos.

Ao meu ver, a explicação é mais simples. O significado do advérbio epistêmico *vielleicht* manifesta-se

em *VIELLEICHT*<sub>2</sub> na medida em que esta PM sempre pode ser parafraseada como "É possível que...? Eu acredito que não, e por isso, espero uma resposta contrária."

Como se vê, o significado primário - "é possível que" - só está presente na primeira parte desta paráfrase, e não está claro como surgiram os outros componentes semânticos de *VIELLEICHT*<sub>2</sub>.

#### d) Função

*VIELLEICHT*<sub>2</sub> serve para expressar a preferência do falante por uma resposta contrária. Se ele perguntar "p?", ele espera a resposta "não, não p"; perguntando "não p?", espera como resposta "não, p". Muitas vezes, a pergunta torna-se retórica. O falante não quer uma informação mas faz uma afirmação - em forma de pergunta - e deseja obter o acordo do interlocutor. Na verdade, não é *VIELLEICHT*<sub>2</sub> sozinho que revela tal atitude do falante. Perguntas retóricas cuja resposta esperada é negativa existem sem a PM, e são geralmente reconhecidas pela entoação e, na maioria das vezes, também pelo contexto. Deste modo, normalmente não é *VIELLEICHT*<sub>2</sub> que muda a força ilocucionária do enunciado. Tampouco é um indicador ilocucionário que mostrasse como a pergunta tem que ser entendida. Via de regra, ele apenas coopera com a entoação. Mas ele não é redundante. Primeiro, na presença da PM, a entoação não precisa ser tão enfática quanto na sua ausência - como observou KRIVONOSSOV (1965b:585). Segundo, mesmo quando a

entoação sozinha já apontaria para o verdadeiro sentido do enunciado, *VIELLEICHT*<sub>2</sub> é um sinal a mais que não deixa dúvidas no ouvinte. Terceiro, há casos em que a entoação sozinha provavelmente não é suficiente para desambigüizar o enunciado. Por exemplo, a pergunta da situação 43 (Apêndice 2), dita sem a PM:

Ist das kein Geschenk?  
(Não é um presente?)

pode ser um verdadeiro pedido de informação - com a mãe querendo saber da filha se, no círculo de amigos dela, um livro não é um presente -, ou então uma asserção disfarçada de que um livro é um presente sim. Com *VIELLEICHT*<sub>2</sub>, no contexto descrito, só a segunda interpretação é possível. Por conseguinte, há casos em que a PM tem a função de um indicador ilocucionário. Esta função é mais comum em textos escritos, quando o contexto não está muito claro e o autor não revela a atitude do falante fora o enunciado. Se, por exemplo, num livro um marido diz à mulher que ele vai viajar à Europa e ela responde:

(104) Willst du allein fahren?  
(Você quer viajar sozinho?)

é possível que ela queira saber se ele deseja viajar sozinho, ou que ela insinue sua opinião de que o marido deve levá-la. Com *VIELLEICHT*<sub>2</sub>, mais uma vez, só a segunda interpretação é possível.

Nos enunciados que contêm *VIELLEICHT*<sub>2</sub> estão implícitas duas atitudes ou emoções:

1º) Perguntando "E possível que  $p$ ?" e insinuando "Eu penso que não  $p$ ", o falante expressa sua surpresa pelo fato de que o interlocutor possa imaginar  $p$ . Manifesta-se, assim, uma relação entre *VIELLEICHT*<sub>2</sub> e aquele *VIELLEICHT*<sub>1</sub> que revela surpresa.

2º) Apresentando sua própria opinião como a correta, e aventando com a possibilidade de o interlocutor ter uma opinião contrária, o falante exprime uma crítica mais ou menos forte do ouvinte ou AA<sup>13</sup>.

Visto que esta crítica está subjacente, e é feita em forma de pergunta - a qual, teoricamente, deixa o falante livre de dar a resposta que quiser -, WEYDT (1969:37) tem uma certa razão quando diz que o falante "de maneira irônica, finge deixar o interlocutor livre". Em uma das traduções possíveis de *VIELLEICHT*<sub>2</sub>, percebe-se nitidamente que esta liberdade é apenas aparente: trata-se de "Não me diga que", onde já não há mais nenhum fingimento.

Um outro modo de interpretar o uso da forma interrogativa é dizer que tal procedimento é uma estratégia interacional muito comum. O falante, para não agredir o interlocutor, para não "ameaçar sua face", veicula afirmações, críticas, ordens ou pedidos na forma de perguntas. Nem por isso as críticas, ordens, etc., perdem seu verdadeiro caráter, mas elas são amenizadas. De fato, há um fingimento por parte do falante, mas isto não pode ser classificado como comportamento irônico, visto que ele é convencionalizado.

### e) Ocorrências autênticas

Nem em *Texte* nem em outros textos, encontrei algum *VIELLEICHT*<sub>2</sub>. BUBLITZ (1978:56) dá dois exemplos, tirados de um romance:

- (105) "Was heisst, du bist Dramaturg? (...)  
Ist das vielleicht angeboren?"  
(O que quer dizer: você é dramaturgo?  
Por acaso isto é inato?)
- (106) "Jawohl, Lehrjahre sind keine Herrenjahre,  
stimmt das vielleicht nicht?"  
(Sim, os anos de aprendizagem não são anos  
de senhor; por acaso isso não é verdade?)

Como não conheço o contexto, não pretendo examinar essas ocorrências - se bem que pareça claro que o falante deseja obter a confirmação do ouvinte de que "não p".

## 4.2.5 VIELLEICHT<sub>3</sub>

### 4.2.5.1 Análise da PM

E a variante de *VIELLEICHT* que ocorre em enunciados como:

- (107) Haben Sie vielleicht einen Moment Zeit?  
(Será que o sr. tem um tempinho para mim?)

e que é considerada como PM apenas por ENGEL (1988), quem afirma que *VIELLEICHT*<sub>3</sub> "ameniza perguntas, torna-as mais polidas".

E verdade que esta PM ocorre quase unicamente em sentenças interrogativas. O que ENGEL não menciona é o fato

de que estas não são pedidos de informação - como é o caso das perguntas "normais" - mas pedidos de ação. Isto é, o falante, indiretamente, pede ao interlocutor para fazer algo. Trata-se, portanto, de típicos atos de fala indiretos.<sup>14</sup>

SEARLE já observou que tais perguntas - e outros tipos de sentenças - são "normalmente, ... convencionalmente usadas para realizar diretivos" (1975:68) e que "a principal motivação para usar essas formas indiretas é a polidez" (*ibid.*: 74). Com BROWN e LEVINSON (1978) podemos dizer que um pedido de ação é um ato ameaçador da face (AAF) particularmente forte e que, para o bem da boa convivência, via de regra ele é amenizado através do disfarce em forma de perguntas. Quando isto acontece, diz FRANCK (1975:229), "as obrigações são reconhecidas pelo próprio ouvinte e não impostas pelo falante; assim, a decisão de agir parece ser dele, e evita-se a demonstração de força".

Há uma gradação no emprego dos meios de atenuação dos AAF. STOLT (1979:480-1) dá os seguintes exemplos para esses diversos graus, começando pela expressão mais agressiva (cf. também R. LAKOFF 1972):

(p = você fechar a janela)

Mach sofort das Fenster zu!  
 Mach mal das Fenster zu!  
 Mach bitte mal das Fenster zu!  
 Machst du bitte das Fenster zu?  
 Würdest du bitte das Fenster zumachen?  
 Sei bitte so freundlich und mach das Fenster zu.  
 Würdest du bitte mal so freundlich sein und das Fenster zumachen?

*VIELLEICHT*<sub>3</sub> também é um desses meios. Expressando uma atitude do falante - a de atenuar AAFs - ele deve ser considerado como PM.

Normalmente, a PM pode ser omitida sem que a força ilocucionária mude e sem que o enunciado fique estranho. A única diferença está no grau de polidez.

Exemplos:

(107) Haben Sie vielleicht einen Moment Zeit?

(107') Haben Sie einen Moment Zeit?

(108) Könnten Sie mich vielleicht mitnehmen?

(108') Könnten Sie mich mitnehmen?

(Será que o sr. poderia me dar uma carona?)

O significado primário - "talvez", "é possível que" - está presente nesta variante no seguinte sentido: o falante, em vez de perguntar apenas se *p*, pergunta: "Existe a possibilidade de que *p*?" Perguntando se *p* é possível, ele sinaliza para o ouvinte que ele concebe *p* não como certeza mas como uma eventualidade bastante remota, e assim ele deixa o ouvinte ainda mais à vontade para negar o pedido implícito na pergunta (cf. LEECH 1983:120).

Este *VIELLEICHT*<sub>3</sub> - usado somente naquelas sentenças interrogativas S/N que têm a força ilocucionária de diretivos - ocorre principalmente junto com o verbo na forma do futuro do pretérito - em alemão, o *Konjunktiv II* - e sobretudo com *könnte* (poderia).

Exemplos:

(109) Könntest du mir vielleicht helfen?

(Você poderia me ajudar?)

(110) Würden Sie mir vielleicht einen Gefallen tun?

(O sr. poderia me fazer um favor?)<sup>15</sup>

É preciso mencionar, neste contexto, a PM *MAL*, a qual pode ser empregada nesse tipo de enunciados (veja os exemplos de *STOLT*, *supra*), e o é principalmente quando o falante faz um pedido que pode ser realizado facilmente e na mesma hora. Trata-se de pequenas ações como fechar a porta, emprestar uma caneta, ajudar para deslocar um móvel. Nesses casos, normalmente não se usa *VIELLEICHT*<sub>3</sub> como meio de atenuação do AAF. Exceções são enunciados nos quais o falante pergunta se o interlocutor pode dar uma informação ou tem tempo:

(111) Könnten Sie mir vielleicht sagen, ...?  
(O sr. poderia me dizer ...?)

(112) Haben (Hätten) Sie vielleicht einen Moment Zeit?

Nas outras vezes em que *VIELLEICHT*<sub>3</sub> é empregado em enunciados nos quais o falante pede um pequeno favor, a PM tem uma outra conotação. Em:

(113) Könnten Sie vielleicht die Tür zumachen?  
(= S55)  
(Será que o sr. poderia fechar a porta?)

(114) Würdest du vielleicht herkommen?  
(Você poderia vir aqui?)

(115) Wollen Sie dann vielleicht starten? (= S56)  
(O sr. poderia dar a partida?)

sente-se a atitude crítica do falante. Embora mantendo as aparências, isto é, escolhendo a formulação que, aparentemente, minimiza o AAF, ele não esconde sua impaciência ou irritação. Percebe-se aí a relação entre este *VIELLEICHT*<sub>3</sub> - que podemos chamar de *VIELLEICHT*<sub>3b</sub> - e

*VIELLEICHT*<sub>1b</sub> assim como *VIELLEICHT*<sub>2</sub>. Um enunciado como (113) seria "neutro" sem a PM; com *bitte* ou *bitte MAL*, mas sem a PM, ele seria um pedido polido; somente com *VIELLEICHT*, ele revela o desgosto do falante. Tenho a certeza de que essa atitude não pode ser expressa pela entoação, de modo que, se deixarmos de lado fatores como o tom da voz e a expressão facial, este *VIELLEICHT*<sub>3b</sub> deve ser considerado como um indicador ilocucionário que mostra que o ato de fala realizado em forma de pergunta não é somente um pedido mas um pedido que não esconde a irritação do falante - e que somente é aceitável se o falante for de alguma forma superior ao ouvinte.

Quanto a enunciados como (114) e outros começando por *Würde*, se formulados sem *VIELLEICHT*<sub>3b</sub>, eles nem poderiam ter a força ilocucionária de diretivos. Eles seriam verdadeiras perguntas. Somente com o acréscimo de *bitte/MAL/bitte MAL*, de um lado - indicando polidez ou gentileza - ou *VIELLEICHT*<sub>3b</sub> - indicando irritação - eles se tornariam diretivos. Também no caso de (115), cuja formulação - com *Wollen* - ocorre muito mais raramente, o enunciado sem *VIELLEICHT* normalmente não é a realização de um diretivo mas de uma pergunta. Devido à formulação específica, mesmo com *bitte*, mas sem *VIELLEICHT*, o enunciado revelaria uma certa rudeza do falante. Com *VIELLEICHT*, a sua irritação torna-se mais nítida.

Em conclusão, para mim não há dúvida de que *VIELLEICHT*<sub>3</sub>, expressando atitudes e modificando a força ilocucionária em diversos graus, é uma PM, a qual poderia

ser dividida em duas subvariantes.

Embora ambas as subvariantes - sobretudo a primeira - sejam bastante frequentes, não se encontra nenhuma ocorrência nos três volumes de *Texte*. Por isso, só posso citar - como ocorrências "autênticas" - exemplos tirados de romances, o que é justificável na medida em que se manifesta neles a competência de falante nativo do escritor, isto é, de alguém não preocupado com a análise de PMs.

O enunciado (115) (=S56) foi extraída de SIMMEL (1983:67). Visto que o contexto já é descrito suficientemente, não é preciso dar mais explicações. A PM obviamente é a variante *VIELLEICHT*<sub>3b</sub>.

A outra subvariante ocorre numa tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* de Jorge Amado.

- (116) A senhora não tem algum parente pobre que deseje empregar? (p. 72)  
 (116') Haben Sie nicht vielleicht einen armen Verwandten, der eine Stellung sucht? (p. 97)

Apesar das aparências, este enunciado e sua tradução são pedidos. O falante não quer apenas obter uma informação. Está implícito que ele não só deseja uma resposta positiva como também está insinuando que gostaria que o interlocutor entre em contato, ou procure, tal parente pobre.

Esta ocorrência da PM é interessante porque ela foi acrescentada espontaneamente pelo tradutor, já que não há nenhum vocábulo equivalente no original. Certamente, o tradutor a acrescentou porque, em alemão, o enunciado sem

*VIELLEICHT* é ambíguo, podendo ter a mesma força ilocucionária que com a PM, mas também ser apenas um pedido de confirmação de uma idéia. Ou seja:

(116'') Haben Sie nicht einen armen Verwandten...

poderia ser interpretado assim:

(116''') Eu acho que a sra. tem um parente pobre..  
.., e eu gostaria de saber se tenho razão.

Para deixar claro que o falante quis dizer:

(116''''') Eu estou procurando alguém para trabalhar. Gostaria de saber se a sra. tem um parente pobre... Espero que a sra. me dê uma resposta positiva ou faça um esforço para encontrar tal parente pobre.

o tradutor empregou *VIELLEICHT*<sub>3a</sub><sup>16</sup>.

No português, não é necessário acrescentar nenhum vocábulo, porque o subjuntivo *deseje* na oração subordinada aponta para o sentido pretendido pelo falante. Se fosse usado o indicativo, o enunciado seria interpretado como em (116''').

#### 4.2.6 *VIELLEICHT*<sub>4</sub>

Esta variante, que é a única que encontrei em *Texte*, é muito parecida com *VIELLEICHT*<sub>3a</sub>, mas ela ocorre em vários tipos de sentenças.

Exemplos (todos tirados de OS 1974):

(117) Darf ich vielleicht Sie bitten? (p. 315)  
(Será que posso pedir ao sr.?)

(118) Darf ich vielleicht eine abschliessende Bemerkung von meiner Sicht dazu machen? (p. 68)  
(Posso fazer uma última observação sobre isso do meu ponto de vista?)

(119) Wenn ich vielleicht an diesem Punkt etwas sagen darf (...) (p. 63)

(Se eu posso dizer alguma coisa neste ponto da discussão...)

- (120) (...) und vielleicht darf ich auf nen früheren Punkt der Diskussion noch mal kurz zurückgehen (...) (p. 348)  
(e talvez eu possa mais uma vez voltar a um ponto anterior da discussão)

Nota-se que em todos esses exemplos o sujeito é "eu" e o verbo é *dürfen* (poder, pedir permissão), o que significa que o falante pede a permissão dos interlocutores. Em (117), ele deseja a aquiescência destes para fazer um pedido; em (118) a (120), ele pede a autorização dos outros para falar. Em (117) e (118), que são sentenças interrogativas, ele espera a resposta, verbal ou não, dos ouvintes. Em (119) e (120), ao contrário, ele não espera uma resposta; mesmo assim, esses enunciados são maneiras indiretas de pedir a autorização para manter ou obter o turno; pelo menos, empregando *darf* e *VIELLEICHT*, o falante sinaliza aos interlocutores estar consciente de que precisa da permissão deles para falar. Portanto, esse tipo de enunciados faz parte da estratégia interacional de valorizar o interlocutor, de não impor-se abertamente, e *VIELLEICHT*<sub>4</sub> é mais um meio de o falante mostrar-se humilde.

Embora o *VIELLEICHT* de (120) tenha sido traduzido por talvez, está claro que não se trata do advérbio epistêmico *vielleicht* (talvez). O enunciado (120) - e outros deste tipo, chamados de *gambits* (KELLER 1979) - obviamente se distinguem de asserções como "talvez eu possa voltar a este ponto mais tarde, agora não sei".

#### 4.2.7 Discussão das Respostas dos Informantes

Nas páginas anteriores, distingüiram-se quatro variantes da PM *VIELLEICHT*. As ocorrências destas variantes e suas traduções serão discutidas separadamente.

##### a) *VIELLEICHT*<sub>1</sub>

Esta variante foi subdividida em duas subvariantes. *VIELLEICHT*<sub>1a</sub> não poderia ser substituído por *ABER*, porque é usado quando se fala de fatos não conhecidos ou não presenciados pelo interlocutor. *VIELLEICHT*<sub>1b</sub>, em princípio, poderia ser substituído por *ABER*, mas é preferido quando o assunto é algo de negativo, ou quando a surpresa do falante é causada não pelo tamanho, mas pela forma de um objeto.

##### *VIELLEICHT*<sub>1a</sub>

S45 Das ist vielleicht ein blöder Heini!

- |                                |                     |
|--------------------------------|---------------------|
| (c) Mas que cara chato!        | (TR: 50% - FN: 45%) |
| (d) Puxa vida! Que cara chato! | (19 - 15)           |
| (a) Ele é muito chato.         | (6 - 33)            |

Nítida preferência dos dois grupos de informantes por (c), isto é, pela mesma solução (*mas que*) já encontrada em algumas ocorrências de *ABER*.

Em segundo lugar, entre os FN, o enunciado (a), sem nenhum sinal de surpresa ou outro elemento afora *p*.

S46 Der hat vielleicht ein Haus.

- |                                      |           |
|--------------------------------------|-----------|
| (d) Puxa vida! Que casa!             | (25 - 29) |
| (c) Que casa que ele tem!            | (25 - 18) |
| (e) Puxa vida! Que casa que ele tem! | (25 - 11) |
| (a) Ele tem uma casa maravilhosa.    | (6 - 20)  |

Esta vez, não havia, no questionário, nenhum enunciado com *mas*, de modo que tal solução não poderia ter sido escolhida. O fato de que ninguém, espontaneamente, propôs um enunciado contendo *mas* comprova que esta não seria uma boa tradução.

Três das soluções sugeridas são muito semelhantes entre si. Por isso, os TR deram votos iguais a (d), (c) e (e); que contém as expressões de surpresa *puxa vida* e/ou *que casa!*. A maioria dos FN preferiu (d), mas em segundo lugar foi votado o enunciado (a), que não contém nenhum indicador de surpresa, embora tenha sido deixado claro, na descrição da situação, que o falante ficou admirado.

S47 Heute hab' ich vielleicht ein Glück gehabt!  
Kaum zu glauben!

- |                                     |           |
|-------------------------------------|-----------|
| (c) Hoje tive uma sorte! Incrível!  | (44 - 33) |
| (b) Hoje tive uma sorte! Puxa vida! | (38 - 49) |
| (a) Hoje tive sorte! Puxa vida!     | (0 - 11)  |

Em S47, só o primeiro enunciado contém a PM. O segundo foi acrescentado por mim para verificar como o primeiro poderia ser traduzido no caso de *puxa vida* ou algo parecido ter que ser usado para traduzir *kaum zu glauben*.

Constata-se que, neste caso, não há, à primeira vista, nenhum equivalente para *VIELLEICHT*. Porém, preferiu-se o artigo indefinido ("uma sorte"). No que diz respeito

aos TR, ele pode ter sido escolhido por se tratar da tradução literal do alemão ("ein Glück"). Mas como os FN também o preferiram, parece que este artigo tem um valor expressivo semelhante ao de *VIELLEICHT*. É claro que o artigo indefinido só adquire este valor expressivo quando for opcional, isto é, não necessário gramaticalmente. Além do mais, ele tem que ser acompanhado de uma entoação expressiva. Exemplo: Hoje comprei vinho. - Hoje comprei um vinho!!

A primeira parte de (c) e (b) estando igual, os TR deram preferência a (c), provavelmente porque *incrível* tem, como raiz, o mesmo verbo que aparece na locução *kaum zu glauben*. A maioria dos FN optou por *puxa vida*; mas esta divergência não tem importância, pois não concerne à tradução de *VIELLEICHT*.

S48 Die reden vielleicht einen Unsinn!  
Un glaublich!

(b) Eles falam cada bobagem! Incrível! (50 - 49)

(d) Quanta bobagem que eles falam! Incrível! (31 - 42)

Unanimemente, a metade dos TR e dos FN preferiu (b); em segundo lugar ficou (d). As equivalências de *VIELLEICHT*<sub>1a</sub> são *cada* e o pronome interrogativo *quanta*. *Quanta* é usado, de modo expressivo, como intensificador, da mesma maneira que *como* e *que*, vistos na tradução de *ABER*.

No que diz respeito a *cada*, *que*, evidentemente, não é empregado no seu significado original, seria preciso verificar em que co-textos, ou seja, junto com que substantivos, este pronome indefinido pode ser usado como

tradução de *VIELLEICHT*<sub>1a</sub>.

*VIELLEICHT*<sub>1b</sub>

S49 Das ist vielleicht teuer!

(b) Puxa! Como é caro! (38 - 31)

(d) Que preços absurdos! (31 - 42)

Foram escolhidas aquelas soluções que contêm mais elementos expressivos: (b) contêm *puxa* e *como*; (d) - onde há itens lexicais diferentes daqueles que constam na versão alemã - apresenta *que* e o adjetivo *absurdos*. Os TR preferiram (b), obviamente por ser mais parecido com o original. Mas ambas as soluções podem ser consideradas boas.

Cabe mencionar que o enunciado (c), que contêm *cada*, foi expressamente rejeitado por 20% dos FN, o que mostra que, nem sempre, nem mesmo em contextos parecidos, este pronome indefinido pode ser empregado como tradução de *VIELLEICHT*<sub>1</sub>. Não me parece que a diferença de uso de *cada* seja devida à diferença entre *VIELLEICHT*<sub>1a</sub> e *VIELLEICHT*<sub>1b</sub>.

S50 Dein Auto ist vielleicht schmutzig!

(d) Puxa! Como teu carro está sujo! (56 - 31)

(b) Como teu carro está sujo! (38 - 36)

Os enunciados que começam por *como* foram escolhidos pela maioria absoluta de ambos os grupos, só que a preferência dos TR recaiu sobre (d), que contêm a interjeição *puxa* a mais.

S51 Sie sind vielleicht lustig!

(b) O sr. é muito engraçado! (50 - 42)

(c) Como o sr. é engraçado! (31 - 44)

A preferência dos FN foi, em porcentagens quase idênticas, para (c) e (b), enquanto os TR optaram mais claramente por (b). De qualquer maneira, foram escolhidas aquelas soluções que contêm algo a mais do que uma tradução literal de *p*: em (c), é *como*; em (b), é o intensificador *muito*. Normalmente, este intensificador não é expressivo e não pode ser um equivalente de *VIELLEICHT*. Somente no caso específico da situação 51, *muito*, junto com um tom irônico, serve para expressar a crítica contida na PM alemã.

S52 Guck mal! Der hat vielleicht einen Bart!

(f) Olhe! Que barba esquisita! (38 - 53)  
 (b) Olhe só! Que barba! (13 - 22)

A solução (f) difere de S52 por conter uma menção explícita ao formato estranho da barba. Em alemão, o pensamento do falante, ao contrário, fica implícito. Talvez seja por isso que a porcentagem dos TR que escolheram (f) é inferior àquela da preferência dos FN. Em todo caso, ambos os grupos optaram pela expressão explícita.

Em segundo lugar está (b), onde a falta do adjetivo *esquisita* foi compensada, parcialmente, pelo acréscimo de *só*, sendo que *olhe só* revela muito mais a surpresa do que o simples *olhe*.

#### b) *VIELLEICHT*<sub>2</sub>

S41 Ja. Dir vielleicht nicht?  
 (O verbo subentendido é "*gefallen*".)

(f) Gostei. Você por acaso não gostou? (44 - 4)  
 (a) Gostei. Você não? (31 - 47)  
 (b) Gostei. E você não? (25 - 18)

(d) Gostei. Não me diga que você não gostou. (6 - 29)

*VIELLEICHT*<sub>2</sub> expressa, principalmente, a preferência do falante por uma resposta contrária. Procurando uma equivalência, os TR optaram por *por acaso*. Estranhamente, os FN quase ignoraram essa solução. É estranho porque o segundo mais votado enunciado foi (d), que contém uma locução que expressa aquela atitude (*não me diga que*).

O fato é que a grande maioria dos FN escolheu (a), onde se nota a falta de qualquer indicador atitudinal - embora, na descrição da situação, o desejo do falante tivesse ficado claro.

Cabe mencionar ainda que 29% dos FN rejeitaram (e), que contém talvez.

S42 Haben Sie sich vielleicht noch nie geirrt?

(d) Por acaso o sr. nunca se enganou?	(31 - 27)
(c) Será que o sr. nunca se enganou?	(31 - 24)
(b) E o sr. nunca se enganou?	(25 - 13)

Esta vez, os FN aceitaram *por acaso*, que, novamente, foi preferido pelos TR. Entre estes informantes, obteve o mesmo número de votos a locução *será que*, que ficou em segundo lugar entre os FN. (b) foi, em ambos os grupos, o terceiro mais votado enunciado.

Todas as três soluções contém um elemento que expressa a atitude do falante, qual seja, tanto a expectativa de receber uma resposta contrária (ou nenhuma, pois a pergunta é quase retórica), quanto uma agressão verbal ou um desafio. *Por acaso* e *e me* parecem adequados

para traduzir *VIELLEICHT*. Porém, no meu entender, *será que* - que foi preferido a e por ambos os grupos - não é uma tradução tão boa, porque não é tão desafiador quanto *VIELLEICHT*; é mais conciliador, pelo menos no contexto citado.

S43 Wieso? Ist das vielleicht kein Geschenk?

(e) Por que não? Por acaso não é um presente?

(63 - 31)

(a) Por quê? Não é um presente? (13 - 38)

Preferência clara dos TR por *por acaso*, locução que também foi aceita, em segundo lugar, pelos FN. Estes deram preferência a um enunciado sem nenhum elemento que indique a atitude do falante. Acreditam eles, certamente, que, no contexto dado, ela é inequívoca, de modo que o interlocutor vai perceber que o enunciado não é uma pergunta, mas, praticamente, uma afirmação.

S44 Ist die vielleicht intelligenter als du?

(d) Por acaso ela é mais inteligente do que você?

(56 - 47)

(c) Será que ela é mais inteligente do que você?

(19 - 13)

(b) E ela é mais inteligente do que você?

(13 - 15)

Houve consenso entre os FN e os TR em dar a preferência nítida a *por acaso*. Como na situação 42, as outras soluções mais escolhidas foram *será que* e *e*. No presente contexto, considero *será que* como mais adequado do que naquela situação, porque aqui o tom não é desafiador, não se trata de uma agressão verbal.

c) *VIELLEICHT*<sub>3</sub>

S53 Könntest du mir vielleicht 30 Cruzados leihen?

- (d) Será que você poderia me emprestar 30 cruzados? (44 - 40)
- (a) Você poderia me emprestar 30 cruzados? (25 - 24)
- (b) Você pode me emprestar 30 cruzados? (13 - 22)
- (c) Por acaso, você poderia me emprestar 30 cruzados? (13 - 7)

Contando-se também as segundas escolhas (segunda coluna da folha de respostas), todas as quatro soluções receberam um número não desprezível de votos entre os FN; entre os TR, só (b) praticamente foi descartado. O motivo é que em (b) falta uma equivalência não somente de *VIELLEICHT*, mas até da forma subjuntiva *konntest* (poderia).

De qualquer modo, ambos os grupos optaram claramente por *será que*.

S54 Entschuldigung, könnten Sie mir vielleicht sagen, wo der Busbahnhof ist?

- (d) Com licença, será que a sra. poderia me dizer onde fica a rodoviária? (38 - 33)
- (b) Com licença, a sra. poderia me dizer onde fica a rodoviária? (19 - 31)

Mais uma vez, *será que* foi preferido por ambos os grupos; em segundo lugar ficou, de novo, a tradução literal do enunciado alemão, sem nenhum equivalente de *VIELLEICHT*<sub>3</sub>.

A escolha de *será que* pelos FN - que só leram a descrição da atitude do falante - comprova que esta locução é, de fato, usada em perguntas ou pedidos polidos. Mas seu emprego não é imprescindível, como mostra o grande número de votos dados a (b).

S55 Könnten Sie vielleicht die Tür zumachen?

- (c) Será que você poderia fechar a porta? (69 - 35)  
 (a) Você poderia fechar a porta? (0 - 31)

Os TR optaram claramente por (c); entre os FN, (c) também ficou em primeiro lugar, mas seguido de perto por (a), que é uma tradução literal de S55, sem nenhum equivalente da PM.

Como na descrição da situação havia ficado claro que o falante estava um pouco irritado, o fato de *será* que ter sido preferido pelos dois grupos mostra que esta locução pode ser usada em tais circunstâncias; ou seja, da mesma maneira que *VIELLEICHT*<sub>3</sub>, ela pode, dependendo do contexto, revelar uma atitude de censura - como já foi visto em 3.16.h.

S56 Wollen Sie dann vielleicht starten?

- (d) Quem sabe o sr. quer dar a partida? (50 - 11)  
 (a) O sr. não quer dar a partida? (25 - 38)  
 (b) Será que o sr. vai dar a partida? (13 - 31)

(a) e (b) foram preferidos pelos FN, enquanto a maioria dos TR escolheu (d). Por coincidência, foi esta a tradução dada a S56 em SIMMEL (1983b), de onde tirei o exemplo. Portanto, há um consenso entre a tradutora do livro e metade dos TR. Todavia, vale ressaltar que poucos FN optaram por (d), e um número significativo (20%) rejeitou esta solução por completo, embora a descrição da situação, e da atitude do falante, seja bastante clara. Seria necessário investigar a razão desta divergência entre os TR (e a tradutora) e os FN.

d) *VIELLEICHT*<sub>4</sub>

Esta variante é muito parecida com *VIELLEICHT*<sub>3</sub>, na medida em que ela é usada em pedidos. Devido a essa semelhança - e também porque *VIELLEICHT*<sub>4</sub> pode ocorrer em sentenças dependentes - não inclui nenhum exemplo no questionário. Foi somente depois de já ter recebido as respostas da maioria dos informantes que submeti a um grupo de sete TR três enunciados contendo esta variante. Eis os enunciados - que dominarei S57, S58 e S59 - e o resumo das traduções sugeridas por estes TR.

S57 Darf ich zu diesem Thema vielleicht noch etwas sagen?

Dos sete TR, seis propuseram sentenças começando por *será que*, sendo quatro vezes "*será que (eu) poderia...*" e duas vezes "*será que (eu) posso...*".

S58 ... und darf ich vielleicht noch hinzufügen...

Esta vez, só dois TR sugeriram *será que*. Parece-me que os outros, propondo "eu (ainda) gostaria de acrescentar" (três vezes), "e talvez pudesse ainda acrescentar" e "e se me permitirem eu gostaria ainda de dizer", têm razão, pois em S58, ao contrário de S57, o falante não espera uma resposta. S58 serve apenas para introduzir, polidamente, sua fala subsequente. Isto fica bem claro nessas cinco traduções, sendo que a última - com o verbo *permitir* como equivalência de *darf* - parece a mais adequada. A penúltima sugestão mostra que, em certos contextos, talvez pode ser

empregado no lugar da PM *VIELLEICHT*, mas com uma modificação na estrutura sintática. Observa-se que o enunciado alemão é, sintaticamente, uma pergunta, e talvez não costuma ser usado em perguntas.

S59 Wenn ich vielleicht Herrn Meier um seine Meinung bitten darf...

As sugestões dos sete TR foram tão diversas que é preciso listá-las:

Gostaria de ouvir a opinião do sr. Meier.  
 Será que eu poderia pedir ao sr. Meier a sua opinião?  
 Posso pedir ao sr. Meier que diga sua opinião?  
 Se eu pudesse pedir a opinião do sr. Meier...  
 Se o sr. Meier pudesse dar a sua opinião sobre isso...  
 Talvez pudéssemos ouvir a opinião do sr. Meier.  
 Sr. Meier, o sr. não gostaria de nos dizer sua opinião?

A primeira constatação é que a tradução literal de *vielleicht* (talvez) só aparece uma vez. Isto não significa que esta sugestão seja errada; ao contrário, considero-a mais adequada do que algumas outras, tendo-se em mente que este talvez não é o advérbio epistêmico talvez - significando "é possível que" - mas um tipo de PM, empregado, como *VIELLEICHT*<sub>4</sub>, em pedidos polidos.

A tradução citada por último também corresponde, no essencial, ao original alemão, mas é a proposta começando por *será que* que traduz melhor o conteúdo global - *p* e a atitude do falante - do enunciado alemão.

## Resumo da discussão das respostas

Para traduzir as diversas variantes de *VIELLEICHT* ou para expressar em português as atitudes indicadas por esta FN, podem ser aconselhados os seguintes vocábulos, locuções ou outros mecanismos:

### *VIELLEICHT*<sub>1</sub>

1º) *Como, que, quando* - pronomes interrogativos empregados em exclamações, às vezes junto com interjeições de surpresa como *puxa* ou *puxa vida* (S46, S48, S49, S50, S51, S52).

2º) Outros procedimentos só são variáveis em certos contextos:

- a) *mas que* (S45);
- b) *cada* (S48);
- c) explicitação do conteúdo proposicional, junto com *que* (S49, S52);
- d) artigo indefinido (S47).

Cabe mencionar ainda os seguintes fatos:

Em português, não há meios para distinguir *VIELLEICHT*<sub>1a</sub> de *VIELLEICHT*<sub>1b</sub>.

Tampouco nota-se, geralmente, a diferença entre *VIELLEICHT*<sub>1</sub> e *ABER*.

Freqüentemente, os FN não consideram necessário acrescentar a *p* qualquer indicador atitudinal lexical.

*VIELLEICHT*<sub>2</sub>

1º) *Por acaso* (S42, S42, S43, S44);

2º) *será que* (S44);

3º) *e* (S42).

Em duas das quatro situações, os FN preferiram realizar apenas *ptbs*, isto é, a proposição expressada num determinado tipo básico de sentença, mas sem nenhuma equivalência de *VIELLEICHT* (S41, S43).

*VIELLEICHT*<sub>3</sub>

O único equivalente de *VIELLEICHT*<sub>3</sub> é *será que* (S53, S54, S55). Nas propostas que não contêm esta locução não há nenhum elemento que corresponda a *VIELLEICHT*<sub>3</sub>. Apenas usam-se os procedimentos comuns para minimizar o ato ameaçador da face "pedido", isto é, *poderia* (S53, S54, S55) ou *não* (S56), ambos em sentenças interrogativas.

A tradução "Quem sabe..." de S56 é um caso específico.

*VIELLEICHT*<sub>4</sub>

1º) *Será que* (S57);

2º) várias maneiras de expressar polidamente um pedido (S58, S59).

### 4.3 ETWA

Nas listas de PMs de todos os pesquisadores aparece *ETWA*. Embora haja uma uniformidade bastante grande na interpretação desta PM, existem diferenças nas afirmações sobre os tipos de sentenças nos quais ela pode ocorrer.

#### 4.3.1 Análises anteriores

WEYDT (1969), KEMME (1979), FRANCK (1979a), HARDEN (1983a), HELBIG e BUSCHA (1984) e HENTSCHEL (1986:216) só mencionam o *ETWA* usado em sentenças interrogativas S/N. BUBLITZ (1978) acrescenta a possibilidade de haver *DOCH...* *ETWA* em asserções negativas.

Segundo WEYDT e HENTSCHEL (1983), a PM ocorre também em sentenças declarativas negativas que têm um sentido interrogativo, e segundo WEYDT et al. (1983), ela é usada ainda em sentenças imperativas. Para ENGEL (1988), ela pode também ocorrer em orações subordinadas condicionais.

Quanto à função da PM, KEMME (*op.cit.*: 65) diz somente que ela se refere ao que está implícito num enunciado do interlocutor e que ela expressa surpresa. Todos os outros autores são de opinião de que, usando *ETWA*, o falante mostra que prefere uma resposta negativa, ou melhor, oposta ao conteúdo da pergunta. WEYDT e HENTSCHEL (*op.cit.*:11) explicitam que este conteúdo é caracterizado como indesejável e que o falante pensa: "Eu espero que não, mas temo que...".

BUBLITZ (*op.cit.*:66) acrescenta que *DOCH ... ETWA* em asserções negativas expressa uma atitude repreensiva e que, em certas situações, *ETWA* pode ser usado em perguntas quando se espera uma resposta afirmativa.

FRANCK (*op.cit.*:220-2), limitando-se a analisar a PM em sentenças interrogativas, examina mais do que os outros pesquisadores as circunstâncias interacionais nas quais ela costuma ser usada. Por isso, citarei esta autora em detalhe no item seguinte.

No que diz respeito a um eventual significado primário (*übergreifende Bedeutung*), FRANCK acredita que não há nenhum "parentesco" entre a PM *ETWA* e o homógrafo que é sinônimo de *ungefähr* (aproximadamente).

BUBLITZ, assim como WEYDT e HENTSCHEL, ao contrário, afirmam que o advérbio homógrafo, significando "aproximadamente", pode ser parafraseado como "é possível que", "possivelmente", "talvez", e que este significado se manifesta na PM na medida em que, em perguntas, ela tem a função de indicar uma possibilidade.

#### 4.3.2 Resumo e discussão desta PM

##### a) Tipos de sentenças em que a PM *ETWA* ocorre

Ela é empregada em muito mais situações do que aquelas mencionadas pelos especialistas. Ela ocorre:

- em sentenças interrogativas S/N (121);

- as quais podem ser realizadas, no discurso indireto, como orações subordinadas (122);
- ou podem ser perguntas retóricas (123);
- em sentenças declarativas negativas, realizadas em tom interrogativo, geralmente junto com *DOCH* (124);
- em sentenças imperativas negativas (125);
- em asserções negativas, freqüentemente com *sollen* (126)<sup>17</sup>;
- em orações subordinadas condicionais (127);
- em orações relativas cujo antecedente é algo como "todas as / aquelas / as pessoas" (128);
- em asserções negativas que precedem uma oração - que pode ser elíptica - introduzida por *sondern* (mas sim) (129). Esta segunda oração pode também ficar subentendida, ou ser realizada assindeticamente, isto é, sem a conjunção *sondern*.

- (121) Hast du etwa die Hausaufgabe noch nicht gemacht?  
(Não me diga que você não fez ainda o dever de casa!)
- (122) Karla fragte, ob Markus etwa verreist sei.  
(Karla perguntou se Markus havia viajado.)
- (123) Hab' ich dir etwa nicht geholfen?  
(E eu não te ajudei?)
- (124) Du wirst deshalb (doch) nicht etwa weinen?!  
(Você não vai chorar por causa disso, vai?)
- (125) Mach das nicht etwa noch einmal!  
(Não pense em fazer isso de novo!)
- (126) Er soll nicht etwa glauben, ich sei faul.  
(Ele não deve pensar que sou preguiçoso.)
- (127) Wenn es im Juli etwa regnet, fahre ich nicht in Urlaub.

(Se, por acaso, chover em julho, não vou sair de férias.)

(128) Die Schüler, die etwa die Hausaufgaben nicht gemacht haben (sollten), ...  
(Os alunos que, porventura, não fizeram o dever de casa ...)

(129) Er ist nicht etwa mit dem Bus gefahren, sondern mit dem Taxi.  
(Não pense que ele foi de ônibus - ele foi de táxi.)<sup>18</sup>

#### b) Posição

Os exemplos mostram que - como as PMs em geral - *ETWA* precede o rema, o qual é, ao mesmo tempo, o elemento fortemente acentuado.

#### c) Significado primário

Aqueles autores que tentaram descobrir o que a PM tem em comum com seu homógrafo esqueceram que, na verdade, existem dois homógrafos, um deles significando "aproximadamente", o outro, "por exemplo". Aparentemente, nenhum dos dois tem, atualmente, algo a ver com a PM. Mas também uma pesquisa etimológica não traz nenhum esclarecimento, já que tanto no antigo-alto-alemão quanto no médio-alto-alemão o vocábulo do qual deriva *etwa* tinha um significado diferente dos três homógrafos atuais: *etewa* significava "em algum lugar", posteriormente também "bastante", "muito" (cf. DROSDOWSKI (ed.) 1983).

Mesmo assim, é possível imaginar alguma relação semântica entre os três homógrafos. BUBLITZ assim como WEYDT

e HENTSCHEL afirmaram que no advérbio - ou melhor, na partícula focalizadora - *etwa* (aproximadamente) pode-se detectar o significado "é possível que", "talvez", o qual está também presente na PM.

E o outro homógrafo ("por exemplo")?

Poder-se-ia apresentar os seguintes enunciados para tentar mostrar que os três *etwa* têm algo em comum além da forma:

*etwa* (aproximadamente): Ele tem aproximadamente vinte anos.  
 Ele tem talvez/possivelmente vinte anos.  
 Ele tem por exemplo (?) vinte anos.

*etwa* (por exemplo): Alguém, por exemplo você, tem que ficar.  
 Alguém, talvez você, tem que ficar.  
 Alguém, aproximadamente (?) você, tem que ficar.

*ETWA* (PM): Você não vai me dizer que você quer sair agora.  
 É possível que você queira sair agora?  
 Você quer sair agora, por exemplo?

Entretanto, isto parece mais um exercício intelectual ou de imaginação do que uma tentativa séria de explanação. Mesmo se na PM há o componente "é possível que", este não é tão óbvio na partícula focalizadora *etwa* (aproximadamente). De modo que não vejo em que sentido tais observações sobre o significado primário possam ajudar na compreensão da PM *ETWA*.

#### d) Função

Basicamente, a PM serve para expressar a seguinte atitude do falante:

Levantando uma possibilidade que, em vista das circunstâncias, lhe veio à mente, ele quer transmitir sua opinião de que esta possibilidade não é ou não deveria ser realidade, e que ele não gosta desta possibilidade, o que faz com que, no caso de perguntas, ele espere uma resposta contrária.

Os exemplos citados em (a) poderiam ser interpretados assim (com o começo da paráfrase valendo para todos eles):

Existe a possibilidade de que (= talvez)

- (121') você não tenha feito o dever de casa ainda, mas espero que sim.
- (123') você pense que eu não te ajudei, mas te ajudei sim.
- (124') Você queira chorar por causa disso, mas espero que não o faça.
- (125') você queira fazer isso de novo, mas espero que não.
- (126') ele pense que sou preguiçoso, mas não sou.
- (127') chova em julho; espero que não, mas se chover, não vou sair de férias.
- (128') alguns alunos não tenham feito o dever de casa; espero o contrário, mas se, por acaso, esta possibilidade for realidade, então estes alunos...
- (129') você pense que ele foi de ônibus, mas ele não foi; foi de táxi.

Na interpretação de *ETWA*, pensou-se, geralmente, apenas nesta atitude do falante. Porém, como constatou BUBLITZ (*op.cit.*:67), em certas situações a PM é empregada em sentenças interrogativas sem que o falante deseje o contrário de *p*. E quando ele está muito surpreso com a possibilidade de que algo de desejado, inesperadamente, se torne ou se tenha tornado realidade. Vamos denominar esta variante da PM de *ETWA*<sub>2</sub>, deixando a designação *ETWA*<sub>1</sub> para

aquela que ocorre em enunciados como (121) a (129).

Exemplo:

(Um jogador de futebol quebrou a perna. O médico fala de tal maneira que o jogador ousa esperar poder jogar de novo na semana seguinte.)

(130) Kann ich nächste Woche etwa wieder spielen?  
 Não me diga que vou poder jogar de novo na semana que vem!

Nota-se que tanto neste caso quanto em (121) foi usado a expressão "não me diga que" para traduzir *ETWA*. Isto mostra que esta expressão também pode revelar as duas atitudes contrárias, constatadas para *ETWA*. Tanto no alemão quanto no português, o ouvinte, normalmente, vai perceber pelo tom da voz, pela expressão facial, etc., e, sobretudo nos textos escritos, pelo contexto, qual é a atitude do falante. De qualquer maneira, *ETWA*<sub>2</sub> ocorre bem mais raramente do que *ETWA*<sub>1</sub>.

Segundo BUBLITZ (*op.cit.*: 65, 67), no processo interpretativo, o ouvinte usa implicaturas conversacionais, mas o autor não explica, como. Na teoria de GRICE (1975), os ouvintes fazem uso de implicaturas conversacionais quando o falante viola uma das máximas da conversação, o que não ocorre nas perguntas com *ETWA*, a não ser da seguinte forma:

Escutando *ETWA* numa pergunta ("p?"), o ouvinte sabe que, normalmente, o falante deseja a resposta "não, não p", mas teme "sim, p". Isto faz parte do significado de *ETWA*. Em certas circunstâncias, porém, o ouvinte percebe que esta interpretação não faz sentido, pois ele se diz que o falante não pode deixar de desejar uma coisa boa, como

voltar a jogar futebol depois de ter quebrado a perna. Visto que o falante, ao usar *ETWA*, violou a máxima da maneira (cf. GRICE *op.cit.*: 46), o interlocutor se diz também que o outro não fez isso por engano, mas sim de propósito, querendo dar um outro sentido à sua pergunta. Em face das circunstâncias em que a pergunta foi feita, o ouvinte conclui então que o falante quis expressar - ou "implicar conversacionalmente" - sua surpresa e satisfação diante da possibilidade de *p*.

No entanto, penso que não é necessário explicar o processo interpretativo de uma maneira tão complexa quanto o é a implicatura conversacional de GRICE. É muito mais simples supor a existência de duas variantes de *ETWA* - *ETWA*<sub>1</sub> e *ETWA*<sub>2</sub> - cujos significados são assimilados no período da aquisição da língua materna, do mesmo modo que os diversos significados de quaisquer vocábulos homógrafos. Na ocorrência de *ETWA*, o ouvinte, levando em conta o contexto e, na linguagem oral, fatores paralingüísticos, simplesmente decide qual dos dois está em jogo.

FRANCK (1979a:220-2), que só menciona aquele *ETWA*<sub>1</sub> que ocorre em sentenças interrogativas, afirma que ele não possui um significado proposicional, mas funciona apenas como uma PM que se refere à conversação (*konversationsbezogen*). *ETWA*<sub>1</sub> "pressupõe um contexto no qual o falante possa se referir a uma observação que faz com que a pergunta com *ETWA* pareça atual e necessária". A autora acrescenta que "a pergunta com *ETWA* frequentemente se refere a coisas pelas quais o interlocutor tem uma certa responsabilidade". Deste modo, a opinião do falante,

embutida na pergunta, pode influir no comportamento do ouvinte: se estiver em jogo uma ação passada do interlocutor, criticada indiretamente na pergunta, este pode pelo menos acrescentar à sua resposta um pedido de desculpa, uma explicação, ou algo parecido.

Ainda segundo FRANCK, em termos de interação, "ETWA provoca um tom desarmonioso", pois o falante, preferindo a resposta "p", mas insinuando que teme receber a resposta contrária, expressa a expectativa de falta de cooperação por parte do ouvinte.

Em parte, a autora tem razão. De fato, ETWA geralmente dá um tom de desarmonia à conversa, cria um clima desagradável. Mas há um equívoco. FRANCK, ao usar o termo "cooperação", certamente se refere ao "princípio de cooperação" de GRICE. Este princípio, porém, não diz respeito às ações dos interlocutores, mas apenas à sua disposição de fazer suas "contribuições conversacionais" (GRICE 1975:45) de tal maneira que a conversa se desenrole harmoniosamente. No caso de ETWA<sub>1</sub>, no entanto, o interlocutor não viola nenhuma das máximas conversacionais, nem mesmo a da polidez. Se ele dá, contrariando o desejo do falante, uma resposta na qual ele confirma o que foi insinuado na pergunta, ele não é mal-educado, mas sincero, dizendo a verdade. A desarmonia não é criada por uma falta de cooperação conversacional, mas por uma divergência nas idéias, comportamentos, julgamentos, desejos. No seguinte diálogo entre um casal numa festa:

(131) A: Willst du etwa schon Haus gehen?

B: Ja.

(A: Não me diga que você já quer ir para casa.

B: Sim.)

a resposta não é um sinal de que B não queira colaborar para o bom desenrolar da conversa, mas a manifestação de que A e B têm desejos divergentes.

Ao contrário do que diz FRANCK, o tom desarmônico não é causado pela falta de cooperação do ouvinte, mas sim pela rudeza do falante.

A rudeza, a agressividade, do falante manifesta-se na medida em que ele deixa claro qual resposta ele deseja; isto é, ele não deixa o ouvinte livre, prevê uma divergência entre os dois e indiretamente critica a atitude do outro.

É claro que só se pode falar em agressividade quando a pergunta do falante diz respeito a uma ação, idéia ou atitude do ouvinte, não em casos como:

(132) Regnet's etwa schon wieder?

(Não me diga que está chovendo de novo!)

Mas mesmo nesses casos, *ETWA*<sub>1</sub> expressa uma certa rudeza, pois mostra que o falante está irritado com uma coisa que ele teme ser verdade e que não lhe agrada.

Em sentenças interrogativas - por exemplo, em (121) e (123) - *ETWA*<sub>1</sub> pode, a rigor, ser substituído por *VIELLEICHT*<sub>2</sub> (cf. 4.2.4)<sup>19</sup>. Entretanto, *ETWA*<sub>1</sub> revela uma maior rispidez por parte do falante.

A mesma atitude manifesta-se também em perguntas retóricas. Num tom relativamente agressivo, o falante faz

uma pergunta ("p?"), mas quer, na verdade, dizer: "claro que não-p". Visto que a entoação não esclarece nitidamente essa diferença entre força ilocucionária básica (pergunta) e força ilocucionária pretendida (afirmação), a PM é, nesse caso, um indicador ilocucionário.

Exemplo:

(133) Haben Sie mir etwa geholfen?  
 (Por acaso o sr. me ajudou? = Evidentemente o sr. não me ajudou.)

Nos enunciados citados anteriormente, *ETWA* não muda a força ilocucionária. Por exemplo, em (121) a entoação e, mais ainda, o tom da voz são capazes de esclarecer que não se trata de um simples pedido de informação, mas da expressão de uma expectativa e de uma ameaça de repreensão. Mas sempre a PM é um indicador ilocucionário auxiliar, que deixa mais clara a intenção do falante, e sempre ela é um indicador atitudinal. Principalmente em orações subordinadas, como em (122), (127) e (128), é só ela que indica a atitude do falante.

Vimos que é necessário distinguir entre *ETWA*<sub>1</sub> e *ETWA*<sub>2</sub>. Ocorre que mesmo a primeira variante pode, em alguns casos, ser ambígua, ou melhor, não ser suficiente para esclarecer o significado intencionado. Exemplos:

(134) Hab' ich dir etwa nicht geholfen?  
 (135) Bist du etwa unser Chef?

Cada um desses enunciados pode ter duas interpretações:

(134') Você está insinuando que não te ajudei  
 (ou: você está agindo como se eu não

tivesse te ajudado), mas ajudei sim, e tenho que repreender sua atitude.

(134'') Será que não te ajudei? Não me lembro, mas espero ter ajudado sim.

(135') Você se comporta como se você fosse nosso chefe, mas você não é nosso chefe de jeito nenhum.

(135'') Não me diga que você é nosso chefe. Espero que não.

Em ambas as interpretações, a atitude básica expressa por *ETWA* é a mesma: "p?, mas (...) não-p." A diferença é que, em (134') e (135'), o falante afirma que não-p, enquanto, em (134'') e (135''), ele espera que não-p. Por conseguinte, as traduções vão ser diferentes.

(134), na interpretação (134'):

E eu não te ajudei?  
Por acaso eu não te ajudei?

(134), na interpretação (134''):

Será que não te ajudei?  
Não me diga que não te ajudei.  
Eu não te ajudei? Não é possível.

(135), na interpretação (135'):

E você é nosso chefe, por acaso?

(135), na interpretação (135''):

Não me diga que você é nosso chefe!

A ambigüidade dos enunciados alemães vai ser tirada, mais uma vez, não por uma implicatura conversacional, mas sim levando-se em consideração o contexto.

e) Possibilidade de confundir a PM e seus  
homógrafos

Esta possibilidade existe, mas certamente há poucas ocasiões em que ela ocorre.

1º) *ETWA* (PM) - *etwa* (aproximadamente)

(136) *Kostet das etwa hundert Mark?*  
(Não me diga que isto custa cem marcos!)  
(Isto custa aproximadamente cem marcos?)

(137) *Du schwimmst doch nicht etwa 3 km pro Tag?!*  
(Não me diga que você nada 3 kms por dia!)  
(Você não nada aproximadamente 3 kms por dia, nada?)

Naturalmente, em geral o tom da voz vai desambigüizar o enunciado alemão, mas não em casos como (137) - com *DOCH nicht* - onde a atitude do falante não muda muito sem a PM.

2º) *ETWA* (PM) - *etwa* (por exemplo)

São imagináveis, mas pouco prováveis duas interpretações para enunciados como:

(138) *Willst du etwa Frau Meier einladen?*  
(Não me diga que você quer convidar sra. Meier!)  
(Você quer convidar, por exemplo, sra. Meier?)

Normalmente, o *ETWA* de (138) será usado e interpretado como PM.

## f) Ocorrências autênticas

Em *Texte*, não se encontra nenhuma daquelas ocorrências nas quais *ETWA* é usado na sua função mais característica, a saber, quando expressa a atitude "quero não-*p*, e repreendo você - se realmente *p* - de antemão" (cf. (121), (124), (125), (126)). Isto se deve ao fato de que a maioria desses textos gravados são discussões, enquanto esta atitude é observável mais em curtos, rápidos diálogos. Por revelar uma certa agressividade, este *ETWA* "típico" praticamente não aparece nem nos pequenos diálogos de *Texte*, certamente porque estes são conversas geralmente amenas, cujos participantes evitam o tom agressivo.

Uma única vez, tal tom pode ser percebido, e nessa vez a repreensão se faz de maneira ainda mais indireta do que normalmente. Veja:

(139) (Situação: uma conversa sobre uma encomenda que foi mandada da Polônia e se perdeu)

Wer? Wer ersetzt mir das? Kein Mensch. Die Polen doch nicht etwa. (FS:46)  
(Quem? Quem vai me indenizar? Ninguém. Os poloneses com certeza não.)

Este *DOCH nicht ETWA* pode ser interpretado assim:

Se você pensa que os poloneses vão me indenizar, você está enganado.

As outras poucas ocorrências em *Texte* são daqueles tipos mencionados na Nota 18. Exemplos:

(140) (Situação: uma conversa sobre o perigo da velocidade na estrada e sobre a vontade de alguns motoristas de ultrapassarem os outros)

... und lasse den anderen vorbeiziehen. Dann ist der der Bösewicht und hat mir nicht etwa bewiesen, dass er wirklich schneller ist. (VO:139)

(... e deixo o outro me ultrapassar. Ai ele é o mau, e não provou de maneira alguma que ele realmente é mais veloz.)

Paráfrase da oração com *ETWA*:

Se ele pensa que provou que é realmente mais veloz, ele está enganado. (Ou: talvez ele pense que provou que realmente é mais veloz, mas ele não provou isso de forma alguma.)

(141) (Situação: uma conversa sobre o estado miserável das clínicas psiquiátricas)

Ich halte (...) für übertrieben, ohne dass deshalb etwa behauptet werden kann, dass in den psychiatrischen Einrichtungen optimale Verhältnisse bestehen.

(Eu acho (...) exagerado, sem que por isso se possa afirmar que nas instituições psiquiátricas haja condições excelentes.)

Paráfrase da oração começando por *ohne*:

Talvez alguém queira afirmar que (...), mas não se pode afirmar isso de maneira alguma.

#### 4.3.3 Discussão das respostas dos informantes

S32 Regnet's etwa schon wieder?

(d) Não vai me dizer que está chovendo de novo.  
(TR: 31% - FN: 44%)

(c) Não me diga que está chovendo de novo.  
(31 - 26)

(d) e (c) receberam o mesmo número de votos entre os TR. Mas, juntando-se as primeira e segunda escolhas, (c) supera (d) com 41% contra 28%. Fazendo-se a mesma adição entre as respostas dos FN, (c) também tem uma pequena vantagem (29% contra 28%). De qualquer maneira, (d) e (c)

são muito parecidos, e ambos são traduções adequadas de S32, mesmo tendo uma estrutura sintática diferente e sendo mais explícitos.

Eles são mais explícitos, porque *ETWA* apenas indica que o enunciado deve ser interpretado assim: "Eu pergunto se está chovendo, mas espero que não esteja chovendo, isto é, espero que você não me diga que está chovendo." As sentenças "não vai me dizer" e "não me diga", ao contrário, já explicitam pelo menos parte do desejo do falante.

S33 Hast du etwa deine Hausaufgaben noch nicht gemacht?

- (d) Não vai me dizer que ainda não fez o dever de casa! (56 - 26)
- (c) Não me diga que ainda não fez o dever de casa! (19 - 22)
- (a) Você ainda não fez o dever de casa? (0 - 33)

A solução (d) foi claramente preferida pelos TR, mas quando se levar em conta também a segunda escolha, a diferença entre (d) e (c) é mínima: 38% contra 34%. O mesmo acontece com as respostas dos FN, em ordem inversa: 28% para (c), 23% para (d).

A solução (a) - ignorada pelos TR, mas preferida, como primeira escolha, por 33% dos FN - não seria uma boa tradução em textos escritos, porque não contém nenhum indicador atitudinal. Mas o fato de ter sido a primeira opção dos FN - os quais leram a descrição da situação, e, portanto, sabiam da atitude do falante - mostra que tal indicador não é considerado necessário na fala.

S34 Wollen Sie etwa Y wählen?

- (d) Não me diga que o sr. vai votar em Y!  
(38 - 36)
- (g) O sr. não vai votar em Y, vai? (19 - 11)
- (e) O sr. não vai me dizer que vai votar em Y!  
(19 - 9)
- (a) O sr. vai votar em Y? (6 - 24)

Como houvesse um maior número de propostas, os votos dos informantes, sobretudo dos FN, estão mais dispersos. Mas a preferência por (d) é nítida. O enunciado (e), tão parecido com (a), só ficou em terceiro lugar, talvez por causa da repetição de "vai".

A solução (g) apresenta dois meios lingüísticos que transmitam a mesma mensagem que *ETWA*: uma negação em tom de pergunta, junto com uma pergunta posposta.

A solução (a), sem nenhum indicador atitudinal, ficou em segundo lugar entre os FN.

S35 Haben Sie etwa vergessen, den Brief an Dr. Salles zu schreiben?

- (g) A sra. não esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles, esqueceu? (25 - 24)
- (b) Será que a sra. esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles? (25 - 4)
- (f) Por acaso a sra. esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles? (13 - 26)
- (c) A sra. não esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles, eu suponho. (0 - 26)

Novamente, grande dispersão de votos. Em termos de porcentagem, as opiniões dos TR e dos FN coincidem em relação a (g), onde se nota a mesma estrutura que em (g) da situação anterior.

O enunciado (b), preferido, junto com (g), pelos TR, quase foi ignorado pelos FN - com razão. Parece-me que a locução *será que* não expressa suficientemente a atitude de

repreensão contida em *ETWA*. Por outro lado, é claro que tal atitude pode ser expressa pelo tom da voz.

Completamente ignorada pelos TR, a solução (c) foi a primeira opção dos FN. No meu entender, ela é, de fato, uma das possibilidades de traduzir a mensagem de S35, visto que "eu suponho", no contexto dado, expressa menos uma suposição do que uma expectativa e uma ameaça, ou repreensão antecipada.

S36 Kauf ich mir etwa jeden Monat Kleidung?

- (d) Por acaso eu compro roupa todo mês? (63 - 56)  
 (b) E eu compro roupa todo mês? (13 - 22)

Clara preferência dos dois grupos por (d). Também (b) recebeu um número expressivo de votos, quando se somarem as primeira e segunda escolhas (TR: 28%, FN: 25%)

Em contrapartida, (e) e (f) ("não me diga", "não vai me dizer") foram rejeitados por 11% e 22% dos FN.

S37 Haben Sie etwa noch nie gelogen?

- (c) Será que o sr. nunca mentiu? (31 - 7)  
 (d) Por acaso o sr. nunca mentiu? (19 - 27)  
 (b) E o sr. nunca mentiu? (19 - 13)  
 (e) E o sr. por acaso nunca mentiu? (13 - 20)

A maioria dos TR preferiu (c), mas pelo fato de apenas 7% dos FN terem escolhido esse enunciado, percebe-se que *será que* não expressa a atitude agressiva do falante, tal qual havia sido descrita para os informantes. Os FN optaram, majoritariamente, por *por acaso*, que aparece em (d) e (e), e, quando se somarem os votos dados a esses dois enunciados, até os TR preferiram *por acaso* a *será que*.

A atitude agressiva, desafiadora, também pode ser expressa pelo emprego de *e*.

Aliás, as soluções dadas aqui são as mesmas já encontradas para traduzir *VIELLEICHT*<sub>2</sub> - o que não surpreende, em vista da semelhança entre *VIELLEICHT*<sub>2</sub> e *ETWA*.

S38 Wollen Sie etwa schoh wieder anrufen?

- (d) A sra. não está pensando em telefonar de novo, está? (63 - 42)
- (c) A sra. não vai telefonar de novo, vai? (19 - 44)

Estruturalmente, os dois enunciados são iguais, apenas o verbo mudou de "está pensando em" para "vai". Enquanto os TR optaram claramente por (d), os votos dos FN são divididos, em porcentagens quase iguais, entre (d) e (c). A preferência dos TR é explicável: em S38, pergunta-se "a sra. quer telefonar?", e, quando se quer fazer algo, está-se pensando naquilo, mas não necessariamente vai-se fazer aquilo; por isso, (d) é de fato uma tradução um pouco mais exata do que (c).

S39 Wenn Sie etwa rauchen wollen, gehen Sie bitte hinaus.

- (a) Se você quiser fumar, saia da sala, por favor. (44 - 49)
- (c) Se por acaso você quiser fumar, saia da sala, por favor. (31 - 18)

S40 Wenn Helena etwa eingeladen ist, gehe ich nicht.

- (a) Se Helena estiver convidada, eu não vou. (31 - 40)
- (c) Se por acaso Helena estiver convidada, eu não vou. (19 - 15)

S39 e S40 são os únicos enunciados do questionário em que uma PM é usada numa oração subordinada. A minha intenção foi mostrar que em tais casos é mais difícil encontrar equivalências para as PMs. De fato, nas duas situações, tanto os FN quanto os TR deram preferência às soluções sem indicador atitudinal.

No caso de S39, um número relativamente grande de TR - além de 18% dos FN - escolheu *por acaso*, mas duvido que esta locução expresse, como *ETWA*, a atitude um pouco agressiva do falante e seu desejo de que o ouvinte não fume. Tal atitude pode, porém, ser veiculada pela pronúncia enfática de *por acaso*.

#### Resumo da discussão das respostas

Apresentam-se as seguintes possibilidades para traduzir *ETWA*.

- 1º) *Não vai me dizer que* (S32, S33);
- 2º) *não me diga que* (S32, S33, S34);
- 3º) *não ...*, pergunta posposta (S34, S35, S38);
- 4º) *por acaso* (S36, S37));
- 5º) *e* (S36, S37).

Nesta listagem não inclui *será que*, pelas razões expostas na discussão de S35 e S37.

Quanto às cinco traduções que considero adequadas, é mister verificar em que contextos elas podem ser empregadas.

*Grosso modo*, pode-se dizer que "não vai me dizer que", "não me diga que" e "não ..., pergunta posposta" são empregados quando se expressa a esperança de não-*p*, junto com uma crítica, caso *p*. *Por acaso* e *e* são usados em perguntas retóricas, quando o falante se opõe a alguma idéia do ouvinte. Em S36, a mãe, para criticar a idéia da filha de que é normal comprar roupa nova todo mês, insinua que ela mesma não faz isso. Em S37, B, para refutar a idéia de A de que é muito grave mentir, afirma, implicitamente, que A também já mentiu.

*Será que*, excluído da lista acima, na verdade é uma tradução possível, mas somente quando *ETWA* não tem seu significado normal, ou mais comum, sendo usado em enunciados nos quais o falante se pergunta se *p* - porque não se lembra - mas espera que não-*p*. Nestes casos, *ETWA* não revela nenhuma agressividade.

#### 4.4 EBEN

##### 4.4.1 O significado básico

Quase todos os autores concordam que os componentes semânticos básicos de *EBEN* são "impossibilidade de mudança" (*Unabänderlichkeit*) e "única consequência possível, aceita com resignação". Normalmente, *EBEN* expressa o ponto de vista do falante.

Exemplos:

- (91) Kinder wollen eben immer spielen,  
(Crianças sempre querem brincar. E assim mesmo. Isto não se muda.)
- (92) Ich habe keine Lust, heute ins Kino zu gehen. - Dann gehe ich eben allein.  
(Não estou com vontade de ir ao cinema hoje. - Tudo bem, então vou sozinho.)

#### 4.4.2 EBEN e HALT

*EBEN* tem uma irmã, isto é, existe uma PM que é praticamente sinônima. Trata-se de *HALT*.

Até há poucos anos atrás, afirmava-se que as duas seriam variantes regionais, e que *HALT* era usado no Sul da Alemanha, e *EBEN* no Norte (cf. KEMME 1979:55); BUBLITZ 1978:79; FRANCK 1979a:235; WEYDT et al. 1983:69; HARDEN 1983:26)<sup>20</sup>. Mas SCHLIEBEN-LANGE (1979:315) notou que estava havendo uma mudança lingüística.

Finalmente, surgiu uma pesquisa que mostrou que, de fato, hoje em dia tanto *HALT* quanto *EBEN* são usados em todas as regiões e que examinou as diferenças entre as duas PMs. Não posso entrar em detalhes, mas quero relatar as principais conclusões desta pesquisa (HENTSCHEL 1986:174 - 198).

Tendo aplicado um "diferencial de impressões" (*Eindrucksdifferential*) a informantes do Sul e do Norte da Alemanha, a autora constata que *HALT* possui as conotações "calorento", "gentil", "pacífico", "suave", enquanto *EBEN* é considerado pelos informantes como "frio", "duro", "agressivo".

Contudo, parece que as conotações de *EBEN* não são intrínsecas a esta PM; elas surgem apenas quando as duas PMs existem lado a lado; ou seja, é devido às conotações de *HALT* que a outra PM, por contraste, dá a impressão de maior frieza e agressividade do falante.

Como sempre se pensou, *HALT* não existia no Norte. Mas *EBEN*, ao contrário do que se afirmava, há muito tempo é usado nos dialetos do Sul, ao lado de *HALT*. Desde os anos sessenta, *HALT* está se expandindo para o Norte.

E por isso que os informantes do Sul eram mais seguros em suas respostas ao diferencial de impressões, enquanto as respostas dos do Norte eram menos uniformes, o que mostra que os informantes do Norte ainda são pouco seguros em relação à diferença das conotações.

A respeito disso, *HARDEN* (comunicação pessoal) acrescenta um detalhe: no Norte, não é raro hoje em dia ouvir-se *HALT EBEN*, ou seja, as duas PMs sendo usadas juntas. o que, segundo ele, mostra que há pessoas que querem empregar *HALT* - provavelmente devido às suas conotações mais simpáticas - mas, não estando muito seguras, preferem "apoiar-se" ainda na PM que elas conhecem melhor, isto é, *EBEN*.

Como falante nativo de alemão, posso confirmar as constatações de *HENTSCHEL*, mas gostaria de acrescentar uma outra conotação de *HALT*, além das mencionadas. No meu entender, ao usar esta PM, o falante não somente revela maior calor humano, amabilidade, suavidade, mas também sua vontade - talvez inconsciente - de ser informal (*salopp*) e

de dar a impressão de que ele considera o assunto não muito importante. *EBEN*, ao contrário, é mais formal, e, além de dar a impressão de frieza, agressividade, indiferença, mostra que o falante leva as coisas a sério.

Todavia, como essas diferenças não são tão óbvias, de modo que nem todos os falantes delas têm consciência, negligenciei-as neste estudo contrastivo e tratei apenas de *EBEN*.

#### 4.4.3 Discussão da PM *EBEN*

Como há um consenso bastante generalizado entre todos os especialistas em relação a esta PM, não faz sentido relatar aqui as diversas análises já existentes. Algumas delas serão mencionadas na presente discussão. Nenhuma apresenta um quadro completo de *EBEN*.

##### a) Tipos de sentenças em que *EBEN* ocorre

A PM *EBEN* é empregada:

- em sentenças declarativas, inclusive em orações subordinadas:

(144) Dann bleib ich eben zu Haus.  
(Então fico em casa.)

(145) Nun ja, und weil Ihre Sehnsucht nach Deutschland eben immer grösser wurde, verkauften Sie eines Tages alles. (SIMMEL, 1983a:59)  
(Bom, e como sua saudade da Alemanha ficava cada vez maior, um dia o senhor vendeu tudo.) (SIMMEL 1983b:66)

- em sentenças declarativas com tom interrogativo,  
nas quais o falante pede apenas uma confirmação:

(146) Und dann sind Sie eben gegangen, ja?  
(E aí o senhor simplesmente saiu, não é?)

- em sentenças imperativas:

(147) Dann kauf das Auto eben nicht!  
(Então não compre o carro!)

Alguns autores consideram o vocábulo *eben* - quando constitui sozinho um enunciado - também como PM. Porém, ele não somente não possui duas das características das PM - pois é acentuado e não está integrado num enunciado - como também tem um significado nitidamente diferente. Exemplo:

(148) Du kannst allein zu den Beckers gehen.  
- Wieso? Ach, stimmt ja, du hast dich mit  
Herrn Becker gestritten. - Eben!  
(Você pode ir sozinha à casa dos Becker.  
- Por que? Ah é, você brigou com sr. Becker.  
- Pois é.)

Como diz BUBLITZ (*op.cit.*: 80), este *EBEN* pode ser considerado como a forma reduzida da sentença "E exatamente isto que eu queria dizer", a qual poderia ser modificada, no caso do nosso exemplo, para "E exatamente esta a razão". Assim, o *eben* que equivale a um enunciado (*Satzäquivalent*) pode ser classificado como partícula (cf. *eben das* - exatamente isto).

#### b) Posição

Como as PMs em geral, *EBEN* é colocado antes do rema.

## c) Os homógrafos e o significado primário

Existem os seguintes homógrafos da PM:

- adjetivo: Diese Region ist ganz eben.  
(Esta região é totalmente plana.)
- advérbio de tempo:
  - 1º) Er ist eben gekommen.  
(Ele acabou de chegar.)
  - 2º) Er war eben noch hier.  
(Ele esteve aqui agora mesmo.)
  - 3º) Ich habe den Zug eben noch erreicht.  
(Consegui justo pegar o trem.)
  - 4º) (só junto com a PM MAL)  
Kannst du mal eben herkommen?  
(Você pode dar uma chegadoinha aqui, agora?)
- partícula focalizadora:
  - 1º) (veja (148))
  - 2º) *eben das* (exatamente isto), *eben deshalb*  
(exatamente/justamente por isso), *ebenso* (exatamente tão...)
- advérbio de modo (só em orações condicionais que indicam uma possibilidade): Komm bitte zur Versammlung, wenn du eben kannst. (Venha à reunião, se de alguma maneira você puder. Faça o possível para vir à reunião.)<sup>21</sup>

Com alguma acrobacia mental, pode-se imaginar "igual" como significado primário de quase todos os homógrafos (cf. BUBLITZ *op.cit.*:79; WEYDT e HENTSCHEL 1983:10; HENTSCHEL 1986:171):

O adjetivo "plano" mostra que o objetivo ao qual ele se refere é, na sua superfície, igual, uniforme, sem ondulações.

O advérbio de tempo designa um momento quase igual ao momento da fala, sendo apenas um pouquinho anterior ou posterior a este, ou idêntico com um outro momento mencionado no enunciado.

Usando a partícula focalizadora ("exatamente"), o falante diz que aquilo ao qual ele se refere é igual a alguma outra coisa. Apenas o advérbio de modo parece não possuir o traço semântico "igual".

Quanto à PM, cujos componentes semânticos básicos foram citados em 4.4.1, poder-se-ia afirmar que o falante, ao usá-la, quer dizer que as coisas são do jeito que ele está falando, isto é, exatamente iguais, e que elas não podem ser mudadas, ou, quando se trata de conseqüências, que elas não podem ser diferentes daquelas que ele está citando.

Entretanto, mais uma vez parece-me que esse significado comum aos diversos homógrafos (a saber, "igual"), embora imaginável, não é um fato objetivo, e, sobretudo, não ajuda em nada na compreensão da PM, sendo apenas de interesse etimológico.

#### d) Funções

*EBEN* expressa uma das seguintes atitudes do falante:

d.1) Ele acha que a única conseqüência possível de uma informação recebida ou de um fato observado é *p*. Ao dizer "eben *p*" - onde *p* contém os verbos modais *müssen* (ter que) ou *können* (poder) - o falante expressa sua opinião de

que, nas circunstâncias descritas pelo interlocutor ou observadas por ele próprio, não há outro jeito senão *p*.

Quando o sujeito da sentença é "eu" ou "nós", o tom é de resignação; mas a PM não revela se o falante, ao aceitar o inevitável, está lamentoso ou se ele se conforma com dignidade.

- (149) (Situação: Uma família planejou viajar de carro. Na última hora, o carro tem que ser consertado e vai ficar na oficina durante alguns dias. Alguém da família pergunta: "E agora?" O pai responde:)  
 Da können wir eben erst nächste Woche fahren.  
 (Então a gente só pode viajar na semana que vem.)

Quando o sujeito da sentença é da segunda ou terceira pessoas, o falante diz ao interlocutor que *p* é a única solução e que o AA, seja ele o interlocutor ou uma terceira pessoa, deve aceitar isso com resignação. Ao mesmo tempo, ele insinua que isto não é grave. Por isso, poder-se-ia imaginar que este *EBEN* possa ser traduzido por simplesmente, pois esta PM portuguesa (cf. 3.7) é usada quando uma solução é apresentada como sendo simples, e uma solução inevitável é uma solução simples. Contudo, veremos no item (f) que tal tradução foi rejeitada.

- (150) (Situação: A precisa ir rapidamente ao centro da cidade, mas perdeu o ônibus. B diz então:)  
 Dann musst du eben ein Taxi rufen.  
 (Então tem que chamar um táxi.)

Uma variante deste tipo de enunciado com *EBEN* é aquela em que não são usados *müssen* ou *können*. Nestes casos, a solução apresentada não é considerada como necessariamente

a única possível, mas, nas circunstâncias descritas - que são adversas - ela é aceita, com resignação, como a melhor. Nota-se, mais uma vez, um tom quer de lamentação, quer de indiferença.

Exemplos: situações 20 e 21.

d.2) Como em d.1, uma solução também é sugerida ou aceita nas sentenças imperativas que contêm *EBEN*.<sup>22</sup> Neste caso, podem ser distinguidas três forças ilocucionárias.

1º) Conselho: o falante, dizendo *p*, sugere que o interlocutor se conforme com os fatos desagradáveis e tire a consequência *p*, insinuando ainda que *p* não é grave.

Exemplos: situações 14 e 16.

2º) Autorização: conformando-se com um fato adverso, exposto pelo interlocutor, o falante permite a este, normalmente a contragosto, que *p*.

Exemplo: situação 15.

3º) Concordância com o interlocutor: tendo o interlocutor exteriorizado seu desejo ou a necessidade de *p*, o falante, geralmente um pouco impaciente ou não muito interessado no que o outro pretende fazer, concorda com *p*.

(151) A: Ich glaub', ich kauf' dieses Kleid.  
 B: Dann kauf's eben.  
 (A: Eu acho que vou comprar este vestido.  
 B: Então, compre-o.)

d.3) O falante concorda com uma opinião do interlocutor. Muitas vezes, esta opinião implica uma crítica ao falante. Este mostra que não se importa com a crítica. Ele parece querer dizer: "Tudo bem - se você achar que *p*,

então *p*; de qualquer maneira, não há nada a fazer (ou: não quero fazer nada) para mudar isso."

Exemplos: situações 28 e 29.

Nota-se que os enunciados citados até aqui - em d.1, d.2 e d.3 - começam por *dann* ou *da* (então, aí). Com estes vocábulos, o falante refere-se à situação que tem *p* como consequência ou solução; isto é, eles significam algo como "nesta situação", "nestas circunstâncias".

d.4) O falante acha que *p* é assim mesmo, que isto não se muda. O enunciado é explicativo, ou seja, ao afirmar "eben *p*", o falante dá uma explicação para uma constatação anterior. Geralmente, o fato explicado tem um conteúdo negativo, desagradável, de modo que o enunciado com *EBEN* é dito em tom de resignação (cf. situações 22 e 26). Mas há casos contrários, nos quais não há nada a lamentar (cf. situação 23).

d.5) Insinuando, como em d.4, que não se pode mudar nada, o falante dá, indiretamente, uma explicação e, ao mesmo tempo, faz uma crítica ao AA. Quando *p* diz respeito ao próprio falante, este se queixa das circunstâncias.

Exemplos: situações 24, 25, 27.

d.6) Quando o interlocutor pede uma explicação, o falante pode dar uma resposta na qual ele expressa, à guisa de explicação, algo como "as coisas são assim mesmo, não há mais nada a explicar".

Exemplos: situações 30 e 31.

d.7) Em sentenças declarativas, ditas em tom interrogativo, o falante usa *EBEN* porque imagina que *p* seja uma consequência inevitável, ou que o AA pense ou tenha pensado que, nas circunstâncias em que *p*, *p* foi/é/será a única ou a melhor solução. Na verdade, trata-se de uma conclusão do falante.

(152) Und da kann er eben nicht kommen, nein?  
(E aí ele não pode vir, é isso?)

(153) Und da bist du eben zu Haus geblieben (ja)?  
(E aí você ficou mesmo em casa (sim)?)

(154) Und da wollen Sie eben kündigen, ja?  
(E então o sr. quer se demitir, sim?)

d.8) Em orações subordinadas, *EBEN*:

- expressa a aceitação resignada de um fato considerado imutável (pelo menos no momento da fala):

(155) Wenn du eben alles besser kannst, dann mach es doch allein!  
(Se você sabe fazer tudo melhor, então faz isso sozinho!)

(156) Lass ihn doch, wenn er halt (eben) partout nicht will.<sup>23</sup>  
(Deixa ele, se ele não quer de jeito nenhum.)

(157) Diejenigen, die eben keinen Text haben, können ja vielleicht bei den Nachbarn mitlesen.<sup>23</sup>  
(Aqueles que não têm o texto podem talvez olhar no livro de seus vizinhos.)

- indica, em orações causais, que a explicação dada é uma explicação simples, trivial (cf TRÖMEL-PLÖTZ 1979:323), de modo que este *EBEN* pode ser traduzido por

*simplesmente:*

(158) Er wohnt immer noch zu Haus, weil er da halt  
(eben) rundum versorgt wird. <sup>23</sup>  
(Ele continua morando com os pais,  
simplesmente porque lá ele não precisa se  
preocupar com nada.)

- chama a atenção, em orações finais, ao fato de que o fim almejado tem uma razão de ser que o falante aceita com lamentação, crítica, resignação ou indiferença:

(159) Ich sag das nur, damit das eben nicht wieder passiert.  
(Só estou dizendo isso para que aquilo não aconteça de novo.)

(160) Gib/mir bitte Geld, damit ich eben das Geschenk kaufen kann.  
(Por favor, me dê o dinheiro, para que eu possa comprar o presente.)

(159) significa mais ou menos: "Lamentavelmente, aquilo já aconteceu uma vez, e por essa razão, estou dizendo isto para que aquilo não aconteça de novo."

(160) pode ser interpretado assim: "Já que você quer que eu compre o presente - o que aceito com resignação ou indiferença - me dê dinheiro para que eu possa comprá-lo."

d.9) Há uma função de *EBEN* que nenhum autor menciona, embora seja a mais freqüente em *Texte* e, portanto, provavelmente a mais freqüente em geral. Decerto ela não é mencionada porque nela os traços semânticos essenciais da *PM EBEN* - "imutabilidade", "resignação" - são quase imperceptíveis.

Nessa função, *EBEN* é empregado sobretudo em turnos, ou diálogos, mais longos e revela uma certa insegurança, uma falta de assertividade do falante. Isto se nota pelo fato de que este *EBEN* frequentemente ocorre na proximidade de outros sinais de hesitação: interrupções, repetições, enchedores de pausas, erros lingüísticos.

Ao meu ver, esta variante expressa a seguinte atitude do falante:

Estou consciente de que já disse p. Pelo menos, deveria ter ficado claro nas minhas falas anteriores que p. Portanto, estou me repetindo de alguma maneira. Por isso, peço desculpas.

Este *EBEN* corresponde, mais ou menos, a expressões do tipo "como já falei", "como você sabe", "como deve ter ficado claro", o que não significa que tais expressões possam ser usadas numa tradução tão frequentemente quanto ocorre *EBEN*.

Quanto ao traço semântico "imutabilidade" (isto é, "as coisas são assim, não se pode fazer nada"), pode-se defender a idéia de que ele está presente na medida em que aquilo que já foi mencionado ou insinuado é um fato consumado e não pode mais ser mudado.

Exemplos:

(161) (Situação: Um agente de seguros explica como funciona o seguro. Antecederam vários minutos de explicações.)

Das Duplikat geben Sie dann der Privatversicherung, und die erstattet dann eben so in der Höhe, in der das eben abgeschlossen ist. (FS:137)

(A duplicata você dá ao seguro privado, e este reembolsa então, como já falei, assim, no montante em que o seguro foi feito, não é.)

- (162) (Situação: Uma longa conversa sobre segurança no trânsito. O falante discute o problema do salvamento dos acidentados.)  
 Man braucht zentrale Normen. Die Ärzte müssen sich mal einig sein. Und es gibt eben doch in allen diesen Gebieten Leute, die (.. .) haben so ihre Ideen (...). Und andere sind dagegen und machen sich... werden eben nich so... sind nich so lautstark. Da braucht man eben Forschungsaufträge an diese Forschungsinstitute, die dann Normen erarbeiten, und da erwarte ich, dass die Bundestagsabgeordneten eben nun den Appell erheben, dass diese Normen wirklich befolgt werden, dass nich jeder sein kleines Modell macht. Sonst haben wir am Schluss dasselbe wie in unserm Schulwesen, nicht?, dass eben jeder für sich wurstelt. (VO:76-7)  
 (A gente precisa de normas centrais. Os médicos, por sua vez, têm que concordar entre si. E em todas essas regiões tem, não é, pessoas que (...) têm assim suas idéias (...). E outros são contra e não se, não se tornam, não é, não se manifestam com tanta, não se impõem tanto. Então a gente precisa que esses institutos de pesquisa elaborem normas, e aí eu espero que os deputados federais façam um apelo, não é, que essas normas sejam realmente cumpridas, para que cada um não faça seu pequeno modelo. Senão a gente tem no final a mesma coisa que no nosso sistema escolar, não é, que, como se sabe, cada um segue seu próprio nariz.)

Em (161) há dois *EBEN* no mesmo enunciado, e em (162) o falante usou, num trecho não muito longo de seu turno, cinco vezes a *PM*. Visto que, freqüentemente este *EBEN* é muito parecido com os sinais de hesitação, propus como tradução, às vezes, o marcador conversacional *não é*, que tem, entre outras, uma função semelhante.

#### e) Resumo das funções e características de *EBEN*

Em (d), dividi as ocorrências de *EBEN* em nove tipos, alguns dos quais ainda foram subdivididos. Parte das

divisões foi motivada pelo tipo de sentença em que a PM é empregada. Contudo, é possível apresentar o seguinte resumo:

- O significado básico é: "é assim mesmo, não há outra possibilidade, não há outra - ou não há melhor - solução".

- Ao usar *EBEN*, o falante expressa geralmente sua própria opinião, mas pode também imaginar que o pensamento implícito na PM seja o do AA (cf. d.7).

- *EBEN* pode ser usado em explicações (cf. d.4 e d.6) quando se apontam conseqüências ou soluções, ou quando se concorda com o interlocutor (ou outra pessoa que tenha feito alguma constatação).

- Devido ao seu significado básico, que revela uma atitude como que fatalista, *EBEN* expressa geralmente a resignação, muitas vezes até o sentimento de lamentação, do falante. De fato, na maioria das vezes, *EBEN* é usado quando as circunstâncias são negativas, adversas.

- Quando o falante se refere ao AA, sua atitude pode ser tanto de lamentação quanto de indiferença ou crítica.

- Há uma variante na qual o significado básico é muito tênue, de modo que a diferença entre PM e sinal de hesitação não é muito nítida (d.9).

f) Ocorrências autênticas de *EBEN*

Como já foi dito, a maioria das ocorrências de *EBEN* em *Texte* é do tipo d.9, que é aquele em que o significado básico é quase imperceptível. Visto que esta variante se refere às vezes a afirmações feitas anteriormente, ou simplesmente é um sinal de insegurança ou de falta de assertividade, seria necessário, para comprová-lo, citar longos trechos das conversas, o que não vale a pena ser feito aqui. Apenas para se ter uma melhor idéia dessas ocorrências, vou citar mais algumas, sem tentar traduzi-las.

- 1º) AB: Ja, das wäre zu überlegen. Aber, ah, dann, ah, sollte man eben  
 AA: Das finde ich eben auch, dass es die Unsicherheit, die allgemeine Persönlichkeitsschwäche is. (FS:33)
- 2º) AB: Na ja, eben, s is ja wieder, ah, s is wieder typisch, ne?; s is ja eben natürlich wieder natürlich typisch. (FS:38)
- 3º) AB: Schliesslich gehört zur magischen Phase eben auch noch das Angsthaben dazu. (FS:38)
- 4º) AC: Na ja, und wir habens dann (...) eben so gemacht. Oh, ich, nun waren wir eben in ner Gruppe. Und dann sind eben nicht immer alle ins Wasser gegangen; n paar waren dann eben da. (FS:52)

Nas seguintes ocorrências, *EBEN* (ou *HALT*) possui seu significado característico.

- 1º) Situação: uma mãe, conversando, em casa, com a filha, menciona um bolo que ela comprou. A filha diz que este bolo não faz bem à saúde. A mãe concorda:  
 Ja, s is wirklich wahr. Man kann sich eben nich beherrschen. (FS:74)  
 (E verdade. E que a gente não se domina.)

Este *EBEN* é, ao mesmo tempo, explicativo e uma expressão de resignação. A fala da mãe pode ser interpretada assim:

E verdade que o bolo faz mal à saúde. Mesmo assim, eu gosto de comê-lo. A razão é que eu, como muita gente, não consigo me dominar. E assim mesmo, não há nada a fazer.

2º) Situação: na mesma conversa, a filha diz que, se a mãe tivesse um carro, ela poderia fazer determinada coisa. A mãe retruca, usando o mesmo tipo de *EBEN*:

Hm, ich bin eben rückständig. (FS:78)  
(Pois é, eu sou muito atrasada.)

A FM indica que a mãe quer explicar por que ela não tem carro, e que ela aceita sua situação com resignação.

3º) Situação: num órgão público que dá assistência jurídica, uma senhora se queixa, porque a locadora quer aumentar o aluguel, e ela dá as seguintes explicações, usando *HALT* e *EBEN*:

(...) ich bin halt allein. Und öh da muss man eben sich öh mehr durchboxen. (FS:118)

(E que estou sozinha. E aí, a gente tem que lutar mais. E assim mesmo.)

A senhora faz duas asserções explicativas e resignadas, insinuando que não há nada a fazer (ela está e vai permanecer sozinha) e que não há outra coisa a fazer (ela tem que lutar mais do que mulheres casadas).

4º) Situação: um senhor quer comprar uma cafeteira para seis pessoas. Quando a vendedora mostra uma, ele acha que essa é pequena demais. A vendedora afirma que a cafeteira é exatamente para seis pessoas, mas como o cliente parece duvidar, ela propõe uma outra solução:

AA: Dann müssten Sie eben noch ah ah ne normale Filterkanne (...) nehmen.

AB: die nehmen, ja, und dann eben umfüllen.

(AA: então o jeito seria pegar uma cafeteira de filtro normal...

AB: pegar essa, sim, e então simplesmente colocar o café na outra.)

O EBEN da vendedora mostra que ela pensa que para o cliente não há outra solução, e que ele deve aceitar isso resignadamente. Visto que o cliente aceita o inevitável, e até parece achar que se trata de uma solução boa, o seu EBEN pode ser traduzido por *simplesmente*,

#### 4.4.4 Discussão das respostas dos informantes

Na discussão que segue, os enunciados alemães serão juntados em quatro grupos, devido à semelhança dos contextos, forças ilocucionárias ou atitudes.

1) Numa situação em que não há outra, ou não há uma melhor, solução, dá-se um conselho (S14, S16) ou uma autorização (S15), ou faz-se uma constatação a respeito da falta de alternativas, aceitando-se - ou sugerindo-se que o AA aceite - o inevitável (S17 a S21).

S14 Dann nimm eben den chilenischen.

(c) Ah, leve o chileno. (TR: 44% FN: 42%)  
 (a) Então leve o chileno. (38 - 33)  
 (b) Então leve mesmo o chileno. (18 - 21)

As preferências dos TR e dos FN são coincidentes. Suponho que *ah* foi escolhido por poder expressar - evidentemente, só em certos contextos e com determinada entoação - a ideia de que "não faz mal"; entretanto, esta interjeição não expressa, de maneira alguma, a outra ideia

contida em *EBEN*, qual seja, a de que não há outra solução. Por isso, contrariando os TR, não considero (c) como tradução adequada - embora seja verdade que as diferenças são muito sutis.

Em (a), escolhido por mais de um terço de cada grupo de informantes, não há nenhuma tentativa de traduzir *EBEN*. A terceira solução proposta por mim - contendo o vocábulo *mesmo* - não foi rejeitada, mas aceita apenas por uma minoria. Acredito que a melhor tradução seja (a), pois o contexto parece suficiente - mesmo em textos escritos - para indicar, aproximadamente, a atitude do falante.

S15 Dann gehen Sie eben nach Haus.

(c) Bom, então vá para casa. (38 - 31)

(d) Bom, então nesse caso vá para casa. (31 - 53)

Nota-se uma diferença entre as opiniões de TR e FN, pois a maioria dos FN preferiu (d). Mas quando se consideram as primeira e segunda escolhas conjuntamente, a preferência destes por (c) e (d) é praticamente igual (36 e 35 votos, respectivamente). De qualquer maneira, os dois enunciados são quase idênticos; em (d), apenas foi acrescentado "nesse caso". Essa locução adverbial, obviamente, não é uma tradução de *EBEN*. Somente *bom* parece indicar a atitude do falante. Mas *bom* é também a tradução de *gut* ou *na gut* - que poderiam ser acrescentados em alemão -, de modo que não há verdadeiramente um elemento equivalente a *EBEN*. O enunciado (b), contendo *mesmo*, foi escolhido por muito poucos (TR:6%, FN:3%) e rejeitado por um número relativamente grande

de FN (18%).

S16 Dann unterschreib eben nicht.

- (a) Então não assine. (50 - 35)
- (b) Bom, então não assine. (31 - 31)
- (c) Então simplesmente não assine. (13 - 35)

A maioria dos TR e dos FN acha que, em português, não se indicaria a atitude do falante por nenhum elemento lexical ou gramatical, ou seja, não haveria nenhum equivalente de *EBEN*, exceto a entoação. A segunda preferência dos TR recai sobre o acréscimo de *bom*. Quanto ao enunciado (c), contendo *simplesmente*, ele obteve o mesmo número de votos que (a) entre os FN, enquanto só poucos TR o preferiram. Por outro lado, ele foi aceito como segunda escolha por 44% dos TR. Portanto, *simplesmente* é considerado como admissível, mas não como a melhor tradução de *EBEN*.

S17 Da musst du eben mit dem Bus fahren.

- (c) Então você vai ter que ir de ônibus. (38 - 16)
- (e) Então você tem que ir de ônibus mesmo. (38 - 2)
- (f) O jeito é ir de ônibus. (19 - 65)

A diferença de opinião entre TR e FN é enorme, visto que 65% dos FN, mas apenas 19% dos TR preferiram (f). O enunciado (e) - entre os TR em primeiro lugar junto com (c) - não somente foi preferido por apenas 2% dos FN, mas também rejeitado por 16%. Portanto, *mesmo* não é considerado uma boa solução. O enunciado (d), também contendo *mesmo*, foi recusado por 13% dos FN. Ficam como melhores traduções os enunciados (f) e (c).

S18 Dann können wir eben nicht verreisen.

- (b) Então não vamos poder viajar. (19 - 33)
- (f) Bom, então não podemos viajar. (19 - 24)
- (d) Então não vamos poder viajar mesmo. (19 - 9)
- (c) Então não vamos mesmo poder viajar. (19 - 9)

Enquanto os TR estão divididos entre si, dando o mesmo número de votos a cada um dos quatro primeiros enunciados, (b) é preferido pela maioria dos FN, a qual, mais uma vez, não acha *mesmo* adequado. (c) é até rejeitado por 70% dos FN. Quanto aos 9% que aceitaram (c) e (d), respectivamente, é possível que eles interpretem *mesmo* como sinônimo de *realmente* ("Então, realmente não vamos poder viajar").

S19 Da muss er eben allein gehen.

- (d) Então ele vai ter que ir sozinho. (50 - 53)
- (f) Pois então ele tem que ir sozinho. (12 - 11)

Neste caso, há uma grande coincidência entre as opiniões dos TR e dos FN, e há uma nítida preferência pelo enunciado (d), no qual se constata o uso da locução verbal *ir ter que*. Quanto à gramática, poderia ser usado, nas circunstâncias descritas, tanto o futuro do presente simples quanto o presente, mas parece que é a locução *ir ter que* que dá o tom de resignação ao enunciado. Portanto, essa locução verbal pode ser considerada como de alguma maneira equivalente a *muss EBEN*.

O enunciado (e) ("Então ele simplesmente vai ter que ir sozinho") foi rejeitado por 18% dos FN, certamente porque o falante propõe uma solução que é desagradável para

o AA e, por conseguinte, não simples.

S20 Dann bleiben wir eben zu Haus.

- (b) Bom, então a gente fica em casa mesmo. (56 - 21)
- (d) Então a gente fica em casa. Que há de fazer? (13 - 41)
- (a) Então a gente fica em casa. (13 - 20)

Mais uma vez, existe uma grande diferença entre as opiniões dos TR e dos FN, aqueles preferindo *mesmo*, enquanto estes preferiram acrescentar "Que há de fazer?". Mas, na verdade, boa parte dos FN também aceitou, como segunda opção, o enunciado (b). Juntando-se as primeira e segunda opções dos FN, eles escolheram as seguintes soluções: (d) - 30 votos, (b) - 26 votos, (a) - 18 votos. Portanto, até mesmo um enunciado sem nenhum sinal, lexical ou gramatical, de resignação ou aborrecimento é aceito como possível nas circunstâncias descritas. Por outro lado, constatamos a possibilidade de traduzir *EBEN* por "que há de fazer" ou por *mesmo*. Três FN sugeriram ainda, respectivamente, "O jeito é ficar em casa", "O jeito é a gente ficar em casa" e "O jeito é ficar em casa. O que se pode fazer?".

S21 Na gut, dann studiere ich eben nicht Medizin.

- (d) Tudo bem, então não estudo medicina. (56 - 60)
- (a) Está bem, então não estudo medicina. (25 - 27)

Unanimidade quase total entre TR e FN: *tudo bem* foi preferido, *está bem* em segundo lugar. Porém, ambas as expressões são traduções de *na gut*, não de *EBEN*. Eu mesmo

não havia proposto nenhum equivalente, e ninguém sugeriu uma outra solução. Constata-se, pois, que as expressões citadas, sobretudo *tudo bem*, são consideradas como suficientes para expressar a atitude de resignação, ou de aceitação de uma consequência não desejada. Em alemão, ao contrário, acrescenta-se *EBEN a na gut*.

2) Nos enunciados seguintes, *EBEN* indica que se trata de explicações, as quais são, ao mesmo tempo, constatações resignadas de fatos imutáveis (S22, S26, S27), ou contêm críticas (S24, S25). Uma exceção é S23, onde não há nada a lamentar ou criticar.

S22 Brasilia ist eben nicht Rio.

- (c) Pois é, Brasília não é o Rio. (62 - 16)
- (b) E isso mesmo, Brasília não é o Rio. (6 - 40)
- (f) Claro, Brasília não é o Rio. (6 - 30)

Desencontro entre as opiniões dos TR e dos FN. Os TR preferiram *pois é*, que fica em terceiro lugar entre os FN, após *é isso mesmo* e *claro*. É difícil dizer qual das três soluções é a melhor para traduzir *EBEN* em S22. Acredito que as três sejam aceitáveis, mas reconheço que as respostas dos informantes teriam sido mais apropriadas se eu lhes tivesse mostrado o diálogo inteiro.

S23 Na ja, sie ist eben sehr intelligent.

- (b) Bom, ela é mesmo muito inteligente. (44 - 24)
- (d) Bom, de fato ela é muito inteligente. (31 - 11)
- (c) Bom, tem que ver que ela é muito inteligente. (6 - 35)

Os TR preferiram *mesmo*. Em segundo lugar, vem *de fato*, e *realmente*. Visto que *EBEN* em S23 não expressa lamentação ou resignação, podendo ser parafraseado como "é um fato imutável, não há como discuti-lo", ambas as traduções são adequadas. Quanto a "tem que ver", preferido pela maioria dos FN, esta solução é adequada na situação descrita por ser uma expressão explicativa (isto é, que introduz uma explicação). Também *EBEN* é explicativo, mas, ao mesmo tempo, conclusivo. Esta nuance ("não há mais nada a dizer sobre o assunto") falta em "tem que ver", de forma que a escolha dos TR é preferível.

S24 Du liest eben nicht die Zeitung.

- (c) Claro, você não lê o jornal. (31 - 58)  
 (b) Pois é, você não lê o jornal. (19 - 22)

As opiniões dos TR e dos FN coincidem, não em números absolutos, mas em termos de preferência. Concordo com a escolha dos dois grupos de informantes, ou seja, *claro* é uma boa tradução de *EBEN*, pois nos dois vocábulos percebe-se - no contexto dado - que o falante quer dar uma explicação e fazer uma crítica. *Pois é* é uma boa segunda opção. Um TR e um FN sugeriram ainda o enunciado "Quem manda você não ler o jornal?". Nele, prevalece a crítica e falta o tom, perceptível em S24, de aceitação resignada de um fato lamentável.

S25 Sie hätten eben früher kommen müssen.

- (b) Pois é, a sra. deveria ter vindo mais cedo. (69 - 42)  
 (a) A sra. deveria ter vindo mais cedo. (19 - 53)

A maioria dos FN preferiu (a), onde não há nenhum equivalente de *EBEN*, a não ser a entoação; em segundo lugar ficou o enunciado (b), o qual foi escolhido pela grande maioria dos TR, evidentemente no intuito de encontrar uma tradução para a PM alemã. Certamente, esta solução é boa, inclusive porque foi escolhida por 42% dos FN, mas é interessante observar que a maioria destes considera desnecessário qualquer sinal lexical ou gramatical do fato de que o falante faz uma constatação conclusiva, dá uma explicação e faz uma leve crítica.

Ao contrário da situação 24, onde claro foi preferido a *pois é*, na situação 25 não poderia ter sido escolhido *claro*, porque seria uma expressão rude demais para um dentista em conversa com uma paciente. Por outro lado, ao meu ver, *EBEN* é um pouco mais ríspido do que *pois é*, mas essas nuances são dificilmente traduzíveis, a não ser pelo tom da voz.

S26 Wir sind eben nicht mehr 20.

- (d) Pois é, já não temos mais vinte anos. (44 - 42)
- (c) E isso aí, não temos mais vinte anos. (38 - 13)
- (b) Pois é, não temos mais vinte anos. (13 - 24)

Para a expressão de lamentação resignada de um fato imutável foram escolhidos *pois é* e *é isso aí*. Por coincidência, a maioria dos TR e dos FN escolheu aquele enunciado no qual se encontra, além de *pois é*, o advérbio *já*, que não corresponde a nenhum vocábulo alemão em S26; ou seja, ambos os grupos preferiram acrescentar *já* a *pois é*, aparentemente querendo expressar melhor a atitude do

falante. É claro que esta solução só é possível num caso como a situação 26, onde *p* diz respeito à passagem do tempo.

S27 Man müsstest eben besser verdienen.

- (b) Fois é, a gente deveria ganhar melhor. (38 - 36)
- (c) E isso aí, a gente deveria ganhar melhor. (31 - 13)
- (a) A gente deveria ganhar melhor. (19 - 33)

Mais uma vez, *pois é* foi preferido pela maioria dos dois grupos de informantes, por ser uma locução que freqüentemente é usada quando se constata um fato lamentável contra o qual se pode fazer pouco ou nada. Na situação 27, este fato - "a gente ganha pouco demais" - está implícito no enunciado.

Embora na descrição da situação tenha ficado claro que S27 foi dito em tom de resignação, o segundo mais votado enunciado, entre os FN, foi (a), que não contém nenhum sinal deste sentimento. Isto é, 33% dos FN não acham necessário usar qualquer elemento lexical para expressar a atitude do falante.

É preciso dizer ainda que 20% do mesmo grupo de informantes consideram o enunciado (d), contendo *mesmo*, como inaceitável, o que mostra que, evidentemente, este vocábulo só pode servir de equivalente de *EBEN* em alguns raros casos.

3) Nos dois enunciados seguintes, o falante aceita uma observação crítica do interlocutor, querendo dizer ao mesmo tempo que não há nada a fazer e que a coisa não é grave.

S28 Dann ist es eben Wahnsinn.

- (c) Tudo bem, então é loucura. (70 - 55)  
 (b) Bom, então é loucura. (13 - 15)

Este é um dos casos em que a escolha, de ambos os grupos, é a mais nitida, estando *tudo bem* em primeiro lugar, com 70% e 55%, respectivamente. Esta locução - como *EBEN* - pode ser parafraseada assim, no contexto de S28: "pode ser que você tenha razão, dizendo *p*, mas não me importo".

Em princípio, *tudo bem* é, em contextos como este, uma boa possibilidade para traduzir *eben*. O problema é que, em alemão, poderia ser acrescido algo como *na gut* ou *na schon*, e, neste caso, haveria uma única forma lingüística em português (*tudo bem*), enquanto, em alemão, haveria duas: *na gut/ na schon* e *EBEN* (cf. a discussão da situação 21).

S29 Dann hab' ich mich eben geirrt.

- (c) Tudo bem, então me enganei, (75 - 40)  
 (a) Então me enganei. (0 - 22)

Novamente, *tudo bem* é considerado a melhor solução pelos dois grupos, e, novamente, o enunciado sem nenhum acréscimo a *p* é a segunda opção dos FN, enquanto nenhum dos TR escolheu tal enunciado como tradução de S29.

4) Em S30 e S31, o falante faz constatações explicativas, reconhecendo, através do uso de *EBEN*, que as explicações não são muito boas, mas deixando claro também que não há nada a fazer, que é assim mesmo.

S30 Es interessiert mich eben.

- |                                |           |
|--------------------------------|-----------|
| (b) Simplesmente me interessa. | (56 - 24) |
| (d) E que me interessa.        | (38 - 27) |
| (c) Mas - me interessa.        | (6 - 27)  |

Como se vê, as opiniões dos FN são divididas em porcentagens iguais. A solução (c), começando por *mas*, foi aceito por apenas um TR, certamente porque *mas* não expressa a idéia de que "é assim mesmo". Essa idéia, ou melhor, a idéia de que não há outra explicação, é transmitida por *simplesmente*, escolhido, com razão, pela maioria absoluta dos TR. A locução *é que*, revelando menos nitidamente a atitude do falante, é a segunda melhor opção.

S31 Es geht eben nicht.

- |                          |           |
|--------------------------|-----------|
| (c) Simplesmente não da. | (69 - 33) |
| (b) E que não da.        | (6 - 42)  |

Novamente, os FN preferiram *é que* (42%) a *simplesmente* (33%). Mas como um número bastante grande (33%) escolheu este vocábulo, que tem a preferência da grande maioria dos TR (67%), pode-se considerar *simplesmente* como melhor tradução de *EBEN* em situações como a 31.

#### Resumo da análise dos questionários

Baseando-se na opinião dos informantes e levando-se em consideração as observações feitas no item anterior, inclusive aceitando os segundo mais votados enunciados, desde que escolhidos por um número bastante grande de TR e FN, constata-se que há as seguintes soluções para transmitir

ao leitor as atitudes expressas pela PM *EBEN*:

Usa-se:

1º) nenhum elemento lexical ou gramatical (S14, S16, S21);

2º) *bom* (S15, S16, S18, S20);

3º) *tudo bem* (S28, S29);

4º) *pois é* (S22, S24 S25, S26, S27);

5º) *é isso aí* (S26, S27);

6º) *mesmo* (S23);

7º) *bom e mesmo* (S20);

8º) *simplesmente* (S16, S30, S31);

9º) *claro* (S24);

10º) *ir ter que* (S17, S18);

11º) *o jeito é* (S17);

12º) *que há de fazer* (S20).

No capítulo seguinte, essas soluções serão agrupadas conforme as circunstâncias nas quais *EBEN* é usado.

## 5. AS QUATRO PMS NUM FUTURO DICIONARIO ALEMÃO-PORTUGUÊS: UMA PROPOSTA

Como se pode ver no Apêndice 4, os dicionários alemão-português existentes são completamente insuficientes no que concerne às PMS. Por outro lado, visto que estas partículas são tão corriqueiras no alemão, um bom dicionário bilingüe deveria dar as informações necessárias para sua compreensão e propor traduções adequadas. É verdade que, devido à complexidade semântico-funcional, tais informações seriam bastante longas, o que talvez impeça, por razões econômicas, sua inclusão. Mesmo assim, vou fazer, partindo das citações feitas no capítulo anterior, uma proposta para os verbetes *ABER*, *EBEN*, *ETWA* e *VIELLEICHT*. Naquelas funções nas quais estes vocábulos não são PMS, não serão arroladas; devido à falta de tempo e espaço, todas as expressões em que eles aparecem e que exigem traduções diferentes. Esta tarefa fica para os autores do referido futuro dicionário. É claro que, na sua introdução, deverão ser explicadas não somente as abreviaturas, os termos lingüísticos e a tipografia como também o que são PMS.

### **aber**

1. (conj. advers.; não precisa estar em posição inicial) *mas*
2. (PM; em geral, usado quando há um contraste entre aquilo que foi esperado, ou que é considerado normal, e o que se constatou)
  - 2.1 (Expressa surpresa; em português, usam-se exclamações iniciadas pelos pronomes interrogativos

*como, que, quanto, às vezes precedidos de mas, ou de expressões de surpresa como puxa, meu Deus.)*

Du bist aber elegant! - Puxa, que elegância!

Das ist aber seltsam! - Mas que coisa estranha!

2.2 (Intensifica a atitude manifesta no enunciado; em português, às vezes pode ser usado *mas*, às vezes um pronome interrogativo com sentido exclamativo.)

Dem werd ich's aber zeigen! - (Mas) Ele vai ver uma coisa!

Elke wird sich aber freuen! - Como Elke vai ficar contente!

2.3 (Dá maior emotividade ao enunciado, revelando que o falante deseja um bom relacionamento com o interlocutor, mesmo quando o critica; em português, nenhum equivalente específico; às vezes, pode ser usado *mas*.)

Da tust du mir aber leid! - Sinto muito por você!

Das finde ich aber nicht nett von dir! - Mas isto não foi gentil da sua parte!

2.4 *aber auch* (Em enunciados explicativos, o falante expressa seu desacordo, sem estar agressivo, isto é, querendo manter o bom relacionamento com o interlocutor) *mas também; também*

Das war aber auch dumm von dir! - Mas também, você bobou!

3. (Casos especiais)

Aber aber! - Ora, ora! / Que é isso?  
oder aber - ou então

**eben**

1. (adj.) *plano, liso*

2. (adv. de tempo)

2.1 *há poucos instantes; agora mesmo; agorinha; acabar de*

Er ist eben weggegangen. - Ele acabou de sair.

Sie war eben noch hier. - Ela estava aqui agora mesmo.

2.2 *justo (= quase não); por pouco ... não*

Ich habe den Zug eben noch erreicht. - Consegui justo pegar o trem. / Por pouco não peguei o trem.

2.3 (Só junto com *mal*; não há equivalente específico em português)

Kannst du eben mal herkommen? - Você poderia dar uma chegadinha aqui, rapidinho?

3. (partícula focalizadora)

Eben! - Justamente! / Exatamente! / Pois é!

eben das - exatamente isto

ebenso - exatamente da mesma maneira

ebenso gross - tão grande (quanto) / exatamente do mesmo tamanho

4. (adv. de modo; não há equivalente específico em português)

Sprich mit ihm, wenn du eben kannst. - Fala com ele se for possível. / Faça o possível de falar com ele.

5. (PM; em geral, indica que o falante acha que as coisas são assim mesmo.)

5.1 (Quando o falante faz uma constatação sobre uma consequência ou mostra uma solução, *eben* revela que ele acha que não se pode fazer outra coisa, ou que não há uma melhor solução, que é preciso resignar-se; frequentemente, não se usa nenhum equivalente em port.; às vezes, emprega-se *bom*, ou *que há de fazer*, ou *o jeito é*, ou *simplesmente*, ou *mesmo*; se houver *müssen*, usa-se *ir ter que*.)

Dann geh eben nicht. - Bom, então não va.

Dann bleiben Sie eben dort. - Então, simplesmente o senhor fica lá.

Dann bleiben wir eben zu Haus. - Então a gente fica em casa. Que há de fazer? / Então a gente fica em casa mesmo.

Dann musst du eben mit dem Bus fahren. - Então voce vai ter que ir de ônibus. / O jeito é ir de ônibus.

5.2 (O falante faz uma constatação explicativa, lamentando o fato exposto, ou criticando a atitude da pessoa a quem ele se refere.) *pois é; claro; é isso aí*  
Bonn ist eben nicht Berlin. - Pois é, Bonn não é Berlin.

Du treibst eben keinen Sport. - Claro, você não pratica esporte.

Man müsste eben mehr Geld haben. - E isso aí, a gente deveria ter mais dinheiro.

5.3 (O falante repete uma constatação crítica feita por outrem; *eben* mostra que ele aceita a crítica, mas não quer, ou não pode, mudar nada.) *tudo bem*

Dann hab ich mich eben geirrt. - Tudo bem, então me enganei.

5.4 (O falante faz uma constatação explicativa; *eben* mostra que ele sabe que sua explicação não é muito boa; por outro lado, ele acha que não há mais nada a explicar.) *simplesmente; é que*

Es geht eben nicht. - Simplesmente não dá.

Es interessiert mich eben. - É que (simplesmente) me interessa

5.5 (Numa constatação conclusiva, o falante menciona algo que, na sua opinião, é (foi) a consequência de uma observação anterior de outra pessoa; muitas vezes, o falante espera uma confirmação do interlocutor; normalmente, não há equivalente deste *eben* em port.)

Und da bist du eben zu Haus geblieben, ja? - E aí você ficou em casa, é isso?

Und da wollen Sie eben kündigen, ja? - E então o sr. quer se demitir, sim?

5.6 (Em orações subordinadas, a PM geralmente não se traduz; em orações condicionais, *eben* indica que o falante imagina ou insinua que as coisas são assim mesmo; em orações causais, a tradução pode ser *simplesmente*, porque a explicação dada é considerada simples, visto que as coisas são assim mesmo; em orações finais, *eben* indica que o assunto não é novo, e

já que foi necessário tocar nele de novo, a PM pode implicar uma crítica.)

Wenn er eben nicht will, dann kann ich ihm auch nicht helfen. - Se ele não quer, tudo bem (ou: se é assim), então também não posso ajudá-lo.

Mittags bleibe ich im Büro, weil ich da eben Zeit spare. - Na hora do almoço, fico no escritório, (simplesmente) porque aí eu economizo tempo.

Ich sag das nur, damit das eben nicht wieder passiert. - Só estou dizendo isso para que aquilo não aconteça de novo.

5.7 (Na fala real, *eben* é freqüentemente um sinal de hesitação, de insegurança, ou do fato de que o falante diz algo já mencionado anteriormente, ou óbvio; ao usar a PM, ele quase se desculpa de dizer coisas que os interlocutores já sabem, ou já poderiam saber; na tradução, podem ser usados elementos lingüísticos que revelem atitudes semelhantes, como *não é?*.)

Wir waren eben in 'ner Gruppe. Und da... - Nos estávamos em grupo, não é? E aí...

#### *etwa*

1. (partícula focalizadora) *aproximadamente*

2. (partícula focalizadora) *por exemplo*

3. (PM; geralmente, indica que o falante rejeita a idéia exposta no enunciado; revela uma certa agressividade, rispidez.)

3.1 (Em perguntas, o falante espera uma resposta contrária ao conteúdo de sua pergunta; está implícita uma crítica, caso na resposta se confirme o que foi perguntado.) *não me diga que; não vai me dizer que; não...; + pergunta posposta*

Gehst du etwa schon wieder ins Kino? - Não me diga (Não vai me dizer) que você vai de novo ao cinema.

/ Você não vai de novo ao cinema, vai?

Hast du etwa Schulden gemacht? - Não me diga (Não vai me dizer) que fez dívidas. / Você não fez dívidas, fez?

3.2 (Em perguntas retóricas, o falante se opõe a uma idéia que ele imagina ser a do interlocutor, ou de terceiros.) *por acaso; e*

Gehe ich etwa jeden Abend aus? - Por acaso (E) eu saio todas as noites?

Waren Sie etwa noch nie betrunken? - Por acaso (E) o sr. nunca esteve bêbado?

3.3 (Usando *doch nicht etwa* em asserções, o falante se opõe à idéia exposta, esperando uma resposta negativa; tradução como em 3.1.)

Du wirst doch nicht etwa weinen! - Não me diga que você vai chorar! / Você não vai chorar, vai?

3.4 (Em sentenças imperativas negativas, e em asserções negativas equivalentes a imperativos, *etwa* é enfático, dando-lhes um ar de ameaça; em geral, sem nenhuma tradução; às vezes, *não pense...*)

Bitte nicht etwa schon wieder um Geld! - Não pense em pedir de novo que eu te empreste dinheiro.  
 Er soll nicht etwa spät nach Haus Kommen! - Que ele não pense em voltar tarde para casa.

3.5 (Em orações condicionais, e em orações relativas, *etwa* normalmente mostra que o falante não gosta da idéia exposta nelas; via de regra, não se usa nenhum equivalente; às vezes, é possível *por acaso, porventura*; estes equivalentes podem ser empregados também quando o conteúdo da oração subordinada não desagrade ao falante.)

Wenn ihr etwa noch weiterreden wollt, geht bitte hinaus. - Se por acaso vocês quiserem continuar falando, saiam, por favor.

Diejenigen, die etwa kein arztliches Attest mitgebracht haben, dürfen nicht schwimmen. - Aqueles que porventura não trouxeram um atestado médico, não podem nadar.

Wenn wir etwa noch Zeit haben, kann ich ja schnell mal anrufen. - Se por acaso a gente ainda tiver tempo, posso dar um telefonema rápido.

3.6 (Em asserções negativas, seguidas de uma oração iniciada por *sondern*, *etwa* assinala que o falante rejeita uma idéia que ele imagina que o interlocutor, ou terceiros, possam ter tido; geralmente, não se usa nenhum equivalente; às vezes, pode ser empregado *não pense que, ou de jeito nenhum*.)

Er ist nicht etwa nach Haus gegangen, sondern in eine Kneipe. - Não pense que ele foi para casa; ele foi num bar! / Ele não foi para casa de jeito nenhum; ele foi num bar!

3.7 (*Etwa* pode também ser usado quando o falante gosta do conteúdo da pergunta, mas está muito surpreso, porque esperava o contrário.) *não me diga que*

Haben wir etwa in der Lotterie gewonnen? - Não me diga que ganhamos na loteria.

3.8 (Em perguntas com o sujeito na 1ª pessoa, quando o falante, sem nenhuma agressividade, levanta uma hipótese, *etwa* mostra que ele espera que ela seja falsa.) *Será que, não me diga que*

Haben wir dir etwa nicht Bescheid gesagt? - Será que não te avisamos? (Note que esta pergunta, em alemão, é ambígua, podendo significar: a) Será que não te avisamos? Espero que sim. - b) Evidentemente, nós te avisamos. cf. 3.1)

### **vielleicht**

1. adv. epistêmico) talvez; (em perguntas; uso raro) *existe a possibilidade de*

Vielleicht kommt er. - Talvez ele venha.

Kommt er vielleicht? - Existe a possibilidade de que ele venha?

2. (PM)

2.1 (em asserções exclamativas)

2.1.1 (Parecido com a PM *aber*, *vielleicht* é usado em expressões de surpresa, sobretudo quando o interlocutor não presenciou ou não conhece o fato relatado.)

2.1.2 (Diferente de *aber*, *vielleicht* indica que o conteúdo do enunciado é algo de negativo, e que o falante está indignado ou crítico.)

(Na tradução das variantes 2.1.1 e 2.1.2, usam-se exclamações começando por *que*, *como*, *quanto*, podendo ser precedidas de *puxa* ou interjeições parecidas; há ainda outras possibilidades de tradução, dependendo do conteúdo do enunciado.)

Der hat vielleicht ein Haus! - (Puxa vida!) Que casa que ele tem!

Ich hab vielleicht Glück gehabt! - Tive uma sorte!

Der redet vielleicht einen Unsinn! - Ele fala cada bobagem!

Dein Auto ist vielleicht schmutzig! - Puxa! Como teu carro está sujo!

2.2 (Em perguntas, *vielleicht* é parecido com a PM *etwa*, revelando, porém, uma atitude menos agressiva.)

2.2.1 (A PM indica que o falante gostaria que a resposta fosse contrária à pergunta, e que ele vai ficar descontente se o interlocutor confirmar o que foi perguntado.) *por acaso; não me diga que*

Hast du vielleicht die Schlüssel vergessen? - Por acaso, você esqueceu as chaves?

Hat dir der Film vielleicht nicht gefallen? - Não me diga que você não gostou do filme.

2.2.2 (Em perguntas retóricas, *vielleicht* mostra que o falante está afirmando o contrário daquilo que está perguntando, e que ele está indignado ou aborrecido.) *por acaso; será que; e*

Ist das vielleicht kein Geschenk? - Por acaso, isto não é um presente?

Hast du dich vielleicht noch nie geirrt? - Será que você nunca se enganou?

Ist das vielleicht eine Antwort? - E isto é uma resposta?

2.3 (em perguntas nas quais o falante pede algo ao interlocutor)

2.3.1 (*Vielleicht* é um entre vários meios que servem para mostrar que o falante é educado e preferiria não incomodar o interlocutor.) *será que*

Könnten Sie mir vielleicht sagen, wo die Post ist?

- Será que a sra. poderia me dizer onde fica o correio?

2.3.2 (Mais raramente, *vielleicht* é usado em pedidos nos quais o tom da voz revela que o falante está impaciente e irritado.) *será que*

Würdet ihr vielleicht Ruhe halten? - Será que vocês poderiam ficar quietos?

2.4 (Quando o falante pede permissão, usando, portanto, o verbo *dürfen*, *vielleicht* indica polidez, humildade; há varias possibilidades de tradução: *será que; talvez; se me permitirem, eu gostaria de.*)

Darf ich vielleicht noch etwas sagen? - Será que eu poderia dizer mais alguma coisa?  
... und darf ich vielleicht noch hinzufügen... -  
... e talvez pudesse ainda acrescentar ... / ... e se me permitirem, eu gostaria de acrescentar...

## OBSERVAÇÕES FINAIS

Tanto professores quanto alunos de alemão sabem da enorme dificuldade que constituem as "partículas modais" na aprendizagem desta língua.

Sem dúvida, o maior problema é sua complexidade, a qual pôde ser verificada nas páginas que precedem. Não há nada a fazer: as PMs existem, são extremamente frequentes e têm significados variados e muito sutis.

Um obstáculo mais facilmente superável é aquele que está na origem desta Dissertação. É a falta, pelo menos nos livros difundidos no Brasil, de explicações e de traduções. Foi com o intuito de começar a levantar este obstáculo que empreendi o presente estudo. Digo "começar", porque tratei de apenas quatro PMs. Outros trabalhos terão de ser dedicados às PMs restantes.

Foi necessário um exame pormenorizado das partículas escolhidas, pois as análises existentes são insatisfatórias. Constatou-se, assim, que mesmo as PMs *ABER*, *EBEN*, *ETWA* e *VIELLEICHT* - menos complexas que algumas outras - possuem diversas variantes e subvariantes.

Ao contrário do que afirmam diversos pesquisadores, não é necessário usar a implicatura conversacional de Grice para compreender as mensagens transmitidas pelas PMs. As partículas possuem significados - que o falante nativo capta na aquisição da língua materna - e só é preciso levar em conta o contexto para decidir qual

das variantes do vocábulo está sendo usada pelo falante.

Normalmente, esta "decisão" é tomada inconscientemente e instantaneamente, mas há também casos de ambigüidade, nos quais o ouvinte tem que refletir sobre o que o falante quis dizer.

Na tentativa de encontrar equivalências na língua portuguesa, não confiei nos meus próprios conhecimentos dos dois idiomas, mas solicitei a opinião de falantes nativos brasileiros com excelentes conhecimentos do alemão coloquial. Como diz REITER, o único autor a levantar esta questão em trabalhos sobre partículas: "Para se saber a reação de turcos perante trechos de textos alemães, o mesmo texto deveria ser traduzido por um número suficientemente grande de turcos." (1981:227) O mesmo vale, evidentemente, para falantes de outras línguas.

Visto que o significado e, portanto, a tradução das PMs dependem do contexto, apresentei-as em enunciados e dei a descrição das situações nas quais estes poderiam ser proferidos.

Um conceito essencial na tradutologia em geral, e na tradução das PMs em particular, é o de "norma pragmática". Ele reza que, para se obter uma boa tradução, é necessário levar em consideração o que os falantes nativos realmente dizem, ou o que eles diriam nas situações nas quais ocorrem os enunciados que devem ser traduzidos.

A fim de ter certeza de que as soluções encontradas por estes informantes são naturais, isto é, são enunciados que poderiam ser ditos por brasileiros

espontaneamente, submeti as mesmas situações e os mesmos enunciados portugueses ao julgamento de informantes sem conhecimentos de alemão.

Através do método mencionado, foi possível detectar diversas equivalências para cada uma das quatro PMs. Os resultados, tanto da discussão destas partículas quanto das respostas dos informantes, foram resumidos numa proposta para os verbetes *ABER*, *EBEN*, *ETWA* e *VIELLEICHT* de um novo dicionário alemão-português.

Os termos "equivalência" e "equivalente" têm que ser tomados no seu sentido largo. Não há nenhum vocábulo português que tenha a mesma distribuição que uma das quatro PMs alemãs. Além disso, cada "equivalente" não expressa exatamente as mesmas atitudes que a PM alemã correspondente. Por conseguinte, muitas das soluções encontradas não são equivalências perfeitas ou quase perfeitas, como o são, por exemplo, *Butter/manteiga*, *lachen/rir*, *leider/infelizmente*.

A presente pesquisa comprovou que, mesmo quando existem possíveis "equivalentes" das PMs, os brasileiros, freqüentemente, preferem não usar nenhum indicador atitudinal verbal. Este fato pode servir para desculpar boa parte das faltas de equivalências nas traduções brasileiras de obras de ficção alemãs, mas ele não desculpa a falta de explicações e de tentativas de tradução em gramáticas, dicionários e livros de ensino. Espero ter contribuído para possibilitar uma melhoria nesses tipos de livros e para uma melhor compreensão das PMs alemãs. Evidentemente, um estudo semelhante terá que ser realizado em relação às PMs

restantes.

Tendo notado que no português existem formas lingüísticas muito parecidas, as quais não haviam ainda sido analisadas devidamente, tentei demonstrar que elas são um tipo de indicadores atitudinais. Na sua maioria, elas podem revelar, de maneira não explícita, várias atitudes; ou seja, elas são complexas e vagas como as PMs alemãs. Não pretendi examinar todas as questões relevantes. Ficam para futuros trabalhos as tarefas, por exemplo, de analisá-las mais detalhadamente, de encontrar ainda outras, de classificá-las e de traduzi-las adequadamente para outras línguas.

N O T A S

## INTRODUÇÃO

- 1 Serão usadas as siglas PM para "partícula modal" e PMs no plural.
- 2 *Abtönung* é o termo usado por alguns para designar o efeito ou a função que as PMs têm. Usarei, como tradução, o termo "modulação", para deixar claro que há uma diferença entre as PMs e, por exemplo, os "advérbios modalizadores" (cf. VIEIRA 1985). Por outro lado, a "modulação" não deve ser confundida com a *modulation* em HALLIDAY (1985: 334-6).

## CAPITULO 1

- 1 Falando da "hipótese da força literal", LEVINSON (1983:263) cita Gazdar (1981) que observa que "os três principais tipos de sentenças em inglês, a saber, o imperativo, o interrogativo e o declarativo, têm as forças que lhes são tradicionalmente atribuídas, a saber: ordenar (ou pedir), perguntar e constatar, respectivamente (com a exceção, evidentemente, de performativos explícitos, que estão numa forma declarativa)."
- 2 SEARLE (1979: 117-36) resume da seguinte maneira o que filósofos e lingüistas entendem por "significado literal": "Sentenças têm significados literais. O significado literal é inteiramente determinado pelos significados de seus componentes - palavras ou morfemas - e pelas regras sintáticas segundo as quais estes elementos são combinados. A sentença pode ter mais do que um significado literal (ambigüidade) ou seu significado literal pode ser incompleto ou ininterpretável (sem sentido). (...) O significado literal da sentença é o significado que ela tem independentemente de qualquer contexto..."  
E esta última afirmação que SEARLE, em seguida, refuta, mas não cabe aqui apresentar as suas razões. De qualquer maneira, a definição de "significado literal" dada acima fica válida quando se determina que se trata do significado literal normal, ou comum.
- 3 Não se deve ignorar a importância do contexto e da entoação. Na verdade, a sentença "Ist das nicht schrecklich?" é ambígua, mas ela é desambigüizada pela entoação (que muda em decorrência da mudança do acento primário): "Ist das nicht 'schrecklich?" tem a força ilocucionária de uma constatação ("Na minha opinião, isto é horrível."). Com a mudança do acento, o sentido muda, mas o enunciado é novamente ambíguo: "Ist das 'nicht schrecklich?" pode ser uma pergunta ("Eu quero saber se isto 'não é horrível.") - a qual, aliás, é incomum com o

adjetivo "horrrível", mas seria normal com o adjetivo "bonito" - ou algo como um desafio ("Não me diga que isto não é horrrível!"). As realizações destes dois últimos atos de fala se distinguem pelo tom de voz, pelos fenômenos paralingüísticos acompanhantes e poderão, provavelmente, ser desambiguizadas também pelo contexto.

- 4 Também LEECH (1983:11) afirma que, no caso de "partículas pragmáticas", isto é, de PMs, não são necessárias implicaturas conversacionais, mas sim implicaturas convencionais, ou seja, "implicaturas pragmáticas derivadas diretamente dos significados das palavras".
- 5 Não cabe aqui uma discussão de problemas de cognição. Mas vale mencionar SPERBER e WILSON (1986), que, além de discutirem tais problemas, substituem a teoria de Grice por sua "Teoria da Relevância". Embora esta última seja bastante convincente, nenhuma das duas pode ter a pretensão de corresponder aos fatos; isto é, não há evidências de que a mente humana trabalha da maneira que Grice ou SPERBER e WILSON o imaginam. Não pretendo examinar aqui nenhuma das duas teorias, pois elas não concernem diretamente à compreensão das PMs. Para uma crítica de SPERBER e WILSON, ver GIBBS (1987).
- 6 Sobre a possibilidade de as PMs serem parafraseadas, ver a discussão entre ROMBOUTS e DITTMANN (ROMBOUTS 1982; DITTMANN 1982). Concordo com a posição deste último; isto é, paráfrases não precisam ser formalizadas, mas apenas ser mais informativas, mais explícitas, menos ambíguas que o original. Cf. também as paráfrases em FRANCK (1979a).
- 7 Uma boa apresentação de algumas teorias semânticas, especialmente das teorias dos campos semânticos, encontra-se em REHFELDT (1980).
- 8 Esta possibilidade de sugerir outras soluções foi aproveitada por poucos FN e TR, e em relativamente poucos casos. Em nenhuma situação foi dada a mesma ou uma semelhante sugestão por mais de dois ou três informantes. E uma prova de que não há nenhum enunciado que fosse mais adequado do que aqueles propostos no questionário, ou que tivesse que ser proferido necessariamente pelos falantes nativos na situação descrita. Devido ao número expressivo de sugestões, elas não serão levadas em consideração.
- 9 Este método de se apresentarem situações e de solicitar a opinião de informantes sobre o que se diria nestas situações já foi aplicado não só em trabalhos sobre PMs alemãs (HARDEN e RÖSLER 1981; HENTSCHEL 1981; RUSSO 1981; WEYDT e HENTSCHEL 1981, HARDEN 1983b) e outras partículas (WEYDT 1981:148) como também numa pesquisa empreendida por J. A. Thomas, especialista em Análise do Discurso, que deu um relato desta pesquisa num Curso de Extensão, realizado em setembro de 1989 na Universidade de Brasília.

- 10 Ao referir-me a estes três volumes, usarei a abreviatura "Texte".
- 11 Enquanto, no questionário, as PMs aparecem em ordem alfabética, no capítulo 4 elas serão tratadas na seguinte ordem: *ABER*, *VIELLEICHT*, *ETWA*, *EBEN*. A razão é que há semelhanças tanto entre *ABER* e uma variante de *VIELLEICHT*, quanto entre uma outra variante de *VIELLEICHT* e *ETWA*.

## CAPITULO 2

- 1 Visto que muitos dos autores citados usam o termo "palavra", empregarei-o também de vez em quando. Porém, consciente da problemática relacionada com este termo, darei preferência a "vocábulo", preferido, entre outros, por LOBATO, embora esta autora também use, às vezes, o termo "palavra" (cf. LOBATO 1986:72).
- 2 FRANCO (1989) encontrou o termo "partículas de realce" em vários autores portugueses; por exemplo, MARTINS (1989), AZEVEDO (1901), TORRINHA (1937).
- 3 E apenas após perguntas metacomunicativas que as PMs podem ser usadas sozinhas para dar respostas. Veja:  
 Welche Partikel würden Sie in diesem Fall benutzen? -  
 Denn.  
 (Que partícula você usaria nesse caso? - "Denn".)  
 Mas:  
 Wie hat er das gesagt? - \*Denn.  
 (De que maneira ele disse isso? - "Denn".)
- 4 Alguns autores afirmam, erroneamente, que as PMs não se referem a um determinado elemento do enunciado, mas sim ao enunciado inteiro (WEYDT, 1969:68; KEMME 1979:16). Entretanto, HARDEN (1983a:72-3) mostrou que elas podem referir-se a algum dos elementos do enunciado, e HENTSCHEL (1986:230ss.) constatou que este elemento, geralmente, é o rema. Por isso, usei o advérbio "necessariamente". Isto é, as PMs não são vocábulos do tipo das preposições que se referem só a substantivos, pronomes ou verbos, formando com eles um sintagma.
- 5 LYONS explica da seguinte maneira a diferença entre "enunciado" e "sentença": "... os enunciados são segmentos de fala (*parole* de Saussure) produzidos por falantes nativos, a partir das frases [isto é, sentenças - HAW] geradas pelo sistema de elementos e de regras que constituem a língua (*langue* de Saussure)." (1979:184) Segundo LEVINSON, "a sentença é uma entidade teórica abstrata, definida no quadro de uma teoria gramatical, enquanto um enunciado é a realização de uma sentença, um

- análogo de sentença ou fragmento de sentença num contexto autêntico" (1983:18). Visto que a lingüística pragmática, no quadro da qual se insere o presente trabalho, estuda enunciados, usarei este termo na maioria das vezes. Porém, quando um enunciado (p. ex.: "Eu não vou trabalhar") é nitidamente a realização de uma sentença, este último termo também poderá ser empregado.
- 6 No alemão, boa parte dos advérbios de modo é variável, mas não flexionável. Eles são *steigerbar*, isto é, as formas do comparativo de superioridade e do superlativo são obtidas através do acréscimo de sufixos. Por exemplo: *schnell*, *scheller*, *am schnellsten* (rapidamente, mais rapidamente, o mais rapidamente).
- 7 A respeito da ocorrência das diversas PMs em determinados tipos de sentenças ou enunciados, ver WEYDT (1969:26-9) ou KEMME (1979:10-7).
- 8 DOHERTY (1985) é de opinião oposta: acha que "uma diferenciação pode parecer até bastante útil para o leitor estrangeiro", mas a indicação de um significado invariável permitiria uma compreensão mais produtiva da partícula (*op. cit.*: 66). Discordo totalmente, pois o "significado invariável" de cada PM - se ele existe - é tão profundo ou tão sutil que em muitos casos não ajuda em nada o falante não nativo, o estudante de alemão. Isto não significa que um bom dicionário geral ou um bom dicionário de partículas não deva indicar o significado geral, se este puder ser descoberto. E apenas uma questão de ênfase.
- 9 Perguntas pospostas são perguntas elípticas, colocadas após sentenças declarativas. Exemplos: "não é?", "vai?", "não conhece?" em: "Isto é muito bom, não é?", "Você não vai demorar, vai?", "Você conhece o Ricardo, não conhece?". Até agora, tem sido usado o termo inglês "tag question" para designar estas perguntas pospostas. MARCUSCHI (1986:74) empregou o termo "indagações pospostas", mas vou usar o meu, por ser mais simples.
- 10 Depois de o autor, seguindo WRIGHT, ter afirmado que existem um componente objetivo e um subjetivo tanto na modalidade epistêmica quanto na modalidade deontica, ele não menciona mais essas duas modalidades, mas apenas emprega o termo "modalidade subjetiva", o qual aparentemente se refere ao componente subjetivo das duas modalidades.
- 11 Sem falar das PMs, LYONS (1977:797) reconhece que a distinção entre as modalidades epistêmicas objetiva e subjetiva não pode ser estabelecida nitidamente no uso cotidiano (*everyday*) da língua. Mas ele dá um exemplo que esclarece a diferença. Se o falante não sabe nada a respeito de Alfredo e diz "Alfredo pode ser solteiro", fazendo, portanto, uma simples afirmação a respeito da possibilidade realmente existente, então trata-se da

- modalidade epistêmica objetiva. Mas se o falante, pronunciando o mesmo enunciado, pretende expressar sua própria opinião ou atitude - modificando a entoação, querendo, por exemplo, duvidar da possibilidade mencionada - então a modalidade epistêmica é subjetiva.
- 12 Em HARDEN (1983b), o autor prefere substituir as noções de "modalidade subjetiva" e "emoção" pela de "opinião", dizendo "que provavelmente não há nenhum enunciado que seja completamente despido da opinião do falante" (p. 129).
- 13 Dec/Int/Imp = sentenças declarativa, interrogativa, imperativa; Ms<sub>x</sub> = alguma expressão da modalidade subjetiva.
- 14 DOHERTY não trata de enunciados que não são sentenças, como p. ex. interjeições.
- 15 Para a autora, p pode incluir uma negação, isto é, p = p ou não-p (op. cit.: 71), de modo que *Er ist vermutlich nicht verreist* terá a mesma notação: Ass (SUFPOSIÇÃO<sub>g</sub>(p)).
- 16 Em KRIVONOSSOV (1965b), como também em KRIVONOSSOV (1977b), o autor repete muitas das afirmações já feitas em KRIVONOSSOV (1977a).
- 17 Analisando, como exemplo, a pergunta "*Was ist das?*", o lingüista russo reconhece que "este enunciado interrogativo ocorre raramente como pergunta emocional, pois para este fim desenvolveu-se na língua alemã moderna um novo tipo de enunciados interrogativos com a partícula modal *denn*, ou seja, '*Was ist denn das?*'" (op. cit.: 579) Ele admite também que "às vezes são necessários tipos de entoação pouco comuns ou mesmo conjuntos de gestos para se poder transmitir o significado subjetivo-modal pleno sem o recurso às PMs" (ibid: 589).
- 18 Uma pesquisa parecida foi empreendida por HARDEN (cf. HARDEN 1983b:76-8, 106), mas ela não serviria para esclarecer a questão porque o autor perguntou aos informantes qual PM eles usariam em determinadas situações - gravadas numa fita - e não se a entoação da gravação - na qual não haviam sido empregadas PMs - tinha o mesmo efeito comunicativo.
- 19 Por exemplo, *MAL* nos dois enunciados seguintes tem o mesmo significado, apesar da entoação diferente: *Komm mal her!* (Vem aqui, por favor.) - *Kommst du mal her?* (Você pode vir aqui?). Nos dois casos, *MAL* significa: abrandamento de um diretivo.
- 20 Com exceção de *AUCH* e *WOHL* só serão dados exemplos de uma das variantes (e somente de algumas PMs). Por isso, as partículas serão marcadas com o número 1. Evidentemente, não se trata aqui de uma análise detalhada, nem mesmo

dessa única variante mencionada.

- 21 Para efeitos práticos, uso a expressão "agente da ação" (AA) - mesmo quando não há ação - para indicar a pessoa que é designada pelo sujeito da oração na voz ativa e pelo agente da voz passiva na voz passiva.  
Exemplos: Paulo está no jardim. (AA = Paulo)  
Ela foi examinada pelo doutor Mário. (AA = Doutor Mário)
- 22 Esta conceituação de *p* é incomum, pois, normalmente, duas orações constituem duas proposições. Portanto, trata-se de uma simplificação, motivada pelo fato de que o presente estudo não é um trabalho teórico nem sobre proposições nem sobre a modalidade subjetiva. Apenas quis deixar claro que as PMs são acrescentadas àquilo que SPERBER e WILSON (1986:246) chamam de "forma lógica" e que eu chamo de "proposição". Enquanto para mim, "Eu prometo voltar" é a forma assertiva de uma proposição - que poderia ser dividida em duas, ou seja,  $p = p_1 + p_2$  (em outros casos, poderiam ser acrescentadas  $p_3$ ,  $p_4$ , etc), SEARLE (1969:29ss.), interessado, especificamente, nos atos ilocucionários, diria que este enunciado consiste em uma proposição ("eu voltarei") e em um indicador ilocucionário (o verbo "prometer"). Mas não fica claro como ele distingüiria "Eu prometo voltar" do enunciado "Eu voltarei", que também tem a força ilocucionária de uma promessa.

### CAPITULO 3

- 1 Já foi dito que as PMs constituem não uma classe gramatical - determinada morfológicamente - mas uma classe funcional (cf. 2.3.1).
- 2 Cf. FRANCO (1989). Esse artigo, no qual o autor analisa *sempre e é que e afirma que acaso, afinal, bem, cá, e, então, é que, já, lá, mas, não, se calhar, sempre e também* são partículas modais, só chegou em minhas mãos quando este capítulo já estava pronto.
- 3 Percebe-se que na transcrição a autora usou uma escrita muito próxima da escrita normal. "(+)" significa uma pequena pausa, "↘" significa tom descendente.
- 4 No enunciado (d), *aí* está no final, antes de um vocativo, mas pertencente à unidade informativa, a qual é constituída só pelo verbo e pelo atenuador *aí*. Contudo, esse *aí* pode também ser interpretado como o advérbio de lugar *aí*.

- 5 Os enunciados (e) a (i) são tirados de FUCHS e SCHANK (eds.) (1975:152-5), onde o pronome *Sie* é transcrito com letra minúscula. O enunciado (j) foi tirado de WEYDT et al. (1983:100). Não se trata de um enunciado autêntico, isto é, gravado e transcrito, mas de um diretivo muito comum na linguagem falada.
- 6 Uma parte da explicação dada nesta citação parece não se referir aos exemplos, mas a um outro uso de *não* (que será examinado mais adiante), pois nos enunciados citados o *não* não é equivalente a *porventura*.
- 7 Uma sentença interrogativa QU, ou pergunta QU, é uma pergunta que começa por algum vocábulo interrogativo (quem, o que, quando, onde, que, por que). Em alemão, estas sentenças são apelidadas de *Ergänzungsfragen* (perguntas de complementação), opostas às *Entscheidungsfragen* (perguntas de decisão) que chamarei de perguntas S/N, pois são perguntas que têm, em princípio, "sim" ou "não" como resposta.
- 8 Visto que este *nicht* geralmente é acompanhado do pronome indefinido *alles* ("tudo") ou dos advérbios *überall* ("em todo lugar") ou *schon* ("já"), poder-se-ia pensar que só junto com estes *nicht* é um indicador ilocucionário. Porém, o pronome e os advérbios citados às vezes são usados também em verdadeiras perguntas, o que mostra que não são eles que mudam a força ilocucionária. Veja: *Wo seid ihr überall gewesen?* (Em que lugares vocês estiveram?) *Was hast du alles gesehen?* (O que você viu?)
- 9 LUTTEN (1977:282ss.) também examina esse *nicht*, mas como ela não distingue as PMs de outras partículas, não se pode dizer que ela o considere como PM.
- 10 *EINFACH* é listado entre as PMs por HARTMANN (1977, 1979), FRANCK (1979a), HARDEN (1983b), WEYDT e HENTSCHEL (1983), WEYDT et al. (1983), ENGEL (1988) e BURKHARDT (1989). Este último autor afirma que atualmente há um consenso entre os especialistas em partículas de que *EINFACH* é uma PM, "embora isto tenha como consequência que os equivalentes nas outras línguas - os quais são, na maioria das vezes, advérbios genuínos, do ponto de vista morfológico - devem ser arrolados neste grupo" (op. cit.: 362).
- 11 Alguns autores - por exemplo, ENGEL (1988) - não considerariam o *simplesmente* em (19) como PM. Não cabe aqui entrar nesses detalhes.
- 12 FRANCO, cujos estudos têm por base o português lusitano, inclui *acaso* entre as PMs (1989:248). Cf. nota 2 do capítulo 3.
- 13 Segundo WEYDT e HENTSCHEL (1983:5), as "partículas com funções semelhantes às das PMs" não mudam de significado

nem quando estiverem acentuadas, e elas não têm homônimos em outras categorias de palavras. Acontece que *schliesslich*, como advérbio conjuntivo, nunca é acentuado; além disso, este vocábulo tem, como em português, também um significado temporal, sendo um advérbio de tempo, sinônimo de *finalmente*, *por fim*. KOCH (1987:197,222) considera este *afinal* como "operador discursivo" ou como "advérbio atitudinal".

- 14 SCHMIDT-RADEFELD (1989:263) traduz "*Warum hast du das eigentlich getan?*" por "Por que é que fizeste isso afinal?", por "Afinal de contas, por que é que fizeste isso?" e por "Vamos lá saber: por que é que fizeste isso?". O autor não dá nenhuma explicação a respeito de *afinal* ou de *afinal de contas*.
- 15 Estes exemplos são alguns dos enunciados que um grupo de informantes anotou quando lhe pedi para imaginar perguntas nas quais ocorressem *afinal* ou *afinal de contas*.
- 16 O enunciado (59) pode ter um outro sentido, e, com isso, uma outra tradução. A pergunta pode esconder um pedido de confirmação; isto é, o falante pode querer dizer, que *afinal de contas*, ele merece a confiança do outro. Neste caso, *afinal de contas* é o advérbio conjuntivo usado em asserções. A tradução poderia ser: "*Schliesslich verdiene ich doch wohl dein Vertrauen, oder?*"
- 17 Há uma variante - mencionada no NDLP e no *Caldas Aulete* - que não é nem conjunção nem PM, e não tem equivalência no alemão. Exemplo: "o dia inteiro, mas o dia inteiro" (CP2:138). Segundo os dois dicionários citados, que classificam este *mas* como advérbio, ele "denota a corroboração do que se acabou de dizer". Na verdade, ele indica mais do que isto, a saber, a vontade do falante de realçar aquilo que foi dito - e que vai ser repetido - e expressar um certo estranhamento. Necessariamente, o que segue *mas* será dito com ênfase.
- 18 O NDLP cita apenas três variantes do advérbio *mesmo*, sendo os sinônimos "exatamente", "até" e "realmente". Entretanto, além daquelas mencionadas em (c), há ainda uma outra, como se vê nos seguintes exemplos:  
 "minhas viagens de avião eram mesmo por negócio" (CP2:102)  
 "eu ia (...) de ônibus... ou de trem mesmo" (CP2:104)  
 Nestes casos, o vocábulo, embora podendo ser classificado como partícula focalizadora, parece indicar que aquilo que é focalizado é considerado como, de alguma maneira, pior do que o outro fato mencionado. No caso, a viagem "por negócio" é pior do que uma viagem de férias, e o trem, aparentemente, é considerado pior do que o ônibus. Neste sentido, esta partícula focalizadora é aparentada com aquela PM *mesmo* que expressa resignação (cf. 4.4.4).

## CAPITULO 4

- 1 Nesse artigo, BUBLITZ praticamente repete as idéias já expostas em BUBLITZ (1978), sua Dissertação que já fora concluída em 1975.
- 2 BUBLITZ baseia-se em Toulmin (1958), *The Uses of Argument*, Cambridge: Cambridge University Press. O termo "quase-silogismo" justifica-se pelo fato de que um verdadeiro silogismo tem a forma "Todo homem é mortal. Sócrates é um homem. Logo, Sócrates é mortal", enquanto no quase-silogismo são usados advérbios sentenciais como "normalmente" ou "provavelmente".
- 3 O exemplo é meu.
- 4 No trabalho de BUBLITZ, "´" indica o acento primário, "¨" o acento secundário.
- 5 A respeito da conjunção *aber/mas*, veja, por exemplo, WEYDT (1983a) e KOCH (1987:107-8).
- 6 Chamarei de "significado primário" o que outros autores denominam "Übergreifende Bedeutung" (o que quer dizer: significado comum a todas as ocorrências de determinado vocábulo). Prefiro o meu termo, porque a função de PM é mais recente do que as outras funções do mesmo vocábulo, de modo que a questão é sempre a de saber em que medida o primeiro significado se manifesta na PM. Como, por outro lado, cada PM existe em diversas variantes, chamarei de "significado básico" aqueles traços semânticos que estas variantes têm em comum.
- 7 HARDEN (1983a) empreendeu um estudo das PMs *EIGENTLICH* e *ÜBERHAUPT* no qual distingue os diversos traços semânticos das duas PMs. Tal estudo detalhado seria útil no caso de todas as PMs.
- 8 Na verdade, quase nenhum autor cita ocorrências de *ABER* como em (64) a (66). Mas (64) é tirado de HENTSCHEL (1986:219), uma autora que afirma em todos os seus trabalhos que *ABER* expressa surpresa.
- 9 FRANCK menciona, mas não analisa *VIELLEICHT!*
- 10 Curiosamente, WEYDT e HENTSCHEL, que consideram *VIELLEICHT* como PM apenas em sentenças declarativas, afirmam que *VIELLEICHT* pode substituir a PM *ETWA* nas sentenças interrogativas (1983:24).
- 11 Perguntas S/N são perguntas às quais se responde por "sim" ou "não". Em alemão, usa-se o termo *Entscheidungsfragen*. Elas não contêm pronomes ou advérbios interrogativos. Cf. a nota 7, item 3.6.

- 12 Há exceções, isto é, não é impossível ouvir, nas mesmas circunstâncias, um enunciado como "Der hat aber ein Haus!".
- 13 Em todos os exemplos citados neste item e nas situações 41 a 44 (Apêndice 2), a crítica dirige-se ao interlocutor. Mas num enunciado como "Kommt Gabriele vielleicht nicht?" (Não me diga que Gabriele não vem.) - no caso de VIELLEICHT ser PM e não advérbio epistémico - a crítica é dirigida a Gabriele, a AA (agente da ação indicada pelo verbo).
- 14 Por outro lado, vale aqui a observação de FRANCK (1979a:151) de que tais perguntas são tão comumente usadas para veicular pedidos que não se deveria chamar o fenómeno de "atos de fala indiretos", e sim afirmar que a força ilocucionária primária desses enunciados em forma de pergunta é um pedido. Em (107), não está tão óbvio que se trata de um pedido. O falante realmente quer saber se o ouvinte tem tempo, mas somente porque ele quer lhe pedir algo. Às vezes, (107) já implica que o falante quer que o ouvinte se aproxime para ajudar.
- 15 Há exceções: os pedidos podem ser revestidos de uma outra forma gramatical, a saber, de uma oração subordinada condicional. Cf.: "Wenn ich vielleicht einen kleinen Cognac haben konnte", sagte der alte Clown. (Será que eu podia tomar um conhaquezinho? - perguntou o velho palhaço.). (SIMMEL 1979a:17; SIMMEL 1979b:20)  
A respeito do emprego do futuro do pretérito em pedidos, especificamente no português, veja KOIKE (1989).
- 16 A respeito de *não/nicht*, cf. 3.6.
- 17 Essas asserções negativas podem ser realizadas na forma de orações subordinadas. Exemplos:  
Ich hoffe, dass er nicht etwa denkt, dass ich lüge.  
(Espero que ele não pense que eu esteja mentindo.)  
Ich sage das, damit ihr nicht etwa vergebens dorthin geht.  
(Digo isso para que vocês não vão lá em vão.)  
A negação pode também aparecer na oração principal ou na forma da preposição conjuntiva *ohne* (sem). Exemplos:  
Ich mochte nicht, dass du etwa jetzt noch ausgehst.  
(Não quero de maneira alguma que você ainda saia agora.)  
... ohne dass ich dich etwa beleidigen will.  
(sem que eu queira, de forma alguma, te ofender.)
- 18 *Nicht ETWA*, p. ex. em (126), (127) e (129), é muito parecido com *keineswegs* ou *keinesfalls*, podendo, às vezes, ser traduzido por "de maneira alguma", "de jeito nenhum", "em caso algum".

- 19 O *ETWA*<sub>1</sub> de (127) e (128) também pode ser substituído por *vielleicht*, mas nestes casos tratar-se-ia do advérbio epistêmico, não da PM.
- 20 Para WEYDT (1969:40), elas são completamente sinônimas, e ele não as apresenta como variantes regionais. Há outros autores que, ao examinarem *EBEN*, não mencionam *HALT* (p. ex., TROMEL-PLOTZ 1979). Um único autor dedica um artigo apenas a *HALT*, sem mencionar *EBEN* (HINRICHS 1983).
- 21 HENTSCHEL (1986:170-1) não tem certeza se este *eben* é um advérbio de tempo, numa função altamente especializada e convencionalizada, ou uma PM acentuada. De fato, ele expressa uma certa atitude do falante, pois este mostra que gostaria que o ouvinte fizesse o possível para atender ao seu pedido. Mas como este *eben* pode ser substituído por "fazendo o possível", considero-o como um advérbio de modo.
- 22 O imperativo não é imprescindível. Pode-se usar também o indicativo. De qualquer forma, a diferença entre os dois modos verbais nota-se, em alemão, apenas quando o sujeito for *du*. Nos exemplos citados, poder-se-ia dizer "*rauchst du*" e "*kaufst du*" em vez de "*rauch*" e "*kauf*", respectivamente. Quando o sujeito for *Sie* e houver um vocábulo como *dann* no início, não está claro se o modo verbal é o imperativo ou o indicativo. Exemplo: "*Dann bleiben Sie eben zu Haus.*"
- 23 Exemplo de HENTSCHEL (1986:165-7).

## A P E N D I C E S

## APENDICE 1

As listas de FMs variam de autor para autor. No quadro seguinte, "X" significa que o autor considera o vocábulo como FM.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
aber	X	X	X	X	X	X	X	X	X
also	X								X
auch	X	X	X	X	X	X	X	X	X
bloss	X	X	X	X	X	X	X	X	X
denn	X	X	X	X	X	X	X	X	X
doch	X	X	X	X	X	X	X	X	X
eben	X	X	X	X	X	X	X	X	X
eigentlich		X	X	X	X	X	X	X	X
einfach		(X)		X	X	X	X		X
erst	X				X	X	X		
etwa	X	X	X	X	X	X	X	X	X
halt	X	X	X	X	X	X	X	X	X
ja	X	X	X	X	X	X	X	X	X
mal	X	X	X	X	X	X	X	X	X
nicht	X		X	X					X
noch	X		X						X
nun	X								
nur	X	(X)	X	X	X	X	X	X	X
ruhig		X	X	X	X	X	X	X	X
schon	X	X	X	X	X	X	X	X	X
überhaupt			X			X			
vielleicht		X		X	X	X	X	X	X
wohl		X	X	X	X	X	X	X	X

- 1 = KRIVONOSSOV (1977a)  
 2 = WEYDT (1969)  
 3 = KEMME (1979)  
 4 = FRANCK (1979a)  
 5 = WEYDT e HENTSCHEL (1983)  
 6 = HARDEN (1983b)  
 7 = HENTSCHEL (1986)  
 8 = HELBIG e BUSCHA (1987)  
 9 = ENGEL (1988)

## Observações:

1º) Depois de ter indicado, na página 19, dezessete partículas (inclusive *gerade*, que não arrolei aqui porque não aparece em nenhuma outra lista), WEYDT (1969:25) diz pretender examinar treze PMs importantes, incluindo nessa lista *nur*, que não havia sido mencionado antes, e excluindo *einfach*.

2º) As PMs listadas no quadro, HARDEN (1983b: 27ss.) acrescenta ainda *sowieso, ohnehin, eh*, assim como *allerdings, immerhin, jedenfalls, schliesslich, schon* e *wenigstens*, reconhecendo que não está claro se estas são verdadeiras PMs.

3º) ENGEL (1988) é o único a considerar também *bitte, durchaus, gleich, lediglich, nun mal, schnell* como PMs.

4º) Observando-se o quadro, nota-se que há um consenso total em relação às PMs *ABER, AUCH, BLOSS, DENN, DOCH, EBEN, ETWA, HALT, JA, MAL, NUR, SCHON*. O consenso é quase total em relação a *EIGENTLICH* e *WOHL* - que somente KRIVONOSSOV não menciona - e a *RUHIG* e *VIELLEICHT*, que foram consideradas PMs em sete das nove obras citadas.

## APENDICE 2

### O QUESTIONARIO E A FOLHA DE RESPOSTAS

O Questionário (A forma tipográfica foi mudada para facilitar a leitura)

- 1) Uma senhora visita, pela primeira vez, uma conhecida sua, com a qual ela não tem muita intimidade. Ela fica admirada com o aconchego da casa e quer expressar isto, fazendo ao mesmo tempo um elogio. Ela diz:

Sie haben es aber gemütlich!

- a) Como sua casa é aconchegante!
- b) Que casa aconchegante!
- c) Mas que casa aconchegante!
- d) Mas como sua casa é aconchegante!
- e) A senhora tem uma casa muito aconchegante!
- f) Poxa, que casa aconchegante!
- g) Mas a senhora tem a casa muito aconchegante!

- 2) Um senhor conta da sua viagem à Europa, dizendo que quase perdeu o avião de volta, devido a vários imprevistos, mas que conseguiu pegar o avião no último minuto. Uma das senhoras presentes diz então:

Da haben Sie aber Glück gehabt!

- a) Que sorte!
- b) Que sorte o senhor teve!
- c) Então o senhor teve sorte!
- d) Mas que sorte!
- e) Puxa, que sorte!
- f) Mas então o senhor teve muita sorte!

- 3) Um senhor está com muita pressa. Tendo tomado um taxi, ele pede duas, três vezes ao motorista para ir mais depressa. Primeiro, o motorista não diz nada, tentando apenas correr mais. Após o terceiro pedido do cliente, ele diz:

Sie haben es aber eilig!

- a) Mas o senhor está com pressa, hein?
- b) Que pressa!
- c) O senhor está com uma pressa!
- d) O senhor tem pressa, moço!
- e) Que pressa, meu Deus!
- f) O senhor está com pressa, hein, moço?
- g) Puxa vida, que pressa danada!

- 4) Tendo chegado de carro à cidade grande pela primeira vez, um senhor procura determinado endereço. Após algum tempo, ele pergunta a um transeunte como ele poderia chegar àquele endereço. A outra pessoa percebe que o motorista está num lugar totalmente errado, muito afastado do destino desejado. Então, antes de explicar o caminho, ela externiza sua surpresa e diz em tom levemente irônico ou crítico:

Da haben Sie sich aber ganz schon verfahren!

- a) Então, o senhor errou bastante o caminho!
- b) Aí, o senhor errou bastante o caminho!
- c) Mas então o senhor está num lugar totalmente errado!
- d) Então o senhor se perdeu mesmo!
- e) Aí, o senhor se perdeu mesmo!
- f) Como o senhor errou de caminho!
- g) Foa, como o senhor errou de caminho!
- h) Mas aí, o senhor está totalmente errado!

- 5) Um homem conta para um amigo - com quem ele tem bastante intimidade - que não foi a um encontro marcado com uma moça, simplesmente porque ficou sem vontade. O amigo reprova essa atitude, dizendo:

Das war aber nicht nett von dir!

- a) Isso não foi gentil de sua parte!
- b) Isso não foi gentil de sua parte, viu?
- c) Que é isso! Não foi gentil de sua parte!
- d) Mas isso não foi gentil!
- e) Mas isso não foi gentil, viu?

- 6) Duas amigas muito íntimas encontram-se, e uma percebe com surpresa que a outra está pálida, emagrecida, parecendo doente. Após os cumprimentos, ela diz com franqueza:

Du siehst aber nicht gut aus!

- a) Você não parece estar bem!
- b) Mas você não parece estar bem!
- c) Foa, você não parece estar bem!
- d) Você parece estar nada bem!
- e) Que que há? Você está doente?
- f) Meu Deus! Que há com você?

- 7) Duas pessoas estão trabalhando juntas na mesma sala. Uma está procurando uma pasta e estranha o fato de não encontrá-la, pois tem certeza de ter visto a pasta pouco tempo antes. Ela diz:

Das ist aber seltsam!

- a) Que estranho!
- b) Que coisa estranha!
- c) Mas que coisa estranha!
- d) Que coisa mais estranha!
- e) Muito estranho!
- f) Mas isto é muito estranho!

- 8) Dois amigos se encontram para irem juntos a uma festa. Um dos dois se admira com a elegância do outro e diz:

Du bist aber elegant!

- a) Que elegância!
- b) Poxa, como você está elegante!
- c) Poxa, que elegância!
- d) Mas você está muito elegante!
- e) Mas como você está elegante!

- 9) Numa conversa entre dois estudantes amigos, um dos dois diz que tem que procurar um trabalho ("arrumar um bico") porque está sem nenhum dinheiro ("está duro"). Ele explica que gastou tudo comprando diversas coisas, saindo muito e viajando. Então, o outro, por um lado sentindo pena do amigo, por outro lado criticando seu comportamento, observa:

Das war aber auch dumm von dir!

- a) Mas foi bobagem sua!
- b) Também, foi bobagem sua!
- c) Mas isso foi uma bobagem!
- d) Você foi muito bobo!
- e) Mas também, você foi muito bobo!
- f) Ah, mas também, foi uma bobagem!
- g) Mas também, você bobou!

- 10) Algumas pessoas conversam sobre um seqüestro. Embora ele tenha sido solucionado sem vítimas, uma das pessoas critica a polícia por não ter agido com suficiente rapidez. Uma outra, tentando defender a polícia - e, portanto, opondo-se à primeira - diz:

Das war aber auch ein schwieriger Fall!

- a) Foi um caso difícil!
- b) Mas foi um caso difícil!
- c) Também! Foi um caso difícil!
- d) Mas também, foi um caso difícil!

- 11) A e B estão passeando. A vê um homem com uma enorme barba. Surpreso diante do tamanho da barba, ele chama a atenção de B, dizendo:

Der hat aber einen Bart!

- a) Poxa! Que barba!
- b) Olhe só! Que barba!
- c) Poxa! Que barba que ele tem!
- d) Mas aquele tem uma barba, puxa vida!
- e) Meu Deus! Que barba!

- 12) A e B estão passeando. A chama a atenção de B para uma senhora ("Olhe! A Lúcia!") que está passando a 30m deles e que os dois conhecem. B diz que A deve ter-se enganado, mas A reafirma com total convicção que se trata de Lúcia. Então B diz, mostrando sua surpresa:

Dann hat sie sich aber ganz schön verändert!

- a) Então ela mudou bastante!
- b) Mas então ele mudou bastante!
- c) Poxa! Então ela mudou bastante!

- 13) Uma senhora que não havia visto seu sobrinho há um ano, e que se admira com seu tamanho, lhe diz:

Du bist aber gewachsen!

- a) Como você cresceu!
- b) Mas você cresceu, hein?
- c) Poxa, como você cresceu!
- d) Meu Deus, como você cresceu!

- 14) Duas amigas estão fazendo compras num supermercado. Ana quer levar uma garrafa de vinho alemão, mas ela constata que este é muito caro. Ela olha um vinho chileno, menos bom, mas também menos caro. Ela hesita, pensa, e diz para a amiga que o vinho alemão realmente é caro demais. Então, Carla, também achando que não seria sensato gastar tanto, e querendo dizer que não é tão grave e que nessa situação não há outra solução senão escolher um vinho mais barato, propõe:

Dann nimm eben den chilenischen! Der ist auch nicht schlecht.

- a) Então leve o chileno! Ele também não é ruim.
- b) Então leve mesmo o chileno! Ele também não é ruim.
- c) Ah, leve o chileno! Ele também não é ruim.

- 15) Numa repartição. A se queixa de dor de cabeça e de cansaço. B, o superior, não percebe nada na aparência de A e duvida um pouco da veracidade da afirmação de A. Mas depois de algum tempo, A volta a se queixar. Ainda com dúvidas, mas pensando que se for verdade, seria necessário aceitar o fato, e a melhor solução seria que A fosse para casa, B diz:

Dann gehen Sie eben nach Haus.

- a) Então vá para casa!
- b) Então vá mesmo para casa!
- c) Bom, então vá para casa!
- d) Bom, então nesse caso vá para casa!

- 16) Carlos fala a um amigo sobre um negócio que pretende fazer. Está tudo pronto, só falta sua assinatura no contrato. Mas Carlos está muito inseguro; não sabe se o negócio vai ser bom para ele. Depois de ele ter mencionado vários argumentos contra o negócio, o amigo se impacienta um pouco. Ele vê que nesse caso não há outra solução senão desistir do negócio. Insinuando que esta solução não seria tão má, ele diz:

Dann unterschreib eben nicht.

- a) Então não assine!
- b) Bom, então não assine!
- c) Então simplesmente não assine!

- 17) O pai havia prometido levar o filho de carro ao cinema. Mas chega uma visita, de modo que o pai não pode sair. Ele diz: "Sinto muito, mas não posso te levar." Filho: "E meu cinema?" Querendo dizer que, se o filho ainda quiser ir ao cinema, não há outra solução senão ir de ônibus, o pai responde:

Da musst du eben mit dem Bus fahren.

- a) Você tem que ir de ônibus.
- b) Você vai ter que ir de ônibus.
- c) Então você vai ter que ir de ônibus.
- d) Você tem mesmo de ir de ônibus.
- e) Então você tem que ir de ônibus mesmo.
- f) O jeito é ir de ônibus.

- 18) O casal e os filhos haviam planejado viajar em julho. Mas por causa de uma greve dos professores (e a esposa é professora), não vai ter férias em julho. Quando sai esta notícia e o casal discute o assunto, o marido diz

em tom de resignação, isto é, expressando seu pensamento de que não há outra solução:

Dann können wir eben nicht verreisen.

- a) Então não podemos viajar.
- b) Então não vamos poder viajar.
- c) Então não vamos mesmo poder viajar.
- d) Então não vamos poder viajar mesmo.
- e) Pois então não podemos viajar.
- f) Bom, então não podemos viajar.
- g) Bom, então simplesmente não podemos viajar.

19) Luiza havia prometido a Marcos ir com ele a um show no sábado. Agora, sua melhor amiga Rita a convida a passar o fim de semana numa bela fazenda. Luiza gostaria de aproveitar este convite, mas também pensa na sua promessa de acompanhar Marcos. Rita não dá muita importância a essa promessa e não acha grave se Marcos vai sozinho ao show. Visto que Luiza prefere ir à fazenda, não há outra solução (caso Marcos queira mesmo assistir ao show). Rita diz:

Da muss er eben allein gehen

- a) Então ele tem que ir sozinho.
- b) Então ele tem que ir sozinho mesmo.
- c) Então ele tem mesmo que ir sozinho.
- d) Então ele vai ter que ir sozinho.
- e) Então ele simplesmente vai ter que ir sozinho.
- f) Pois então ele tem que ir sozinho.

20) Sábado à noite. Um casal, que mora num subúrbio, está pronto para ir ao centro da cidade. Mas quando o marido quer tirar o carro da garagem, o motor não pega. Ele tenta descobrir a falha, mas não consegue. O tempo está passando. Ele está bastante aborrecido, ela também um pouco; mas como não há nada a fazer, ela aceita o azar e diz:

Dann bleiben wir eben zu Haus.

- a) Então a gente fica em casa.
- b) Bom, então a gente fica em casa mesmo.
- c) Bom, então a gente fica mesmo em casa.
- d) Então a gente fica em casa. Que há de fazer?

21) Uma jovem gostaria de estudar medicina. Mas o pai é contra. Ele usa uma série de argumentos. Como a filha não é uma aluna muito boa, o argumento mais forte é que

é extremamente difícil conseguir uma vaga para medicina. No final da conversa, ela se convence de que não faz sentido persistir no seu desejo e diz:

Na gut, dann studiere ich eben nicht Medizin.

- a) Está bem, então não estudo medicina.
- b) Está bem, então não estudo mesmo medicina.
- c) Está bem, então simplesmente não estudo medicina.
- d) Tudo bem, então não estudo medicina.

22) Dois cariocas, que estão atualmente morando em Brasília, estão conversando sobre a cidade. Um deles já se adaptou, enquanto o outro reclama muito, lembrando o que falta a Brasília em comparação com o Rio de Janeiro. Então o primeiro constata (querendo dizer que é assim mesmo, que não há nada a fazer e que o outro sabe disso):

Brasília ist eben nicht Rio.

- a) Brasília não é o Rio.
- b) É assim mesmo, Brasília não é o Rio.
- c) Pois é, Brasília não é o Rio
- d) Bem, Brasília não é o Rio.
- e) Brasília não é mesmo o Rio.
- f) Claro, Brasília não é o Rio.

23) Cláudia conta para uma amiga que sua irmã está subindo na vida, pois fez o doutorado e tem agora um excelente emprego. E Cláudia resume (querendo dar uma explicação e ao mesmo tempo dizer que a inteligência da irmã é um fato indiscutível):

Na ja, sie ist eben sehr intelligent.

- a) Bom, ela é muito inteligente.
- b) Bom, ela é mesmo muito inteligente.
- c) Bom, tem que ver que ela é muito inteligente.
- d) Bom, de fato ela é muito inteligente.
- e) Bom, ela simplesmente é muito inteligente.

24) Um marido, que sempre critica a mulher por não ler o jornal assiduamente e que sabe que ela gosta de balé, diz que houve uma apresentação única de um balé famoso. Ela replica chateada que não sabia. Ele diz então num tom de crítica:

Du liest eben nicht die Zeitung.

- a) Você não lê o jornal!
- b) Pois é, você não lê o jornal!
- c) Claro, você não lê o jornal!
- d) Pois você não lê o jornal!
- e) E isso aí, você não lê o jornal!

25) Uma senhora vai ao dentista. Este constata que vários dentes têm que ser extraídos. Ela pergunta se não existe a possibilidade de salvá-los. O dentista diz que não, que é tarde demais. E em tom de crítica - e mostrando que não há outro jeito - ele conclui:

Sie hätten eben früher kommen müssen.

- a) A senhora deveria ter vindo mais cedo!
- b) Pois é, a sra. deveria ter vindo mais cedo!
- c) A sra. deveria ter vindo mais cedo, viu?
- d) Pois a sra. deveria ter vindo mais cedo!

26) Dois homens de meia idade estão jogando futebol com alguns jovens. Após alguns minutos, eles já estão oregantes. Então, um dos dois, querendo explicar seu estado e mostrando ao mesmo tempo que aceita o fato, diz:

Wir sind eben nicht mehr 20.

- a) Não temos mais vinte anos.
- b) Pois é, não temos mais vinte anos
- c) E isso aí, não temos mais vinte anos.
- d) Pois é, já não temos mais vinte anos.

27) Duas colegas estão conversando sobre sua vida, seu salário, suas dificuldades financeiras e a vida fácil que outras pessoas levam. Finalmente, uma das duas conclui em tom de resignação:

Man müsste eben besser verdienen.

- a) A gente deveria ganhar melhor.
- b) Pois é, a gente deveria ganhar melhor.
- c) E isso aí, a gente deveria ganhar melhor.
- d) A gente deveria mesmo ganhar melhor.

28) Um executivo diz a um amigo que vai deixar seu emprego - um excelente emprego - para viver num vilarejo de pescadores numa praia bem isolada. O amigo retruca que isto é uma loucura. Então o executivo, que não se

importa que o amigo ache isto uma loucura, concorda:

Dann ist es eben Wahnsinn.

- a) Então é loucura.
- b) Bom, então é loucura.
- c) Tudo bem, é loucura.
- d) Então é mesmo loucura.

- 29) A e B estão passeando. A diz que viu ao longe um conhecido dos dois (C). B responde que não pode ser, porque C está viajando. Mas A reafirma ter visto C. B, por sua vez, afirma que A deve ter-se enganado. Então A, desejando evitar uma briga ou uma discussão sobre este assunto sem importância, concorda:

Dann habe ich mich eben geirrt.

- a) Então me enganei.
- b) Bom, então me enganei.
- c) Tudo bem, então me enganei.
- d) Está bem, me enganei.

- 30) Duas jovens conversam sobre seus futuros estudos na universidade. Marta diz que quer estudar geologia. Vânia não compreende isto, achando estranho, e pergunta pelos motivos. Marta responde que também não sabe direito por que quer estudar geologia, e dá como única explicação (insinuando que é assim mesmo e que não há mais nada a explicar):

Es interessiert mich eben.

- a) (Também não sei direito.) Me interessa.
- b) (Também não sei direito.) Simplesmente me interessa.
- c) (Também não sei direito.) Mas me interessa.
- d) (Também não sei direito.) É que me interessa.

- 31) João fala com Dr. Pedro, um conhecido seu, que ocupa um posto importante num órgão qualquer, e pede um emprego. Dr. Pedro sabe que João não é uma pessoa recomendável. Por isso, ele nem quer verificar se há uma possibilidade de empregá-lo. Com bastante franqueza, ele diz que não pode oferecer-lhe nenhum emprego. João pergunta por quê. Então Dr. Pedro - querendo nem mentir nem dizer a verdade - dá como única explicação (insinuando que é assim mesmo e que não há mais nada a explicar):

Es geht eben nicht.

- a) Não dá.
- b) E que não dá.
- c) Simplesmente não dá.

32) Após alguns dias de chuva. Domingo de manhã. O marido já levantou, sua esposa está acordando. Ouvindo um ruído parecido com aquele produzido pela chuva, e temendo que esteja chovendo de novo - porque não gosta de chuva -, ela pergunta:

Regnet's etwa schon wieder?

- a) Está chovendo de novo?
- b) Será que está chovendo de novo?
- c) Não me diga que está chovendo de novo!
- d) Não vai me dizer que está chovendo de novo!
- e) Por acaso está chovendo de novo?

33) Os pais chegam em casa às dez horas da noite. Um dos filhos está no quarto dele, sentado à mesa, escrevendo. Entrando no quarto, o pai - que acharia um absurdo se o filho estivesse fazendo o dever de casa a essa hora, mas ao mesmo tempo teme que seja o caso - diz:

Hast du etwa deine Hausaufgaben noch nicht gemacht?

- a) Você ainda não fez o dever de casa?
- b) Será que você ainda não fez o dever de casa?
- c) Não me diga que ainda não fez o dever de casa!
- d) Não vai me dizer que ainda não fez o dever de casa!
- e) Por acaso você ainda não fez o dever de casa?

34) Numa conversa sobre política e eleições entre pessoas que não se conhecem e, portanto, se tratam com bastante formalidade, Sr. Carvalho, que vai votar no candidato X, percebe que o Sr. Martins defende o candidato Y. Ele - Sr. Carvalho - não gostaria que Sr. Martins votasse em Y, e até acharia isto um grande erro, porque ele considera Y um péssimo candidato. Num tom de reprovação, ele diz:

Wollen Sie etwa Y wählen?

- a) O Sr. vai votar em Y?
- b) O sr. não vai votar em Y, eu suponho.
- c) Será que o sr. vai votar em Y?
- d) Não me diga que o sr. vai votar em Y!
- e) O sr. não vai me dizer que vai votar em Y!
- f) Por acaso o sr. vai votar em Y?
- g) O sr. não vai votar em Y, vai?

- 35) O chefe se lembra que pediu à secretária para escrever uma determinada carta, e quer assiná-la antes de sair. A secretária entra na sala dele, mas sem a carta. Temendo que ela tenha esquecido de escrevê-la, ele diz em tom de repreensão (ou seja, ele insinua que seria uma falha que mereceria uma repreensão):

Haben Sie etwa vergessen, den Brief an Dr. Salles zu schreiben?

- a) A sra. esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles?
- b) Será que a sra. esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles?
- c) A sra. não esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles, eu suponho.
- d) Não me diga que a sra. esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles.
- e) A sra. não vai me dizer que esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles.
- f) Por acaso a sra. esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles?
- g) A sra. não esqueceu de escrever a carta ao Dr. Salles, esqueceu?

- 36) A filha adolescente pede dinheiro à mãe para poder comprar uma calça. A mãe responde que ela (a filha) comprou uma bermuda no mês anterior. A filha retruca que é normal comprar alguma vestimenta uma vez por mês. A mãe, que não concorda e, portanto, reprova a atitude da filha, diz:

Kauf' ich mir etwa jeden Monat Kleidung?

- a) eu compro roupa todo mês?
- b) E eu compro roupa todo mês?
- c) Será que eu compro roupa todo mês?
- d) Por acaso eu compro roupa todo mês?
- e) Não me diga que eu compro roupa todo mês!
- f) Não vai me dizer que eu compro roupa todo mês!

- 37) Uma pessoa A acusa B de ter mentido. B percebe que não é possível negar a acusação. Então, para se defender, B vai para o ataque, insinuando que A também mentiu e que sua própria falta não é tão grave, por ser bastante comum. Ao mesmo tempo, percebe-se agressividade na sua fala. B diz:

Haben Sie etwa noch nie gelogen?

- a) O sr. nunca mentiu?
- b) E o sr. nunca mentiu?
- c) Será que o sr. nunca mentiu?

- d) Por acaso o sr. nunca mentiu?
- e) E o sr. por acaso nunca mentiu?
- f) Não me diga que nunca mentiu!
- g) O sr. não vai me dizer que nunca mentiu!

38) O chefe está aborrecido com a secretária, porque ela usa demais o telefone para conversas particulares. Quando ele vê que ela se dirige de novo ao telefone, ele quer impedi-la, dizendo em tom de reprovação e quase ameaçador:

Wollen Sie etwa schon wieder anrufen?

- a) Não telefone de novo!
- b) Não pense em telefonar de novo!
- c) A senhora não vai telefonar de novo, vai?
- d) A sra. não está pensando em telefonar de novo, está?

39) Na universidade. Numa aula, um estudante tira um maço de cigarros do bolso. O professor, que o percebe, não pretende deixá-lo fumar. Reprovando a provável intenção do estudante, ele diz num tom um pouco agressivo (apesar de usar "por favor"):

Wenn Sie etwa rauchen wollen, gehen Sie bitte hinaus.

- a) Se você quiser fumar, saia da sala, por favor!
- b) Caso você queira fumar, saia da sala, por favor!
- c) Se por acaso você quiser fumar, saia da sala, por favor!
- d) Se você tiver a intenção de fumar, saia da sala, por favor!

40) Duas amigas - Cristina e Suzana - conversam sobre uma festa que vai se realizar na casa de uma outra pessoa. Cristina menciona o nome da nova namorada (Helena) do ex-namorado de Suzana. Suzana não gostaria de encontrá-la de maneira alguma. Só de pensar na possibilidade de Helena ir à festa lhe repugna. Ao mesmo tempo, ela manifesta a esperança de que Helena não esteja convidada. Ela diz:

Wenn Helena etwa eingeladen ist, gehe ich nicht.

- a) Se Helena estiver convidada, eu não vou.
- b) Caso Helena esteja convidada, eu não vou.
- c) Se por acaso Helena estiver convidada, eu não vou.
- d) Se por alguma infelicidade Helena estiver convidada, eu não vou.
- e) Se por acaso Helena estiver convidada - tomara que não - então eu não vou.

- 41) Dois amigos estão conversando sobre filmes. Roberto diz que acabou de ver "O Segredo" e pergunta se Nelson já viu este filme. Nelson diz que sim, e pergunta se Roberto gostou, deixando entrever que ele próprio não gostou muito do filme. Mas Roberto gostou e quer saber se Nelson não gostou, esperando que seu amigo tenha gostado.

(O dialogo inteiro seria assim:

R: Ontem vi "O Segredo". Você já viu?

N: Vi. Você gostou? (Ele mostra que não gostou muito.)

R: .....

Então, nesta situação, Roberto diria:

Ja. Dir vielleicht nicht?

(O verbo subentendido é "gefallen".)

- a) Gostei. Você não?
- b) Gostei. E você não?
- c) Gostei. Será que você não gostou?
- d) Gostei. Não me diga que você não gostou!
- e) Gostei. Você talvez não gostou?
- f) Gostei. Você por acaso não gostou?

- 42) Numa reunião de ministros, um ministro da área econômica é criticado por ter feito uma previsão errada. Como os fatos falam contra ele, ele só pode se defender atacando, isto é, insinuando que aquele que o criticou já se enganou. Ele diz:

Haben Sie sich vielleicht noch nie geirrt?

- a) O sr. nunca se enganou?
- b) E o sr. nunca se enganou?
- c) Será que o sr. nunca se enganou?
- d) Por acaso o sr. nunca se enganou?
- e) O sr. não vai me dizer que nunca se enganou.
- f) O sr. talvez nunca se enganou?

- 43) Um filho pede para a mãe comprar um presente para o aniversário de um amigo. A mãe responde que há um livro novinho em casa e que o filho poderia levá-lo. Ele protesta, porque não quer levar um livro de presente. ("Um livro? De jeito nenhum.") Então a mãe - mostrando que para ela um livro é um bom presente - responde:

Wieso? Ist das vielleicht kein Geschenk?

- a) Por que? Não é um presente?
- b) Como não? Não é um presente?
- c) Por que? Será que não é um presente?
- d) Como não? Você não vai me dizer que não é um presente.

e) Por que não? Por acaso não é um presente?

44) Um casal. Por diversas razões - sobretudo os filhos - Clara não tem curso superior. Após alguns anos de casamento, os dois discutem a possibilidade de ela entrar na universidade. Mas ela não é muito otimista. Então ele, querendo animá-la, lembra que uma amiga, mais ou menos da mesma idade, está estudando agora, e ele insinua que esta não é mais inteligente do que Clara. Ele diz:

Ist die vielleicht intelligenter als du?

- a) Ela é mais inteligente do que você?
- b) E ela é mais inteligente do que você?
- c) Será que ela é mais inteligente do que você?
- d) Por acaso ela é mais inteligente do que você?
- e) Não vai me dizer que ela é mais inteligente do que você!

45) Uma conversa entre duas amigas. Circunstâncias: A saiu pela primeira vez com Pedro. Embora B o conheça, ela não sabe como ele é. A não gostou dele de maneira alguma, achando-o desagradável, chato. Ela começa: "Ontem sai com Pedro", e continua:

Das ist vielleicht ein blöder Heini!

- a) Ele é muito chato.
- b) Ele é uma cara chato.
- c) Mas que cara chato!
- d) Puxa vida! Que cara chato!

46) Dois colegas. A foi pela primeira vez à casa de um terceiro colega. Ele ficou admirado com a beleza da casa. Eis o diálogo:

A: Você conhece a casa do Airton?

B: Não.

A: Eu fui lá ontem. ....

A continua:

Der hat vielleicht ein Haus!

- a) Ele tem uma casa maravilhosa.
- b) Ele tem uma casa... Puxa vida!
- c) Que casa que ele tem!
- d) Puxa vida! Que casa!
- e) Puxa vida! Que casa que ele tem!

- 47) Chegando ao trabalho, A quer logo exteriorizar seu alívio por não ter tido um acidente no caminho. O acidente foi evitado só com muita sorte. Após um "Bom dia" dirigido aos colegas, A diz:

Heute hab' ich vielleicht ein Glück gehabt! Kaum zu glauben.

- a) Hoje tive sorte! Puxa vida!
- b) Hoje tive uma sorte! Puxa vida!
- c) Hoje tive uma sorte! Incrível!

- 48) A assistiu a uma reunião. Ele volta muito insatisfeito, porque, na sua opinião, os outros participantes disseram muitas bobagens. Indignado e aborrecido, ele diz à sua esposa (ou a um colega):

Die reden vielleicht einen Unsinn! Unglaublich.

- a) Eles falam bobagens! Incrível!
- b) Eles falam cada bobagem! Incrível!
- c) Que bobagens que eles falam! Incrível!
- d) Quanta bobagem que eles falam! Incrível!

- 49) Um casal, ou dois amigos, olham a lista de preços de um restaurante. A está muito surpreso e um pouco indignado com os preços altos. Ele diz:

Das ist vielleicht teuer!

- a) Como é caro!
- b) Puxa! Como é caro!
- c) Eles têm cada preço!
- d) Que preços absurdos!

- 50) Duas amigas dirigem-se ao carro de uma delas (B). A vê que o carro está exageradamente sujo. Como ela é amiga íntima de B, ela se permite expressar sua surpresa e uma leve crítica. Ela diz:

Dein Auto ist vielleicht schmutzig!

- a) Teu carro está sujo!
- b) Como teu carro está sujo!
- c) Puxa! Que sujeira!
- d) Puxa! Como teu carro está sujo!
- e) Teu carro está sujo! Puxa vida!

- 51) Uma senhora fala dos seus problemas (seus filhos pequenos estão sozinhos em casa, etc.) a um colega mais velho. Este lhe dá um conselho insensato (p.ex.: "Traz seus filhos ao escritório!"). Indignado com o conselho, ela critica o colega, usando o adjetivo "engraçado" ironicamente:

Sie sind vielleicht lustig!

- a) O sr. é engraçado!
- b) O sr. é muito engraçado!
- c) Como o sr. é engraçado!

- 52) A e B estão passeando. A vê um homem com uma barba de formato muito estranho. Surpreso, ele chama a atenção de B, dizendo:

Guck mal! Der hat vielleicht einen Bart!

- a) Uhe! Que barba!
- b) Olhe só! Que barba!
- c) Puxa! Que barba!
- d) ruxa: Ele tem uma barba!
- e) uine só! Que barba que ele tem!
- f) Olhe! Que barba esquisita!
- g) Olhe só! Ele tem cada barba!

- 53) A esqueceu de ir ao banco. Ele está sem dinheiro, mas não gosta de ficar sem nenhum trocado, sobretudo porque em certas situações não se pode pagar com cheque. Tendo certeza que o colega e amigo B tem a pequena quantia que ele quer, A pede polidamente:

Könntest du mir vielleicht 30 Cruzados leihen? Nur bis morgen.

- a) Você poderia me emprestar 30 cruzados? Só até amanhã.
- b) Você pode me emprestar 30 cruzados? Só até amanhã.
- c) Por acaso você poderia me emprestar 30 cruzados? Só até amanhã.
- d) Será que você poderia me emprestar 30 cruzados? Só até amanhã.

- 54) Recém-chegada a uma cidade grande, A pergunta polidamente a uma transeunte:

Entschuldigung, könnten Sie mir vielleicht sagen, wo der Busbahnhof ist?

- a) Com licença, a sra. pode me dizer onde fica a rodoviária?

- b) Com licença, a sra. poderia me dizer onde fica a rodoviária?
- c) Com licença, por acaso a sra. poderia me dizer onde fica a rodoviária?
- d) Com licença, será que a sra. poderia me dizer onde fica a rodoviária?

55) Na universidade. Um aluno chega atrasado à aula. Entrando na sala, ele deixa a porta aberta. O professor diz polidamente, mas ao mesmo tempo num tom levemente reprovador:

Könnten Sie vielleicht die Tür zumachen?

- a) Você poderia fechar a porta?
- b) Você não poderia fechar a porta?
- c) Será que você poderia fechar a porta?
- d) Feche a porta, por favor!
- e) Por acaso você não poderia fechar a porta?

56) Num ponto de táxi. Um cliente embarca num táxi e diz onde quer ir. Mas o motorista, arrumando algumas coisas, demora a dar a partida. Então o cliente, chateado com a demora, pede ao motorista de maneira indireta ("dando uma indireta") para dar a partida:

Wollen Sie dann vielleicht starten?

- a) O sr. não quer dar a partida?
- b) Será que o sr. vai dar a partida?
- c) Faça o favor de dar a partida!
- d) Quem sabe o sr. quer dar a partida?

FICHA DE RESPOSTAS

Dados do (da) informante

Sexo (M ou F): \_\_\_\_\_

Faixa etária: até 29 anos

acima de 29 anos

Há quanto tempo em Brasília (anos)? \_\_\_\_\_

Estado onde viveu a maior parte de sua vida (sigla): \_\_\_\_\_

Situa- ção	1ª es- colha	2ª es- colha	3ª es- colha	não	Situa- ção	1ª es- colha	2ª es- colha	3ª es- colha	não
1					29				
2					30				
3					31				
4					32				
5					33				
6					34				
7					35				
8					36				
9					37				
10					38				
11					39				
12					40				
13					41				
14					42				
15					43				
16					44				
17					45				
18					46				
19					47				
20					48				
21					49				
22					50				
23					51				
24					52				
25					53				
26					54				
27					55				
28					56				

### APENDICE 3

Visto que, no Brasil, o acesso à literatura sobre as PMs alemãs é muito difícil, apresento aqui mais algumas informações: primeiro, um sucinto histórico das preocupações com essas partículas; em seguida, pequenas resenhas das obras mais importantes ou mais citadas.

#### I. Histórico

##### A) As PMs em obras gerais sobre a língua alemã

1) 1891: GABELENTZ mostra que compreendeu algumas das funções das PMs (a parte da sua obra que trata dessas partículas foi republicada e comentada em WEYDT 1977).

2) 1894: H. WUNDERLICH percebe que as PMs podem expressar, por exemplo, surpresa e servir para entrar em contato com o interlocutor (cf. WEYDT 1969:96).

3) 1921: SCHIRMER, estudando - como WUNDERLICH - a linguagem falada, considera que as PMs fazem com que as expressões fiquem vivazes (cf. WEYDT 1969:96).

4) 1939: SEKIGUCHI, em suas preleções sobre a língua alemã, publicadas em japonês, faz uma análise detalhada da PM *DOCH*. Esta análise foi traduzida e introduzida por K. Ezawa e publicada em WEYDT 1977.

5) 1960: ADMONI, que introduz o termo *Modalwort* na lingüística alemã, também destina um pequeno capítulo às partículas em geral e cita algumas PMs, sem, porém, defini-las ou delimitá-las.

6) 1966: *Der Grosse Duden*, apesar das observações contidas nas obras indicadas até aqui, e apesar dos artigos que começaram a surgir nessa época, não dá muita importância às PMs (cf. HARDEN 1983a:16).

7) 1971: BRINKMANN percebe que as PMs têm a ver com as intenções comunicativas (cf. HARDEN 1983a:16).

8) 1972: ERBEN afirma que as PMs acrescentam um componente emocional aos enunciados.

9) 1972: HELBIG e BUSCHA definem as *Partikeln* sintaticamente e não distinguem as PMs (cf. HELBIG e BUSCHA 1979).

10) 1984: Numa nova versão da sua *Deutsche Grammatik*, HELBIG e BUSCHA dedicam quatorze páginas às PMs, dando breves explicações de cada uma delas.

11) 1988: Num espaço de seis páginas, ENGEL explica sucintamente aquelas partículas que considera como PMs.

##### B) Artigos e obras sobre PMs

1) 1922: GAUGER, incluindo as PMs entre os advérbios, mostra que elas são freqüentes em obras literárias e expressam as emoções (cf. WEYDT 1969:100-1).

2) 1954: COLLINSON compara as PMs com meios de expressão semelhantes no inglês (citado em SCHUBIGER 1972:175).

3) 1960: ARNDT compara as PMs alemãs com as russas, afirmando que elas "complementam a comunicação e facilitam a interpretação da mensagem acima do seu alcance cognitivo, sem possuírem, elas próprias, uma carga semântica" (ARNDT 1960:327).

4) 1962: THIEL considera as PMs como indispensáveis na linguagem falada cotidiana e afirma que elas dão uma coloração, uma nuance adequada à situação e que elas expressam a relação dos interlocutores; em seguida, ele tenta dar uma explicação sucinta de cada uma.

5) 1962: Numa rápida resposta a THIEL, TROGSCH declara que as PMs são meios de controle e sinais auxiliares para a compreensão, de modo que facilitam a manutenção do diálogo.

6) 1963: KRIVONOSSOV publica dois artigos sobre a PM *SCHON* e termina sua dissertação, que só será publicada em 1977 e na qual ele cita vários outros trabalhos já existentes na União Soviética sobre PMs alemãs (cf. KRIVONOSSOV 1977a).

7) 1965: SCHUBIGER tenta mostrar que existe um certo paralelismo entre as PMs alemãs e a entoação emotiva no inglês, dando como exemplos diversas ocorrências de *DOCH* e *DENN*, principalmente. Este artigo foi republicado como SCHUBIGER (1972).

8) 1969: WEYDT, afirmando que não teve acesso à dissertação de KRIVONOSSOV e que seu trabalho foi terminado em 1966, publica a primeira análise abrangente das PMs alemãs.

A partir de 1973, houve tantas publicações sobre PMs que aqui só é possível citá-las, sem, entretanto, pretender a um levantamento completo. Na Bibliografia, só estão listadas aquelas que pude consultar.

- 1973: HARTMANN; SCHNURR  
 1974: HARWEG  
 1975: ASBACH-SCHNITKER; BUBLITZ e RONCADOR;  
 HARTMANN; RATH  
 1976: BUBLITZ; HARTMANN  
 1977: HELBIG; LUTTEN; WEYDT (ed.), contendo 11  
 artigos sobre PMs  
 1978: BUBLITZ; HENNE  
 1979: OPALKA; WEYDT (ed.) com 12 artigos sobre PMs  
 1980: DITTMANN; FRANCK; REITER  
 1981: GORNIK-GERHARDT; WEYDT (ed.), contendo 15  
 artigos sobre PMs  
 1982: BURKHARDT; BURKHARDT; BURKHARDT; DITTMANN;  
 DITTMANN; HENTSCHEL; ROMBOUTS; ROMBOUTS;  
 SCHEMANN  
 1983: BLANKEN; HARDEN; HARDEN; RUDOLPH;  
 RÜTTENAUER; WEYDT et al.; WEYDT (ed.) com 14  
 artigos sobre PMs  
 1984: THUN  
 1985: BASTERT; DOHERTY  
 1986: HARTMANN; HENTSCHEL  
 1987: LERNER  
 1989: WEYDT (ed.) com mais de 25 artigos sobre PMs

Existe também o seguinte trabalho bibliográfico (ao qual não tive acesso):

WEYDT, H. e EHLERS, K.-H. 1987. *Partikelbibliographie: Internationale Sprachenforschung zu Partikeln und Interjektionen*. Frankfurt a.M.

## II. Trabalhos importantes

### 1. KRIVONOSSOV (1977a)

Este primeiro grande estudo sobre as PMs, embora só publicado em 1977, já havia sido terminado em 1963. Trata-se de um trabalho de cunho estruturalista, no qual o autor mostra, principalmente, a distribuição dessas partículas. Através do método da substituição e da transformação (este termo aqui evidentemente não tem nada a ver com a gramática gerativa), ele diferencia as PMs dos seus homógrafos: conjunções, advérbios, etc.

Algumas de suas afirmações são duvidosas ou mesmo erradas, contradizendo as intuições de um falante nativo ou suas próprias definições. Por exemplo, qualquer falante nativo de alemão dirá que em vários dos exemplos citados pelo autor, a palavra classificada como PM deve ser acentuada, enquanto, na definição de Krivonossov, as PMs não são acentuadas. Exemplos: "Also denn, Schroder!" "Bist also doch auf dem Bau, Jupp!" (*op. cit.*:104,126)

O autor afirma também que entre o verbo e a PM não se coloca nenhum elemento acentuado, mas existem enunciados como "Wo kommst du denn her?" com acento primário no *du*.

Apesar dessas falhas, as descobertas de KRIVONOSSOV, sobretudo a respeito das posições em que as PMs podem ocorrer, são muito valiosas.

O lingüista russo dá muita importância à interdependência entre as PMs e a entoação, acreditando que as partículas, que, por definição, não são acentuadas, estão sempre perto do verbo e na mesma altura de tom que este, formando com ele uma "palavra fonética", isto é, uma unidade (*op. cit.*:84,240,314). Mas numa nota (*ibid.*, 241), o autor reconhece que, quando a partícula está no final do enunciado, "o verbo e a PM não são falados na mesma altura de tom e a PM recebe um acento secundário". Isto, segundo KRIVONOSSOV, não contradiz a sua teoria, mas "está em acordo com a lei das sílabas finais no alemão".

Ainda segundo o lingüista russo, com o uso de uma PM a entoação necessariamente muda, de sorte que ela - a PM - é "um sinal que indica a presença de uma entoação emocional específica, a qual, por sua vez, é ligada organicamente ao significado subjetivo-modal correspondente a esta entoação" (*ibid.*: 244).

Uma outra observação interessante é que a PM é um tipo de fronteira entre tema e rema: À esquerda dela se encontra o tema, à direita, o rema (*ibid.*: 283).

Embora KRIVONOSSOV tenha admitido a importância da situação, do contexto, para a análise das PMs, ele só estudou enunciados isolados. No final do seu trabalho, ele recomenda que se pesquisem tanto o papel das PMs em unidades maiores que o enunciado quanto seus diversos significados (*ibid.*: 316-8), já que ele próprio se limitou a descobrir as ocorrências de PMs e a constatar algum significado subjetivo-modal, sem especificá-lo.

## 2. WEYDT (1969)

Este foi o segundo trabalho abrangente sobre as PMs. Tendo-o redigido já em 1966, o autor não tinha conhecimento de KRIVONOSSOV (1977a).

WEYDT parte de uma comparação estilística entre as línguas alemã e francesa, constatando que naquela usam-se muito mais partículas do que nesta, tanto PMs - ou elementos semelhantes - quando conjunções e outras partículas. Além de algumas considerações históricas e outras acerca da tipologia das línguas, ele inclui também um capítulo sobre as partículas no grego, mas a parte principal do livro é dedicada ao estudo das PMs alemãs.

Ao contrário de KRIVONOSSOV, ele não se preocupa com a distribuição de todos os homógrafos das PMs; apenas menciona que eles existem e mostra que há homógrafos acentuados, enquanto as PMs geralmente não são acentuadas.

Quanto à distribuição, WEYDT mostra primeiro em que tipos de enunciados determinadas PMs podem ocorrer, para depois esclarecer quais as diferenças de significado provocadas por cada uma das partículas. Em seguida, ele tenta descobrir o significado geral, utilizando-se, como na etapa anterior, da sua intuição de falante nativo. Segundo WEYDT, "há um número limitado de padrões sentenciais nos quais pode ocorrer uma PM, e um número limitado de significados que a PM pode ter, sendo estes significados determinados pela presença ou ausência de certos sinais do contexto" (*op.cit.*:44). Portanto, ao contrário de KRIVONOSSOV, ele se preocupa com os significados das diversas PMs, reconhecendo, entretanto, que seriam necessárias análises mais detalhadas de cada uma delas (*ibid.*:81).

Também a respeito das funções das PMs ele vai um pouco além das constatações do autor russo, percebendo que, ao lado da função semântica - na qual elas deixam transparecer uma determinada atitude ou emoção do falante - elas têm uma função "comunicativa" (*ibid.*:90). Por este termo ele entende aparentemente aquilo que Malinowski chamou de comunhão fática e que se explica pelo "comportamento social" dos interlocutores. É por causa dessa função que as PMs são usadas principalmente na linguagem falada (*ibid.*:102).

Uma outra constatação - que seria retomada posteriormente por outros autores - é que as PMs não servem apenas para expressar atitudes ou emoções, mas revelam também o desejo do falante de que o interlocutor as compartilhe (*ibid.*:60ss.). As PMs "contêm um elemento que o

ouvinte pode considerar como sendo dirigido para ele: o conteúdo subjetivo diz respeito menos à coisa do que àquele que a ouve" (*ibid.*:91).

WEYDT assinala ainda que "freqüentemente a partícula se refere diretamente à fala anterior do interlocutor" (*ibid.*). Mas o autor não empreende, na obra citada, nenhum estudo nessa direção.

### 3. HELBIG (1977)

Este artigo é uma sucinta apresentação das PMs. O autor as define e as delimita, fazendo, além disso, uma breve análise distribucional. Frisando a importância dessas partículas para a interação e considerando-as como indicadores ilocucionários, HELBIG, em seguida, explica rapidamente os significados de quinze PMs, a maioria delas com várias variantes. Mas ele não explica, nesta parte, em que medida elas são indicadores ilocucionários. Embora ele tenha definido o ato ilocucionário - baseando-se em Austin e Searle - como "o ato de fala ligado ao enunciado verbal na interação social" (*op.cit.*:34) e dê como exemplos "advertência", "pergunta", "conselho", "ameaça", aparentemente ele considera como ilocução aquilo que BUBLITZ (1978) chamou de *Sprechereinstellung*, englobando intenções, atitudes e emoções do falante. Isto é, na concepção de HELBIG, a ilocução é muito mais nuançada do que em Austin ou Searle. Veja, por exemplo, as seguintes explicações de alguns dos "indicadores ilocucionários": *AUCH*, em uma de suas variantes, "indica uma dúvida... freqüentemente até com uma nuance ameaçadora"; *ETWA* "quer sugerir ao ouvinte que ele não responder negativamente"; *VIELLEICHT* "expressa uma surpresa sobre um fato considerado fora do comum...". Vários outros autores, posteriormente, referiram-se a este artigo de HELBIG (cf. HINRICHS 1979:257; SANDIG 1979:89), sem, contudo, explicitar esta concepção diferente do ato ilocucionário.

### 4. LÜTTEN (1977)

Nesta Dissertação de Doutorado de mais de 600 páginas - um terço dos quais contém enunciados do corpus analisado - a autora discute longamente o problema da classificação das palavras, especialmente das partículas, e da especificidade da linguagem falada, para, em seguida, analisar 31 partículas, entre as quais as PMs. O conjunto de 31 partículas foi obtido pela soma de todos os vocábulos considerados como partículas pelos autores KRIVONOSSOV (1977a), WEYDT (1969), ARNDT (1960) e SCHWANZER (1965). Embora este procedimento possa parecer duvidoso, a autora explica que estabelece as seguintes condições para um vocábulo ser incluído no rol das partículas: 1º) ser morfologicamente curto e não flexionável; 2º) não ser nem interjeição nem preposição nem nitidamente conjunção ou advérbio; 3º) ser polifuncional (*op. cit.*: 184).

Como corpus, a autora usa os textos publicados nos volumes 1 e 2 de *Texte gesprochener deutscher*

*Standardsprache*, isto é, transcrições de conversas autênticas, principalmente de discussões. Neste corpus, Lütten observa a frequência de todas as partículas (*ibid.*: 187-99) e verifica sua função em vários tipos de textos (*ibid.*: 402-611). Mas para explicar as diversas funções de cada partícula, a autora apresenta enunciados exemplares, tirados de dicionários, ou imaginados (*ibid.*: 213-318).

Em uma ou duas funções, algumas das partículas são PMs, mas a autora não usa este termo. Ela dá uma explicação específica em cada caso. Por exemplo, *ABER* (enquanto PM) é "expressão de surpresa", *DOCH* ocorre "em desejos, pedidos, ordens" ou é "um recurso à base comum (de conhecimentos)" (*ibid.*: 301-1; cf. *ibid.*: 371s.).

A autora acredita que, para descrever ou explicar as funções das partículas, não seja necessário recorrer a conceitos como "intuição subjetiva" do falante. Para ela, a função pode ser apresentada como um "fenômeno baseado nas relações entre o falante e o ouvinte" (*ibid.*: 317).

O quadro teórico deste exaustivo trabalho é a Teoria dos Atos de Fala, e LÜTTEN tenta mostrar que certas partículas ocorrem tipicamente em determinados atos de fala (*ibid.*: 308). Algumas partículas - PMs - modificam o ato de fala ("*Pervertierung der primären Sprechakt-Intention*" - *ibid.*).

A autora afirma que, de todas as partículas analisadas, apenas *doch*, *eben* e *ja* podem ser consideradas como formando um grupo específico, a saber o grupo das "*Konsensus-Konstitutiva*". Segundo LÜTTEN, estas partículas servem para constituir o consenso entre os interlocutores, ou elas mostram que o falante recorre a conhecimentos compartilhados por ele próprio e pelo ouvinte (*ibid.*: 268-81).

##### 5. BUBLITZ (1978)

Este trabalho já foi concluído - como Dissertação de Doutorado - em 1975 (cf. BUBLITZ 1976:209). Trata-se de um estudo contrastivo, no qual o autor analisa primeiro a maioria das PMs alemãs, junto com seus homógrafos, e depois vários meios lingüísticos do inglês, usados para expressar a atitude do falante. No capítulo final, ele compara esses meios, mostrando sucintamente de que maneira atitudes como "abrandamento", "ênfase", "surpresa", "expectativa quanto à resposta" ou "concordância" são expressadas nas duas línguas (1978:212ss.).

O quadro teórico dentro do qual BUBLITZ faz suas análises é o da lingüística pragmática. O autor aplica tanto as teorias dos atos de fala de Austin e de Searle quanto as das pressuposições pragmáticas de Stalnaker, dos "*sous-entendus*" de Ducrot e da implicatura conversacional de Grice. Ele adota também a "análise performativa" de Ross, admitindo, contudo, que "conhecer o verbo performativo não significa saber por inteiro qual é a verdadeira função - o papel ilocucionário - do enunciado. (...) O papel ilocucionário de um enunciado não resulta apenas da semântica do verbo performativo, mas da presença de

múltiplos indicadores, dos quais fazem parte, por exemplo, as suposições do falante." (*ibid.*: 13).

#### 6. FRANCK (1979a)

Na parte maior desta Dissertação, a autora faz uma análise das conversas naturais, discutindo os diversos fatores que têm que ser levados em conta quando se quer interpretar os enunciados de um diálogo.

Na sua proposta, ela integra a Teoria dos Atos de Fala (Austin, Searle) e procedimentos interpretativos como a implicatura conversacional (Grice) às descobertas dos analistas da conversação (Sacks, Schegloff) e dos interacionistas (Goffman).

No que diz respeito aos atos de fala indiretos, ela considera que as colocações de Searle são insuficientes ou imprecisas, visto que o assunto é muito mais complexo do que parece nos trabalhos desse autor. Para Franck, sempre é preciso levar em consideração o contexto, não somente nos casos em que o enunciado não é interpretável fora do contexto (*op.cit.*: 147). O contexto interacional sempre é necessário, porque é na interação que os enunciados ganham seu verdadeiro sentido (*ibid.*: 149). FRANCK critica também que, em Searle, cada enunciado representa um determinado ato de fala, enquanto para ela, freqüentemente, é impossível decidir qual é o ato de fala pretendido pelo falante. Por exemplo, quando alguém diz no telefone "Estava pensando se vou te fazer uma visita", não está claro - talvez nem para o falante - se se trata de um pedido ou de uma pergunta (*ibid.*: 147). Uma outra observação de FRANCK é que, em muitos casos, um certo tipo de enunciado é tão comumente usado para realizar um ato de fala "indireto" que não faz mais sentido usar esse rótulo. Por exemplo, "Você poderia me passar o sal?" praticamente sempre é um pedido, não uma pergunta. A autora chama tais enunciados de "semi-conventionais" (*ibid.*: 151).

Na outra parte da Dissertação, FRANCK analisa algumas PMs. Isto se explica pelo fato de que esses vocábulos são elementos típicos da conversação, devendo ser interpretados tanto como indicadores ou modificadores da ilocução quanto na sua função dentro da "organização conversacional" e das "estratégias interacionais" (*ibid.*: 109).

É preciso chamar a atenção do leitor à concepção diferente do conceito de "ilocução" e a algumas indefinições no referido trabalho. Segundo FRANCK, a ilocução é aquele "potencial, em termos de ato de fala, que é indicado linguisticamente" (*ibid.*: 17), ela é o "potencial de tipos de ato de fala" (*ibid.*: 90-1), além de ser o "aspecto relacionado com a interação" (*ibid.*: 17). A ilocução é distinta da "função comunicativa", a qual é o verdadeiro sentido do ato de fala dentro de um determinado contexto. Quando ilocução e função comunicativa coincidirem, tem-se um ato de fala direto (*ibid.*: 15).

Portanto, um determinado enunciado contém elementos lingüísticos que permitem que ele possa tornar-se

diversos atos de fala, dependendo de elementos do contexto (é por isso que FRANCK usa a expressão "potencial de tipos de atos de fala"). Por exemplo, um enunciado que tem a estrutura gramatical de uma pergunta pode realmente ser uma pergunta, isto é, um pedido de informação - nesse caso, trata-se de um ato de fala direto -, ou ele pode ter a "função comunicativa" de uma ordem, sendo então um ato de fala indireto.

Percebe-se que esta concepção da ilocução é diferente da de SEARLE (1965:142), para quem a "força ilocucionária" é aquilo de FRANCK considera como "função comunicativa"; ou seja, em SEARLE um enunciado tem uma força ilocucionária determinada: de um pedido, uma ordem, um conselho, etc. (SEARLE 1979:2-3). Para a autora alemã, ao contrário, a ilocução é algo de indeterminado, de vago (*op. cit.*: 126).

Embora ela aliste diversos indicadores ilocucionários (*ibid.*: 98), em nenhum lugar ela revela como se sabe qual é a ilocução de um determinado enunciado. Ou melhor, parece que os indicadores ilocucionários básicos - principalmente os tipos de sentenças: declarativa, interrogativa, imperativa - determinam a ilocução (*ibid.*: 125-6), mas não fica claro em que medida os outros indicadores influem.

Visto que a ilocução não é o verdadeiro significado do ato de fala - isto é, aquilo que o falante quer comunicar - os indicadores ilocucionários, ao contrário dos *illocutionary force indicating devices* de Searle, não indicam este significado, esta "função comunicativa". Em FRANCK, os indicadores ilocucionários, logicamente, apenas indicam a ilocução, a qual só se torna um ato de fala específico num contexto específico.

No que diz respeito às PMs, a autora menciona algumas características sintáticas e semânticas, sem, entretanto, definir ou delimitar estas partículas. Ela considera como PMs: *ABER, AUCH, BLOSS, DENN, DOCH, EBEN, EIGENTLICH, EINFACH, ETWA, HALT, JA, MAL, NUR, RUHIG* e *VIELLEICHT*.

Estes vocábulos - com exceção de *ABER* e *VIELLEICHT* - são analisados, alguns mais, outros menos detalhadamente, levando-se em conta: 1º) as condições conversacionais (estudando-se, por exemplo, se o uso da PM é limitado pelo *move* anterior, ou se ela tem uma influência sobre o *move* posterior); 2º) limitações no enunciado que contém a PM (por exemplo, limitações impostas pelo tipo de sentença); 3º) o contexto interacional (por exemplo, a relação entre falante e ouvinte e as modificações resultantes do uso da PM); 4º) pistas de interpretação (aplicando-se, por exemplo, as máximas de conversação) (*ibid.*: 169-70).

No caso da PM *DOCH*, por exemplo, tal análise permite distinguir diversas variantes. Quanto aos homógrafos desta PM, a autora considera que, embora eles possam ter a mesma origem, eles devem ser tratados como itens lexicais diferentes (*ibid.*: 172).

## 7. HARDEN (1983a)

HARDEN trilha, sozinho, um caminho diferente, o qual, entretanto, já foi mostrado por WEYDT num artigo sobre partículas parecidas com as PMs (WEYDT 1979). Trata-se da aplicação da teoria do campo lexical ao estudo das PMs.

Neste trabalho, escrito em 1981 (cf. HARDEN 1983b: 178), o autor examina as ocorrências de *EIGENTLICH* e *ÜBERHAUPT* em diversos tipos de enunciados - assertivos, interrogativos com e sem pronome interrogativo, diretivos - e em diversas posições dentro de cada tipo. Para cada possibilidade de ocorrência assim verificada, ele estabelece, usando sua competência de falante nativo (cf. *op.cit.*: 93), traços marcantes ou distintivos (*features*), que se verificam no significado das duas PMs. Esses traços correspondem aos "semas" daqueles vocábulos que possuem significado lexical - que as PMs alemãs não têm. Para *EIGENTLICH* e *ÜBERHAUPT*, HARDEN descobre os traços "+ -foco", "+ - extensão", "+ - casual", "+ - agressivo", "+ - ênfase", "+ - oferta", "+ - recusa", "+ - leve surpresa".

Depois de tê-los estabelecido separadamente para cada uma das PMs, ele compara os conjuntos de traços, obtidos para ambas nas suas diversas ocorrências, constatando as coincidências e as diferenças. Em seguida, os resultados - conseguidos na análise de enunciados imaginados - são aplicados a enunciados autênticos, extraídos de um corpus já publicado.

Como diz o autor na conclusão (*op.cit.*: 121), a análise pode ser útil para os tradutores; pois, sabendo que em certo tipo de enunciado uma PM possui determinados traços, eles podem, e devem, procurar na língua-meta vocábulos ou expressões que tenham os mesmos traços.

Na verdade, uma análise detalhada como a de HARDEN é importante não só para tradutores, mas para a compreensão e explicação das PMs em geral.

Há algumas críticas a fazer a este trabalho.

Embora o autor esteja consciente da importância do contexto e da entoação, ele não as leva em conta. Quanto afirma que a entoação pode mudar o significado em determinado caso, ele não diz que tipo de entoação seria esta.

Para cada possibilidade de ocorrência - por exemplo, em posição inicial num enunciado assertivo - ele só dá um exemplo. Se verificasse mais, em outros contextos, talvez descobrisse outros traços distintivos.

O autor compara *EIGENTLICH* e *ÜBERHAUPT* com vocábulos e expressões - inclusive a PM *DENN* - parcialmente sinônimas, considerando-as como "vizinhos de campo" (*field neighbours*) (*op.cit.*:89), sem, todavia, tê-las analisado ou explicado.

Em alguns detalhes da análise, pode-se discordar das afirmações do autor, o qual, aliás, reconhece que às vezes elas são especulativas (*op.cit.*: 99-100).

Entretanto, tudo isto não diminui o mérito e a importância do trabalho empreendido.

## 8. DOHERTY (1985)

Embora esta obra se origine no interesse da autora em examinar PMs, ela trata, como indica o título (*Epistemische Bedeutung*) mais do significado epistêmico - ou "significado posicional" - em geral do que das partículas propriamente ditas.

As idéias centrais de DOHERTY já foram expostas no final do item 2.4. Cabe acrescentar que a autora analisa, entre as PMs - que ela chama de "partículas atitudinais" (*"Einstellungspartikeln"*) - apenas *DOCH*, *ETWA*, *DENN*, *JA* e *WOHL* e combinações como *JA DOCH*, *DOCH WOHL*, *DOCH NICHT ETWA*, sendo que as formas acentuadas desses vocábulos também são consideradas como PMs. Essas partículas são estudadas na sua ocorrência dentro de vários tipos de sentenças. Também são examinados outros "meios de expressão posicionais" (*positionale Ausdrucksmittel*): advérbios epistêmicos, verbos modais e o imperativo.

Quanto às PMs, a autora objetiva mostrar: 1<sup>o</sup>) que elas têm um significado básico, invariável; 2<sup>o</sup>) que as restrições de uso são devidas ao contexto epistêmico, isto é, aos diversos tipos de sentenças e à ocorrência de outros "meios de expressão posicionais".

Por exemplo, para *DOCH*, DOHERTY descobre o significado básico:

Ass' ( $E_S(p)$ ) e IM ( $neg_X(p)$ )

o que significa que, quando esta PM ocorre, faz-se quer uma asserção quer uma não-asserção (ambas expressadas por "Ass'") a respeito de uma atitude do falante ( $E_S$ ) perante  $p$ , e que está implícita (IM) uma atitude oposta de alguém ( $neg_X$ ) (op.cit.:71).

A autora não examina as diferenças existentes entre as diversas variantes das PMs. Deste modo, ela não contribui para sua compreensão e possível tradução. Constata ela apenas: "Depende do contexto lingüístico restante e do contexto extralingüístico, a que fim ilocucionário esta constelação de atitudes [isto é, ob significado básico ou posicional das PMs - HAW] é usada." (*ibid.*: 74)

Sem dúvida, a obra de DOHERTY é muito interessante e abre novas perspectivas, mas além da limitação mencionada - a saber, a pouca utilidade para trabalhos como o presente - deve ser observado que a aceitabilidade de certas sentenças, da qual dependem afirmações sobre o significado posicional, em alguns casos é duvidosa, como em "*Ist Konrad nicht etwa verreist?*" e "*Konrad ist nicht etwa verreist?*" (*ibid.*: 74). Também não está claro por que uma sentença como "*Konrad ist verreist?*" (Conrado viajou?) implicaria a asserção de alguém ("Conrado viajou") e a atitude oposta (isto é, "Conrado não viajou") do falante, o que a autora expressa pela seguinte notação: IM ( $Ass(pos_{\text{não-s}}(p))$ ) e  $neg_S(p)$  (*ibid.*: 40). O fato de a pergunta citada não ter, em alemão, a estrutura das sentenças interrogativas, mas ser uma sentença declarativa com entoação de pergunta, não significa que o falante pense ou deseje que não- $p$ , isto é, que Conrado não tenha viajado.

## 9. HENTSCHEL (1986)

A autora examina as PMs alemãs sob vários aspectos. No intuito de comprovar que as variantes e os homógrafos de cada PM têm um significado básico em comum, ela faz um estudo etimológico, tomando como exemplos: *JA*, *DOCH*, *EBEN* e *HALT*. Este estudo mostra não só a origem comum das diversas variantes como também o fato de que esses vocábulos já foram usados como PMs no antigo e no médio alto alemão.

Na opinião da autora, as PMs, em geral, têm uma função dêitica, referindo-se não a pessoas, lugares ou épocas, como outros elementos dêiticos ("eu", "aqui", "agora", etc.), mas à situação de fala, de modo que HENTSCHEL as considera como "dêiticos metacomunicativos" (*metakommunikative Deixis*). Elas revelam "o estado emocional do falante e a maneira da qual este relaciona seu enunciado com o contexto, com as falas do interlocutor e com suas [do falante - HAW] suposições a respeito do estado emocional, dos conhecimentos, opiniões, etc. do outro" (*op.cit.*:278).

Através do estudo das posições em que as PMs podem ser colocadas nos diversos tipos de sentenças, HENTSCHEL mostra ainda que estas partículas são um valioso indicador do rema, já que elas ocorrem geralmente antes deste.

Usando como corpus, principalmente, o volume 3 de *Texte gesprochener deutscher Standardsprache* (= FUCHS e SCHANK 1975), a autora faz também um estudo de freqüência das PMs e afirma que o número destas partículas aumenta com o grau de intimidade (*Privatheitsgrad*) das conversas.

No final, é feita uma análise de uma conversa real, onde são interpretadas as ocorrências de várias PMs.

Embora HENTSCHEL não trate de todas as PMs em detalhe, seu trabalho é de grande valor e abrangência, participando ao leitor muitas novas descobertas, sobretudo em relação à etimologia dos quatro vocábulos citados e à caracterização das PMs como dêiticos metacomunicativos e como indicadores do rema.

## APENDICE 4

### O TRATAMENTO DISPENSADO AS PMS EM PORTUGUÊS

Neste Apêndice, quero mostrar que as PMS têm sido tratadas de maneira insuficiente em todas as obras às quais um aluno sem domínio do alemão tem acesso.

#### 1. Dicionários

Na parte alemão-português do dicionário mais difundido - *Langenscheidts Taschenwörterbuch* -, o consulente não encontrará nenhuma explicação de que as PMS constituem um grupo de vocábulos com determinadas características. Em nenhum caso é dito que o vocábulo procurado (*aber, auch, bloss, etc.*) pode ser um tipo de palavra diferente do seu homônimo. O que, no máximo, se acha é a tradução de algumas expressões em que são usadas essas PMS. Assim, o consulente apenas compreenderá - e saberá como traduzir - aquelas expressões, mas não entenderá o significado geral da PM procurada. Alguns exemplos:

Wo ist er denn?	onde é que está
Sie wissen doch	você sabe muito bem; então não sabe que...?
ich habe ja schon	mas eu já
sei ja vorsichtig	não deixes de ter cautela

Tudo o que foi afirmado acima aplica-se também ao *Dicionário de Alemão-Português* (Schau, s.d., 1985?), embora esta obra seja bem mais volumosa. Visto que, aparentemente, ela foi publicada em 1985, o autor poderia ter aproveitado os estudos existentes sobre as PMS. Mas a única diferença em relação a *Langenscheidts Taschenwörterbuch* é que há um maior número de expressões com PMS, sem que estas sejam marcadas como tais.

Exemplos:

er will eben nicht	é que ele não quer
ich sagte es ja	eu não o dizia?
es wird schon gehen	a coisa arranja-se

Não é minha intenção fazer uma crítica detalhada das traduções propostas nesses dicionários. Apenas quis mostrar que, em relação às PMS, elas são praticamente de nenhuma utilidade, já que das numerosas possibilidades de ocorrência das partículas - com significados e traduções diferentes - são escolhidas somente algumas, arbitrariamente e sem levar em conta as diferenças de acentuação (p.ex. em "sei ja vorsichtig" a PM é acentuada).

#### 2. Gramáticas

Das gramáticas alemãs publicadas em português (POTT 1973, FLEISCHER e ROSENTHAL 1977, PIRES 1979, LUSCHER e SCHÄPERS 1982, WELKER 1984), apenas WELKER dedica um capítulo - mais exatamente um apêndice - às PMS. Em FLEISCHER e ROSENTHAL, aparece *ETWA* entre os advérbios de modo, sendo traduzido por "porventura". Em POTT, também no

capítulo sobre advérbios de modo, há uma nota acerca de *JA*: "Muito usado como uma partícula de reforço e de expressão coloquial: *Ich habe es ja gleich gesagt.* Eu disse isto mesmo logo na hora."

WELKER (1984), que se baseou em KEMME (1979), apresenta primeiro uma definição - bastante superficial - das FMs: "Trata-se de partículas muito usadas na linguagem falada, nas conversas cotidianas, mas que, na maioria das vezes, não podem ser traduzidas de maneira adequada e simples. Elas expressam ou revelam a atitude do falante em determinadas situações." (*op.cit.*:111)

Em seguida, 16 FMs são explicitadas uma a uma, sendo apontadas, geralmente, várias funções. Porém, o autor não apresenta nenhuma tradução dos exemplos dados, e, devido à brevidade com que este complexo assunto é tratado, não faz uma análise detalhada das partículas. De qualquer modo, esta obra é pouco difundida.

### 3. Livros Didáticos

Evidentemente levarei em consideração apenas aqueles livros que contêm explicações em português ou são acompanhados de glossários alemão-português.

#### a) *Deutsch 2000. Glossar Deutsch-Portugiesesch* (1973)

Nas frases alemãs deste glossário, aparecem *ABER*, *DENN*, *DOCH*, *EBEN*, *EIGENTLICH*, *JA*, *MAL* e *WOHL*, num total de 23 ocorrências. Nas raras tentativas de tradução das partículas, são propostas "afinal" (para *DENN* e *EIGENTLICH*), "então" (para *DOCH*), "lá" (para *MAL*) e "pois" (para *EBEN*).

#### b) *Aufbaukurs Deutsch* (1976-1978) (=RAUTZENBERG e RAUTZENBERG)

Os outros livros didáticos examinados aqui são empregados no ensino para principiantes, nos três primeiros semestres de aprendizagem. *Aufbaukurs Deutsch* é, entre aquelas que têm explicações em português, o único que se destina ao nível intermediário, isto é, ao ensino a partir do quarto até o sétimo semestre, aproximadamente. Portanto, ele não pode ser comparado aos outros.

Espalhados pelos dois primeiros volumes, há alguns exercícios com FMs, e nas "Observações gramaticais" encontram-se explicações sumárias de *DOCH*, *EBEN*, *EIGENTLICH*, *MAL*, *SCHON* e *WOHL*, assim como traduções dos enunciados nos quais estas partículas são empregadas. Levando-se em conta que essa obra se destina a alunos até o sétimo semestre, pode-se afirmar que não foi dada a devida importância ao fenômeno das FMs, visto que foram explicadas somente seis partículas, geralmente apenas em uma de suas funções.

Por outro lado, são propostas traduções de enunciados com FMs não somente nas "Observações gramaticais", mas também nos glossários dos três volumes. Exemplos:

Dann muss er eben allein gehen.  
Então ele vai ter que ir sozinho mesmo (Vol. 1, p.42)

Du bist ja ganz schön nass geworden.  
Mas você ficou bastante molhado. (Vol. 1, p. 98)

Lass nur.  
Pode deixar. (Vol. 1, p. 99)

Das war aber auch dumm von dir.  
Mas foi bobagem sua. (Vol. 1, p. 170)

Sie haben es aber gemütlich hier.  
Mas a senhora tem a casa muito aconchegante. (Vol. 2, p. 208)

Es interessiert mich halt.  
Sei lá, simplesmente me interessa. (Vol.3, p.263)

**c) *Ganz leicht ist es nicht* (1977) (= ARON et al.)**

Neste livro para principiantes, com diálogos repletos de PMs, há explicações em português, mas nenhuma sobre as rns.

No glossário, as PMs são apenas indicadas como tais, a saber, como "partículas expletivas". Exemplo: "denn - pois, então; (partícula expletiva)". Além de *DENN*, são consideradas como "partículas expletivas": *DOCH*, *EBEN*, *GANZ*, *JA*, *HAL*, *NUN*, *NUR*. Em notas de pé de página, são traduzidos alguns enunciados que contêm PMs, mas não são sugeridas equivalências para as partículas, a não ser em "Das ist doch allerhand! - Isto já é demais!" (p. 45).

**d) *Kleine kontrastive deutsche Grammatik für Brasilianer* (s.d.) (=BAETHGEN et al.)**

Este livro, elaborado para acompanhar *Deutsch als Fremdsprache. IA*, contém uma parte "Morfologia e Sintaxe" e uma parte "Expressões Idiomáticas". Nesta segunda parte, acham-se traduções de enunciados alemães, alguns dos quais com PMs, e nestes casos há observações sobre estas partículas, que são designadas como "partículas de realce". São explicadas *DOCH*, *EBEN*, *HALT*, *JA* e *WOHL*, mas não *DENN*, embora esta PM apareça em dois enunciados. Salvo no caso de *EBEN* ("EBEN é uma partícula de realce que indica certa resignação: pois é, o que vou fazer, etc."), não há nenhuma tentativa de traduzir estas partículas.

**e) Curso Básico de Alemão (1983) e *Deutsch für Brasilianer* (1989) (=WELKER)**

Em ambos os livros, há explicações em português e um glossário. Nos dois glossários, as PMs não são traduzidas, mas apenas indicadas como tais; p.ex.: "denn - (partícula modal)". Nas explicações das lições 4 e 5,

respectivamente, há umas breves observações sobre as PMs em geral e sobre *DENN*, *DOCH*, *MAL* e *JA*: "Na linguagem falada usam-se muitas 'partículas modais' ('Modalpartikeln'). (...) Elas transmitem alguma mensagem ou expressam a atitude do falante. (...) 'Mal' é usado sobretudo quando se quer amenizar o tom de uma ordem (...)" As únicas tentativas de tradução ocorrem no glossário do segundo volume de *Deutsch für Brasilianer*: "wohl - (partícula modal que expressa a idéia 'suponho que')", "ja wohl - (partículas modais: certamente... não é?)". A respeito de *EIGENTLICH*, indicado como PM, não há nenhuma explicação.

f) *Themen 1. Glossar Portugiesisch (Brasilien)*  
(1987) (=OLIVEIRA e VOORSLUYS)

Este glossário contém não somente a tradução de palavras, expressões e enunciados, como também algumas explicações gramaticais. Porém, não há nenhuma observação sobre as PMs em geral. Nas traduções, num total de doze ocorrências de PMs (um número pequeno diante da abundância dessas partículas nos diálogos), apenas quatro vezes menciona-se o fato de que ocorre uma "ênfase" em alemão (nos casos de *DENN*, *DOCH* - duas vezes - e *NUN MAL*), o que, aliás, não é correto, pois nem *DENN* nem *NUN MAL* são enfáticos. As partículas *ABER*, *BLOSS*, *EIGENTLICH*, *MAL* e *ÜBERHAUPT* não são indicadas como tais.

g) *Sprachbrücke* (1988, 1989)

Este é o primeiro livro de ensino para principiantes que dedica uma parte de uma lição exclusivamente às PMs. Na verdade, esta lição (14), que é a penúltima, deve ser estudada não antes do quarto semestre, ou seja, mais ou menos no mesmo estágio do aprendizado em que as PMs começaram a ser explicadas no *Aufbaukurs Deutsch*.

No livro-texto (MEBUS et al. 1988), há duas páginas sobre *EIGENTLICH*, *JA* e *MAL* - simplesmente chamados de *Partikeln* - e alguns exercícios sobre essas partículas. No *Arbeitsbuch* (BORNEBUSCH e HARDEN 1989), também são dedicadas duas páginas às mesmas PMs - chamadas agora de "partículas modais" - e são oferecidos mais exercícios, além de explicações em português. E a primeira vez, nos livros citados neste capítulo, que se menciona o fato de que em português a entoação pode assumir o papel das PMs.

No livro-texto, partículas - não somente as três mencionadas, mas também *ABER*, *DENN*, *DOCH*, *EBEN*, *NUR*, *RUHIG* e *WOHL* - aparecem desde a primeira lição. Por isso, os autores do glossário (EMMEL e SILVA 1989) citam e traduzem muitos enunciados com PMs, 47 ao total. Em 17 das 47 ocorrências, as partículas são traduzidas de alguma maneira; na maioria das vezes, por "mas" (para algumas ocorrências de *ABER*, *DENN*, *DOCH*, *JA*). Visto que, no livro-texto e no livro de exercícios, as PMs só são explicadas na lição 14, surpreende que no glossário são dadas explicações apenas em dois casos, para *DENN* e *DOCH*, de modo que o aluno não fica sabendo que os outros vocábulos também são PMs.

## APENDICE 5

### As PMs em traduções de obras de ficção.

Neste Apêndice, quero mostrar como as PMs foram traduzidas em obras literárias.

Para verificar quais soluções foram encontradas, comparei os originais alemães e suas traduções para o português de um conto e de cinco romances, dois dos quais são do mesmo autor e suas traduções feitas pela mesma tradutora. Esta também traduziu o terceiro romance. Evidentemente, seria melhor se pudessem ser comparadas mais traduções. Infelizmente, as outras obras das quais existem traduções e que estão à minha disposição quase não contêm PMs.

#### a) *Das Brot der frühen Jahre*

Neste romance de Heinrich Böll não há muitos diálogos. Por isso, não são encontradas muitas PMs. O fato de que em conversas reais, com certeza, seriam usadas mais PMs do que nos diálogos inventados pelo autor não interessa aqui.

No original alemão, encontrei as seguintes PMs (o número de ocorrências está entre parênteses): *AUCH* (2), *DENN* (3), *DOCH* (10), *JA* (1), *NUR* (5), *ÜBERHAUPT* (1), *VIELLEICHT* (1), *WOHL* (10).

Na tradução - com o título *O pão dos anos jovens* - elas simplesmente foram ignoradas na maioria das vezes, o que significa que as nuances que elas dão aos enunciados alemães não são percebidos pelo leitor do texto português.

Veja três exemplos:

1) Ja, ja, (...) kommen Sie nur. (p. 443)

Sim, sim, (...) venha comigo. (p. 38)

Uma tradução melhor seria: "Sim, sim, (...) pode vir comigo."

2) Um caso em que a tradução, com certeza, é falha, é o seguinte:

Geh nur, ich bleibe noch. (p.490)

Vá embora, eu fico. (p. 100)

O leitor do texto português recebe uma impressão errada da atitude do falante, pois parece que este esteja mandando o outro embora, quando, na verdade, ele concorda com o interlocutor e o tranquiliza. Sugiro, mais uma vez, a tradução por *pode*:

Pode ir, eu fico ainda um pouco.

3) Situação: Alguém pede a uma garçonete para trazer um chá mentolado.

"Mein Gott", sagte das Mädchen, "wir haben doch keinen Pfefferminztee, aber schwarzen." (p. 485)

Sinto muito - disse a garçonete - não temos. Só temos chá preto. (p. 93)

Visto que a garçonete parece estar impaciente, talvez o *DOCH* pudesse ser traduzido por *mas*: "mas não temos chá mentolado". Ou então, omitindo-se o "sinto muito", por ser

uma expressão amável, poderia haver algo como: "Que idéia! Aqui não tem chá mentolado. Mas temos chá preto."

#### b) Bitte lasst die Blumen leben

Este romance de Simmel difere da obra citada no item anterior por pertencer à chamada literatura trivial e por conter muito mais diálogos. Os diálogos parecem mais naturais, devido, entre outras razões, às numerosas ocorrências de PMs.

Limitando-me a procurá-las nas primeiras 150 páginas, encontrei aproximadamente 130 ocorrências. As PMs mais frequentes são: *DOCH* (mais de 30 vezes), *JA* (16), *DENN* (12), *EBEN* (7), *AUCH* (5) e *SCHON* (5). Há também alguns casos de co-ocorrência de PMs: *AUCH NUR*, *JA AUCH*, *JA RUHIG*, *DOCH EINFACH*.

Na maioria das vezes, as PMs foram ignoradas, mas, num número relativamente grande das ocorrências, a tradutora tentou achar equivalências, quer empregando determinados vocábulos no lugar das PMs, quer elaborando os enunciados de modo diferente do que se esperaria se não houvesse as PMs. Veja algumas dessas soluções:

"Aber Sie sagen, jedes Blatt hier ist registriert..."

"Ist es auch." (p. 55)

- Mas você disse que cada folha está registrada...

- E está. (p. 61)

Lebe ich überhaupt? (p. 49)

Mas estou mesmo viva? (p. 54)

"Wollen Sie dann vielleicht starten?" (p. 67)

- Então quem sabe quer dar a partida? (p. 74)

"Soll sie doch Angst haben"... (p. 102)

- Pois que tenha medo - ... (p. 112)

Visto que a situação em relação às PMs é muito parecida na terceira obra cuja tradução comparei com o original (*Zweiundzwanzig Zentimeter Zärtlichkeit - Ninguém quer um coração*), não há necessidade de falar sobre ela.

#### c) Die Bekenntnisse des Hochstaplers Felix Krull

Nas primeiras 160 páginas deste romance de Thomas Mann, encontram-se 63 PMs, ou seja, bem menos do que na obra examinada em (b). Isto se deve tanto ao fato de que este texto literário contém menos diálogos quanto ao estilo do autor e à época. O romance foi escrito em 1954, mas se passa no início do século. Por isso, os diálogos, hoje em dia, parecem mais artificiais do que aqueles imaginados por Simmel em 1979 e 1983.

As PMs mais frequentes são: *DENN* (16 vezes), *DOCH* (14), *JA* (10), *WOHL* (7), *EIGENTLICH* (4), *SCHON* (3). Algumas vezes, são usadas duas PMs juntas: *DOCH WOHL*, *JA DOCH*, *JA EIGENTLICH*. Na grande maioria das vezes, as particulas não

foram traduzidas de maneira alguma. Mas a tradutora propôs as seguintes equivalências: *mas* para *DENN* (3 vezes) ou *então* para *DENN*, *ora* para *DOCH*, *afinal* para *EIGENTLICH* e *mas* para *UBERHAUPT*. Veja:

Könnte denn nicht ein Versuch gemacht werden?  
(p.370)

Mas não poderiam experimentar? (p. 99)

Was macht er denn, mein alter Freund, ... (p. 412)

Então, como vai meu velho amigo, ... (p. 134)

"So kommen Sie doch heran!" (p. 395)

- Ora, aproxime-se - (p. 120)

Was ist eigentlich mit Ihnen? (p. 360)

Afinal, o que há com o senhor? (p. 92)

Wie heisst du eigentlich? (p. 429)

Como é seu nome, afinal? (p. 150)

"Sieh an! Hast du überhaupt einen Schimmer?" (p. 407)

- Veja só! Mas você tem alguma noção disso? (p. 130)

#### d) Transit

Examinando sessenta páginas deste romance de Anna Sedhers, encontrei 46 ocorrências de PMs, mais exatamente *JA* (16 vezes), *DOCH* (16), *DENN* (8), *SCHON* (2), *NUR*, *WOHL*, *ETWA* e *UBERHAUPT*. Visto que *JA*, às vezes, é usado em orações explicativas (frequentemente sem conjunção), esta PM foi traduzida uma vez por *porque* e uma vez por *já que*. No lugar de *DOCH* *sicher* empregou-se uma vez a pergunta posposta: *não é?*. *UBERHAUPT* foi traduzido por *afinal*. Duas vezes usou-se - erradamente, ao meu ver - *será que*, uma vez para *DENN* e uma vez para *DOCH*:

Sind sie denn entkommen? (p. 23)

Será que conseguiram? (p. 19)

Du hast doch sicher schon etwas gehört von dem Dichter Weidel? (p. 24)

Será que você já ouviu falar do poeta Weidel? (p. 20)

Estas são as únicas tentativas de tradução das 46 ocorrências de PMs.

#### e) Die Widmung

Nas sessenta páginas iniciais deste conto de Botho Strauss, que contém poucos diálogos, encontrei 21 ocorrências de PMs: *DENN* (4), *JA* (3), *SCHON* (2), *NUR* (2), *WOHL* (2), *AUCH*, *DOCH*, *EIGENTLICH*, *EINFACH*, *ETWA*, *NUN EINMAL*, *UBERHAUPT* e *GETROST* (sinônimo de *RUHIG*). Na tradução, *afinal* foi empregado no lugar de *UBERHAUPT* e de uma das ocorrências

de DENN. ETWA foi traduzido por porventura, EINFACH por simplesmente e GETROST por tranqüilamente. Traduções erradas ocorreram nos casos de WOHL e de EIGENTLICH:

... dann würde ich es wohl tun. (p. 50)

... eu faria isso bem. (p. 41)

Was machen Sie eigentlich so den lieben langen Tag? (p. 53)

O que o senhor faz realmente, todo santo dia? (p. 43)

Constata-se, mais uma vez, que na maioria dos casos, as PMs não foram traduzidas.

## BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, W. 1983. "Starke Satzverknüpfen - Sinnsog und Partikelenquôte". In: WEYDT, H. (ed.), 25-39.
- ADEGBIJA, E. "My friend, where is Amini? - Decoding the meaning of utterances". *Journal of Pragmatics* 12/2, 151-60.
- ADLER, H. G. 1964. "Füllwörter". *Muttersprache* 74, 52-5.
- ADMONI, W. 1970. *Der deutsche Sprachbau*. 3ª ed. revisada e ampliada. München: Beck'sche Verlagsbuchhandlung. (Original russo: 1960).
- ALBRECHT, J. 1977. "Wie übersetzt man eigentlich 'eigentlich'?" In: WEYDT, H. (ed.), 19-37.
- ALI, M. Said. 1971. *Meios de expressão e alterações semânticas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 3ª ed. (1ª ed.: 1930).
- ALMEIDA, N. M. de. 1989. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 36ª ed. São Paulo: Saraiva.
- ALTMANN, H. 1976. *Die Gradpartikeln des Deutschen. Untersuchungen zu ihrer Syntax, Semantik und Pragmatik*. Tübingen: Narr.
- AMADO, J. 1968. *Dona Flor und ihre zwei Ehemänner*. (Trad. de C. Meyer-Clason) München: Piper.
- 1977. *Tieta do Agreste*. Rio de Janeiro: Record.
- 1979. *Tieta aus Agreste*. (Trad. de Ludwig Graf Schonfeldt). München: Pieper.
- 1982. *Dona Flor e seus dois maridos*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- ARNDT, W. 1960. "'Modal Particles' in Russian and German". *Word* 16:323-36.
- ARON, I. T. H. et al. 1977. *Ganz leicht ist es nicht*. São Paulo: E.P.U.
- ASBACH-SCHNITKER, B. 1975. "Zur Wiedergabe deutscher Satzpartikel im Englischen". In: DRACHMANN, G. (ed.). *Akten der ersten Salzburger Frühlingstagung für Linguistik*. Tübingen: Niemeyer, 303-18.
- 1977. "Die Satzpartikel wohl". In: WEYDT, H. (ed.), 38-61.

- AUSTIN, J. L. 1962. **How to do things with words**. Oxford: University Press.
- BAETHGEN, H. et al. (s.d.). **Kleine kontrastive deutsche Grammatik für Brasilianer**. Porto Alegre: Goethe-Institut.
- BASSO, K. H. 1972. "'To give up on words': Silence in Western Apache Culture". In: GIGLIOLI, P. P. (ed.) **Language and Social Context**. Harmondsworth: Penguin Books, 67-86.
- BAUNERJERG, G. 1981. "'Das ist eben nicht so leicht!' Zu den dänischen Entsprechungen von **genau, gerade und eben**". In: WEYDT, H. (ed.), 189-201.
- BEAU, A. E. 1981. **Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch. Zweiter Teil. Deutsch-Portugiesisch**. 12<sup>a</sup> ed. Berlin etc.: Langenscheidt.
- BECKER, N. 1976. "Die Verknüpfungspartikeln 'denn, mal, doch' und andere". **Zielsprache Deutsch** 7, Heft 3: 6-12.
- BELLERT, I. 1977. "On Semantic and Distributional Properties of Sentential Adverbs". **Linguistic Inquiry** 8 (2): 337-51.
- BÖLL, H. s.d. **Und sagte kein einziges Wort. Haus ohne Hüter. Das Brot der frühen Jahre**. Gültersloh: Mohndruck Reinhard Mohn.
- , 1973. **O pão dos anos jovens**. (Trad. de J. Campelo). Rio de Janeiro: Editora Arte Nova.
- BOMFIM, E. 1988. **Advérbios**. São Paulo: Editora Atica.
- BORNEBUSCH, H. e HARDEN, T. 1989. **Sprachbrücke 1. Deutsch als Fremdsprache. Arbeitsbuch Brasilien**. São Paulo: E.P.U.
- BROWN, P. e LEVINSON, S. 1978. "Universals in Language Use: Politeness Phenomena". In: GOODY, E. N. (ed.). **Questions and Politeness: Strategies in Social Interaction**. Cambridge: Cambridge University Press, 56-324.
- BUBLITZ, W. 1977. "Deutsch **aber** als Konjunktion und als Modalpartikel". In: SPRENGEL, K. et al. **Semantik und Pragmatik. Akten des 11. Linguistischen Kollegs Aachen 1976**. Bd. 2. Tübingen: Niemeyer, 199-209.
- , 1978. **Ausdrucksweisen der Sprechereinstellung im Deutschen und Englischen. Untersuchungen zur Syntax, Semantik und Pragmatik der deutschen Modalpartikeln und ihrer englischen Entsprechungen**. Tübingen: Niemeyer.
- e RONCADOR, M. von. 1975. "Über die deutsche Partikel 'ja'". In: BATORI, G. et al. **Syntaktische und semantische Studien zur Koordination. Studien zur**

deutschen Grammatik 2. Tübingen: Narr, 137-90.

BURKHARDT, A. 1982. "Abtönungspartikeln als Mittel des Vollzugs präsuppositionaler Akte". *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 10: 85-112.

-----, 1989. "Partikelsemantik". In: WEYDT, H. (ed.), 354-67.

BUTLER, C. S. 1988. "Pragmatics and Systemic Linguistics". *Journal of Pragmatics* 12/1: 83-102.

CALDAS AULETE. 1958. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. (Edição brasileira). 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Delta.

CAMARA JR., J. M. 1978. *Dicionário de lingüística e gramática*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes.

CASTILHO, A. T. de e PRETI, D. (orgs.). 1986. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Volume 1: Elocuções formais. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP.

-----, 1987. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. Volume 2: Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP.

CLARICE, R. 1969. *Sinótese de análise morfológica*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos.

COLE, P. e MORGAN, J. L. (eds.). 1975. *Syntax and Semantics*. Vol. III. *Speech Acts*. Orlando: Academic Press.

COULTHARD, M. 1977. *An Introduction to Discourse Analysis*. Harlow (Essex): Longman.

CUESTA, P. V. e LUZ, M. A. M. da. 1980. *Gramática da língua portuguesa*. (Trad. do espanhol de A. M. Brito e G. de Matos; original espanhol: 1949). São Paulo: Livraria Martins Fontes.

CUNHA, C. e CINTRA, L. F. L. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DALMAS, M. 1989. "Sprechakte vergleichen: ein Beitrag zur dt. - frz. Partikelforschung". In: WEYDT, H. (ed.), 228-39.

Deutsch 2000. *Glossar Deutsch-Portugiesisch*. 1973. München: Max Hueber.

DIJK, T. A. V. 1977. "Context and cognition: Knowledge frames and speech act comprehension". *Journal of Pragmatics* 1: 211-32.

- DITTMANN, J. 1980. "Auch und denn als Abtönungspartikeln". *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 8: 51-73.
- , 1982a. "Methodenprobleme der Partikelanalyse. Anlässlich des Beitrags von J. Rombouts: 'Kann man Abtönungspartikeln paraphrasieren?'". *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 10: 187-202.
- DROSDOWSKI, G. et al. (eds.). 1984. *Duden. Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*. 4<sup>a</sup> ed. Mannheim etc.: Bibliographisches Institut.
- DUBOIS, J. et al. 1988. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- DUCROT, O. 1981. *Provar e dizer. Leis lógicas e leis argumentativas*. São Paulo: Global Universitária.
- EISENBERG, P. 1986. *Grundriss der deutschen Grammatik*. Stuttgart: Metzler.
- EMMEL, O. L. e SILVA, U. A. S. C. 1989. *Sprachbrücke 1. Deutsch als Fremdsprache. Glossar Portugiesisch (Brasilien)*. São Paulo: E.P.U.
- ENGEL, U. 1988. *Deutsche Grammatik*, Heidelberg: Julius Groos.
- ERBEN, J. 1972. *Deutsche Grammatik. Ein Abriss*. 11<sup>a</sup> ed. München: Max Hueber. (1<sup>a</sup> ed.: 1958).
- ESA, M. e GRAFFMANN, H. 1986. "Wenn das Rhema betont wird, ... Was leisten Thema-Rhema-Gliederung und Intonation für die Textarbeit?" *Zielsprache Deutsch* 3: 2-15.
- FAIRMAN, A. 1980. *Deutsch als Fremdsprache IA. Neubearbeitung. Vocabulário e Expressões Idiomáticas*. São Paulo: E.P.U.
- FERREIRA, A. B. de H. 1975. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- FIRTH, J. R. 1957. *Papers in Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.
- FLEISCHER, M. e ROSENTHAL, E. T. 1977. *Estruturas gramaticais do alemão moderno*. São Paulo: E.P.U./Editora da Universidade de São Paulo.
- FLEISCHER, W. et al. (eds.). 1983. *Kleine Enzyklopädie Deutsche Sprache*. Leipzig: VEB Bibliographisches Institut.
- FOOLEN, A. 1989. "Beschreibungsebenen für Partikelbedeutungen". In: WEYDT, H. (ed.), 305-17.

- FRANCK, D. 1975. "Zur Analyse indirekter Sprechakte". In: EHRICH, V. e FINKE, P. (eds.). **Beiträge zur Grammatik und Pragmatik**. Kronberg/Ts.: Scriptor, 219-31.
- , 1979a. "Grammatik und Konversation. Stilistische Pragmatik des Dialogs und die Bedeutung der Modalpartikeln". Amsterdam. Dissertação de Doutorado. Datilografado.
- , 1979b. "Abtönungspartikel und Interaktionsmanagement. In: WEYDT, H. (ed.), 3-13.
- FRASER, B. 1980. "Conversational Mitigation". **Journal of Pragmatics** 4: 341-50.
- , 1990. "Perspectives on politeness". **Journal of Pragmatics** 14: 219-36.
- FUCHS, H. P. e SCHANK, G. (eds.). 1975. **Texte gesprochener deutscher Standardsprache III**. München: Max Hueber.
- GABELENTZ, G. v. d. 1977. "Zu den deutschen Abtönungspartikeln. Kommentiert von Harald Weydt". In: WEYDT, H. (ed.), 10-6.
- GARCIA, O. M. 1977. **Comunicação em prosa moderna**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- GODDARD, C. 1979. "Particles and illocutionary semantics". **Papers in Linguistics** 12: 185-229.
- GOFFMAN, E. 1965. "The neglected Situation". In: GIGLIOLI, P. P. (ed.). **Language and Social Context**. Penguin Books, 61-6.
- , 1971. **Relations in Public**. New York: Harper and Row.
- , 1972. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. London: Allen Lane The Penguin Press. (1ª ed.: 1967. New York: Anchor Books).
- , 1974. **Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience**. Penguin Books.
- , 1981. **Forms of Talk**. Oxford: Basil Blackwell.
- GORDON, D. e LAKOFF, G. 1975. "Conversational Postulates". In: COLE, P. e MORGAN, J. L. (eds.), 83-106.
- GRICE, H. P. 1975. "Logic and conversation". In: COLE, P. e MORGAN, J. L. (eds.), 41-58.
- GUMPERZ, J. J. 1982a. **Discourse Strategies**. Cambridge: Cambridge University Press.

- , 1982b. **Language and Social Identity**. Cambridge: Cambridge University Press.
- e HYMES, D. (eds.). 1972. **Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication**. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- HALLIDAY, M. A. K. 1978. **Language as Social Semiotic**. London: Edward Arnold.
- , 1985. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold.
- HARDEN, T. 1983a. **An analysis of the Semantic Field of the German Particles "überhaupt" and "eigentlich"**. Tübingen: Narr.
- , 1983b. **Die subjektive Modalität in der zweiten Sprache**. Frankfurt am Main/Bern: Peter Lang.
- , e RÜSLER, D. 1981. "Partikeln und Emotionen". In: WEYDT, H. (ed.), 67-80.
- HARTMANN, D. 1977. "Aussagesätze, Behauptungshandlungen und die kommunikativen Funktionen der Satzpartikeln **ja, nämlich und einfach**". In: WEYDT, H. (ed.), 101-104.
- , 1979. "Syntaktische Eigenschaften und syntaktische Funktionen der Partikeln **eben, eigentlich, einfach, nämlich, ruhig, vielleicht und wohl**". In: WEYDT, H. (ed.), 121-38.
- , 1986a. "Semantik von Modalpartikeln im Deutschen". **Deutsche Sprache** 14: 140-55.
- , 1986b. "Context Analysis or Analysis of sentence Meaning. On Modal Particles in German". **Journal of Pragmatics** 10/6: 543-57.
- HARWEG, R. 1974. "Retardierte Fragen: Ein Beitrag zur Pragmatik und Textologie der Fragesätze". **Linguistics** 134: 9-20.
- HELBIG, G. 1970. "Sind Negationswörter, Modalwörter und Partikeln im Deutschen besondere Wortklassen?". **Deutsch als Fremdsprache** 7: 393-401.
- , 1977. "Partikeln als illokutive Indikatoren im Dialog". **Deutsch als Fremdsprache** 14: 30-44.
- HELBIG, G. e BUSCHA, J. 1974. **Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht**. 4<sup>a</sup> ed. Leipzig: VEB Verlag Enzyklopädie.
- , 1987. **Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht**. 10<sup>a</sup> ed. Leipzig: VEB Verlag Enzyklopädie.

- HENTSCHEL, E. 1981. "Partikeln und Hörereinstellung". In: WEYDT, H. (ed.), 13-30.
- , 1983. "Partikeln und Wortstellung". In: WEYDT, H. (ed.), 46-53.
- , 1986. **Funktion und Geschichte deutscher Partikeln. "Ja", "doch", "halt" und "eben"**. Tübingen: Niemeyer.
- e WEYDT, H. 1983. "Der pragmatische Mechanismus: **denn** und **eigentlich**". In: WEYDT, H. (ed.), 263-73.
- HINRICHS, U. 1979. "Partikelgebrauch und Identität am Beispiel des Deutschen ja". In: WEYDT, H. (ed.), 256-68.
- , 1983. Können Abtönungspartikeln metakommunikativ funktionieren?". In: WEYDT, H. (ed.), 274-90.
- HUSSO, A. 1981. "Zum Gebrauch von Abtönungspartikeln bei Ausländern". In: WEYDT, H. (ed.), 81-100.
- HYMES, D. 1968. "The ethnography of speaking". In: FISHMAN, J. A. (ed.). **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, 99-138.
- , 1974. "Ways of speaking". In: BAUMAN, R. e SCHERZER, J. (eds.). **Explorations in the Ethnography of Speaking**. Cambridge: Cambridge University Press.
- , 1977. **Foundations in sociolinguistics. An ethnographic approach**. 2<sup>a</sup> ed. London: Tavistock.
- IWASAKI, E. 1977. "Wie hiess er noch? Zur 'Bedeutung' von noch als Abtönungspartikel". In: WEYDT, H. (ed.), 63-72.
- JOTA, Z. d. S. 1981. **Dicionário de lingüística**. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Presença.
- KÄRNÄ, A. 1983. "Abtönung im Finnischen und im Deutschen". In: WEYDT, H. (ed.), 85-95.
- KEENAN, E. L. 1971. "Two kinds of presupposition in natural language". In: FILLMORE, C. J. e LANGENDOEN, D. T. (eds.). **Studies in Linguistic Semantics**. New York: Holt, 45-54.
- , 1976. "The Universality of conversational postulates. **Language in Society** 5: 67-80.
- KELLER, E. 1979. "Gambits: Conversational Strategy Signals". **Journal of Pragmatics** 3: 219-38.

- KEMME, H. M. 1979. "Ja", "denn", "doch" usw. Die Modalpartikeln im Deutschen. München: Goethe-Institut.
- KIRSTEIN, B. 1983. "Partikeln und Sprechsituation". In: WEYDT, H. (ed.), 213-25.
- KNEIPP, M. A. R. 1978. "Uma proposta de análise para o morfema não em português". Brasília, UnB. Dissertação de Mestrado.
- KOCH, I. G. V. 1987. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez.
- KOCH-KANZ, S. e PUSCH, L. F. 1977. "Allerdings (und aber)". In: WEYDT, H. (ed.), 73-100.
- KOIKE, D. A. 1989. "Requests and the role of deixis in politeness". **Journal of Pragmatics** 13: 187-202.
- KOLLER, E. 1989. "Nicht - não : uma equivalência problemática". In: FRANCO, A. (ed.). **Duas línguas em contraste - português e alemão**. Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão. Porto, 29-42.
- KOLLER, W. 1983. Einführung in die Übersetzungswissenschaft. 2ª ed. revisada e completada. Heidelberg: Quelle und Meyer.
- KÖNIG, E. 1977a. "Modalpartikeln in Fragesätzen". In: WEYDT, H. (ed.), 115-30.
- 1977b. "Temporal and non-temporal uses of 'noch' and 'schon' in German". **Linguistics and philosophy** 1: 173-98.
- , 1983. "Polysemie, Polaritätskontexte und überhaupt". In: WEYDT, H. (ed.), 160-71.
- KRIVONOSSOV, A. 1965a. "Die Rolle der modalen Partikeln in der kommunikativen Gliederung der Sätze in bezug auf die Nebensatzglieder". **Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung** 18: 487-503.
- , 1965b. "Die Wechselbeziehung zwischen den modalen Partikeln und der Satzintonation im Deutschen". **Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung** 19: 573-89.
- , 1966. "Die Rolle der modalen Partikeln in der kommunikativen Gliederung der Aussagesätze, der Fragesätze, der Befehlssätze und der Nebensätze in bezug auf die Hauptsatzglieder". **Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung** 19: 131-40.

- , 1977a. **Die modalen Partikeln in der deutschen Gegenwartssprache**. Göppingen: Kümmerle.
- , 1977b. "Deutsche Modalpartikeln im System der unflektierten Wortklassen". In: WEYDT, H. (ed.), 176-216.
- , 1983. "Zur Rolle der Partikeln bei der Einsparung des Sprachmaterials". in: WEYDT, H. (ed.), 40-5.
- KUMMER, M. 1981. "Die Modalpartikeln im Deutschen und die Appellativpartikeln im Thailandischen: Implikationen für deutschlernende Thailänder". In: WEYDT, H. (ed.), 203-12.
- KURY, A. d. G. 1972. **Gramática fundamental da língua portuguesa do Brasil**. São Paulo: Livros Irradiantes.
- LAKOFF, G. 1972. "Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts". In: **Papers from the 8th regional meeting of the Chicago Linguistic Society**, 183-228.
- LAKOFF, R. 1972. "Language in context". **Language** 48: 907-27.
- LARA, M. R. 1973. **Estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- LEECH, G. N. 1983. **Principles of Pragmatics**. London: Longman.
- LEHMANN, D. e SPRANGER, U. 1966. "Modalwörter in der deutschen Sprache der Gegenwart". **Zeitschrift für Phonetik** 19: 241-59.
- LERNER, J. Y. 1987. "Bedeutung und Struktursensitivität der Modalpartikel **doch**". **Linguistische Berichte** 109: 203-29.
- LEVINSON, S. 1983. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press.
- LICEN, M. e DAHL, J. 1981. "Die Modalpartikeln **ja** und **doch** und ihre serbokroatischen Entsprechungen". In: WEYDT, H. (ed.), 213-23.
- LOBATO, L. M. P. 1986. **Sintaxe gerativa do português. Da teoria padrão à teoria da regência e ligação**. Rio de Janeiro: Vigília.
- LOPES, E. 1975. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix.
- LUSCHER, R. e SCHÄPERS, R. 1982. **Deutsch 2000. Gramática da língua alemã contemporânea**. (Tradução e adaptação: Hinkel, R. e Lemos, V. S. P. de). München: Max Hueber.

- LUTTEN, J. 1977. **Untersuchungen zur Leistung der Partikeln in der gesprochenen deutschen Sprache**. Göppingen: Kümmerle.
- , 1979. "Die Rolle der Partikeln **doch, eben, ja** als Konsensus-Konstitutiva in gesprochener Sprache". In: WEYDT, H. (ed.). 30-38.
- LYONS, J. 1977. **Semantics**. Volumes 1 & 2. Cambridge: Cambridge University Press.
- , 1979. **Introdução à lingüística teórica**. (Tradução de Mattos e Silva, R. V. e Pimentel, H.). São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo.
- MAGALHÃES, M. I. S. 1986. "Por uma abordagem crítica e explanatória do discurso". **D.E.L.T.A.** 2: 181-205.
- , 1988. "Marcadores conversacionais na fala cearense". (Projeto Dialeto Sociais Cearenses - Convenio FINEP-FCPC). Datilografado.
- MALIGE-KLAPPENBACH, H. 1981. "Die Darstellung der emotional - expressiven Partikeln im 'Wörterbuch der deutschen Gegenwartssprache'". In: WEYDT, H. (ed.). 323-31.
- MANN, T. 1974. **Gesammelte Werke. Band VII**. 2ª ed. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag.
- MANN, T. 1981. **Confissões do impostor Felix Krull**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. (Tradução de Lya Luft).
- MARCUSCHI, L. A. 1986. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Atica.
- MARTINS, A. S. N. 1983. "Reflexos da Atividade de Planejamento na Conversação Espontânea". São Paulo, PUC, Dissertação de Mestrado.
- MERUS, G. et al. 1988. **Sprachbrücke 1. Deutsch als Fremdsprache**. Stuttgart: Ernst Klett.
- ÖHLSCHLAGER, G. 1984. "Modalität im Deutschen". **Zeitschrift für Germanistische Linguistik** 12: 229-46.
- ÖHLSCHLAGER, G. 1985. "Untersuchungen zu den Modalpartikeln des Deutschen". **Zeitschrift für Germanistische Linguistik** 13: 350-66.
- OLIVEIRA, H. S. de e VOORSLUYS, M. H. 1987. **Themen 1. Deutsch als Fremdsprache. Glossar Portugiesisch (Brasilien)**. São Paulo: E.P.U.
- OLIVEIRA, M. M. M. 1962. **Processos de intensificação no português contemporâneo**. Publicações do Centro de Estudos

## Filológicos.

- OPALKA, H. 1977a. "Zum Verhältnis von Intonation und Abtönungspartikeln". In: SPRENGEL, K. et al. (eds.). **Semantik und Pragmatik. Akten des 11. Linguistischen Kollegs Aachen 1976. Band 2.** Tübingen: Niemeyer, 255-66.
- 1977b. "Zum syntaktischen Verhalten der abtönungspartikeln **aber, ja** und **vielleicht** in satzkonstruktionen mit prädikativischen ergänzungen". In: WEYDT, H. (ed.), 131-54.
- OS, C. van. (ed.). 1974. **Texte gesprochener deutscher Standardsprache II.** München: Max Hueber.
- O'SULLIVAN, E. e RÖSLER, D. 1989. "Wie kommen Abtönungspartikeln in deutsche Übersetzungen von Texten, deren Ausgangssprachen für diese keine direkten Äquivalente haben". In: WEYDT, H. (ed.), 204-16.
- PANETH, E. 1979. "Kontrastive Übungen zur Funktion der deutschen Abtönungspartikeln (Für englische Studenten)". In: WEYDT, H. (ed.), 469-78.
- , 1981. "Partikeln im Unterricht". In: WEYDT, H. (ed.), 101-10.
- PARISI, L. A. P. 1977. "Aspectos da Gramática dos Advérbios em -mente no português do Brasil". Brasília, Dissertação de Mestrado. Mimeo.
- PIRES, M. V. 1979. **Gramática elementar da língua alemã.** Porto: Porto Editora.
- POTT, H. G. 1973. **Gramática funcional e comparada do alemão moderno.** Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra.
- PRETI, D. e URBANO, H. (orgs.). 1988. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. Vol. III - Entrevistas.** São Paulo: T. A. Queiroz.
- QUASTHOFF, U. 1979. "Verzögerungsphänomene, Verknüpfungs- und Gliederungssignale in Alltagserzählungen". In: WEYDT, H. (ed.), 39-57.
- RALL, M. 1981. "Se puede enseñar la necesidad de emplear partículas intencionales? Ein Experiment mit mexikanischen Studenten". In: WEYDT, H. (ed.), 123-36.
- RATH, R. 1975. "'Doch'. Eine Studie zur Syntax und zur kommunikativen Funktion einer Partikel". **Deutsche Sprache** 3: 222-42.
- RAUTZENBERG, A. e RAUTZENBERG, J. 1976-78. **Aufbaukurs Deutsch. (Volumes 1 a 3).** São Paulo: E.P.U.

- REHFELDT, G. K. 1980. **Polissemia e campo semântico. Estudo aplicado aos verbos de movimento.** Porto Alegre: Editora da URS.
- REITER, N. 1979. "Partikeln als gruppensdynamische Regulative". In: WEYDT, H. (ed.), 75-83.
- , 1980. "Die Perfidie des deutschen ja". **Deutsche Sprache** 8: 342-55.
- , 1981. "Deutsche Partikeln und ihre Entsprechungen im Türkischen". In: WEYDT, H. (ed.), 255-37.
- , 1983. "Pragmatische Norm und fakultative Setzung von Partikeln, untersucht an Übersetzungen aus dem Russischen". In: WEYDT, H. (ed.), 96-105.
- ROMBOUTS, J. 1982a. "Kann man Abtönungspartikeln paraphrasieren?" **Zeitschrift für Germanistische Linguistik** 10: 203-6.
- ROSA, P. s.d. **A estrutura lingüística do diálogo.** Porto Alegre: Edições da Faculdade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RÖSLER, D. 1982. "Teaching German modal particles". **International Review of Applied Linguistics** 20: 33-8.
- , 1983. "Der Erwerb von Abtönungspartikeln im institutionalisierten Lernprozess. Deutsch als Fremdsprache". In: WEYDT, H. (ed.), 291-300.
- RUDOLPH, E. 1979. "Zur Klassifizierung von Partikeln". In: WEYDT, H. (ed.), 139-51.
- , 1983. "Partikelkombinationen in Alltagsgesprächen". In: WEYDT, H. (ed.), 54-68.
- SAIDOW, S. 1967. "Über die syntaktischen Funktionen der Modalwörter im Deutschen". **Sprachpflege** 1967/10: 203-7.
- , 1969. "Klassifikation der Modalwörter der deutschen Sprache". **Deutsch als Fremdsprache** 6: 313-9.
- SAMARA, S. 1988. "Relevância e Lógica na Conversação". **D.E. L.T.A.** Vol. 4, nº 1: 21-40.
- SANDIG, B. 1979. "Beschreibung des Gebrauchs von Abtönungspartikeln im Dialog". In: WEYDT, H. (ed.), 64-94.
- SAVILLE-TROIKE, M. 1984. **The Ethnography of Communication.** 2ª ed. Oxford: Basil Blackwell.

- SCHAU, U. (s.d.) *Dicionário de alemão-português*. Porto Codex: Porto Editora.
- SCHEMANN, H. 1982. "Die Modalpartikel und ihre funktionalen Äquivalente. Untersuchung anhand des Deutschen, Französischen und Portugiesischen". *ASNS* 219: 2-18.
- SCHIFFRIN, D. 1982. "Discourse Markers: Semantic Resource for the Construction of Conversation". Pennsylvania, Diss. Ph.D.
- , 1985. "Conversational coherence: The role of well". *Language* 61/3: 640-8.
- SCHNURR, D. 1973. "Wozu überhaupt 'überhaupt'?" *Linguistische Berichte* 26: 25-34.
- SCHUBIGER, M. 1972. "English intonation and German modal particles: A comparative study". In: BOLINGER, D. (ed.). *Intonation*. Harwordsworth: Penguin Books, 175-93. (Primeira publicação: 1965).
- SEARLE, J. 1965. "What is a Speech Act?" In: GIGLIOLI, P. F. (ed.). *Language and Social Context*. Harwordsworth: Penguin Books, 136-54.
- , 1969. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- , 1975. "Indirect Speech Acts". In: COLE, P. e MORGAN, J. L. (eds.), 59-82.
- , 1979. *Expression and Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SEGHEKS, A. 1985. *Transit*. Darmstadt: Luchterhand.
- , 1987. *Em trânsito*. (Tradução de Lisboa, M.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SEKIGUCHI, T. 1977. "Was heisst 'doch'?" In: WEYDT, H. (ed.), 3-9.
- SETTEKORN, W. 1977a. "Pragmatique et rhétorique discursive". *Journal of Pragmatics* 1/3: 195-210.
- SILVA, G. M. de D. e MACEDO, A. T. de. 1988. "Marcadores do discurso na fala do Rio de Janeiro". In: *Anais do XI Encontro Nacional de Linguística*, PUC, Rio de Janeiro.
- SIMMEL, J. M. 1979. *Zweiundzwanzig Zentimeter Zärtlichkeit*. München: Droemer Knaur.
- , 1979. *Ninguém quer um coração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Tradução de Lya Luft).

- , 1983. *Bitte lasst die Blumen leben*. München: Droemer Knaur.
- , 1983. *Não matem as flores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Tradução de Lya Luft).
- SPERBER, D. e WILSON, D. 1986. *Relevance, Communication and Cognition*. Cambridge-Mass.: Harvard University Press.
- STEGER, H., ENGEL, U. e MOSER, A. (eds.). 1971. *Texte gesprochener deutscher Standardsprache I*. München: Max Hueber.
- STEINMÜLLER, U. 1981. "Akzeptabilität und Verständlichkeit - Zum Partikelgebrauch von Ausländern". In: WEYDT, H. (ed.), 137-48.
- STOLT, B. 1979. "Ein Diskussionsbeitrag zu **mal, eben, auch, doch** aus kontrastiver Sicht". In: WEYDT, H. (ed.), 479-87.
- STRAUSS, B. 1977. *Die Widmung*. München/Wien: Carl Hanser Verlag.
- , 1987. *A Dedicatória*. (Tradução de Neto, S. N. e Fernandes, V.). Rio de Janeiro: Globo.
- STUBBS, M. 1983. *Discourse Analysis. The Sociolinguistic Analysis of Natural Language*. Oxford: Basil Blackwell.
- TANNEN, D. s.d. "Frames and Schemas in the Discourse Analyses of Interaction". Georgetown University. Mimeo.
- , 1986. *That's not what I meant*. New York: William Morrow and Company.
- THEODOR, E. 1963. *A língua alemã*. São Paulo: Editora Herder.
- THIEL, R. 1962. "Wörter". *Sprachpflege* 4: 71-73.
- TROGSCH, F. 1962. "Welche Rolle spielen die 'Wörter' in der Sprache?" *Sprachpflege* 10: 214.
- THUMMEL, W. 1979. "Syntaxregeln für ausdrücke der deutschen standardsprache mit der partikel ja". In: WEYDT, H. (ed.), 152-167.
- TRÖMEL-PLÖTZ, S. 1979. "'Männer sind eben so'. Eine linguistische Beschreibung von Modalpartikeln aufgezeigt an der Analyse von dt. **eben** und engl. **just**". In: WEYDT, H. (ed.), 318-34.
- VIEIRA, H. G. 1986. "Os advérbios e a complexidade lingüística no discurso: uma abordagem sintático-semântico-pragmática". Tese de Doutorado, PUC/RS.

- VILANOVA, J. B. 1979. **Aspectos estilísticos da língua portuguesa**. Recife: Editora Universitaria (UFFe).
- VOGT, C. 1977. **O intervalo semântico**. São Paulo: Editora Atica.
- VORDERWULBECKE, K. 1981. "Progression, Semantisierung und Übungsformen der Abtönungspartikeln im Unterricht Deutsch als Fremdsprache". In: WEYDT, H. (ed.), 149-60.
- WEBER, U. 1983. "Zur Bedeutung von Partkeln in Instruktionsdialogen". In: WEYDT, H. (ed.), 301-9.
- WELKER, H. A. 1983. **Curso básico de alemão**. Brasília: Thesaurus.
- , 1984. **Síntese da gramática alemã**. Brasília: Thesaurus.
- , 1988. **Deutsch für Brasilianer - Alemão para Brasileiros**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- WERLEN, I. 1983. "Eine interaktive Funktion der schweizerdeutschen Partikeln **jetzt, gerade, denn/dann**". In: WEYDT, H. (ed.), 132-47.
- WESEMANN, M. 1981. "'Das ist doch kein Problem.' Zu den dänischen Entsprechungen der deutschen Abtönungspartikel **doch**". In: WEYDT, H. (ed.), 238-47.
- WESTHEIDE, H. 1989. "Zur ethnographischen Beschreibung von Partikelfunktionen am Beispiel Niederländisch-Deutsch". In: WEYDT, H. (ed.), 293-302.
- WEYDT, H. 1969. **Abtönungspartikel. Die deutschen Modalwörter und ihre französischen Entsprechungen**. Bad Homburg: Gehlen.
- , 1977. "Nachwort. Ungelöst und strittig". In: WEYDT, H. (ed.), 217-25.
- , 1979a. "Immerhin". In: WEYDT, H. (ed.), 334-48.
- , 1979b. "Partikelanalyse und Wortfeldmethode: **doch, immerhin, jedenfalls, schliesslich, wenigstens**". In: WEYDT, H. (ed.), 395-413.
- , 1981a. "Methoden und Fragestellungen der Partikelforschung". In: WEYDT, H. (ed.), 45-64.
- , 1981b. "Partikeln im Rollenspiel von Deutschen und Ausländern - Eine Pilotstudie". In: WEYDT, H. (ed.), 161-7.

- , 1983a. "Aber, mais und but". In: WEYDT, H. (ed.), 148-59.
- , 1983b. "Semantische Konvergenz: Sowieso, eh, ohnedies". In WEYDT, H. (ed.), 172-87.
- e HENTSCHEL, E. 1981. "Ein Experiment zur Entwicklung der verbalen Interaktionsfähigkeit bei Kindern". *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 9.3: 326-36.
- , 1983. "Kleines Abtönungswörterbuch". In: WEYDT, H. (ed.), 2-24.
- et al. 1983. *Kleine Partikellehre*. Stuttgart: Klett.
- (ed.). 1977. *Aspekte der Modalpartikeln. Studien zur deutschen Abtönung*. Tübingen: Niemeyer.
- (ed.). 1979. *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Berlin: de Gruyter.
- (ed.). 1981. *Partikeln und Deutschunterricht. Abtönungspartikeln für Lerner des Deutschen*. Heidelberg: Groos.
- (ed.). 1983. *Partikeln und Interaktion*. Tübingen: Niemeyer.
- 1989. *Sprechen mit Partikeln*. Berlin: de Gruyter.
- WODAK, R. 1983. "Eigentlich habe ich meine Mutter sehr gerne. Sozio- und psycholinguistische Überlegungen zur Partikelverwendung". In: WEYDT, H. (ed.), 203-12.
- WOLSKI, W. 1989. "Modalpartikeln als einstellungsregulierende lexikalische Ausdrucksmittel". In: WEYDT, H. (ed.), 347-53.
- ZIMMERMANN, K. 1981. "Warum sind Modalpartikeln ein Lernproblem?" In: WEYDT, H. (ed.), 11-22.